

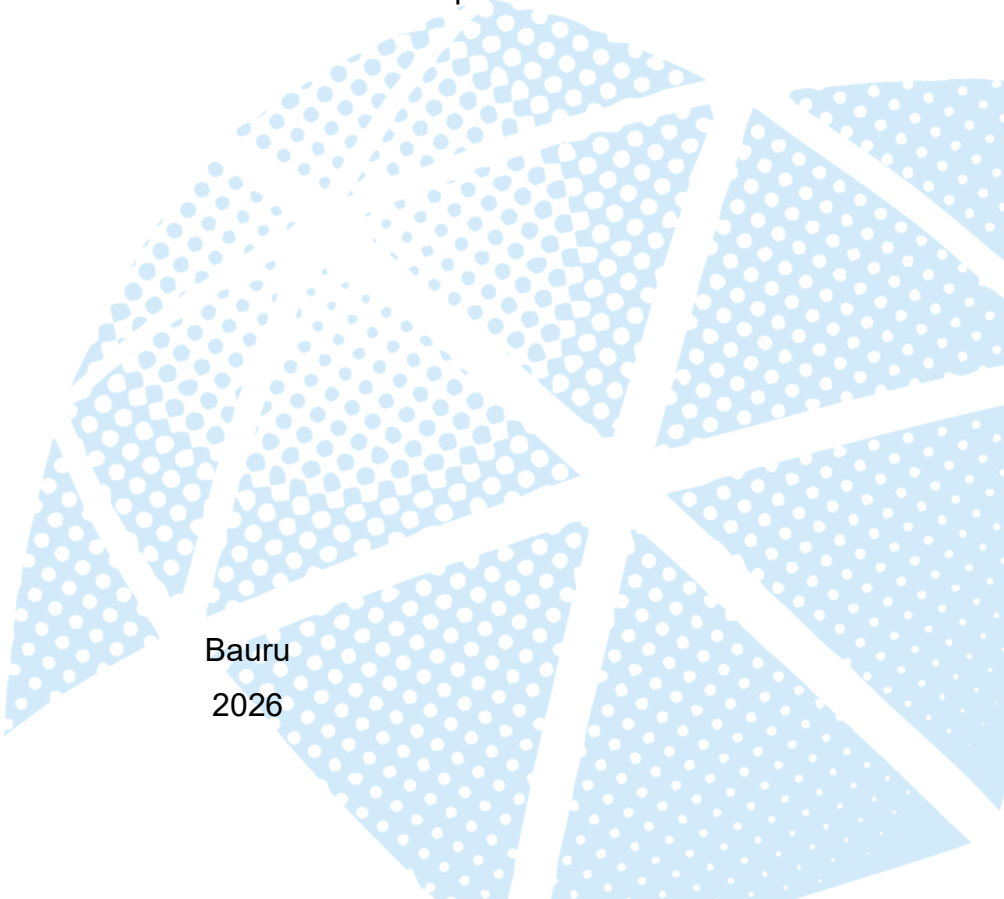
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design - Campus de Bauru
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

ANA LÚCIA NISHIDA TSUTSUI

DOUTOR NO OLIMPO:

a construção discursiva do futebolista Sócrates pela revista *Placar*

Bauru
2026



ANA LÚCIA NISHIDA TSUTSUI

DOUTOR NO OLIMPO:

a construção discursiva do futebolista Sócrates pela revista Placar

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru, para obtenção do título de doutora em Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação
Midiática

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Marques

Bauru

2026

Tsutsui, Ana Lúcia Nishida.

Doutor no Olimpo : a construção discursiva do
futebolista Sócrates pela revista Placar / Ana
Lúcia Nishida Tsutsui. - Bauru, 2026

334 f. : il.

Tese (Doutorado - Comunicação) - Universidade
Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura,
Artes, Comunicação e Design, Bauru

Orientador: José Carlos Marques

1. Comunicação midiática. 2. Futebol. 3. Mito.
4. Sócrates. 5. Revista Placar. I. Universidade
Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura,
Artes, Comunicação e Design. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE ANA LÚCIA NISHIDA TSUTSUI, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 26 de junho de 2026, às 14h30min, no(a) <https://meet.google.com/qop-mnyj-nrw>, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de ANA LÚCIA NISHIDA TSUTSUI, intitulada "Doutor no Olimpo : a construção discursiva do futebolista Sócrates pela revista Placar". A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Professor Associado JOSE CARLOS MARQUES (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Assessoria de Comunicação e Imprensa / UNESP / Reitoria - RUNESP, Professora Adjunta LEDA MARIA DA COSTA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Teoria da Comunicação / Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Professor Doutor ELCIO LOUREIRO CORNELSEN (Participação Virtual) do(a) Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários / Universidade Federal de Minas Gerais, Professora Adjunta MARIANA ZUANETI MARTINS (Participação Virtual) do(a) Departamento de Desportos / Universidade Federal do Espírito Santo, Professor Associado ARY JOSÉ ROCCO JÚNIOR (Participação Virtual) do(a) Esporte da Escola de Educação Física e Esporte / Universidade de São Paulo, Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

A pesquisa mostra como a mídia (*Placar*) constrói sentidos sobre o futebolista Sócrates e influencia valores públicos. Ao promover educação crítica (ODS 4), discutir maior igualdade (ODS 10.4) e voz em decisões (ODS 10.6), e defender democracia, justiça, transparência e participação (ODS 16.6/16.7), fortalece a cidadania no esporte e na sociedade.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

The study shows how the media (*Placar*) constructs narratives about the soccer player Sócrates and influences public values. By promoting critical education (SDG 4), discussing greater equality (SDG 10.4) and a voice in decision-making (SDG 10.6), and advocating for democracy, justice, transparency, and participation (SDG 16.6/16.7), it strengthens citizenship in sports and society.

ANA LÚCIA NISHIDA TSUTSUI

DOUTOR NO OLIMPO:

a construção discursiva do futebolista Sócrates pela revista Placar

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru, para obtenção do título de doutora em Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação Midiática

Data da defesa: 26 / 06 / 2026

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Carlos Marques
PPGCom UNESP - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design -
Campus de Bauru

Prof^a. Dr^a. Leda Maria da Costa
PPGCom UERJ - Faculdade de Comunicação Social

Prof. Dr. Elcio Loureiro Cornelsen
Pós-Lit UFMG - Faculdade de Letras

Prof^a. Dr^a. Mariana Zuaneti Martins
PPGEF UFES - Centro de Educação Física e Desportos

Prof. Dr. Ary José Rocco Júnior
EEFE USP - Escola de Educação Física e Esporte

À minha “batian”, Taeko Nishida (em memória),
símbolo de submissão e resiliência.
O orgulho em seu olhar a cada realização minha
incentivou-me a conquistar minha independência
e ir cada vez mais longe.

AGRADECIMENTOS

Aventurar-se em um doutorado não é corrida de 100 metros, é maratona.

Exige disposição, determinação, disciplina, foco, planejamento.

Isso, contudo, seria insuficiente se não houvesse também um caminho bem pavimentado e uma imensa rede de apoio a nos sustentar.

É em reconhecimento a todas e todos que contribuíram para que eu chegasse até aqui que recolho em um grande abraço e agradeço:

Ao meu orientador, José Carlos Marques, pela seriedade e consistência com que conduziu essa pesquisa.

Ao corpo administrativo da Unesp, em especial a Sílvio Decimone, Ana Paula Lima e Lucilene Fernandes, pela prestatividade e eficiência no acompanhamento dos processos.

Ao corpo docente e discente do PPGCom da Unesp, pelas ricas trocas e pela convivência estimulante, especialmente a Monique Fogliatto, Núbia Azevedo e Matheus Teixeira, contemporâneos de jornada e veteranos no universo unespiano.

Aos professores da banca de qualificação, Leda Costa e Elcio Cornelsen, pelos apontamentos valiosos, e, somados a eles, aos demais membros da banca de defesa, Mariana Zuaneti e Ary Rocco, pesquisadores que têm toda a minha admiração e respeito.

Aos professores da Universidade Metodista de São Paulo, meu berço acadêmico, em especial ao professor José Salvador Faro (em memória), meu professor na graduação e orientador no mestrado, por despertar minha vocação científica.

Aos coordenadores, professores e alunos da Universidade Anhembí Morumbi, pela torcida e por testemunharem o desafio de conciliar trabalho e estudo.

Aos professores e pesquisadores da Université Gustave Eiffel, em especial à professora Marion Philippe, pelo acolhimento durante o estágio doutoral na França.

Ao Museu do Futebol, em especial a Ademir Takara, pelo suporte na consulta do acervo de *Placar* e bibliografia sobre futebol.

A Franz Pröglhöf, amigo que me acompanha desde a graduação, pelo auxílio no capítulo de Análise do Discurso.

A Juliana Monteiro, amiga recém-chegada, pelo gentil apoio técnico na apresentação da banca de defesa.

À minha filha Luisa, amor e sentido maior da vida.

À minha família – pai, mãe, irmãos, sobrinhos, tias, tios, primas, primos –, por acreditar em mim, me apoiar e estimular sempre.

A Yuri Augusto de Oliveira, que chegou há pouco e já significa tanto, pela paciência e compreensão dos últimos meses.

Às amigas-irmãs, Carla Tôzo, Caroline Sotilo, Jéssica Nakano e Milena Andretta, parceiras de todos os momentos.

A todos os professores, amigos de jornada nesses quase vinte anos de docência no ensino superior, cujo imenso número felizmente impede a nomeação individual.

Por fim, registro que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Desejo que haja, cada vez mais, fomento à pesquisa e investimento em educação neste país.

“E um belo dia a deusa dos ventos beija o pé do homem, o maltratado, desprezado pé, e desse beijo nasce o ídolo do futebol. Nasce em berço de palha e barraco de lata e vem ao mundo abraçado a uma bola. Desde que aprende a andar, sabe jogar. Quando criança alegra os descampados e os baldios, joga e joga e joga nos ermos dos subúrbios até que a noite cai e ninguém mais consegue ver a bola, e quando jovem voa e faz voar nos estádios. Suas artes de malabarista convocam multidões, domingo após domingo, de vitória em vitória, de ovação em ovação. A bola o procura, o reconhece, precisa dele. No peito de seu pé, ela descansa e se embala. Ele lhe dá brilho e a faz falar, e neste diálogo entre os dois, milhões de mudos conversam. Os Zé Ninguém, os condenados a serem para sempre ninguém, podem sentir-se alguém por um momento [...]” (Galeano, 2020, p. 13).

RESUMO

A presente pesquisa analisa as representações e narrativas produzidas pela revista esportiva *Placar* sobre o futebolista Sócrates e identifica como se constroem, ao longo do tempo, atributos e sentidos que o posicionam simultaneamente como jogador, ídolo e mito esportivo. A imagem de Sócrates, tanto como jogador quanto como figura pública e intelectual, oferece um rico campo de investigação. Sua atuação dentro e fora dos campos e a associação de seu nome a concepções de engajamento e luta pela democracia fazem dele um personagem-ícone cuja imagem foi moldada por diversos discursos, no Brasil e no exterior. O estudo parte do pressuposto de que a mídia não se limita ao registro dos acontecimentos, pois seleciona, hierarquiza e interpreta fatos, produzindo enquadramentos que influenciam a percepção pública, a memória coletiva e o debate social. Como escolha teórico-metodológica, além da pesquisa documental, adota-se uma abordagem qualitativa ancorada na Análise do Discurso de linha francesa e no diálogo com estudos referenciais sobre mito, futebol, mídia e sociedade. Ao discutir a trajetória midiática de Sócrates, a tese contribui para compreender as relações entre esporte e cidadania e para explicitar o papel do jornalismo na produção de sentidos sociais que extrapolam o desempenho esportivo.

Palavras-chave: comunicação midiática; futebol; mito; Sócrates; revista *Placar*.

ABSTRACT

This study analyzes the representations and narratives produced by the sports magazine *Placar* regarding the soccer player Sócrates and identifies how, over time, attributes and meanings are constructed that position him simultaneously as a player, an idol, and a sports legend. The image of Sócrates, both as a player and as a public figure and intellectual, offers a rich field of investigation. His performance on and off the field and the association of his name with concepts of engagement and the struggle for democracy make him an iconic figure whose image has been shaped by various discourses, both in Brazil and abroad. The study assumes that the media is not limited to recording events, as it selects, prioritizes, and interprets facts, producing frames that influence public perception, collective memory, and social debate. As a theoretical-methodological choice, in addition to documentary research, a qualitative approach is adopted, grounded in French-style Discourse Analysis and in dialogue with relevant studies on soccer, media, and society. By discussing Sócrates' media trajectory, the thesis contributes to understanding the relationships between sports and citizenship and to elucidating the role of journalism in the production of social meanings that go beyond athletic performance.

Keywords : media communication ; soccer ; myth ; Sócrates ; *Placar* magazine.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Classificação dos jogos segundo Caillois	33
FIGURA 2 - Capa de Placar, edição 1	117
FIGURA 3 - Homenagem a Sócrates no dia de seu falecimento	167
FIGURA 4 - Primeiro destaque de Sócrates na capa de Placar	172
FIGURA 5 - Sócrates, artilheiro revelação de 1976	190
FIGURA 6 - Sócrates no ataque do Botafogo de Ribeirão Preto	190
FIGURA 7 - Sócrates superando a zaga do Fluminense	190
FIGURA 8 - Sócrates em lance contra o Santos	190
FIGURA 9 - Sócrates atuando pelo Corinthians contra o Palmeiras	190
FIGURA 10 - Sócrates atuando pela Seleção em vitória sobre a Bolívia	191
FIGURA 11 - Reinaldo agradece Sócrates pelo passe para o segundo gol	191
FIGURA 12 - Reportagem “A explosão do gênio”, assinada por Carlos Maranhão	191
FIGURA 13 - Reportagem “Sócrates, tímido, generoso, capitão forte”, assinada por Marcelo Rezende	192
FIGURA 14 - Capa e matéria sobre a dupla Palhinha e Sócrates, assinada por José Maria de Aquino	194
FIGURA 15 - Reportagem “O timão vale por dois”, assinada por Sérgio Martins, e pôster da dupla Sócrates e Palhinha	194
FIGURA 16 - Capa e matéria “A tabelinha da fiel” (sem autoria), destacando a dupla Sócrates e Palhinha	195
FIGURA 17 - Palhinha, pendurado em Sócrates, comemora vitória sobre o Palmeiras	196
FIGURA 18 - A comemoração de Sócrates e Palhinha na seleção de melhores fotos do ano (1979)	196
FIGURA 19 - Capa “A dupla infernal de Coutinho”, destacando Zico e Sócrates	197
FIGURA 20 - Capa “Eles querem jogar no mesmo time” e matéria “Duas torcidas no ataque da Seleção”, com Zico e Sócrates, assinada por Marcelo Rezende	197
FIGURA 21 - Destaque para a cumplicidade entre Zico e Sócrates	198
FIGURA 22 - Entrosamento da dupla Sócrates - Casagrande	199
FIGURA 23 - Capa e reportagem com destaque para Casagrande e Sócrates, assinada por Emanuel Mattos	199
FIGURA 24 - Sócrates e Casagrande entram em campo pelo Corinthians	200
FIGURA 25 - Capa “Confissões de dois reis da polêmica” com Sócrates e Casagrande	200
FIGURA 26 - Matéria “O doutor tem pé pequeno” (não assinada), destacando	

a habilidade do passe de calcanhar	201
FIGURA 27 - Matéria “O calcanhar que a bola pediu a Deus”, assinada por José Maria de Aquino	202
FIGURA 28 - Sócrates “O gol da minha vida”	204
FIGURA 29 - Capa de Placar “Fico porque amo a Fiel!”	206
FIGURA 30 - Entrevista “Vou brigar para ficar no Timão”, assinada por Juca Kfour	206
FIGURA 31 - Reportagem “Sócrates, o corintiano”, assinada por Celso Kinjô	207
FIGURA 32 - Reportagem “Dr. Sócrates Corintiano Sampaio de Souza Vieira de Oliveira”, assinada por José Maria de Aquino	208
FIGURA 33 - Entrevista “Um exemplo chamado Sócrates”, assinada por Juca Kfour	210
FIGURA 34 - Entrevista “Sócrates, a estrela do planeta”, assinada por Marco Aurélio Borba	212
FIGURA 35 - Capa “Sócrates, sempre Sócrates!” e reportagem, assinada por Sérgio Martins	213
FIGURA 36 - Reportagem “Um doutor de bola”, assinada por Maurício Cardoso, primeira matéria de destaque de Sócrates em Placar	214
FIGURA 37 - Foto-legenda destacando a relação com a Medicina	215
FIGURA 38 - Notícia destacando a relação com a literatura	216
FIGURA 39 - Notícia destacando o interesse de Sócrates pela leitura	217
FIGURA 40 - Notícia sobre a participação de Sócrates no disco de Toquinho	218
FIGURA 41 - Charge em referência à peça de teatro produzida por Sócrates	219
FIGURA 42 - Notícia sobre o fracasso da peça “Perfume de Camélia”	219
FIGURA 43 - Matéria sobre a habilidade de Sócrates no jogo de xadrez, assinada por Fábio Rocco Sormani	220
FIGURA 44 - Anúncio de Placar sobre diferenciais editoriais na cobertura da Copa de 1982	222
FIGURA 45 - O “Diário de Sócrates” na cobertura da Copa de 1982	222
FIGURA 46 - Sócrates personificado de “O Pensador”, famosa escultura de Rodin	223
FIGURA 47 - Sócrates atribui notas a figuras públicas	225
FIGURA 48 - Reportagem “Não vou salvar a pátria. Sou apenas corintiano”, assinada por Carlos Maranhão	226
FIGURA 49 - Registro do encontro histórico entre Sócrates e o ex-líder estudantil Cohn-Bendit	227
FIGURA 50 - Entrevista “Sou radical até mudar de idéia”, concedida a Marco	

Aurélio Borba, Álfio Beccari e Juca Kfouri	229
FIGURA 51 - Primeiro registro e capas de Placar reiterando o gesto simbólico de Sócrates do braço erguido com o punho cerrado	232
FIGURA 52 - Artigo de opinião posicionando Sócrates como figura engajada	233
FIGURA 53 - Notícia sobre campanha educativa com participação do jogador	233
FIGURA 54 - Edição especial contra a violência nos estádios	235
FIGURA 55 - Entrevista “O diagnóstico do doutor”, assinada por Sérgio Martins	236
FIGURA 56 - Reportagem “Obrigada, doutor!”, assinada por Juca Kfouri	239
FIGURA 57 - Artigo de opinião “No Corinthians, a abertura deu certo”, assinado por Bolívar Lamounier	240
FIGURA 58 - Capa e matéria “Vou largar tudo!”, assinada por Maurício Cardoso	244
FIGURA 59 - Editorial assinado por Juca Kfouri	245
FIGURA 60 - Reportagem “Craque brasileiro, com muito prazer”, assinada por Marcelo Rezende	247
FIGURA 61 - Editorial “Deixem Sócrates em paz”, assinado por Juca Kfouri	248
FIGURA 62 - Reportagem-entrevista “Bebo, fumo e penso”, assinada por Marcelo Rezende	251
FIGURA 63 - Matéria sobre jogadores “beberrões”	253
FIGURA 64 - Enquete jogadores boêmios	254
FIGURA 65 - Capa “Sócrates: Eu, governador”	256
FIGURA 66 - Reportagem “Se eu fosse governador”, assinada por Marco Aurélio Borba	258
FIGURA 67 - Matéria “A abertura corintiana”, assinada por José Maria de Aquino	264
FIGURA 68 - Capa da edição 619 com destaque para Wladimir	265
FIGURA 69 - Reportagem “O homem que reergueu o Timão”, assinada por Sérgio Martins	267
FIGURA 70 - Reportagem “O favorito dos especialistas”, assinada por Mário Serapicos	253
FIGURA 71 - Matéria “A democracia ganha o jogo”, assinada por Celso Kinjô	270
FIGURA 72 - Capa da edição 667, primeiro uso da expressão Democracia Corintiana	272
FIGURA 73 - Capa Sócrates, o craque do ano	274
FIGURA 74 - Reportagem-entrevista com lideranças da Democracia Corinthiana	276
FIGURA 75 - Capa “Se o Brasil mudar, eu fico”	279
FIGURA 76 - Retrato de D. Pedro I, 1826	279
FIGURA 77 - Editorial “Dom Sócrates e as eleições diretas já”, assinado por Juca Kfouri	280

FIGURA 78 - Entrevista “O Dia do Fico do rei corintiano”	282
FIGURA 79 - Reportagem “O paraíso do Dottore”, assinada por Gerardo Landulfo e Darwin Pastorin	287
FIGURA 80 - Capa e reportagem “Desta vez, a Itália perdeu”	290
FIGURA 81 - Capa Agora o Maracanã vai explodir	292
FIGURA 82 - Reportagem “O Maracanã conquista seu novo gênio”	293
FIGURA 83 - Especial Sócrates - O melhor jogador do mundo	296
FIGURA 84 - Especial Sócrates Eterno	296
FIGURA 85 - Editorial Especial Sócrates, assinado por Juca Kfourri	297
FIGURA 86 - Dossiê de Placar “Nesse dia nasceu um rei”	299
FIGURA 87 - Matéria “Sócrates segundo os astros”	300
FIGURA 88 - Seção “A imprensa fala”	301
FIGURA 89 - Sumário da edição especial de 2011	303
FIGURA 90 - Texto de fechamento da edição especial de 2011	304

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Futebol-arte x futebol-força	50
TABELA 2 - Capas de <i>Placar</i> com referência a Sócrates	173
TABELA 3 - Ficha de análise da reportagem “Se eu fosse governador”	259
TABELA 4 - Ficha de análise do texto “A abertura corintiana”	264
TABELA 5 - Ficha de análise da reportagem “O homem que reergueu o Timão”	266
TABELA 6 - Ficha de análise da reportagem “Uma lição de futebol”	269
TABELA 7 - Ficha de análise da matéria “A democracia ganha o jogo”	271
TABELA 8 - Ficha de análise da reportagem “A vitória da democracia”	274
TABELA 9 - Ficha de análise da reportagem “A democracia se consolida”	277
TABELA 10 - Ficha de análise do editorial “Dom Sócrates e as eleições diretas já”	281
TABELA 11 - Ficha de análise da entrevista “O Dia do Fico do rei corintiano”	282
TABELA 12 - Ficha de análise da reportagem “O paraíso do Dottore”	287
TABELA 13 - Ficha de análise da reportagem “Desta vez, a Itália perdeu”	291
TABELA 14 - Ficha de análise da reportagem “O Maracanã conquista seu novo gênio”	294

SUMÁRIO

PREFÁCIO	19
1 INTRODUÇÃO	22
2 FUTEBOL, MÍDIA E SOCIEDADE	29
2.1 REFERÊNCIAS FUNDADORAS E CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS	30
2.1.1 O jogo como matriz cultural: Huizinga e Caillois	30
2.1.2 Do jogo à prática social institucionalizada: Elias e Dunning	34
2.1.3 O esporte como mito e espetáculo: Barthes e Eco	38
2.1.4 Campo, habitus e capital simbólico: Bourdieu	40
2.2 O FUTEBOL COMO IDENTIDADE DA NAÇÃO	44
2.3 O FUTEBOL COMO CAMPO DE TENSIONAMENTOS E DISPUTAS	51
3 ESPORTE E MITO	58
3.1 MITO: RELEVÂNCIA, PERMANÊNCIA E INTERDISCIPLINARIDADE	58
3.2 INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DO MITO	66
3.3 O MITO DO HERÓI NO ESPORTE MODERNO	69
3.4 FUTEBOL, IDOLATRIA E MITO	75
4 ANÁLISE DO DISCURSO	82
4.1 ORIGENS	82
4.2 A ESCOLA FRANCESA DA ANÁLISE DO DISCURSO	84
4.3 O DISCURSO	86
4.4 SUBJETIVIDADE E RELAÇÕES DE PODER	88
4.5 FUNÇÃO ENUNCIATIVA	91
4.6 FORMAÇÃO DISCURSIVA	93
4.7 INTERDISCURSO: MEMÓRIA DISCURSIVA	96
4.8 DO ARQUIVO AO CORPUS	98
5 SÓCRATES E PLACAR	102
5.1 BRASIL, ANOS 1970 E 1980: CONTEXTO POLÍTICO E SOCIAL	103
5.2 O FUTEBOL BRASILEIRO ENTRE 1970 E 1989	107
5.3 PLACAR: ORIGEM E DIFERENTES FASES	115
5.4 A TRAJETÓRIA DE SÓCRATES: SÍNTESE BIOGRÁFICA	135
6 A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE SÓCRATES PELA REVISTA PLACAR	168
6.1 TAXONOMIA DAS CAPAS DE SÓCRATES EM PLACAR	170
6.2 FIGURAS DISCURSIVAS	187
6.2.1 O craque	188
6.2.2 O ídolo	203
6.2.3 O intelectual	213
6.2.4 O jogador politizado	224
6.2.5 O jogador engajado	232
6.2.6 O transgressor	243

6.3 ENREDOS EDITORIAIS	255
6.3.1 Se eu fosse governador	256
6.3.2 Sócrates e a Democracia Corinthiana	261
6.3.3 O Dia do Fico do rei corintiano	278
6.3.4 A passagem de Sócrates pela Fiorentina	284
6.3.5 Especiais (1979 e 2011)	295
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	306
REFERÊNCIAS	311
PERIÓDICOS	328
APÊNDICE A - DECLARAÇÃO SOBRE O USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL	333
DADOS CURRICULARES	334

PREFÁCIO

Quando o mito não é ídolo

Dos inúmeros trabalhos que li ao longo da elaboração desta tese, envolveram-me de modo especial aqueles que iniciavam com um texto autoral, no qual o pesquisador explicitava a origem de seu objeto de investigação e a natureza de seu vínculo com o tema.

Nada mais justo que situar o leitor desde o início, como quem firma um pacto de confiança. Parto da premissa de que todo discurso revela mais acerca de quem o enuncia do que propriamente de seu objeto, o que faz ainda mais sentido em uma tese que se propõe a adotar a análise do discurso como fundamento teórico-metodológico.

Pois bem. Dito isso, começo por uma confissão: Sócrates não é meu ídolo. E, até há bem pouco tempo, eu quase nada sabia a seu respeito – o que em nada diminui sua importância para o futebol e, ampliando o horizonte, para a própria história da sociedade brasileira.

Em 14 de abril de 1982, enquanto o casal Nishida Tsutsui celebrava o nascimento de sua segunda filha em uma maternidade do Cambuci – bairro de classe média na região central de São Paulo –, Sócrates já despontava como um jogador consagrado, vivendo o auge de sua carreira como ídolo do Corinthians e capitão da mítica Seleção Brasileira comandada por Telê Santana.

Curiosamente, o pai da pequena Ana, influenciado pelos primos mais velhos, era corintiano, embora, como ele próprio define, “um corintiano moderado”. Não foi, portanto, sob a influência desse corintiano moderado – ao contrário de tantas narrativas geracionais que povoam o universo do futebol – que se estabeleceu minha relação com o esporte.

Fruto de uma geração em que meninos jogavam bola e meninas brincavam de boneca, minha lembrança mais antiga relacionada ao futebol remonta à adolescência, no campinho de terra da escola. Nas aulas de Educação Física, reproduzia-se uma divisão rígida: futebol para eles, vôlei para elas. Não sei se pela falta de estatura ou de habilidade, mas a solução foi entrar em negociação com a professora.

Foi assim que formamos um time misto, composto pelas meninas que recusavam o vôlei e pelos meninos que não eram bons o suficiente para jogar na

quadra principal. Guardo com carinho esses momentos que, hoje, até poderiam ser lidos como um gesto consciente de ruptura, mas que, à época, eram apenas expressão espontânea de diversão.

De lá para cá, o futebol fez parte da minha vida, de tempos em tempos, em fases episódicas: acompanhei minha irmã – ela, sim, corintiana apaixonada, fã da geração Marcelinho Carioca – em uma incursão ao Parque São Jorge para conseguir autógrafos dos jogadores; frequentei estádios com amigos no final da década de 1990, época dos bandeirões e torcidas mistas; vi o Corinthians conquistar o Campeonato Brasileiro de 1998 diante do Atlético Mineiro, no Morumbi, sob uma chuva torrencial; torci o nariz ao ser sorteada para cobrir a editoria de esportes do jornal-laboratório da faculdade, o *Rudge Ramos Jornal*; anos mais tarde, tornei-me amiga do zagueiro Paulo André e pude acompanhar, nos bastidores, o nascimento e declínio do Bom Senso F.C.; em 2014, por influência do meu então sócio e também pesquisador Flávio Agnelli Mesquita, conheci o GP Comunicação e Esporte da Intercom.

Passados mais de quarenta anos, não me considero nem uma especialista nem uma fanática por futebol. Como o seu Arnaldo, sigo sendo uma corintiana moderada. Mas a verdade é que, muito além do que eu poderia supor, como fenômeno profundamente imbricado em nossa sociedade, o futebol sempre esteve presente em minha história e, desde o ingresso no doutorado, de maneira cada vez mais sistemática.

Nesse percurso, fui me envolvendo progressivamente – não apenas com o objeto de estudo, mas, sobretudo, com as pessoas, os debates, as inquietações que o atravessam. Saber o quanto essa paixão coletiva é, ao mesmo tempo, apropriada, deturpada, explorada, apenas reforça meu desejo de permanecer para ajudar a torná-la mais inclusiva, justa e ética.

Foi também o futebol que me levou a realizar um dos grandes sonhos da minha vida: morar em Paris. Estudei em colégio francês dos três aos dezessete anos. Mais do que um diploma, o Liceu Pasteur me proporcionou uma formação cultural e humanista da qual muito me orgulho; me oportunizou professores que me inspiram até hoje e amigos para toda a vida.

Todos que me acompanham sabem, portanto, o quanto morar na França sempre foi uma meta pessoal, quase uma obsessão. A vida, porém, acontece em seu próprio ritmo. Nem mesmo o estágio de Jornalismo no CenDoTeC, atual Campus France, órgão vinculado à Embaixada Francesa no Brasil, me favoreceu. Foi apenas

aos 43 anos, e graças ao PDSE (Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior), financiado pela Capes, que pude realizar esse sonho.

Grandes sonhos, altas expectativas. Foi assim que, após um longo processo seletivo, com um sorriso que não cabia em mim, o coração aos pulos e, ao mesmo tempo, aflito, embarquei com um *pasport talent* para um estágio doutoral na Université Gustave Eiffel, deixando para trás uma filha adolescente, nosso gato Toulouse e uma vida caótica de mãe, filha, professora e pesquisadora.

Para minha alegria, as expectativas não apenas se concretizaram como foram superadas. Já na porta de embarque, no retorno ao Brasil, caí em um choro convulsivo. Não era um choro de tristeza, mas de gratidão por cada momento vivido, por tudo o que realizei e conquistei em cinco meses que mais pareceram cinco anos.

Pude visitar a rue du Dr. Sócrates, em Saint-Ouen-sur-Seine. Fui acolhida pelos professores e pesquisadores da Gustave Eiffel, compartilhei com eles uma rotina de estudos e pesquisa, participei de seminários, acompanhei aulas da graduação, assisti a uma defesa de tese. Estimulada pela professora Marion Philippe, minha orientadora no exterior, inscrevi e apresentei minha pesquisa sobre Sócrates no *Les enjeux des jeux*, um dos maiores eventos científicos do mundo no campo das Ciências Humanas e Sociais do esporte. Conheci Vincent Duluc, jornalista esportivo do *L'Équipe* e da revista *France Football*. Participei de um colóquio promovido pela APEB-FR, associação dos pesquisadores e estudantes brasileiros na França. Peregrinei por bibliotecas, museus, institutos de pesquisa, debati ciência em alto nível. Comi muito queijo, muitos *croissants* e *pains au chocolat* (risos). Apresentei a eles o pão de queijo, o guaraná, a cachaça e a paçoca.

Falei, falei e falei incansavelmente sobre a minha pesquisa, inclusive com Raí, irmão caçula de Sócrates, também futebolista, ídolo incontestado dos são-paulinos e dos torcedores do Paris Saint-Germain. Recebi dele o convite para assistir a uma partida da Champions League feminina e, por algumas horas, estive entre celebridades e personalidades ligadas ao esporte europeu.

Apesar de tudo isso, Sócrates continua não sendo meu ídolo. Ainda assim, mergulhar em seu universo, na tentativa de compreender como se constituiu o mito que transcende o campo esportivo e reverbera em diversos cantos do planeta, revelou-se uma jornada instigante – não raro, fascinante.

É essa travessia que convido vocês a acompanhar.

Sejam muito bem-vindo(a)s!

1 INTRODUÇÃO¹

De origem inglesa, o futebol chegou ao Brasil no final do século XIX e início do XX, sendo Charles Miller apontado por alguns autores como um dos agentes centrais na difusão da modalidade em São Paulo, especialmente entre as elites urbanas e os primeiros clubes ligados ao novo esporte (Alves; Garcia, 2000; Mills, 2005). Inicialmente associado à elite branca, o futebol paulatinamente se popularizou, passando a alcançar públicos mais amplos, tornando-se um elemento importante da cultura popular brasileira (DaMatta, 1994).

No século XX, o futebol passou a ocupar espaço crescente na imprensa, em diálogo com a expansão dos meios de comunicação de massa. Como sugere Gastaldo, esporte moderno e mídia são produtos da modernidade, e, no Brasil, essa relação ajudou a ampliar a visibilidade do futebol e sua presença na cultura popular:

A característica “espetacular” (isto é, “para ser vista”) inerente às competições esportivas e seu poder de mobilização coletiva (pela metonímia que coloca nações ou bairros dentro de campos, pistas ou ringues) articulam-se perfeitamente com o surgimento de jornais impressos em rotativas, destinados a grande número de leitores em pleno processo de expansão urbana na virada do século (Gastaldo, 2011, p. 41).

Com o passar dos anos e o aumento de sua popularidade, o futebol ganhou notoriedade e reconhecimento internacional, consolidando-se como um dos esportes mais apreciados em escala global e atraindo a atenção de empresas que passaram a investir grandes cifras na modalidade. Como consequência, deixou de ser apenas prática esportiva para se tornar indústria: o futebol-negócio (Damo, 2011).

No Brasil, esse processo se expressou no aumento do fluxo financeiro dos clubes, na expansão das transmissões televisivas, no crescimento dos salários dos atletas, na profissionalização das entidades ligadas ao esporte. A modernização do futebol inseriu-o definitivamente no mundo dos negócios e da gestão, com ações de marketing, patrocínio de empresas e participação de investidores e empresários provenientes não apenas do meio esportivo, mas também do campo político.

¹ Os termos e as citações presentes nesta tese seguem as diretrizes da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), em conformidade com as normas NBR 10520 e NBR 6023, de acordo com as determinações estabelecidas pela Unesp.

Nas últimas décadas, mudanças significativas se operaram nesse campo (Bourdieu, 1999), ocupado por múltiplos agentes e grupos de interesse em disputa constante. Durante muito tempo, porém, entendido como elemento de alienação, ausência de refinamento no gosto ou espetáculo para entreter as massas, o tema foi ignorado pelo universo acadêmico (Helal, 2011; Marques, 2011). Pouco a pouco, essa visão estereotipada e preconceituosa tem cedido espaço a uma produção crescente de estudos dispostos a compreender o fenômeno em diferentes perspectivas e com a profundidade que ele exige.

Política, economia, sociedade, mídia e futebol, afinal, estão muito mais vinculados do que se costuma imaginar. “Cego é aquele que só vê a bola”, provoca Streapco (2010). Ou “o esporte mais popular do mundo, se lido corretamente, consegue explicar o Brasil”, garante Guterman (2009).

Buscando superar antigos preconceitos intelectuais em relação ao futebol, mas também evitando o risco de romantizá-lo de modo ingênuo, esta pesquisa pretende conduzir uma investigação que vá além dos maniqueísmos e visões apaixonadas, abordando o tema em sua transdisciplinaridade, sem descuidar, todavia, dos aspectos que o caracterizam e o tornam um objeto de estudo pertinente para o campo da Comunicação.

Nesse horizonte, esta tese se propõe a investigar como a revista esportiva *Placar* construiu discursivamente a imagem do futebolista Sócrates, alçando-o a um Olimpo midiático². O estudo parte da compreensão de que o jornalismo esportivo atua como mediador de sentidos e como agente de memória, participando da produção de ídolos e mitos que circulam socialmente e se estabilizam no imaginário coletivo.

O interesse por Sócrates se justifica por sua singularidade. Para além de sua atuação como atleta, ele se destacou por sua inteligência, personalidade controversa, espírito anárquico, posicionamento crítico e engajamento político fora dos gramados. Frequentemente lembrado como craque e capitão da Seleção Brasileira na Copa de 1982, o jogador também é reconhecido como uma das principais

² O emprego do termo 'Olimpo' no título desta tese não se restringe a uma alusão à morada mitológica dos deuses ou à excelência atlética *stricto sensu*, mas fundamenta-se na compreensão de um Olimpo do ecossistema midiático. Nesse sentido, a revista *Placar* é analisada como um 'Olimpo editorial', operando como um espaço de consagração e visibilidade no qual o jogador é elevado a uma condição simbólica superior, diferenciando-o dos demais profissionais do esporte. Ao orquestrar discursivamente as figuras e enredos da trajetória de Sócrates, a mídia atua como uma instância de legitimação que o retira da efemeridade do campo para fixá-lo em um panteão de referências exemplares e duradouras no imaginário coletivo.

lideranças da Democracia Corinthiana e como figura proeminente na campanha pela redemocratização do país em pleno regime militar.

Sua morte, em 4 de dezembro de 2011, obteve ampla repercussão, seguida por um processo de canonização por meio de homenagens e usos que mantêm sua imagem em circulação. Desde então, Sócrates tem sido mobilizado como símbolo de coragem e de luta pela democracia, tanto em ações de marketing quanto em discursos de movimentos sociais, em apropriações que extrapolam o universo esportivo.

No âmbito internacional, homenagens póstumas reforçam essa projeção. Em 2022, a revista *France Football*, referência no meio esportivo mundial, instituiu o “Prêmio Sócrates”, destinado a reconhecer ações de solidariedade e projetos sociais promovidos por personalidades do futebol. Em 2024, foi inaugurada em Saint-Ouen-sur-Seine, a “rue du Dr. Socrates”, por ocasião dos Jogos Olímpicos de Paris.

A escolha desse recorte, contudo, é resultado de um percurso de reformulação do projeto inicial, o que vale registrar. No ingresso no doutorado, o objetivo era analisar a cobertura jornalística de movimentos de mobilização política de atletas, em especial a Democracia Corinthiana³ e o Bom Senso F.C.⁴, com a hipótese

³ A Democracia Corinthiana foi um movimento ocorrido entre 1981 e 1985 no Sport Club Corinthians Paulista. Para José Paulo Florenzano (2009), a iniciativa foi fruto do processo histórico que vinha se desenrolando no conjunto da sociedade brasileira. Com o apoio da diretoria e da presidência do clube, os jogadores e funcionários passaram a ter participação ativa em decisões do dia a dia, como contratações, escalações, questões salariais e regras internas, que começaram a ser votadas e definidas em conjunto. Liderado por jogadores como Sócrates, Wladimir, Casagrande e Zenon, o movimento buscava trazer uma maior participação dos atletas nas decisões coletivas, tanto dentro como fora de campo. A Democracia Corinthiana também teve um caráter político e social importante. Os jogadores manifestavam-se publicamente sobre questões sociais, como o direito ao voto direto para presidente do Brasil, além de apoiar movimentos populares e lutar contra a ditadura militar, que já apresentava sinais de desgaste. Embora tenha durado cinco anos, a Democracia Corinthiana é celebrada atualmente como um marco de engajamento político, protagonismo dos jogadores e de luta por direitos e participação dentro do futebol (Florenzano, 2003; Martins, 2012; Martins; Reis, 2014).

⁴ O Bom Senso F.C. foi um movimento criado em 2013 por jogadores de grandes clubes de futebol do Brasil que buscavam melhores condições de trabalho. Sob o slogan “Bom Senso F.C., por um futebol melhor para quem joga, para quem torce, para quem transmite, para quem patrocina, para quem apita”, o grupo exigia mudanças no calendário do futebol nacional e propunha, a médio e longo prazos, transformações estruturais no futebol brasileiro, o que incluía a atuação das Federações e da CBF, além da principal detentora dos direitos de transmissão – a Rede Globo de Televisão. O Bom Senso ficou nacionalmente conhecido pelas manifestações que organizou em campo entre a 30ª e 37ª rodadas do Campeonato Brasileiro de 2013. Jogadores de pé com os braços cruzados, sentados no campo ou tocando a bola de lado no primeiro minuto das partidas, faixas com os dizeres “Amigos da CBF: e o Bom Senso?” e “Por um futebol melhor para todos” foram vistas pelos gramados de norte a sul do país despertando a atenção dos torcedores e da imprensa esportiva. Em 2015, o movimento obteve sua principal vitória: a publicação da Lei 13.155/15, que instituiu o Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro – o Profut. Também atuou para a aprovação da Apfut – Autoridade Pública de Governança de Futebol, órgão ligado ao Ministério do Esporte responsável pela fiscalização do cumprimento das obrigações do Profut. Apesar das conquistas, três anos depois de sua criação a iniciativa começou a mostrar sinais de desgaste, oficializando seu fim em janeiro de 2017 (Tsutsui; Marques, 2024).

preliminar de que prevaleceriam na mídia interesses de manutenção do *status quo* e possíveis silenciamentos ou distorções na cobertura desses movimentos.

Os primeiros resultados fragilizaram essa hipótese. Paralelamente, o levantamento em *Placar* evidenciou um dado incontornável: a recorrência elevada de capas e matérias sobre Sócrates, o que conduziu à redefinição do objeto de estudo. Em certa medida, pode-se dizer que a própria pesquisa se impôs.

A partir dessas evidências, que indicaram a centralidade do jogador no universo discursivo de *Placar*, a tese passou a ser guiada pela seguinte questão: como um jogador transcende o campo e se torna um símbolo político? E, adicionalmente, em que medida a revista *Placar* contribuiu para a construção de Sócrates como mito esportivo?

A hipótese sustenta que *Placar* foi decisiva ao investir em narrativas que extrapolaram o campo técnico, alinhando a trajetória do atleta a um posicionamento ideológico que valorizava o engajamento e a consciência política. Tal processo não se explicaria somente por critérios de noticiabilidade, mas também por um investimento interpretativo atravessado por um horizonte ideológico presente em parte do corpo editorial.

Nessa perspectiva, o objetivo geral é investigar a construção da imagem pública de Sócrates a partir dos enquadramentos veiculados pela revista. O recorte empírico abrange edições impressas de *Placar* entre 20 de março de 1970 – data de lançamento do periódico – e dezembro de 2011, quando a revista publicou uma edição especial após a morte do jogador, totalizando 94 capas e 1361 edições (mais especiais). Esse conjunto constitui o corpus da pesquisa, composto por capas, reportagens e demais conteúdos editoriais dedicados ao atleta ao longo do período analisado.

Entre os objetivos específicos, destacam-se o exame das relações entre esporte e mídia, a compreensão dos processos de fabricação de heróis e a análise do futebol como campo de disputas simbólicas. Busca-se, ainda, identificar os mecanismos discursivos mobilizados pela revista, mapear narrativas recorrentes e avaliar sua aderência ao imaginário contemporâneo acerca de Sócrates.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho articula duas etapas. A primeira, de caráter descritivo, envolve pesquisa documental e bibliográfica voltada à constituição e organização do corpus. A segunda, de natureza qualitativa, fundamenta-se na Análise do Discurso de linha francesa, adotada tanto como

referencial teórico quanto como procedimento analítico para examinar os efeitos de sentido produzidos pelas narrativas midiáticas.

No enquadramento teórico, a tese alicerça-se em referências fundadoras sobre esporte e sociedade e teorias do mito, tratando o mito como forma de discurso e como modo de significação que opera na cultura de massa. O estudo também dialoga com a literatura que investiga a mídia e a idolatria no futebol, destacando a centralidade dos meios de comunicação na fabricação do ídolo-herói. Essa tradição permite compreender como trajetórias são editadas pela mídia, enfatizando certos aspectos e minimizando outros, de modo a produzir narrativas socialmente eficazes e culturalmente compartilháveis.

Estruturalmente, a tese está dividida em sete capítulos, incluindo esta introdução (Capítulo 1), que objetiva apresentar um panorama geral do trabalho, e as considerações finais (Capítulo 7), que retomam os principais achados e apontam as contribuições do estudo.

O capítulo 2 examina o futebol em sua articulação com a mídia e a sociedade, a partir dos referenciais teóricos de Huizinga (2010), Caillois (1967, 1990), Elias (1990), Elias e Dunning (1992), Barthes (2001, 2004), Eco (1984) e Bourdieu (1986, 1987, 1999, 2002, 2004), que o situam como prática cultural, linguagem, espetáculo e campo de disputas simbólicas. O texto também analisa sua centralidade na construção do imaginário nacional, especialmente na consolidação da ideia do “país do futebol”, destacando a atuação da mídia na mediação de narrativas sobre a brasilidade, bem como a noção de futebol-arte como marcador identitário, em meio a tensões políticas, econômicas e midiáticas.

O terceiro capítulo discute o mito como linguagem simbólica central na compreensão do esporte, com base em autores como Barthes (2001, 2004), Morin (1989, 1997), Cassirer (1992), Eliade (1949, 1972, 1989, 1991) e Campbell (1991, 1997), evidenciando o esporte como espaço privilegiado de construção de heróis e narrativas de superação. Ao articular mito, mídia e esporte, o capítulo propõe uma leitura crítica dos processos de produção e circulação dessas figuras no imaginário social.

No quarto capítulo, apresentamos os fundamentos da Análise do Discurso, destacando conceitos e procedimentos que orientam a construção do corpus e a análise qualitativa. Ancorado em autores como Pêcheux (1990, 1995, 2008), Foucault

(2002, 2008, 2023) e Maingueneau (1997, 2015), enfatiza a pertinência do método para analisar discursos midiáticos e seus efeitos de sentido.

O capítulo 5 contextualiza Sócrates e a revista *Placar* no Brasil das décadas de 1970 e 1980, ao mesmo tempo em que apresenta as diferentes fases da publicação e uma síntese biográfica do jogador. O tópico ressalta a revista como espaço de elaboração interpretativa sobre o esporte e a sociedade. Nesse cenário, Sócrates se destaca como uma figura singular, cuja trajetória dialoga diretamente com a linha editorial do periódico. A análise indica que essa relação excede o âmbito informativo, revelando uma convergência ideológica na construção de sentidos sobre o país e o futebol.

A análise do objeto concentra-se no sexto capítulo, no qual se apresentam os resultados da investigação acerca da construção midiática da imagem de Sócrates pela revista *Placar* entre 1970 e 2011. O estudo demonstra que a publicação, por meio de escolhas editoriais específicas, produz distintas representações do jogador ao longo do tempo, evidenciando que tal construção não ocorre de forma linear, mas resulta de um processo discursivo contínuo em que os sentidos são produzidos, reforçados e ressignificados em diálogo com o contexto histórico.

O procedimento analítico envolve o mapeamento de adjetivações, estratégias de destaque e enquadramentos temáticos, posteriormente organizados em eixos interpretativos. A partir de regularidades enunciativas identificadas nas matérias, examinam-se as figuras discursivas atribuídas a Sócrates, como craque, ídolo, intelectual, jogador politizado, jogador engajado e transgressor. O corpus é estruturado segundo critérios objetivos e explorado por meio de amostragem intencional, permitindo investigar de que modo a revista constrói discursivamente uma imagem multifacetada do jogador, ao mesmo tempo em que revela estratégias editoriais, ideologias e processos de significação. Tal abordagem possibilita compreender a atuação da mídia na produção de mitos esportivos e na formação de sentidos sociais que ultrapassam o desempenho em campo.

As conclusões evidenciam o papel central da mídia na transformação de Sócrates em figura simbólica, destacando a atuação de *Placar* na consolidação de seu lugar no imaginário coletivo. No que tange à relevância da pesquisa, embora exista um volume expressivo de obras no mercado editorial dedicadas ao jogador, não foram identificados estudos acadêmicos, em nível de mestrado ou doutorado, que o

tomem como objeto central de investigação, lacuna que esta tese se propõe a preencher.

Além de seu caráter inédito, o estudo também se justifica por sua atualidade. Questões associadas à trajetória de Sócrates, como democracia, representatividade e ativismo social, permanecem presentes no debate contemporâneo, oferecendo elementos para a compreensão de disputas atuais por memória, pertencimento e legitimidade.

A pertinência do tema se amplia quando se considera a importância do futebol como fenômeno cultural no Brasil e sua capacidade de mobilizar identidades, emoções e afetos. Nesse contexto, as narrativas midiáticas acompanham a história do esporte, ao mesmo tempo que organizam interpretações sobre o país e sobre as figuras que se tornam símbolos.

Nesse sentido, *Placar* constitui um espaço privilegiado de observação desses processos por sua longevidade e relevância na imprensa esportiva brasileira como veículo especializado. Mesmo perdendo protagonismo no atual cenário da comunicação digital, ao atravessar diferentes períodos históricos e se reinventar em sucessivas fases editoriais, a revista acompanhou – e, em alguma medida, ajudou a moldar – as transformações do futebol e da sociedade brasileira.

2 FUTEBOL, MÍDIA E SOCIEDADE

A relação entre esporte e sociedade constitui um campo consolidado de investigação nas Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas, reunindo uma extensa e diversificada produção acadêmica. Nesse contexto, o futebol destaca-se como um fenômeno cultural de grande relevância, cuja análise ultrapassa os limites do entretenimento e abrange dimensões identitárias, políticas, econômicas e comunicacionais. A bibliografia sobre o tema é vasta e multifacetada, refletindo o interesse contínuo de pesquisadores em compreender os múltiplos sentidos que o esporte assume na vida social.

O objetivo deste capítulo é examinar o papel do futebol na sociedade, considerando sua importância como fenômeno cultural e social. Mais do que um jogo, o futebol é espaço de expressão de identidades coletivas, de construção de pertencimentos e de articulação de valores comunitários. Ele mobiliza afetos, narrativas e símbolos que contribuem para a formação de laços sociais e para a consolidação de imaginários compartilhados.

Nesse horizonte, torna-se imprescindível compreender o papel dos meios de comunicação na consolidação do futebol como esporte de massa. A expansão das tecnologias comunicacionais e o crescimento da cobertura midiática transformaram o futebol em um espetáculo global, amplamente difundido e consumido. A mídia não se limita a transmitir o jogo, mas participa ativamente da produção de sentidos, moldando percepções, narrativas e representações.

A comunicação, portanto, desempenha papel central na consolidação da relevância social do futebol. Por meio da imprensa, do rádio, da televisão e, mais recentemente, das plataformas digitais, o esporte é narrado, interpretado e ressignificado continuamente. Essa mediação contribui para a ampliação de sua audiência, mas também para a complexificação de suas relações com outros campos sociais, como o político e o econômico.

Por isso, este capítulo também se dedica a discutir a influência da mídia na configuração do universo futebolístico como campo de disputas. A lógica mercadológica, os interesses políticos e as estratégias de visibilidade operam tensões que atravessam o esporte, revelando sua inserção em dinâmicas de poder. O futebol, nesse contexto, é palco de negociações simbólicas e materiais, onde se confrontam projetos, ideologias e interesses diversos.

Ao abordar essas questões, buscamos contribuir para uma compreensão crítica e multifacetada do futebol como fenômeno comunicacional e social. A análise proposta neste capítulo pretende evidenciar como o esporte, mediado pela comunicação, se torna espaço privilegiado para a expressão de identidades, a construção de vínculos e a reprodução — ou contestação — de estruturas sociais. Trata-se, portanto, de reconhecer no futebol não apenas um jogo, mas um campo de significações que atravessa e constitui a vida social contemporânea.

2.1 REFERÊNCIAS FUNDADORAS E CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

Ao longo do século XX, as práticas esportivas foram objeto de análise por diversos pensadores que, embora oriundos de campos distintos, convergem na compreensão de sua relevância simbólica e estrutural para a sociedade. Entre os autores estrangeiros frequentemente citados nos estudos de Comunicação, estão Johan Huizinga, Roger Caillois, Norbert Elias, Eric Dunning, Roland Barthes e Pierre Bourdieu.

Esses clássicos, obviamente, não esgotam o tema, mas fornecem os alicerces teóricos que permitem uma abordagem multidisciplinar do estudo do esporte como fenômeno cultural e social. A partir dessas referências é possível compreender como o esporte participa da construção das identidades coletivas, da regulação das emoções e da produção de sentidos.

Nos subtópicos a seguir, serão apresentadas suas principais contribuições, com destaque para os conceitos que permitem compreender o esporte como prática social, linguagem, espetáculo e campo de disputas.

2.1.1 O jogo como matriz cultural: Huizinga e Caillois

Huizinga, em *Homo Ludens*, publicada originalmente em 1938, propõe uma reflexão sobre a natureza humana a partir do conceito de *homo ludens* – o homem que joga/ brinca – como uma dimensão essencial da cultura. Para isso, ele dialoga com outros dois conceitos clássicos: *homo sapiens* – o homem que pensa/ raciocina – e *homo faber* – o homem que faz/ produz.

Em época mais otimista que a atual, nossa espécie recebeu a designação de *Homo sapiens*. Com o passar do tempo, acabamos por compreender que afinal de contas não somos tão racionais quanto a ingenuidade e o culto da razão do século XVIII nos fizeram supor, e passou a ser moda designar nossa espécie como *Homo faber*. Embora *faber* não seja uma definição do ser humano tão inadequada como *sapiens*, ela é, contudo, ainda menos apropriada do que esta, visto poder servir para designar grande número de animais. Mas existe uma terceira função, que se verifica tanto na vida humana como na animal, e é tão importante como o raciocínio e o fabrico de objetos: o jogo. Creio que, depois de *Homo faber* e talvez ao mesmo nível de *Homo sapiens*, a expressão *Homo ludens* merece um lugar em nossa nomenclatura. (Huizinga, 2010, prefácio)

Huizinga não nega o *homo sapiens* nem o *homo faber* – ele os complementa. Sua proposta é que o *homo ludens* seja reconhecido como dimensão cultural fundadora, chegando a afirmar que o jogo é anterior à própria civilização. Para o historiador, filósofo e linguista holandês, “é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve” (idem, ibidem, prefácio).

O autor defende que o jogo é uma função primária, tão importante quanto o pensamento racional ou o trabalho. O jogo é voluntário, delimitado por regras, separado da vida cotidiana. Ele argumenta que muitas instituições humanas – como o direito, a guerra, a arte e a religião – têm raízes lúdicas. Nesse sentido, o instinto do jogo é considerado um dos elementos fundamentais da cultura humana, sustentando grande parte das realizações da civilização nos terrenos da arte, filosofia, literatura, ciência, direito e política.

Para Huizinga, o que define o jogo é “o fato de ser livre, de ser ele próprio liberdade”, e de ser algo que não é nem a “vida corrente” nem a “vida real”, mas sim “uma evasão da vida real para uma esfera temporária de atividade com orientação própria” (Huizinga, 2010, p. 11).

Outra característica primordial seria seu inerente isolamento e limitação física e temporal, sendo “jogado até o fim” dentro de certos limites de tempo e espaço (Huizinga, 2010, p. 12). Por último, teríamos o fato do jogo, com suas regras, criar ordem e ser ordem, introduzindo “na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada”, sendo que a menor desobediência às regras “estraga o jogo” privando-o de qualquer valor (Huizinga, 2010, p. 13).

Interessante notar que a obra traz ainda uma visão bastante pessimista quanto ao exercício do lúdico naqueles tempos. O filósofo percebe que, à medida que o esporte se torna mais influente e sistematizado, suas raízes lúdicas vão sendo substituídas por exigências de desempenho, regras rígidas e interesses externos.

Essa transformação torna cada vez mais difícil distinguir o jogo autêntico de sua versão artificial – o que ele chama de “não-jogo” (Huizinga, 2010, p. 54).

Segundo ele, o excesso de regulamentação e a busca por resultados minam a essência do brincar. O profissionalismo, embora necessário em certos contextos, compromete a leveza e a despreocupação que caracterizam o verdadeiro espírito do jogo. Como ele afirma, “o espírito do profissional não é mais o espírito lúdico” (Huizinga, 2010, p. 219), pois lhe falta justamente aquilo que torna o jogo uma expressão cultural livre: o prazer, a espontaneidade, a despreocupação. Para Huizinga, preservar o espaço do brincar é essencial para manter viva a dimensão simbólica e criativa da vida humana.

Após a contribuição seminal de *Homo Ludens*, o sociólogo e crítico literário francês Roger Caillois retoma e aprofunda essa discussão em *Les jeux et les hommes*, obra publicada em 1958. Enquanto Huizinga enfatiza o caráter simbólico e formador do jogo, Caillois propõe uma abordagem mais sistemática e sociológica, buscando classificar os jogos segundo suas estruturas e funções sociais.

Na visão de Marques (2015a, p. 5):

A diferença entre as duas obras está na relativização que Caillois efetua sobre o “exagero” cometido por Huizinga, ao supervalorizar o aspecto lúdico da vida em detrimento de outros elementos constituintes da cultura. Mesmo assim, há muitos pontos de contato entre os dois autores: Caillois também reproduz a dicotomia trabalho-jogo, ao afirmar que o jogo “opõe-se ao trabalho, tal como o tempo perdido se opõe ao tempo bem entregue” (1990, p. 9); além disso, o autor francês enxerga igualmente nos jogos os “resíduos da nossa cultura ancestral”, atribuindo ainda a eles uma intenção civilizadora e disciplinadora, pois “todo o jogo é um sistema de regras que define o que é e o que não é do jogo, ou seja, o permitido e o proibido”.

Ao ampliar o campo teórico iniciado por Huizinga, Caillois (1967) introduz categorias como *agôn*, *alea*, *mimicry* e *ilinx*, além dos polos *paidia* e *ludus*, oferecendo um modelo analítico que permite compreender a diversidade das práticas lúdicas e suas implicações culturais. Essa transição entre os dois autores marca um deslocamento da essência do jogo para sua função na organização das sociedades modernas.

FIGURA 1 - Classificação dos jogos segundo Caillois

TABLEAU I
RÉPARTITION DES JEUX

	AGÔN (compétition)	ALEA (chance)	MIMICRY (simulacre)	ILINX (vertige)
PAIDIA ↑ vacarme agitation fou rire	courses lutton etc. athlétisme	comptines pile ou face	imitations enfantines jeux d'illusion poupées, panoplies masque travesti	« tournis » enfantin manège balançoire valse
cerf-volant solitaire réussites mots croisés	boxe escrime football compétitions sportives en général	billard dames échecs pari roulette loteries simples composées ou à report	théâtre arts du spectacle en général	volador attractions foraines ski alpinisme voltige
LUDUS ↓				

N.B. – Dans chaque colonne verticale, les jeux sont classés très approximativement dans un ordre tel que l'élément *paidia* décroisse constamment, tandis que l'élément *ludus* croît constamment.

Fonte: Caillois, 1967, p. 92

O *agôn* refere-se aos jogos de competição, nos quais os participantes se enfrentam em condições de igualdade, buscando demonstrar superioridade por meio do esforço e da habilidade. Essa categoria valoriza o mérito individual e a justiça das regras, sendo exemplificada por esportes como o futebol ou o xadrez. Já o *alea* representa os jogos de sorte, em que o resultado depende exclusivamente do acaso, suspendendo qualquer controle do jogador sobre o desfecho. Loterias e roletas são exemplos típicos dessa forma de jogo, que expressa uma entrega ao destino.

A terceira categoria, *mimicry*, envolve a simulação e a representação. O jogador assume papéis fictícios ou mergulha em universos imaginários, como ocorre no teatro, nos jogos de interpretação de papéis ou nas brincadeiras infantis. Por fim, *ilinx* designa os jogos que provocam vertigem e desorientação sensorial, oferecendo prazer por meio da perda momentânea de controle físico, como nas acrobacias ou no ski.

Essas categorias não são estanques e podem se combinar em diferentes práticas lúdicas. Caillois também introduz os polos *paidia* (jogo espontâneo e caótico) e *ludus* (jogo estruturado e regado), que ajudam a compreender o grau de organização presente em cada tipo de jogo. Nas palavras do autor:

As regras são inseparáveis do jogo assim que este adquire aquilo a que eu chamaria existência institucional. A partir desse momento, fazem parte da sua natureza de cultura. São elas que o transformam em (fecundo e decisivo) veículo. Mas persiste no âmago do jogo uma liberdade primeira, necessidade

de repouso e, simultaneamente, distração e fantasia. Essa liberdade é o motor indispensável do jogo e permanece na origem das suas formas mais complexas e mais estritamente organizadas. A tal poder original de improvisação e de alegria geral, chamo eu *paidia*. A *paidia* conjuga-se com o gosto pela dificuldade gratuita, a que proponho chamar *ludus*, e desemboca nos variados jogos a que pode ser atribuída, sem exagero, uma intenção civilizadora. Efectivamente, eles ilustram os valores morais e intelectuais de uma cultura, bem como contribuem para os determinar e desenvolver. (Caillois, 1990, p. 47-48)

Ao propor essa tipologia, cada uma representando uma lógica distinta de envolvimento lúdico, Caillois oferece uma ferramenta analítica inovadora para entender as diferentes práticas relacionadas ao esporte. Em última instância, ele propõe que essas formas de prazer não são apenas expressões lúdicas, mas forças estruturantes da cultura e da sociedade. O teórico vai além, sugerindo, ainda, que haja uma equivalência simbólica entre o jogo e a cultura.

Expressão ou exutório dos valores colectivos, os jogos surgem forçosamente ligados ao estilo e à vocação das diferentes culturas. A relação pode ser muito ou pouco estreita, concisa ou difusa, mas não deixa de ser inevitável. (...) O gosto pela competição, a busca da sorte, o prazer da simulação e a atração pelo vertiginoso surgem como os principais motores dos jogos, mas a sua acção embrenha-se completamente na vida das sociedades. (...) suponho também que os princípios dos jogos, tenazes e difundidos motores da atividade humana, tão tenazes e tão difundidos que parecem ser constantes e universais, devem marcar profundamente os tipos de sociedade. E até presumo que possam servir, por sua vez, para a sua classificação, ainda que as normas sociais tendam a privilegiar exclusivamente um deles em detrimento dos outros. (...) (Caillois, 1990, p. 105).

Mesmo não havendo provas de uma inspiração direta entre a proposição de Caillois e o aparecimento de interpretações as mais variadas sobre tipos de cultura e estilos de jogo, veremos essa discussão ser retomada mais adiante.

Estudos recentes, como os de Di Filippo (2014), sugerem que as teorias de Huizinga e Caillois devem ser contextualizadas em seus momentos históricos e visões de mundo. Enquanto Huizinga escreve em meio às crises do entreguerras, buscando um ideal cultural perdido, Caillois, inserido no pensamento sociológico francês do pós-guerra, propõe uma análise mais sistemática e funcional do jogo.

2.1.2 Do jogo à prática social institucionalizada: Elias e Dunning

A transição do jogo como atividade lúdica para o esporte como prática social institucionalizada encontra respaldo teórico nas contribuições de Norbert Elias

e Eric Dunning. Fundamentados na teoria do processo civilizador, os autores analisam o esporte como um fenômeno que canaliza tensões sociais e regula comportamentos. Elias argumenta que, ao longo da história, as sociedades passaram por um processo de refinamento das emoções, no qual práticas como o esporte desempenham papel central na contenção da violência e na promoção da convivência ordenada (Elias, 1990).

Sobre a contribuição de Elias na visão de Toledo (2000, p. 26):

Diversa de outras análises, a perspectiva de Elias permite que se relacionem os fenômenos jogo e esporte não de modo dicotômico funcional, mas, antes, como um *continuum*, cujas propriedades definidoras tanto do fenômeno jogo quanto do fenômeno esporte são balizadas por um amplo processo identificado como a parlamentarização crescente da vida pública nas sociedades ocidentais. Desse modo, a constituição das configurações esportivas esteve sempre imbricada ao processo de civilização e parlamentarização da vida pública, ou seja, na criação das mediações institucionais reguladoras, por um lado, e autocontrole individual na resolução dos conflitos, por outro, em qualquer instância da vida social: seja no âmbito da política ou no âmbito dos costumes, jogos e divertimentos.

Ainda segundo esta abordagem, o futebol, um fenômeno esportivo de grande relevância para o entendimento deste processo, talvez pela sua grande inserção nos vários estratos sociais, concorreu para disciplinar o nível generalizado de violência dos costumes e divertimentos na esfera pública dessas sociedades ocidentais em transição para a modernidade, saídas da ética do jogo.

Eric Dunning, colaborador direto de Elias e continuador de sua obra, aplica essa perspectiva ao campo esportivo, destacando que o esporte moderno representa uma forma de lazer que combina competição, emoção e controle. Para os autores, o esporte é uma “arena de dramatização” onde os indivíduos vivenciam emoções intensas dentro de limites socialmente aceitáveis (Dunning; Elias, 1992). Essa estrutura permite que o esporte funcione como um ritual moderno, substituindo formas tradicionais de conflito e canalizando impulsos agressivos em contextos regulados.

Na obra *A busca da excitação*, Elias e Dunning defendem que o controle das emoções e a busca por excitação regulada são centrais para a prática esportiva moderna. O esporte funciona como válvula de escape para tensões sociais, oferecendo uma forma socialmente segura de experimentar excitação e catarse. Segundo os autores, “a excitação controlada é uma das características centrais do lazer nas sociedades modernas” (Dunning; Elias, 1992, p. 45). O esporte, portanto, não apenas organiza o tempo livre, mas também responde a uma necessidade emocional e psicológica de vivenciar intensidades dentro de um quadro normativo.

Assim, seu significado social se acentua na medida em que o envolvimento no esporte é cada vez mais sério. Para eles, o aumento do significado dos esportes teve a contribuição de três aspectos inter-relacionados:

1) o desenvolvimento do desporto como um dos principais meios de criação de excitação agradável; 2) a transformação do desporto, em termos de função, num dos principais meios de identificação colectiva; e 3) a emergência do desporto como uma fonte decisiva de sentido na vida de muitas pessoas. (Dunning; Elias, 1992, p. 322-323).

Além disso, Elias e Dunning observam que o desenvolvimento do esporte está intimamente ligado à formação do Estado moderno e à crescente valorização da disciplina, da previsibilidade e da racionalização das práticas sociais. O esporte, nesse sentido, não é apenas uma atividade física, mas um reflexo das transformações culturais e políticas que moldam as sociedades.

Ao integrar o esporte ao processo civilizador e à busca por excitação controlada, Elias e Dunning oferecem uma leitura sociológica que permite compreender o papel do esporte na organização social, na construção de identidades coletivas e na mediação das tensões entre o indivíduo e o grupo.

A contribuição de Elias e Dunning também se destaca por enfatizar a dimensão ritualística do esporte. As competições esportivas são vistas como cerimônias modernas, que mobilizam afetos, identidades e pertencimentos. O estádio, nesse contexto, torna-se espaço de comunhão e de catarse, onde se expressam emoções coletivas e se reforçam vínculos sociais.

A falação será então o discurso fático tornado fim em si mesmo: mas a falação esportiva é algo a mais, um discurso fático contínuo que se apresenta enganadoramente como o discurso sobre a Cidade e seus Objetivos. Surgida como elevação à enésima potência daquele desperdício inicial (e calculado) que era o jogo esportivo, a falação esportiva é a magnificação do Desperdício e por isso o ponto máximo de Consumo. Sobre ela e nela o homem da civilização de consumo consome diretamente a si próprio (e a toda possibilidade de tematizar e julgar o consumo decorrente ao qual é convidado e submetido). (Eco, 1984, p.226)

O esporte desempenharia, desta forma, um papel de falsa consciência, uma simulação de engajamento que substitui o verdadeiro debate político, neutralizando a capacidade de julgamento e ação social.

A mesma acidez e visão negativa aparece em outra produção do autor sobre esportes: *O mundial e suas pompas*, encomendado pelo hebdomadário italiano *Espresso* para a Copa do Mundo de 1978, publicado na mesma coletânea (Eco, 1984).

O artigo não fala do evento em si – como, imagina-se, esperava o periódico. Em vez disso, Eco tece um texto irônico expondo sua oposição ao futebol – a que ele se refere como “espetáculo cósmico sem sentido”.

Muitos leitores desconfiados e maldosos, vendo que eu trato do nobre jogo do futebol com distanciamento, tédio e (até mesmo) má vontade, não deixarão de insinuar a vulgar suspeita de que não amo o futebol porque, na verdade, o futebol nunca me amou, [...].

Vou dizer mais. Na tentativa de sentir-me como os outros [...], pedi muitas a meu pai, torcedor equilibrado apesar de assíduo, para me levar ao estádio junto com ele. E um dia, enquanto observava de longe os movimentos insensatos lá embaixo, no campo, senti como se o sol alto do meio-dia envolvesse numa luz enregeladora homens e coisas, e como se diante de meus olhos se desenrolasse um espetáculo cósmico sem sentido. Era aquilo que mais tarde, lendo Ottiero Ottieri, teria descoberto como sendo o sentimento da “irrealidade cotidiana”, mas naquela época tinha treze anos e traduzi à minha maneira: pela primeira vez duvidei da existência de Deus e comecei a achar que o mundo era uma ficção sem sentido.

[...] digo isso para explicar como, desde sempre, o futebol está ligado, para mim, à ausência de sentido e à inutilidade das coisas [...]. (Eco, 1984, p. 227-228)

O teórico diferencia a prática esportiva do espetáculo esportivo, e é para o segundo que ele aponta sua artilharia, criticando a forma como o interesse futebolístico substitui o debate público, funcionando como uma simulação de participação social.

De fato, como já tivera ocasião de observar em outra oportunidade, a discussão sobre o esporte (refiro-me ao espetáculo esportivo), ao fato de se falar do espetáculo esportivo e dos jornalistas que falam sobre o espetáculo esportivo é o substituto mais fácil da discussão política. Em vez de se julgarem os atos do ministro das Finanças (para o que é preciso entender de economia e de outras coisas), discutem-se os atos do treinador; em vez de se criticarem as posições do deputado, critica-se a posição do atleta; em vez de se perguntar (pergunta difícil e obscura) se o ministro fulano assinou ou não pactos ainda mais obscuros com o poder sicrano, pergunta-se se a partida final ou decisiva terá sido fruto do acaso, da forma atlética, ou de alquimias diplomáticas. O discurso futebolístico requer uma competência não vaga, decerto, mas, de uma forma geral, restrita, bem concentrada; permite assumir posições, expressar opiniões, propor soluções sem que ninguém seja detido, ou fique por isso exposto ao Radikalerlassen ou, em todo caso, à suspeita. Não impõe que se tenha de decidir como intervir pessoalmente, porque se fala de algo que é determinado fora da área de poder do falante. Permite, em suma, brincar de gerir a Coisa Pública sem todos os cuidados, deveres, os dilemas da discussão política. [...] (Eco, 1984, p. 230-231)

A crítica de Eco, ao destacar o esvaziamento simbólico do discurso esportivo e sua função de mascarar a realidade, alinha-se a uma tradição teórica marxista e frankfurtiana que vê no futebol-espetáculo uma forma de neutralização da consciência crítica. Assim, o esporte, quando capturado pela lógica midiática, em vez de promover a emancipação, reforça a lógica do consumo e da distração, tornando-se um dispositivo onde o cidadão consome a si mesmo em um ciclo contínuo de alienação.

2.1.3 O esporte como mito e espetáculo: Barthes e Eco

O pensamento de Roland Barthes aplicado aos estudos sobre esporte, especialmente no campo da semiótica e da crítica cultural, demonstra como as práticas esportivas são atravessadas por discursos simbólicos e estruturas de significação. Em *Mitologias*, Barthes analisa fenômenos cotidianos da cultura de massa, revelando como objetos, gestos e eventos são transformados em mitos modernos - narrativas que naturalizam ideologias e valores sociais.

Mitologias debruça-se sobre a seguinte temática: mascaramento da ideologia pelos códigos das mídias, ou melhor, o repúdio do crítico em relação à maneira como a indústria cultural mascara a realidade, dando por natural aquilo que é historicamente construído.
[...] Oferece-nos assim um modelo de desmontagem das operações discursivas que revela que os meios da comunicação de massa naturalizam a linguagem, fazendo as palavras passarem pelas coisas, escondendo dessa maneira as suas verdadeiras intenções. (Fontanari, 2016, p. 145-146)

A obra assinala um marco para os estudos de mitologia, mídia e comunicação e representa o início de uma série de estudos, inaugurando um novo método de análise que influencia trabalhos até hoje.

O ensaio sobre o *catch* – espécie de luta livre – é emblemático: Barthes mostra que o esporte não é apenas competição, mas encenação simbólica, onde se alude valores sociais como a dor, a derrota, a justiça. A espetacularização do esporte, segundo Barthes, transforma o evento esportivo em uma narrativa com estrutura dramática, personagens e clímax, tal qual o teatro.

Essa abordagem é retomada e aprofundada em *Le sport et les hommes* (Barthes, 2004), texto encomendado pelo jovem cineasta canadense Hubert Aquin para acompanhar seu documentário sobre esportes. Para o trabalho, Barthes analisa

modalidades como a tourada, o automobilismo, o ciclismo, o hóquei no gelo e o futebol, não com foco técnico, mas como espetáculos que expressam as necessidades vitais do homem moderno.

Apesar da pergunta retórica “O que é o esporte?”, repetida diversas vezes ao longo do texto, Barthes não busca defini-lo, mas compreender sua fenomenologia e poética.

Chove na Inglaterra e, no entanto, toda a Inglaterra está do lado de fora. Por quê? Há futebol em Wembley. Como em todos os grandes espetáculos esportivos, o ritual de inauguração é observado com solenidade. Em certas épocas, em certas sociedades, o teatro teve uma grande função social. Ele reunia toda a cidade em uma experiência comum: o conhecimento de suas próprias paixões. Hoje, essa função é desempenhada, à sua maneira, pelo esporte. Só que a cidade se ampliou — já não é mais uma cidade, é um país, muitas vezes, por assim dizer, o mundo inteiro. O esporte é uma grande instituição moderna lançada nas formas ancestrais do espetáculo. (Le sport et les hommes, 1961, 51min23 - 53min46, tradução nossa)

Ele observa que o esporte moderno estiliza disputas arquetípicas: contra o animal (tourada), contra o tempo (corrida de carros), contra a natureza (Tour de France), ou contra o outro (futebol). O esporte, para Barthes, é uma forma de ritual contemporâneo: “O que é o esporte? O que, então, os homens colocam no esporte? Eles mesmos, seu universo de homem. O esporte existe para exprimir o contrato humano”, conclui o autor (Barthes, 2004, p. 71).

Ao incorporar a perspectiva barthesiana, portanto, é possível compreender o esporte como um fenômeno discursivo, cuja força simbólica reside na capacidade de transformar ações físicas em narrativas coletivas. Essa abordagem é especialmente útil para analisar o esporte como linguagem e o atleta como signo.

Assim como Barthes, o semiólogo italiano Umberto Eco vê o esporte como mito moderno e espetáculo simbólico, capaz de mobilizar massas e reforçar sistemas de crença, subscrevendo-se em uma concepção semiótica. Ambos interpretam o esporte como elemento social, mas, enquanto Barthes foca na estrutura mítica e ritualística do esporte, Eco discute a mediação discursiva e narrativa que transforma o esporte em espetáculo.

O texto *A falação esportiva*, publicado originalmente em 1969 e reunido na coletânea *Viagem na irrealidade cotidiana*, é uma crítica profunda à transformação do esporte em espetáculo e ao que Eco denomina “a aberração máxima do discurso fático” (Eco, 1984, p. 221).

Para explicar sua perspectiva, ele propõe uma escala de abstração: o esporte em primeira pessoa (o esporte praticado, jogado); o esporte elevado ao quadrado (o esporte assistido = espetáculo) e o esporte elevado ao cubo (o discurso sobre o esporte assistido = imprensa esportiva), havendo, ainda, o esporte elevado à enésima potência, ou seja, o discurso sobre o discurso.

Se no esporte em primeira pessoa Eco adverte para o fato de que todo gesto esportivo é um desperdício de energia - porém um desperdício saudável, lúdico, necessário, ao qual o homem não pode renunciar por uma necessidade física e psíquica -, já no esporte elevado ao quadrado, além da mistificação da saúde - uma vez que quando vemos outros jogarem não estamos fazendo nada de saudável -, apareceriam as primeiras degenerações: a criação de seres humanos destinados à competição, à instrumentalização total.

Esse esporte elevado ao quadrado engendraria um esporte elevado ao cubo, que é o discurso sobre o esporte assistido. A falação esportiva, segundo Eco, é o ponto máximo do desperdício simbólico do consumo de si mesmo, onde o indivíduo canaliza suas energias críticas para um universo de regras verbais vazias.

2.1.4 Campo, habitus e capital simbólico: Bourdieu

Pierre Bourdieu, sociólogo francês de renome mundial (Sapiro, 2020, p. XV) amplamente reconhecido como um dos pensadores mais influentes do século XX, embora não fosse um especialista do tema, também deu sua contribuição para os estudos sobre o esporte. Os textos *Comment peut-on être sportif ?*⁵ (2002) e *Programme pour une sociologie du sport*⁶ (1987), oriundos de palestras realizadas entre 1978 e 1983, fornecem ferramentas conceituais para entender o esporte como campo social, marcado por disputas simbólicas e estruturado por relações de poder.

No ensaio “Como é possível ser esportivo?”, publicado na coletânea *Questões de sociologia*, o pesquisador discute a gênese histórica do esporte moderno, mostrando que ele não é uma prática natural, mas um produto social legitimado por processos culturais. O esporte moderno é visto como um fenômeno

⁵ Exposição introdutória no Congresso Internacional da HISPA, realizada no INSEP (Paris), em março de 1978. (Bourdieu, 2002, p. 173, tradução nossa)

⁶ Intervenção diante do grupo de estudos “Vida física e jogos”, CEMEA, novembro de 1980, e conferência introdutória no 8º simpósio da I.C.S.S., “Esporte, classes sociais e subcultura”, Paris, julho de 1983. (Bourdieu, 1987, p. 203, tradução nossa)

social que se desenvolve em um espaço de produção com lógica e história próprias, sendo que a constituição do sistema de instituições e agentes ligados ao esporte é fundamental para entender sua evolução.

Parece-me que seria necessário, antes de tudo, interrogar-se sobre as condições históricas e sociais de possibilidade desse fenômeno social que aceitamos com demasiada facilidade como algo evidente: o “esporte moderno”. Ou seja, sobre as condições sociais que tornaram possível a constituição do sistema de instituições e de agentes direta ou indiretamente ligados à existência de práticas e consumos esportivos, desde os “agrupamentos esportivos”, públicos ou privados, cuja função é assegurar a representação e a defesa dos interesses dos praticantes de um esporte determinado, ao mesmo tempo que elaborar e aplicar as normas que regem essa prática, até os produtores e vendedores de bens (equipamentos, instrumentos, roupas especiais etc.) e de serviços necessários à prática do esporte (professores, instrutores, treinadores, médicos esportivos, jornalistas esportivos etc.), bem como os produtores e vendedores de espetáculos esportivos e de bens associados (camisetas ou fotos de ídolos, ou apostas, por exemplo). Como se constituiu, progressivamente, esse corpo de especialistas que vivem direta ou indiretamente do esporte (corpo do qual fazem parte os sociólogos e historiadores do esporte — o que, sem dúvida, não contribui para facilitar o surgimento da questão)? E, mais precisamente, quando esse sistema de agentes e instituições começou a funcionar como um campo de concorrência no qual se enfrentam agentes com interesses específicos ligados à posição que ocupam? Se é verdade, como minha interrogação tende a sugerir, que o sistema de instituições e agentes ligados ao esporte tende a funcionar como um campo, segue-se que não se pode compreender diretamente o que são os fenômenos esportivos em um dado momento, em um determinado ambiente social, relacionando-os diretamente às condições econômicas e sociais das sociedades correspondentes: a história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo sendo marcada pelos grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio ritmo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, enfim, sua cronologia específica. (Bourdieu, 2002, p. 174-175, tradução nossa)

Ele vê o esporte como um campo relativamente autônomo, com regras próprias, agentes e disputas internas. Nesse campo, diferentes grupos competem pelo controle simbólico e material, refletindo relações de poder presentes na sociedade.

Bourdieu discute a transformação de jogos populares em esportes organizados e regulamentados. O esporte moderno é, deste modo, caracterizado por uma lógica de competição e regulamentação que se distancia das práticas amadoras. O conceito de *fair play* e o respeito às regras expressam uma moral aristocrática que, posteriormente, se integra aos princípios fundamentais da sociedade burguesa, da empresa e da iniciativa privada (Bourdieu, 2002, p. 177, 178 e 188).

O autor afirma que as práticas esportivas são distribuídas segundo as classes sociais, evidenciando que as preferências por determinadas modalidades funcionam como marcadores de distinção. Esportes como tênis, hipismo, iatismo ou

golfe, por exemplo, são associados às elites, enquanto o futebol se populariza entre as classes trabalhadoras, que valorizam a competição e a resistência, revelando estratégias de afirmação social (Bourdieu, 2002, p. 182).

Logo, praticar certos esportes pode conferir capital simbólico, funcionando como marcador de distinção social. Bourdieu mostra que escolhas esportivas são estratégias de afirmação. Assim, as preferências esportivas estão ligadas à classe social, gênero e trajetória cultural – o *habitus*⁷, para usar uma expressão bourdieusiana.

Tudo leva, portanto, a supor que a probabilidade de praticar os diferentes esportes depende, em graus variados para cada esporte, do capital econômico e, secundariamente, do capital cultural e também do tempo livre; isso por meio da afinidade que se estabelece entre as disposições éticas e estéticas associadas a uma posição determinada no espaço social e os benefícios que, em função dessas disposições, parecem ser prometidos pelos diferentes esportes. [...]

Na verdade, mesmo fora de qualquer busca pela distinção, é a relação com o próprio corpo, como dimensão privilegiada do *habitus*, que distingue as classes populares das classes privilegiadas, assim como, dentro destas, distingue frações separadas por todo o universo de um estilo de vida. (Bourdieu, 2002, p. 192, tradução nossa)

A idade também é um marcador de distinção que influencia a escolha e a continuidade das práticas esportivas, refletindo normas sociais de cada classe. Esportes populares são frequentemente abandonados na transição para a vida adulta, enquanto esportes burgueses são praticados por mais tempo (Bourdieu, 2002, p. 192).

O texto "Programa para uma sociologia do esporte", por sua vez, reunido com outras produções do autor na coletânea *Coisas ditas*, segue a mesma linha e

⁷ A noção de *habitus* é um conceito-chave na teoria sociológica de Bourdieu, pois fundamenta tanto sua concepção de ação quanto a de percepção do mundo. Ela busca superar as oposições que estruturam as Ciências Sociais de seu tempo, reintegrando a experiência dos agentes como parte da realidade social, sem nela buscar toda a verdade de suas ações, que só fazem sentido dentro de um sistema de relações estruturado e hierarquizado. A noção de *habitus* aparece pela primeira vez sob a pena de Bourdieu em um artigo de 1962 sobre o celibato em Béarn. O conceito reaparece em *Le Déracinement* (1964) para designar a “maneira de ser” do camponês argelino, “uma disposição permanente e geral diante do mundo e diante dos outros”. Bourdieu empreende sua teorização em 1967, no posfácio de *Architecture gothique et pensée scolastique*, de Erwin Panofsky, publicada em francês na coleção *Le sens commun*, porém é em *Esquisse d'une théorie de la pratique* (1972) que Bourdieu apresenta uma primeira elaboração de sua teoria do *habitus*, reformulada depois em *Le Sens pratique* (1980). O conceito de *habitus*, concebido como princípio gerador das práticas individuais, designa a capacidade dos agentes de se orientar no mundo social e adotar condutas adaptadas às condições objetivas sem obedecer explicitamente a uma regra, de improvisar atitudes ajustadas à situação. Em grande parte determinado pela experiência passada, o *habitus* comporta uma parcela de incerteza, de abertura e uma capacidade de adaptação à mudança. Ele está, além disso, ligado à lógica da prática, portanto ao indeterminado. (Sapiro, 2020, p. 386-388)

defende a necessidade de compreender o esporte como parte de um sistema social mais amplo.

O sociólogo propõe que o espaço das práticas esportivas deve ser analisado como um sistema estruturado, onde cada esporte ocupa uma posição específica e se relaciona com o espaço social. Ele destaca que as preferências esportivas estão ligadas à posição social e à relação com o corpo, que reflete a experiência social e física dos indivíduos.

Para que uma sociologia do esporte possa se constituir, é preciso, antes de tudo, perceber que não se pode analisar um esporte particular independentemente do conjunto das práticas esportivas; é necessário pensar o espaço das práticas esportivas como um sistema no qual cada elemento recebe seu valor distintivo. Em outras palavras, para compreender um esporte, seja qual for, é preciso reconhecer a posição que ele ocupa no espaço dos esportes. (Bourdieu, 1987, p. 203-204, tradução nossa)

Bourdieu também alerta contra a análise direta entre um esporte e um grupo social, sugerindo que a correspondência ocorre entre o espaço das práticas esportivas e o espaço das posições sociais. Ele enfatiza que as práticas esportivas são influenciadas por fatores como oferta e demanda, além de serem marcadas por apropriações sociais que definem seu significado em diferentes contextos.

O pesquisador sugere que a história das práticas esportivas deve ser entendida como uma história estrutural, considerando as transformações sistemáticas no espaço dos esportes. Ele também aborda a crescente separação entre esportes profissionais e amadores, destacando o impacto da profissionalização e da espetacularização do esporte.

[...] Eu me contentarei em mencionar, entre outras, uma consequência da constituição desse campo relativamente autônomo, a saber, o contínuo aumento da ruptura entre profissionais e amadores, que acompanha o desenvolvimento de um esporte-espetáculo totalmente separado do esporte comum. É notável que se observe um processo semelhante em outras áreas, particularmente na dança. Nos dois casos, a constituição progressiva de um campo relativamente autônomo reservado a profissionais é acompanhada de uma perda de posse dos leigos, pouco a pouco reduzidos ao papel de espectadores [...]. A partir de então, a evolução da prática profissional depende cada vez mais da lógica interna do campo de profissionais, sendo os não-profissionais relegados à categoria de público cada vez menos capaz da compreensão dada pela prática. (Bourdieu, 1987, p. 213, tradução nossa)

Para Bourdieu, a difusão favorecida pela televisão introduziu cada vez mais espectadores desprovidos de qualquer competência prática e atentos apenas a

aspectos extrínsecos, como o resultado e a vitória. Segundo ele, isso acarretou efeitos, por intermédio da sanção (financeira ou de outra natureza) dada pelo público, no próprio funcionamento do campo de profissionais, como a busca da vitória a qualquer preço e, com ela, entre outras coisas, o aumento da violência.

Deste modo, Bourdieu alinha-se em certa medida aos autores críticos à transformação do esporte em espetáculo, indicando que a autonomização do campo profissional gera exclusão dos leigos e subordina a prática à lógica econômica e midiática. Essa argumentação se apoia em analogias históricas (dança) e categorias sociológicas (campo, capital, *habitus*), produzindo um discurso que denuncia a mercantilização e instrumentalização do esporte.

A nosso ver, ao deslocar a análise do esporte para uma perspectiva relacional e histórica, sua principal contribuição é problematizar o esporte como prática social, aplicando conceitos centrais da sua teoria, como *habitus*, campo e capital. Essa perspectiva que enxerga o futebol como campo social de disputas e tensionamentos será retomada no último tópico deste capítulo.

2.2 O FUTEBOL COMO IDENTIDADE DA NAÇÃO

A relação entre futebol e identidade nacional ganhou densidade ao longo do século XX, especialmente quando intelectuais brasileiros passaram a atribuir ao estilo de jogo características supostamente associadas ao “ser brasileiro”. Entre as interpretações mais influentes está a de Gilberto Freyre, cuja leitura destacou a mestiçagem e a improvisação como traços de um estilo nacional de jogar.

A contribuição de Freyre para os estudos sobre o futebol brasileiro é significativa, ainda que ele nunca tenha escrito uma obra sistematizada sobre o tema. Sua abordagem, presente em artigos, prefácios e crônicas, situa o futebol no centro da formação cultural brasileira, associando-o às relações raciais e aos processos de construção identitária.

Um de seus conceitos mais marcantes é o do “foot-ball mulato”⁸, formulado em 1938, no qual o estilo brasileiro – espontâneo, artístico e “dançado” – é contraposto ao modelo europeu, descrito como rígido e disciplinado.

⁸ É relevante notar que Gilberto Freyre utilizava em sua crônica original de 1938 o termo em inglês “foot-ball”, grafia que marca a junção entre a modalidade esportiva em sua origem europeia e o traço étnico de sua prática e popularização no Brasil. Ademais, o olhar de Freyre nas décadas de 1930 e

No foot-ball como na politica, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreio que lembra passos de dança e de capoeiragem. Mas sobretudo de dança. Dança dionisiaca. Dança que permita o improviso, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lyrica. Enquanto o foot-ball europeu é uma expressão apolínea - no sentido spengleriano - de methodo scientifico e de sport socialista em que a pessoa humana resulta mechanizada e subordinada ao todo - o brasileiro é uma forma de dança, em que a pessoa humana se destaca e brilha. O mulato brasileiro deseuropeizou o foot-ball dando-lhe curvas, arredondados e graças de dança. Foi precisamente o que sentiu o chronista europeu que chamou aos jogadores brasileiros de "bailarinos da bola." Nós dansamos com a bola. (Freyre, 1938)

O autor associou o chamado "foot-ball mulato" à originalidade cultural do Brasil, leitura decisiva ao deslocar o futebol da condição de esporte importado para a de expressão simbólica da formação social brasileira. Essa forma de jogar seria uma expressão da mestiçagem cultural brasileira, refletindo a influência do negro e do mestiço na construção de uma estética própria, mais criativa e corporal. Além disso, Freyre via o futebol como um espaço de ascensão social para o negro em um país marcado por profundas desigualdades raciais.

Em seu prefácio ao clássico *O negro no futebol brasileiro*, de Mário Filho publicado originalmente em 1947, ele argumenta que o futebol, ao ser aceito por instituições como o Estado, a Igreja e a imprensa, tornou-se um elemento de coesão social, capaz de suavizar tensões que poderiam se manifestar de forma mais violenta em outras esferas da vida pública.

Creio não dizer novidade nenhuma repetindo que por trás da instituição considerável que o futebol tornou-se em nosso país se condensam e se acumulam, há anos, velhas energias psíquicas e impulsos irracionais do homem brasileiro, em busca de sublimação. [...] O futebol teria numa sociedade como a brasileira, em grande parte formada de elementos primitivos em sua cultura, uma importância toda especial que só agora vai sendo estudada sob critério sociológico ou parassociológico. E era natural que tomasse aqui o caráter particularmente brasileiro que tomou (Freyre, 2010, p. 24)

Assim, de acordo com Mostaro, Helal e Amaro (2015), a questão racial foi central na formação da identidade, com a valorização da mestiçagem e do papel dos negros no esporte e na cultura nacional. O futebol foi utilizado como ferramenta de

1940 estava profundamente inserido no projeto de síntese nacional promovido pelo Estado Vargas, que buscava valorizar a mestiçagem como elemento central da brasilidade. Suas categorias de análise, como o 'dionisíaco' brasileiro em oposição ao 'apolíneo' europeu, fundamentam-se na obra de Oswald Spengler (*O Declínio do Ocidente*), baseada no pensamento de Nietzsche (*O Nascimento da Tragédia*).

mobilização social e propaganda política, especialmente por Getúlio Vargas, na consolidação do projeto de unificação nacional. A narrativa oficial do Estado Novo reforçou a ideia de uma “democracia racial” e a valorização da mestiçagem como elemento de brasilidade.

Essa operação simbólica explica por que a seleção brasileira se converteu em emblema de nação. Helal e Gordon Júnior (1999) defendem que a construção da identidade nacional pelo futebol se apoia em narrativas sociológicas, históricas e também afetivas, mobilizadas sobretudo em momentos de Copa do Mundo. Em termos culturais, isso significa que a vitória ou a derrota da seleção é frequentemente vivida como experiência coletiva, quase como se o resultado esportivo medisse a autoestima do país.

A imprensa desempenhou papel decisivo na consolidação desse imaginário. Desde as décadas de 1930 e 1940 – particularmente a partir da Copa do Mundo de 1938, momento de ampla mobilização nacional em que o desempenho da seleção foi acompanhado com intensidade inédita e interpretado como expressão da unidade e do orgulho coletivo – jornais e revistas passaram a narrar os jogos sob uma linguagem épica, vinculando vitórias e derrotas a sentimentos de exaltação ou frustração nacional, o que contribuiu para integrar o esporte ao imaginário da nação. A construção social e cultural do futebol como símbolo de identidade foi reforçada por discursos, clichês e representações que naturalizaram a ideia de que o Brasil é o país do futebol e do jogo bonito (Soares; Lovisolo, 2003; Hollanda, 2004; Soares; Bartholo; Salvador, 2007).

Conforme Souza (2018b), ao longo das décadas de 1960 e 1970, observou-se uma substituição gradual do conceito de “foot-ball mulato” por uma categoria mais flexível e menos autoral, a de “futebol arte”, que passou a ser preferida por jornalistas e intelectuais da época. Cronistas esportivos, como Mário Filho e, posteriormente, Nelson Rodrigues, atribuíram ao futebol interpretações que vinculavam o estilo brasileiro a atributos como improviso e criatividade, contribuindo para a consolidação da noção de futebol-arte como expressão da mestiçagem e da singularidade cultural do país em contraposição ao futebol europeu.

A repetição dessas narrativas ao longo do tempo, especialmente nos meios de comunicação de massa, contribuiu para naturalizar tal associação, fazendo com que ela passasse a ser percebida como uma característica intrínseca da identidade nacional. Esse movimento pode ser compreendido à luz do conceito de “invenção das

tradições” (Hobsbawn; Rangers, 2012), na medida em que práticas e representações historicamente construídas – e marcadas por disputas simbólicas e ideológicas – são progressivamente estabilizadas, ganhando aparência de tradição espontânea e incontestável⁹ (Moscovici, 2007).

Na mesma direção interpretativa, DaMatta (1979; 1982) enxerga o futebol como uma instituição privilegiada para a compreensão da sociedade brasileira. Embora não dialogue explicitamente com Freyre¹⁰, é possível estabelecer uma correlação entre os dois autores, especialmente no que diz respeito à valorização do futebol como um fenômeno cultural central. Ambos adotam uma perspectiva culturalista, tratando o futebol como expressão dos processos de construção da identidade nacional e como prática simbólica que contribui para dar sentido à experiência social brasileira.

Para DaMatta, diferentemente de contextos em que a identidade nacional se estrutura por instituições formais, no Brasil ela se manifesta sobretudo em práticas culturais. Em sua interpretação, o futebol integra um conjunto mais amplo de rituais sociais, ao lado do carnaval, da umbanda e do jogo do bicho, por meio dos quais a sociedade dramatiza suas tensões e reorganiza simbolicamente suas hierarquias. Em obras como *Carnavais, malandros e heróis* (1979) e *Universo do futebol* (1982), o autor argumenta que o jogo não deve ser reduzido a um mecanismo de alienação.

Ele rejeita a ideia de que o futebol seja apenas “ópio do povo” (Souza, 2018a). Para ele, essa visão é reducionista porque ignora a complexidade simbólica e social do jogo. Em vez de ser um instrumento de distração que impede a consciência crítica, o futebol é interpretado como uma forma de “cidadania positiva” e um “fato social total”.

Se o futebol, como seus primos mais conspícuos, (o carnaval, a umbanda e o jogo do bicho), permite uma forma de cidadania positiva, posto que transforma um indivíduo sem eira nem beira, em pessoa momentaneamente

⁹ Na obra *Representações sociais: investigações em psicologia social*, Moscovici introduz o conceito de *themata*, que são ideias-fonte ou conceitos-imagem primários e estáveis (como o átomo ou a dualidade) que orientam a formação das representações. Os *themata* funcionam como axiomas subjacentes que definem o que é relevante e como o sentido será construído no discurso.

¹⁰ No artigo “Antropologia do óbvio - notas em torno do significado social do futebol brasileiro”, DaMatta faz uma nota de rodapé em que afirma: “em memória de Nelson Rodrigues que soube ler no futebol a alma do Brasil” (DaMatta, 1994, p. 11). Nelson, irmão de Mário Filho e por influência deste, incorporou as ideias de Mário em suas crônicas esportivas, tratando o futebol como drama nacional e reforçando a noção de brasilidade ligada ao jogo. Freyre, por sua vez, prefaciou a obra *O negro no futebol brasileiro*, de Mário Filho, evidenciando a proximidade intelectual entre esses autores. Não por acaso muitas ideias presentes em Freyre são encontradas também em DaMatta.

vitoriosa, é porque ele é uma ponte. Um instrumento que pode ser manipulado para permitir a ascensão social. [...] (DaMatta, 1982, p. 18)

[...] o futebol praticado no Brasil deve ser visto não só como um esporte (como uma atividade individualizada com conotações específicas), mas também como um jogo a serviço de todo um outro conjunto de valores e relações sociais. Deste modo, no caso brasileiro, o futebol poderia ser visto como uma instituição capaz de juntar muitas esferas da vida social, daí termos utilizado a noção de Mauss de “fato social total” para poder compreender mais precisamente essa atividade. De fato, trata-se de estudar como o football association dos ingleses passa a ser algo muito mais complexo no Brasil, transformando-se em futebol. (idem, ibidem, p. 26)

Nessa perspectiva, o futebol configura um “drama social” que encena conflitos entre ordem e desordem, disciplina e improviso, hierarquia e igualdade. O campo esportivo, assim como a avenida do carnaval, constitui um espaço ritualizado em que regras são temporariamente suspensas ou ressignificadas, permitindo a vivência de emoções intensas e a construção de vínculos coletivos.

O jogador, por sua vez, tal como o malandro ou o herói carnavalesco, emerge como figura ambígua, situada entre a norma e a exceção, entre o esforço e o talento espontâneo, encarnando valores como a malandragem, a ginga e a criatividade, frequentemente associados à identidade nacional.

Passadas mais de quatro décadas de suas formulações, a obra de DaMatta tem sido objeto de revisões críticas. Damo (2014), por exemplo, argumenta que o autor adota uma visão generalizante do futebol como expressão da identidade nacional, desconsiderando diferenças regionais, sociais e de gênero, além de mobilizar recortes teóricos que tendem a reforçar suas próprias hipóteses e a excluir perspectivas que poderiam contradizê-las. Segundo o autor, tal abordagem resulta em uma leitura tendenciosa e limitada do fenômeno.

De modo semelhante, embora a contribuição de Freyre seja frequentemente celebrada, a literatura acadêmica contemporânea propõe uma leitura crítica de sua obra. Souza (2018b) chama atenção para o fato de que sua interpretação se insere em um contexto intelectual marcado pelo esforço de definir uma identidade nacional em chave conciliadora.

Em diálogo com essa revisão, Guedes (2014) questiona a narrativa freyriana, afirmando que o estilo de jogo brasileiro como arte é uma construção ideológica e midiática. Estudos apontam, nesse sentido, que o talento extraordinário de jogadores brasileiros ocorre de forma pontual, e não como característica constante, sendo frequentemente amplificado pelos discursos da mídia.

Essa problematização é reforçada por Marques e César (2018), que, com base em revisão da literatura (Soares; Lovisolo, 2003; Franco Júnior, 2013) relativizam a visão idílica proposta por Freyre ao indicar que o futebol brasileiro também é atravessado por dimensões como violência, rivalidade e organização tática – aspectos que não se ajustam plenamente à narrativa do futebol-arte.

Para os autores, o futebol-arte é mais um mito alimentado por narrativas midiáticas e interesses políticos do que uma característica permanente do futebol brasileiro. A mídia e o mercado continuam a explorar essa imagem, mas a análise acadêmica mostra que o futebol brasileiro é plural e que o chamado futebol-arte ocorre em momentos pontuais, não sendo uma regra geral.

Ainda assim, há consenso quanto ao caráter pioneiro das interpretações de Freyre e DaMatta, cuja influência permanece evidente tanto no campo acadêmico quanto no senso comum. A recorrência da ideia de futebol-arte na mídia e entre torcedores indica a durabilidade dessas representações no imaginário social.

Na obra *Pays du Foot*, o jornalista francês Astolfo Cagnacci (1998) retoma essa problemática sob uma perspectiva comparativa, ao compreender o futebol como parte de um “*art de vivre*”, isto é, como prática cultural capaz de expressar valores, sensibilidades e formas de sociabilidade. Para o autor, a expressão “país do futebol” não designa uma nacionalidade específica nem uma essência fixa, mas uma condição cultural historicamente construída, na qual o jogo se articula com experiências sociais e formas de vida particulares. Dessa forma, diferentes países – como França, Inglaterra, Hungria, Itália, Argentina, Brasil, entre outros – podem, em contextos distintos, configurar-se como “*pays du foot*”, a partir da existência de estilos reconhecíveis e de sua vinculação com a cultura nacional.

No caso brasileiro, Cagnacci identifica um lugar privilegiado, marcado pela associação entre futebol e expressividade corporal, frequentemente relacionada a práticas culturais como o samba e a capoeira. Essa leitura converge com a tradição inaugurada por Freyre, ao enfatizar a criatividade, o improviso e a dimensão estética do jogo, e dialoga com DaMatta ao reconhecer o futebol como linguagem social capaz de condensar valores coletivos. Ao mesmo tempo, o autor evidencia que esse estilo não é natural nem homogêneo, mas resulta de processos históricos e de sua constante confrontação com modelos de jogo mais disciplinados e racionalizados, especialmente no cenário internacional.

Nesse sentido, a força dessas formulações também se manifesta na reelaboração contínua de categorias analíticas que buscam dar conta das tensões constitutivas do jogo e de seus significados sociais. A dicotomia dionisíaco versus apolíneo mobilizada por Freyre, por exemplo, encontrou outras nomenclaturas ao longo do tempo, como futebol-arte x futebol-força, futebol em poesia e futebol em prosa (Capraro, 2015; Marques, 2015c) e, mais recentemente, futebol-espetáculo x futebol-empresa, evidenciando a atualização histórica dessa oposição em diferentes contextos interpretativos. Em todas essas formulações, permanece em jogo uma tensão entre criatividade e racionalidade, improviso e disciplina, emoção e cálculo.

Tal dicotomia aparece sintetizada na tabela elaborada por Damo:

TABELA 1 - Futebol-arte x futebol-força

futebol brasileiro	futebol europeu
Artístico	Competitivo
Espetáculo	Eficiência
Dionisíaco	Apolíneo
Barroco	Clássico
Intuitivo	Racional
Natureza	Cultura
Dom	Aprendizado
Rua	clube/escola
Jogo	Esporte
Individual	Coletivo
Agilidade	Rigidez
Habilidade	Força
Malandro	Caxias
candomblé/umbandismo	catolicismo/ protestantismo

Fonte: Damo, 1999, p. 91

A oposição organiza duas maneiras de compreender o jogo: de um lado, o pólo associado ao dionisíaco (futebol-arte, poesia, espetáculo), que enfatiza criatividade, improviso, emoção e talento individual; de outro, o polo apolíneo (futebol-força, prosa, empresa), que privilegia disciplina, racionalidade, organização tática e eficiência. A dicotomia, portanto, extrapola o campo esportivo, mobilizando valores culturais mais amplos, como emoção e razão, espontaneidade e controle.

Além disso, está em jogo a própria definição da identidade brasileira. A valorização do polo dionisíaco reforça a ideia de um Brasil singular, criativo e

“naturalmente” talentoso, enquanto a ênfase no polo apolíneo tende a aproximar o futebol nacional de modelos globalizados, marcados pela profissionalização, pela ciência do esporte e pela lógica de mercado.

Outro aspecto relevante é a tensão entre tradição e modernidade. A associação ao futebol-arte remete a um passado idealizado, frequentemente vinculado às Copas históricas e à ideia de genialidade espontânea. Em contraste, noções como futebol-empresa indicam a incorporação de práticas contemporâneas, como gestão profissional, alto rendimento e padronização tática. Nesse sentido, a dicotomia expressa disputas sobre o que o futebol brasileiro foi, é ou deveria ser.

Em última instância, o que se observa é uma disputa de narrativas entre diferentes atores – mídia, intelectuais, dirigentes e torcedores – que buscam definir os sentidos do futebol. Trata-se de uma luta simbólica em torno da interpretação do jogo e, por extensão, da própria identidade nacional.

2.3 O FUTEBOL COMO CAMPO DE TENSIONAMENTOS E DISPUTAS

O futebol brasileiro pode ser compreendido como um campo social no qual se cruzam interesses econômicos, disputas políticas e representações simbólicas em permanente conflito. A obra *Futebol: espetáculo do século* (Costa et al., 1999) registra a consolidação do futebol como produto cultural de massas no final do século XX, momento em que o esporte passa a ser narrado, consumido e vendido sob forte mediação midiática. Na apresentação da edição, Costa afirma:

O futebol é um jogo que tanto desperta paixões entre os seus fanáticos torcedores, quanto opiniões contraditórias entre aqueles pesquisadores que tentam enquadrá-lo em rígidos esquemas de interpretação. Argumenta-se, entre outras coisas, que o futebol não passa de um instrumento usado normalmente pelos Estados totalitários e ditatoriais com a intenção de abafar as possíveis dissidências políticas internas e promover, graças ao delírio da vitória, o ideal de uma pátria una, jovem e poderosa. [...] Todavia é com surpresa que tomamos conhecimento, por exemplo, da opinião do pensador marxista Antonio Gramsci para o qual o *futebol é um reino da liberdade humana exercida ao ar livre* (Costa, 1999, p. 6).

[...] No futebol, a genialidade individual, o aleatório e o acaso, a esperteza de um jogador em enganar o juiz na marcação de uma falta ou penalidade, ou, ainda, a impossibilidade do mesmo em apitar todos os lances faltosos da partida, podem alterar drasticamente o resultado final do placar. Talvez seja essa dimensão do futebol, que escapa ao controle e disciplina totalitários, que possa nos ajudar a entender a célebre frase de Gramsci [...]. Apesar de a ditadura militar brasileira ter tentado capitalizar os louros da vitória na Copa do Mundo de Futebol em 1970, o time brasileiro ganhou não porque a ditadura ordenou que ele ganhasse e sim porque nossos jogadores foram geniais e,

como tal, são reconhecidos pelos apreciadores desse esporte em todo o mundo (idem, ibidem, p. 8).

Sua trajetória revela uma passagem ambígua: de instrumento de construção da identidade nacional, no século XX, para setor marcado por crises institucionais, mercantilização intensa e perda de legitimidade pública na passagem para o século XXI¹¹. Em *Passes e impasses*, Helal (1997) analisa a chamada crise do futebol brasileiro, articulando-a às transformações na construção da identidade nacional. O autor destaca que esse período foi marcado pela queda de público, pelo aumento da violência, pela deterioração da infraestrutura e pela perda da aura simbólica do futebol brasileiro. Ao mesmo tempo, observa mudanças estruturais ligadas à modernização do esporte, como a criação do Clube dos 13, a Copa União, a expansão dos patrocínios, os contratos televisivos e alterações na legislação.

Como vimos anteriormente, a consolidação do futebol como expressão nacional ocorreu em um contexto histórico em que o esporte foi mobilizado para produzir a imagem de um povo integrado. A literatura clássica sobre o tema mostra que sua difusão foi acompanhada por discursos que o associavam à unidade simbólica do país e à construção de uma brasilidade compartilhada. Ainda que essa leitura tenha contribuído para a formação de um imaginário coletivo poderoso, ela não eliminou as cisões sociais que sempre atravessaram o campo esportivo. O futebol integrava simbolicamente, mas não resolvia materialmente as desigualdades que marcavam a experiência cotidiana da população.

Nesse deslocamento, o esporte passou a refletir, com nitidez, tensões mais amplas da sociedade brasileira, sobretudo a desigual distribuição de poder, renda e acesso aos bens culturais (Gonçalves; Magalhães Filho; Alcântara, 2003). A interpretação crítica sobre o chamado lado oculto do esporte ajuda a explicitar essa contradição. Em *Veneno remédio*, o futebol aparece como prática ambivalente, simultaneamente prazer e problema, instrumento de sociabilidade e mecanismo de exploração.

Eric Hobsbawn observou recentemente, que “o futebol carrega o conflito essencial da globalização”, suportando de maneira paradoxal, talvez como nenhuma outra instância, a dialética entre as entidades transnacionais, seus empreendimentos globais e a fidelidade local dos torcedores para com uma equipe (Wisnik, 2008, p. 17).

¹¹ Helal e Gordon (2002, p. 39) situam o início da “crise” especificamente a partir do final da década de 1970. Esse período marca o fim dos “anos dourados” (que os autores delimitam entre 1930 e 1970) e o começo de um desgaste na imagem do futebol brasileiro.

Essa ambivalência também se manifesta em análises internacionais sobre a face oculta do esporte (Jennings, 2011; Andreff, 2021), nas quais se comprova que a cultura esportiva de massas não é isenta, mas atravessada por dinâmicas de exploração, manipulação e corrupção. Em diálogo com essa perspectiva, é possível compreender que o futebol não se reduz à exaltação do espetáculo ou à celebração da paixão nacional; ele também reproduz estruturas de dominação que convertem a participação popular em consumo passivo e em dependência de mediações institucionais e privadas.

Com o avanço da lógica empresarial, o futebol passou a ser reconfigurado como ativo econômico. Gonçalves e Carvalho (2006, p. 2-3) observam que:

O futebol transformou-se numa imensa indústria que movimenta milhões no mundo inteiro. Produziram-se espetáculos esportivos, surgiram os grandes atletas profissionais e os mitos esportivos. Submetido à lógica de mercado, os jogadores transformam-se em mercadoria; os torcedores, em consumidores; o jogo, em um ativo financeiro, e o futebol é visto como um grande negócio.

Essa formulação é central para compreender a transformação estrutural do esporte no Brasil, pois indica que a racionalidade do negócio passou a orientar decisões administrativas, relações contratuais e estratégias de visibilidade. O problema não está apenas na presença do mercado, mas na forma como ele reorganiza as finalidades do futebol, deslocando sua função social para a maximização do lucro.

A partir da implantação da lógica de mercado nas organizações esportivas, ocorre a inserção e a adoção de elementos do universo empresarial e de seus negócios na administração dessas organizações. Conceitos e práticas empresariais se impõem e modificam o discurso de seus dirigentes, bem como as bases de sua legitimidade em seu contexto específico. A ascensão de uma nova lógica de referência traz consigo novos atores, procedimentos e categorias antes exclusivos do ambiente das organizações empresariais, como empresários, mercadoria, clientela, eficiência, resultado e competitividade. Assim como o cinema ou as artes plásticas, hoje, o esporte é tratado como uma indústria que envolve diversas organizações – públicas, privadas ou não lucrativas, que provêm produtos e serviços –, bem como organizações profissionais que contratam atletas, cineastas, atores, artistas plásticos ou curadores (pagando por seu trabalho), além das empresas de entretenimento, especialmente a mídia televisiva (Gonçalves; Carvalho, 2006, p. 2)

Esse processo de mercantilização foi acompanhado pela desinstitucionalização de práticas e valores historicamente associados ao futebol. Gonçalves (2005) e Proni (2000) identificam que a expansão da lógica de mercado e a adoção de um modelo empresarial alteraram a base normativa do campo, favorecendo relações impessoais e estratégias de controle voltadas à obtenção de resultados financeiros. Em vez de fortalecer a dimensão pública do esporte, a modernização empresarial contribuiu para enfraquecer vínculos comunitários, ampliar a dependência de patrocinadores e consolidar uma cultura de gestão orientada por interesses privados. O resultado é um cenário em que a promessa de eficiência convive com a erosão da legitimidade social.

Nesse contexto, Guedes (2006) argumenta que as Copas do Mundo funcionam como rituais capazes de suspender o tempo histórico, instaurando uma temporalidade própria em que a memória do desempenho da seleção brasileira é continuamente mobilizada e amplificada pelos meios de comunicação. Esse processo reforça a narrativa de brasilidade e identidade nacional, mas também reativa debates sobre mercado, soberania e disparidades sociais, revelando contradições que atravessam o futebol enquanto fenômeno social.

Um dos efeitos mais importantes deste fenômeno é que, tendo o Brasil se transformado num exportador de craques, os torcedores brasileiros só se irmanam e são representados por seus mais valiosos jogadores quando eles jogam pelo selecionado brasileiro. Se, por um lado, isso é motivo de orgulho nacional, pois produzimos craques reverenciados no mundo todo, por outro lado é também um signo da pobreza de um país que não pode manter em seu solo seus produtos mais valiosos (Guedes, 2006, p. 169).

Para a autora, a análise da derrota na Copa de 1998 evidencia esse tensionamento: a presença de jogadores atuando no exterior – frequentemente valorizada como estratégia de inserção no mercado global – passa a ser interpretada, em certos discursos, como uma ameaça à identidade nacional, produzindo um paradoxo entre orgulho e vulnerabilidade.

As avaliações da derrota do selecionado brasileiro para o time francês, em 1998, trouxeram, do ponto de vista dos significados que atualizaram e recriaram, uma grande modernidade nas formas pelas quais foram elaboradas suas causas. [...]

A culpabilização dos jogadores estrangeiros ou europeus do futebol brasileiro pela derrota na Copa do Mundo envolve, com bastante clareza, uma avaliação moral que passa pela trajetória da maioria dos jogadores. Em geral, pobres que enriqueceram, são acusados de esquecerem a vida de pobreza,

esquecendo e negando suas origens no sentido mais amplo: sua gente, seu país, seus valores. Acusados, direta ou indiretamente, de não se empenharem suficientemente para a obtenção da vitória, de não lutarem, são acusados, de fato, como traidores da pátria, vendidos que foram pelos valores monetários (Guedes, 2006, p. 170-171).

A crise institucional do futebol também se manifesta em formas persistentes de violência e no afastamento do público. Estudos sobre o futebol brasileiro indicam que a maior parte das ocorrências está ligada a conflitos entre torcidas e a situações que extrapolam o espaço do estádio, mas se articulam à cultura do espetáculo esportivo. A violência, nesse sentido, não pode ser explicada apenas como desvio individual.

Para Murad (2013), diferentemente do estereótipo propagado pela mídia, a violência não é “do” futebol, mas “no” futebol, refletindo problemas mais amplos da sociedade, como tráfico, alcoolismo, homofobia e criminalidade. O autor destaca que tais práticas são protagonizadas por uma minoria – entre 5% e 7% das torcidas organizadas –, mas atingem a maioria dos torcedores, muitas vezes sem vínculo com os grupos agressores. Além disso, o pesquisador critica a ausência de um plano nacional de segurança pública para o futebol, apontando que o problema não reside na falta de legislação – existem o Estatuto do Torcedor, o Código Brasileiro de Justiça Desportiva, entre outros –, mas na impunidade e na aplicação insuficiente das normas existentes.

A elitização do futebol é outro dos efeitos mais visíveis dessa reconfiguração. Em nome da modernização, os clubes e os grandes eventos esportivos passaram a valorizar padrões de consumo mais rentáveis, o que muitas vezes afastou camadas populares historicamente ligadas ao esporte. Esse afastamento não é apenas econômico; ele também é simbólico, porque rompe com a imagem do futebol como patrimônio coletivo. Ao converter torcedores em clientes, o campo esportivo redefine os critérios de pertencimento e enfraquece a dimensão democrática que sustentava seu prestígio social. A crise do futebol, portanto, não é apenas administrativa, mas também cultural. Há quase três décadas, Proni alertava:

A principal meta dos novos gestores dos clubes de futebol é ampliar as receitas e gerar lucros. Para isso, um dos desafios é aumentar a presença do público nos estádios. [...] Vários diagnósticos foram feitos, soluções foram sugeridas. A revista *Placar*, por exemplo, publicou uma série de três reportagens (entre agosto e outubro de 1998) sobre a importância de tratar os torcedores que vão aos estádios como consumidores de um produto que não se limita à qualidade do espetáculo. As sugestões da revista, que procurou ouvir a opinião de especialistas, incluíam melhorias em vários quesitos: conforto, segurança, acesso, estacionamento, venda antecipada do

ingresso, lugar numerado, horário do jogo, atrações, entre outros. A maioria das sugestões tomava como referência o modelo de organização esportiva norte-americano ou europeu – no caso dos estádios, o padrão a ser seguido era o *Stade de France*, um dos mais modernos do mundo. De qualquer forma, a suposição da *Placar* era que a modernização dos estádios brasileiros aumentaria a rentabilidade dos clubes e propiciaria maior satisfação aos torcedores.

Contudo, não se discute um aspecto elementar: com a adoção desse modelo, a composição do público brasileiro nos estádios poderá sofrer alterações – pelo menos nos grandes centros urbanos, onde será implementado o que estamos aqui chamando de futebol-empresa. Porque na lógica do mercado quem paga mais pode mais, ou melhor, tem preferência. Assim, ao tratar o torcedor como consumidor, o clube vai privilegiar o cliente de maior renda (o torcedor “vip”) (Próni, 1999, p. 56-57).

Os megaeventos esportivos intensificaram essas tensões ao articular Estado, mercado e espetáculo em torno de interesses nem sempre convergentes com o bem comum. A pesquisa sobre os legados da Copa do Mundo de 2014 (Marques, 2015b) e dos Jogos Olímpicos de 2016 (Marques; Rocco Júnior, 2018) mostra que, no Brasil, houve ausência de transparência, influência de elites econômicas, superfaturamento de obras e aumento das desigualdades sociais. Embora tais eventos tenham sido apresentados como oportunidades de desenvolvimento, seus efeitos concretos revelaram forte assimetria entre a retórica oficial e a experiência das populações afetadas. Assim, o discurso de inclusão frequentemente funcionou como linguagem legitimadora de uma lógica de acumulação.

Esse movimento confirma que o Estado atuou, na maior parte das vezes, como agente de grupos políticos e empresariais no interior do esporte. O resultado é um modelo em que a cidadania esportiva é prometida, mas a distribuição efetiva de benefícios permanece concentrada. Nesse quadro, o futebol, antes associado à ideia de integração, revela-se como espaço marcado pela captura do público por interesses particulares.

A questão, portanto, não é saber se o Brasil é ou não o “país do futebol” ou se pode recuperar o prestígio da “pátria de chuteiras”, mas se esse modelo de modernização empresarial é capaz de produzir um esporte socialmente inclusivo. A evidência histórica e contemporânea sugere uma resposta cautelosa: quanto mais o futebol se organiza exclusivamente pela lógica do mercado, mais ele se afasta de sua função pública e mais amplia o distanciamento entre espetáculo e realidade popular. Em vez de resgatar a integração nacional, a mercantilização tende a aprofundar desigualdades e conflitos.

Desse modo, o futebol deve ser analisado como um espaço de disputas em que se confrontam projetos antagônicos de sociedade. De um lado, persiste o imaginário do esporte como expressão da nação e instrumento de convivência coletiva; de outro, avança uma racionalidade empresarial que submete o jogo à lógica da rentabilidade. A força analítica desse tema está justamente em revelar que o futebol brasileiro não é apenas uma paixão popular, mas também um campo de tensionamentos onde se expõem os limites da cidadania sob o capitalismo periférico.

3 ESPORTE E MITO

3.1 MITO: RELEVÂNCIA, PERMANÊNCIA E INTERDISCIPLINARIDADE

Ao longo da história, estudiosos e campos do conhecimento diversos têm abordado o tema dos mitos. A investigação acadêmica sobre o assunto revela a riqueza e a complexidade dessas narrativas, permitindo-nos desvendar como diferentes culturas e períodos lidaram com questões existenciais e sociais por meio de histórias que envolvem deuses, heróis e eventos extraordinários.

Desde as civilizações antigas, como a Grécia e o Egito, onde desempenhavam um papel central na cultura e na religião, mais do que fábulas e alegorias, mitos têm sido utilizados para explicar fenômenos, transmitir valores morais e reforçar identidades coletivas.

Mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação, ao longo dos tempos; falam da necessidade mais profunda de contarmos nossa história, compreendê-la, transmitindo-a pelas gerações que se seguem, [...]

Por não ser lógica, a forma de explicação do sistema mítico pode ser compreendida como decorrente de um entendimento vindo, possivelmente, do universo inconsciente. Segundo esse referencial, o mito é entendido como uma forma de explicar o mundo e o ser humano. Os mitos falam da estruturação do universo, da formação das sociedades, de como o mundo foi criado e os homens foram forjados, de como as virtudes, males e pecados apareceram e se instauraram no mundo. Esse modo não lógico de entender as coisas é traduzido pelo mito como uma forma primordial de explicar a realidade de ser e estar no mundo (Lima, 2017, p. 103).

Conforme Perine (2002, p. 36), a filosofia representa a primeira tentativa de compreensão do mito, estabelecendo, desde a sua origem, “uma fascinante relação de amizade e confronto com esse irmão mais velho”.

O alvorecer da filosofia na tradição ocidental mistura as suas luzes e sombras com as do mito que a precedeu na odisseia da humanidade. Com efeito, uma das proposições fundadoras da filosofia ocidental, atribuída a Tales de Mileto, afirma que “tudo está cheio de deuses”, o que aponta para a quase ausência de fronteiras entre o pensamento filosófico nascente e o pensamento mítico então já consolidado na mentalidade religiosa dos gregos (Perine, 2002, p. 36).

Para o pesquisador, muito antes do nascimento de uma filosofia da mitologia ou de uma ciência da mitologia, que pode ser fixada na metade do século XIX da nossa era, já no século VI a.C., Xenófanes de Colofônia lançou as bases da

primeira crítica sistemática da mentalidade religiosa dos gregos, abrindo caminho para a tentativa platônica de compreender o lugar do mito no saber e na vida humana.

Se, por um lado, a partir do livro II da República, Platão pretende acompanhar “em lógos” a formação de uma cidade, o que parece exigir o mesmo tipo de discurso que justificará o banimento da cidade ideal de grande parte da mitologia dominante, sedimentada na obra dos poetas, Homero em particular; por outro lado, recorre frequentemente ao mito em vários momentos da sua obra e também cria alguns mitos, não só porque a sua filosofia é profundamente religiosa e grandemente devedora das concepções órfico-pitagóricas, mas também porque reconhece que uma sociedade, mesmo governada por filósofos, tem necessidade da única realidade que lhe pode dar coesão, isto é, um saber partilhado e implícito pelo qual a comunidade mantém a sua identidade e a expressa nas suas opiniões, nos seus cantos, nos seus relatos e nas suas histórias (Perine, 2002, p. 37).

Assim, Perine defende que, embora o processo civilizatório ocidental, intensificado pelo positivismo e pela razão iluminista dos séculos XVIII e XIX, tenha sido marcado pela tentativa de redução do mito, a evolução semântica aponta mais para aproximações do que para oposições.

O pressuposto fundamental da compreensão filosófica do mito é que ele, antes de tudo, é palavra ou, o que é o mesmo, uma das formas do discurso humano. Fica, portanto, claro, desde logo, que o estereótipo oposição irreconciliável entre mythos e lógos é sem fundamento para uma genuína compreensão filosófica do fenómeno. Prova disso, segundo Clémence Ramnoux, é o fato de que, pelo menos na assim chamada era arcaica da Grécia, o mito, no sentido de “narrativa sagrada”, é praticamente equivalente a um lógos qualificado de hieros. É certo que o lógos, assumindo progressivamente, na era clássica, o sentido de “discurso regrado” e, a partir daí, o de “raciocínio” que remete à “razão”, ao “cálculo” e à “medida”, assumiu um uso filosófico que tendia a se opor ao mito como narrativa sagrada. Entretanto, antes de chegar a uma oposição, mythos e lógos estiveram unidos, pelo menos segundo a antiga etimologia que identifica mythos e palavra. (Perine, 2002, p. 37-38).

Fato é que a mitologia enfrentou dificuldades na sua afirmação como ciência, por ser considerada um amontoado de histórias absurdas e mentirosas resultantes da ignorância humana, representadas em um cenário patético de violência, adultérios e crueldade (Detienne, 1992).

Contrário a essa corrente, Nietzsche alinhou-se aos filósofos que defendiam a valorização do mito. Na obra "O nascimento da tragédia" (1872), ele argumentou que os mitos, especialmente os da Grécia antiga, desempenhavam um papel crucial na formação da cultura e da arte, servindo como uma forma de expressão dos instintos e emoções humanas mais profundos.

Em sua crítica à filosofia moderna, Nietzsche posiciona-se contra a filosofia puramente racionalista e questiona o que é o homem sem os seus mitos, sem suas fontes de significado. Ao que responde:

Sem o mito, toda cultura perde a naturalidade de sua força criativa: um horizonte cercado de mitos encerra em unidade todo um movimento cultural. Todas as forças da fantasia e do sonho apolíneo são salvas de seu vagar ao léu somente pelo mito. As imagens do mito têm que ser os onipresentes e despercebidos guardiões demoníacos, sob cuja custódia cresce a alma jovem e com cujos signos o homem dá a si mesmo uma interpretação de sua vida e de suas lutas: e nem sequer o Estado conhece uma lei não escrita mais poderosa do que o fundamento mítico, que lhe garante a conexão com a religião, o seu crescer a partir de representações míticas. Coloque-se agora ao lado desse homem abstrato, guiado sem mitos, a educação abstrata, os costumes abstratos, o direito abstrato, o Estado abstrato: represente-se o vagar desregrado, não refreado por nenhum mito nativo, da fantasia artística; imagine-se uma cultura que não possua nenhuma sede originária, fixa e sagrada, senão que esteja condenada a esgotar todas as possibilidades e a nutrir-se pobremente de todas as culturas - esse é o presente, como resultado daquele socratismo dirigido à aniquilação do mito (Nietzsche, 1992, p. 135).

O pensamento nietzschiano identificou dois tipos de forças: o apolíneo, relacionado à ordem, à razão e à beleza; e o dionisíaco, relacionado ao caos, aos instintos e às paixões. Ele acreditava que a verdadeira arte grega conseguia equilibrar essas duas forças, criando uma síntese que permitia a expressão completa da experiência humana.

Nietzsche também criticou a moralidade cristã e o racionalismo ocidental, argumentando que essas correntes de pensamento reprimiam a criatividade e os instintos vitais. Sua emblemática afirmação "Deus está morto" (Nietzsche, 2012) sugere que a era da razão e da ciência havia substituído a era dos mitos e da fé. Para Nietzsche, a morte de Deus representava a crise da cultura ocidental, que precisava encontrar novas formas de significação e valor em um mundo sem fundamentos metafísicos absolutos. Cabe ressaltar que o próprio filósofo se ocupava de formular uma nova 'metafísica', afastando-se deliberadamente da visão positivista predominante entre seus contemporâneos.

Já no século XX, a investigação sobre os mitos continuou a evoluir com o desenvolvimento da antropologia, da psicanálise e da semiologia. Teóricos como Ernst Cassirer, Claude Lévi-Strauss, Mircea Eliade, Paul Ricoeur, Sigmund Freud e Carl Jung forneceram construtos teóricos valiosos para a compreensão dos mitos,

destacando como essas narrativas estruturam o pensamento humano, a linguagem e a organização social.

Claude Lévi-Strauss, um dos principais antropólogos do século XX, introduziu o estruturalismo ao estudo dos mitos, propondo que eles refletem estruturas mentais universais e padrões de pensamento. Segundo Lévi-Strauss (2011), os mitos organizam e estruturam a experiência humana de maneira lógica e sistemática.

Simultaneamente, Sigmund Freud (2018) e Carl Jung (2014) exploraram os mitos a partir de uma perspectiva psicanalítica, sugerindo que eles representam arquétipos e desejos inconscientes da psique humana.

Paul Ricoeur (2013), por sua vez, enfatizou a importância do mito no processo hermenêutico, ou seja, na arte e na ciência da interpretação de textos. Um aspecto central na visão de Ricoeur é a função mediadora do mito, sugerindo que os mitos atuam como mediadores entre a realidade tangível e a compreensão humana do transcendente.

Posteriormente, a semiologia e os estudos culturais ampliaram ainda mais a compreensão dos mitos. Roland Barthes, em "Mitologias", analisou como os mitos contemporâneos são construídos e perpetuados pela mídia e pela cultura popular. Barthes argumentou que os mitos modernos servem para naturalizar ideologias e reforçar estruturas de poder.

Os textos das Mitologias foram escritos entre 1954 e 1956; o livro que os reúne foi publicado em 1957. O leitor encontrará nele dois propósitos: realizar, por um lado, uma crítica ideológica da linguagem da cultura dita de massa, por outro, uma primeira desmontagem semiológica dessa linguagem: eu acabara de ler Saussure, e ficara com a convicção de que, tratando as "representações coletivas" como sistemas de signos, seria talvez possível sair da denúncia piedosa e revelar em detalhe a mistificação que transforma a cultura pequeno-burguesa em natureza universal (Barthes, 2001, p. 181).

Partindo do princípio de que o mito é uma linguagem, o autor utiliza métodos semióticos de análise estrutural para refletir sobre o sistema de signos e representações, buscando evidenciar a construção de sentidos operada pela imprensa de meados do século XX.

Barthes entende os mitos como sistemas de comunicação que transformam a realidade em narrativas simbólicas. Ele analisa como elementos do cotidiano – uma luta de rua, um artigo de jornal, uma fotografia, um espetáculo, um filme, uma exposição, uma peça publicitária – são revestidos de significados ideológicos e

culturais, perpetuando valores dominantes na sociedade. Segundo Barthes, “o mito é uma fala”, uma forma de significação carregada de conotações.

Naturalmente, não é uma fala qualquer. São necessárias condições especiais para que a linguagem se transforme em mito [...]. Mas o que se deve estabelecer solidamente desde o início é que o mito é um sistema de comunicação, é uma mensagem. Eis por que não poderia ser um objeto, um conceito, ou uma idéia: ele é um modo de significação, uma forma. [...] já que o mito é uma fala, tudo pode constituir um mito, desde que seja suscetível de ser julgado por um discurso (Barthes, 2001, p. 131).

O teórico defende que o mito não é definido pelo objeto de sua mensagem, mas pela maneira como a comunica, sendo uma fala escolhida pela história. Em outras palavras, o que torna algo um mito não é o que está sendo dito, mas como está sendo dito. O mito, na teoria barthesiana, opera ao nível da linguagem e da significação.

Para ele, os mitos têm vida própria, podendo ser significados e ressignificados de acordo com os usos que a eles são atribuídos. Nesse sentido, um mito pode nascer com um sentido e ser utilizado ou reutilizado independentemente daquele que o produz. O sentido se dá por aquele que se utiliza desse discurso.

Seu conterrâneo, Edgar Morin, também se dedicou a investigar o tema. Morin (1997) defende que os mitos continuam a existir na era moderna, embora transformados e difundidos através de novos meios, como o cinema e a cultura de massas. No prefácio da terceira edição francesa de “As estrelas: mito e sedução no cinema”, Morin afirma:

[...] as estrelas do cinema constituem um material exemplar para ilustrar um problema recorrente nas minhas pesquisas de sociologia contemporânea: o da mitologia, e mesmo o da magia, em nossas sociedades ditas racionais. Este livro se interessa por aquilo que era (e continua) rejeitado como insignificante ou frívolo pela sociologia oficial. Todavia, e ainda que hoje eu enxergue tudo isso com um pouco mais de sarcasmo, As estrelas não releva a “desmitificação”, em que uma vulgata pretensamente marxista deforma os mitos vividos, nos quais só vêem ilusões subalternas destinadas a “alienar” as massas ingênuas.

Aqui, o fenômeno foi levado a sério: as estrelas são seres ao mesmo tempo humanos e divinos, análogos em alguns aspectos aos heróis mitológicos ou aos deuses do Olimpo, suscitando um culto, e mesmo uma espécie de religião.

[...] Ao mesmo tempo, um tema como o das estrelas me parece ainda mais fascinante por nos obrigar a relacionar arcaísmo e modernidade, em vez de os separar como se faz correntemente, levando-nos a considerar tais fenômenos não somente do ponto de vista contemporâneo, mas também do ângulo antropológico: este tema, eflorescência histórica da economia capitalista e de uma civilização burguesa, responde às aspirações

antropológicas profundas que se exprimem no plano do mito e da religião. A estrela-deusa e a estrela-mercadoria, duas faces de uma mesma realidade, nos reenviam, respectivamente, à antropologia fundamental e à sociologia do século XX. Esse tema me parece assim mais estrategicamente rico do que nunca (Morin, 1989, p. x – xii).

Morin argumenta que, na era das mídias de massa, os mitos são construídos e disseminados em larga escala, influenciando a percepção pública e o comportamento social. Ele destaca o papel da mídia na criação de mitos e na formação de narrativas que atendem às necessidades emocionais e simbólicas da sociedade.

Morin vê a cultura de massa – oriunda do cinema, da TV, do rádio – como terreno para a circulação de imagens, símbolos, ideologias e mitos referentes tanto à vida prática quanto à vida imaginária num sistema de identificações e projeções.

Em “O Espírito do Tempo”, ele introduz o conceito de “olimpianos modernos” para descrever figuras públicas que, por meio da mídia de massa, adquirem um status quase divino na sociedade contemporânea. Esses novos olímpianos são celebridades, atletas, artistas e outras personalidades que, graças à sua exposição midiática, se tornam ícones culturais e símbolos de aspiração e admiração.

Os novos olímpianos são, simultaneamente, magnetizados no imaginário e no real, simultaneamente, ideais inimitáveis e modelos imitáveis; sua dupla natureza é análoga à dupla natureza teológica do herói-deus da religião cristã: olímpianas e olímpianos são sobre-humanos no papel que eles encarnam, humanos na existência privada que eles levam. A imprensa de massa, ao mesmo tempo investe os olímpianos no papel mitológico, mergulha em suas vidas privadas a fim de extrair delas a substância humana que permite a identificação. (...) Criando um mundo de sonhos e fantasias no “resto da humanidade”, os Olímpianos, ou seja, as celebridades, levam uma dupla vida, misturando o fictício com o real. São eles: artistas, atletas, playboys, patricinhas, líderes de opinião, “Deuses do Olimpo”, entre outros que se destacam diante de uma sociedade passando a serem modelos de representações para uma vida. O famoso seria aquele que possui um equilíbrio em beleza, heroísmo, sucesso financeiro e carisma (Morin, 1997, p. 106-107).

Ao redor dessas estrelas se instala um culto. Culto esse que às vezes toma o caráter de religião. A base dessa idolatria, para Morin, está num processo de projeção-identificação. O fã se identifica com seu ídolo e, ao mesmo tempo, projeta nele seus desejos, o que ele gostaria de ter ou ser. O ídolo torna-se, assim, um referencial para o seu fã. A indústria cultural, por sua vez, aproveita-se dessa necessidade humana de se projetar em mitos e transforma isso em mercadoria: a

estrela-mercadoria. Ao consumir o produto que leva o nome do seu ídolo, o fã se projeta, sente-se parte do processo. Nessa lógica, quanto maior o sucesso, maior o lucro. Ídolos que morrem, eternizam-se, e tornam-se ainda mais lucrativos.

A morte como elemento perpetuador do mito foi defendida por Marques (2021) na análise da trajetória do piloto automobilístico Ayrton Senna e a cobertura jornalística sobre sua trágica morte, em 1994. Para compreender a narrativa à luz do mito, o autor recorre às obras de Mircea Eliade, Everardo Rocha, Roland Barthes, Joseph Campbell e Claude Levi Strauss e conclui: “a obsessão por todos os recordes absolutos não chegou a seu fim por causa da derrocada do herói para o inimigo – ela deixou de ser alcançada pela simples contingência da tragédia, neste caso tão fatal para o piloto e ao mesmo tempo tão eternizante para o herói.” (Marques, 2021, p. 352).

Por fim, mas não menos importante, Joseph Campbell é considerado uma das maiores autoridades sobre os mitos. Em sua obra seminal “O Herói de Mil Faces” (1997), ele revelou uma estrutura narrativa universal, a qual ele chamou de “monomito” ou “jornada do herói”¹². Ele defende que todas as narrativas heroicas compartilham uma estrutura comum, que envolve a partida do herói de seu mundo cotidiano, a superação de desafios e adversidades, e o retorno transformado com novos conhecimentos ou poderes que beneficiam a comunidade.

Campbell (1997) sugere que essa estrutura não é apenas literária, mas também psicológica, refletindo as etapas da jornada de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal que todos os seres humanos enfrentam.

Segundo o estudioso, os mitos são uma linguagem simbólica que comunica verdades universais sobre a condição humana, desempenhando um papel crucial tanto para o indivíduo – no seu esforço em encontrar e afirmar sua personalidade – como para a sociedade – na sua necessidade de estabelecer uma identidade coletiva.

Para o mitólogo (Campbell, 1991, p. 15), “um dos maiores problemas do mundo contemporâneo é a falta de familiaridade com a literatura do espírito”. Ele argumenta que, independentemente da cultura, os mitos desempenham um papel

¹² A jornada do herói consiste em um modelo dividido em três grandes fases. A primeira fase é “a partida”, ou chamado da aventura, que descreve o processo da saída da zona de conforto da personagem e o começo de sua evolução. A segunda fase ou o meio é denominado de “a iniciação”, que desenvolve o processo de descoberta e a superação de novos desafios. Por fim, “o retorno”, que representa o processo no qual o herói supera o fantástico e retorna ao cotidiano após alcançar o objetivo de sua aventura (Campbell, 1997).

fundamental, ajudando-nos a enfrentar desafios, buscar significados mais profundos e conectar-nos com algo maior do que nós mesmos.

Ao destacar a universalidade e a importância dessas histórias atemporais na experiência humana, ele ressenste que o interesse pelo factual e por nossas necessidades imediatas nos afastem da “atenção dedicada à vida interior” e da “herança recebida de nossa tradição, seja ela transmitida por Platão, Confúcio, Buda, Goethe e outros nomes que falam dos valores eternos”.

Com a perda disso, perdemos efetivamente algo, porque não possuímos nada semelhante para pôr no lugar. Esses bocados de informação, provenientes dos tempos antigos, que têm a ver com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, que construíram civilizações e enformaram religiões através dos séculos, têm a ver com os profundos problemas interiores, com os profundos mistérios, com os profundos limiares da travessia, e se você não souber o que dizem os sinais ao longo do caminho, terá de produzi-los por sua conta. Mas, assim que for apanhado pelo assunto, haverá um tal senso de informação, de uma ou outra dessas tradições, de uma espécie tão profunda, tão rica e vivificadora, que você não quererá abrir mão dele (Campbell, 1991, p. 15).

Deste modo, o estudioso nos instiga a explorar o mundo dos sonhos, do não dito, dos ritos, o sentido das metáforas e imaginação coletivas, ultrapassando o cientificismo racional a que estamos submetidos.

Um dos exemplos mais afamados da influência de Campbell é sua inspiração para George Lucas na criação da franquia cinematográfica "Star Wars", onde a estrutura da jornada do herói é claramente visível.

O mapa arquetípico de desenvolvimento de personagens e histórias proposto por Campbell é amplamente estudado e utilizado até hoje, constituindo-se uma fonte na qual bebem pesquisadores, escritores, cineastas e criadores de conteúdo ao redor de todo o mundo.

Esses estudos demonstram que, embora os mitos tenham origens remotas, eles continuam a desempenhar um papel vital na formação das narrativas culturais e na construção de significados na sociedade contemporânea.

Concordamos, pois, com a visão segundo a qual:

[...] a consciência mítica, surgida com o aparecimento do ser humano no mundo, não é uma consciência arcaica ou primitiva, no sentido pejorativo dos termos, que devia ser descartada com o advento e a soberania da razão raciocinante. Ao contrário, a consciência mítica é um dos níveis estruturais da consciência humana, que corresponde à primeira experiência do ser humano no mundo, que é sempre a experiência do seu enraizamento e da sua

abertura para o sentido. A emergência da “idade da razão”, com os fisiólogos e filósofos gregos, não aboliu definitivamente a “idade dos mitos” (Perine, 2002, p. 49).

Os mitos não são, portanto, apenas sobejos de um passado distante, mas continuam a nos influenciar. Por meio da mídia, da literatura e das artes, os mitos são reinterpretados e adaptados, refletindo as preocupações e os valores do homem moderno.

Esse fenômeno é particularmente evidente na indústria do entretenimento, onde narrativas míticas são frequentemente recicladas em novos contextos, perpetuando arquétipos e antigos simbolismos.

3.2 INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DO MITO

Ao debruçar-se sobre os teóricos que buscaram definir o sentido do mito, Perine identificou três caminhos: a interpretação tautegórica, a alegórica e a simbólica ou metafórica.

O primeiro [caminho] busca o sentido do mito na própria mitologia. Esse modo de interpretar o mito, cujo representante mais conhecido é Claude Lévi-Strauss, entende que a mitologia deve ser considerada como uma “mitológica”, isto é, como um sistema coerente, ordenado e fechado de mitos e de crenças diversas, que não pretende dizer “outra coisa” além da realidade, mas apenas especular sobre suas virtualidades latentes. Dado que o mito quer simplesmente dizer “a mesma coisa” e não “outra coisa” além da realidade, essa interpretação foi também chamada de “interpretação tautegórica” do mito. O segundo modo de interpretação busca o sentido do mito fora ou além da mitologia, numa tentativa de despir o mito de sua roupagem fabulosa para encontrar outra coisa diferente do que ele diz. Essa interpretação é chamada de “alegórica” (do grego állos, outro; agoreúein, dizer), justamente porque busca um sentido escondido sob o sentido imediato, o qual é considerado inaceitável. Sob o nome de hupónoia, cujo sentido primeiro é “suspeita” ou “conjectura”, essa interpretação aparece muito cedo na Grécia e seus mais famosos representantes foram os pitagóricos e o estoicos. O terceiro modo busca o sentido do mito através da mitologia. Esse modo foi inaugurado pelos neoplatônicos, na antiguidade, e encontra em Paul Ricoeur um dos seus mais conhecidos representantes atuais. Para essa interpretação, o mito contém um elemento indizível que o discurso racional não pode enunciar, e, por isso, ela é também conhecida como “interpretação simbólica” ou “metafórica” do mito (Perine, 2002, p. 38-39).

O primeiro e o terceiro modos, de acordo com o pesquisador, reconhecem no mito uma forma de discurso e o situam, portanto, no campo da linguística.

Considerando-se o objeto e objetivos desta tese, interessa-nos primordialmente a fundamentação da interpretação simbólica ou metafórica do mito.

O ponto de partida do modelo metafórico ou simbólico de interpretação do mito é a noção de que a metáfora representa sempre uma transferência de sentido. Perine explica que essa transferência de sentido não é uma propriedade da estrutura linguística, mas se situa no campo do discurso. Portanto, é o enunciado, enquanto ato discursivo, que carrega o sentido e a referência. Conforme esse modelo, o mito deve ser situado e compreendido no âmbito de uma semântica relacionada aos enunciados, e não de uma semiótica, que se ocupa apenas das unidades da língua.

É importante compreender três aspectos para entender o funcionamento da linguagem simbólica, segundo o autor (Perine, 2002). Primeiro, o processo metafórico geral da linguagem; segundo, o fenômeno do sentido múltiplo ou polissemia; e, por fim, a estrutura contextual que não fixa uma única pauta ou alvo para o discurso, mas instaura a polifonia ao nível do discurso.

O caráter simbólico implícito ao mito repousa sobre essa arquitetura de significações, da qual apenas uma teoria da linguagem considerada como discurso, e não apenas como sistema de signos, pode dar conta.

No âmbito de uma teoria metafórica, é possível abordar a questão da intenção significativa do mito. Caminhando neste sentido, Ernst Cassirer e Mircea Eliade são autores frequentemente acionados nos estudos de Comunicação.

Representante do pensamento neokantiano, Cassirer (1992) explora a relação entre linguagem e mito, argumentando que ambos são formas simbólicas fundamentais para a compreensão humana do mundo.

As considerações anteriores permitiram-nos comprovar quão estreitamente se enlaçam, em toda parte, o pensar mítico e o lingüístico, e nos mostraram como a estrutura do mundo mítico e do lingüístico, em largos segmentos, é determinada e dominada pelos mesmos motivos espirituais. A esta altura, porém, resta ainda fora de apreciação um motivo essencial, em que, segundo parece, a mencionada relação não só se expõe efetivamente, como também se faz, a partir daí, compreensível em sua origem e causa última. Só se pode entender verdadeiramente, em última instância, que o mito e a linguagem estejam submetidos às mesmas ou à [sic] análogas leis espirituais de desenvolvimento, se se consegue apontar uma raiz comum de onde ambos tenham surgido. [...] por mais que se diferenciem entre si os conteúdos do mito e da linguagem, atua neles uma mesma forma de concepção mental. Trata-se daquela forma que, para abreviar, podemos denominar o pensar metafórico. Portanto, parece que devemos partir da natureza e do significado da metáfora, se quisermos compreender, por um lado, a unidade dos mundos mítico e lingüístico e, por outro, sua diferença (Cassirer, 1992, p. 101-102).

Enquanto a linguagem permite a comunicação e a construção de conhecimento, o mito, por meio de sua linguagem poética e metafórica, fornece uma compreensão intuitiva e emocional, expressando conceitos e ideias que são difíceis de articular em termos racionais ou científicos.

Ele defende que “a metáfora é o vínculo intelectual entre a linguagem e o mito”, sendo a linguagem mítica a ponte entre os mundos racional e simbólico. Cassirer vê o mito como uma expressão simbólica que, assim como a linguagem, cria um mundo significativo próprio, permitindo aos seres humanos transcenderem a realidade imediata e construir uma compreensão mais profunda e complexa do universo.

[...] a linguagem e o mito se acham originariamente em correlação indissolúvel, da qual só aos poucos cada um se vai desprendendo como membro independente. Ambos são ramos diversos do mesmo impulso de enformação simbólica, que brota de um mesmo ato fundamental e da elaboração espiritual, da concentração e elevação da simples percepção sensorial. Nos fonemas da linguagem, assim como nas primitivas configurações míticas, consoma-se o mesmo processo interior; ambos constituem a resolução de uma tensão interna, a representação de moções e comoções anímicas em determinadas formações e conformações objetivas (Cassirer, 1992, p. 106).

O filósofo alemão sugere que a linguagem e o mito compartilham uma origem comum e desempenham papéis complementares na construção do conhecimento humano. A linguagem, segundo Cassirer, não é apenas um meio de comunicação, mas uma ferramenta que molda a percepção e a experiência. Da mesma forma, o mito oferece uma estrutura simbólica que ajuda a organizar e dar sentido às experiências humanas.

Assim como Cassirer, Mircea Eliade também se destaca como uma das principais referências no estudo dos mitos. Para o cientista e historiador, os mitos são narrativas sagradas que relatam eventos primordiais ocorridos ab initio, isto é, o tempo fabuloso dos começos. O mito seria, nesta acepção, um relato das origens.

Noutros termos, o mito conta como, graças aos feitos dos Seres Sobrenaturais, uma realidade passou a existir. (...) É sempre, portanto, a narração de uma ‘criação’: descreve-se como uma coisa foi produzida, quando começou a existir. O mito só fala 3 daquilo que realmente aconteceu, daquilo que se manifestou plenamente (Eliade, 1989, p. 12-13).

Eliade interpreta os mitos como instrumentos que conectam as sociedades arcaicas com o tempo mítico, permitindo uma espécie de “eterno retorno” a esse tempo sagrado.

Um mito narra os acontecimentos que se sucederam in princípio, ou seja, “no começo”, em um instante primordial e atemporal, num lapso de tempo sagrado. Esse tempo mítico ou sagrado é qualitativamente diferente do tempo profano, da contínua e irreversível duração na qual está inserida nossa existência cotidiana e dessacralizada. Ao narrar um mito, reatualizamos de certa forma o tempo sagrado no qual se sucederam os acontecimentos de que falamos (Eliade, 1991, p. 54).

Sua abordagem mostra que os mitos desempenham um papel fundamental não só na estruturação das tradições religiosas, mas também na elaboração das culturas humanas em geral, afastando-o assim da ideia de que o mito se apresenta como ficção, uma não verdade.

Para Eliade, mito e realidade não são instâncias separadas ou opostas, o mito “vivo” é essencial para a compreensão das realidades culturais e espirituais “[...] no sentido de que fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência” (Eliade, 1972, p. 8).

O pensador considera o mito um modelo de comportamento e interpreta seus exageros como uma representação humana cultural e espiritual, distanciando-o, assim, de um significado patológico como visto por outros autores (Eliade, 1989).

Ele vê os mitos como ferramentas fundamentais que permitem às sociedades humanas reviverem e reatualizarem eventos significativos, proporcionando a estrutura para os rituais e as tradições. Eliade argumenta que os mitos são veículos através dos quais os humanos compreendem e dão sentido ao mundo (Eliade, 1972).

3.3 O MITO DO HERÓI NO ESPORTE MODERNO

Os mitos permanecem como parte central da experiência humana, sendo reconfigurados nos contextos contemporâneos da cultura de consumo e espetáculo midiático. No ambiente esportivo, o esporte assume papel de “lócus” privilegiado de novas mitologias, pois narrativas de superação, vitória e excepcionalidade atravessam a mídia, a torcida e as instituições, formando um imaginário coletivo altamente simbólico.

Em diversas culturas, o esporte funciona como um rito de passagem. O antropólogo alemão Arnold Van Gennep foi pioneiro no estudo desses ritos. O rito, segundo o autor, revela um momento de passagem entre um antes e um depois; assinala e torna significativa a transição entre estágios diferentes da vida individual ou coletiva, sempre reconhecidos pelas sociedades, numa dimensão cerimonial de ruptura do cotidiano. É na diferenciação entre as transposições de fronteiras assinaladas com rituais ou ignoradas que, conclui Gennep, podemos ver reveladas as prioridades de cada sociedade (Gennep, 2011).

Esses mitos participam da construção da identidade coletiva. Histórias de conquistas esportivas são recorrentemente mobilizadas para reforçar sentimentos de pertencimento, coesão e orgulho de uma comunidade, região ou nação. Atletas bem sucedidos são frequentemente alçados à condição de heróis públicos, sintetizando valores como coragem, perseverança e disciplina, tornando-se marcos históricos e fontes de celebração ao longo do tempo. Assim, tanto os mitos quanto os esportes servem como veículos para transmitir e reforçar valores e normas culturais. Através da mitologia, valores como bravura, *fair play*, e a importância do esforço e disciplina são introduzidos e ratificados.

Conforme Rubio (2017, p. 15), mito e história, assim como mito e esporte, se confundem desde os primórdios. A relação entre mitos e esporte tem raízes na Antiguidade, quando as competições ainda eram chamadas de práticas atléticas, e se estende até os dias atuais. Em muitas culturas antigas, os jogos e competições eram dedicados aos deuses e heróis mitológicos.

Os jogos Pan-Helênicos, denominação de quatro grandes competições – Jogos Olímpicos, Píticos, Ístmicos e Nemeus – eram realizados para celebrar homenagens a deuses como Zeus, em Olímpia, Jogos Olímpicos; Apolo, em Delfos, com o nome de Jogos Píticos; em Corintio, festejavam-se os Jogos Ístmicos a Poseidon; em Nemeia os Jogos Nemeus, dedicados a Héracles; os Jogos Heranos, dedicados à deusa Hera, esposa de Zeus, com a participação exclusiva de mulheres; e os jogos Fúnebres, considerados os mais antigos e talvez precursor dos Jogos Olímpicos, eram dedicados aos mortos, como descreve Homero, na Ilíada, sobre a homenagem a Pátroclo; as Panateias, evento realizado em honra a Athena, tendo sido construído especialmente para esse evento, em 380 a.C. por Licurgo, o estádio Panatenaico, em Atenas, e reconstruído e ampliado por Herodes tico no século II, para abrigar 50 mil espectadores (Rubio, 2021, p. 148).

A prática de atividades atléticas na civilização helênica fazia parte da Paidéia, um sistema de educação e formação ética destinado a criar cidadãos

completos. Conforme Amato, Gonçalves e Silva (2017, p. 158), além do desenvolvimento corporal, esse sistema incluía música, artes, poesia, ética e outras práticas culturais. A expressão máxima dessas atividades ocorria nos Jogos Públicos, que eram essencialmente festivais religiosos que mobilizavam toda a Grécia antiga. Os atletas, ao participar dessas competições, representavam a si mesmos e suas cidades-estados, na tentativa de transcender a condição humana e se aproximar dos deuses.

Ao explorar essas histórias, Rúbio tem se destacado na investigação do mito do herói na trajetória do atleta, pesquisa à qual tem se dedicado há mais de duas décadas. Segundo ela, “nenhum outro mito foi tão cultuado e se mantém por tanto tempo no imaginário como o do herói” (Rubio, 2017, p. 25).

Herói é o nome dado por Homero aos homens que possuem coragem e méritos superiores, favoritos entre os deuses. Para Hesíodo são filhos da união entre um deus e uma mortal ou de uma deusa com um mortal. Segundo Brandão (1999) o herói é uma idealização e para o homem grego representava o imaginário da *kalokagathía*, a ‘suma probidade’, o valor superlativo da vida helênica. Para Vernant (1990) os heróis são guerreiros que lutam e morrem na guerra; é uma raça considerada mais justa e ao mesmo tempo mais valorosa militarmente (idem, ibidem).

Conforme Rubio e Carvalho (2005, p. 351), a *areté* – virtude cavalheiresca composta por qualidades que tornam o homem um herói – está presente na educação grega e pode ser dividida em duas partes: a) *areté* do corpo, que diz respeito às condições físicas como vigor, força, beleza e destreza, e b) *areté* do espírito, representada por sagacidade, bondade, prudência, senso de justiça, amor às artes e agudeza mental.

É crucial, no entanto, problematizar essa idealização, sobretudo ao trazer a tradição grega e o Olimpismo moderno para o mesmo campo de análise. Nesse sentido, Lessa defende que: “o esporte, assim como outros fenômenos históricos, não pode ser estudado isoladamente de seu contexto social, histórico e cultural” (Lessa, 2018, p. 12).

Segundo o autor, já na Antiguidade, as atividades atléticas estavam inseridas em um sistema ampliado de formação do cidadão, denominado *paideía*. Para os gregos, a *paideía* não se restringia à instrução intelectual, mas abrangia também a educação física, a formação ética e a participação em práticas culturais e religiosas. Os jogos públicos e os eventos religiosos ligados a deuses e heróis

funcionavam como festivais que mobilizavam o mundo grego, transformando a competição em um ritual de representação das cidades-estado (*póleis*).

Os grandes festivais atléticos, como os Jogos Olímpicos, eram realizados em honra a deuses ou heróis fundadores e tinham caráter profundamente ritualístico: aconteciam em espaços sagrados, envolviam sacrifícios, procissões e premiações simbólicas, como coroas de ramos, que aproximavam o atleta vitorioso do divino e o imortalizavam na memória coletiva.

Além disso, Lessa destaca que a participação nos jogos reforçava as fronteiras entre gregos e estrangeiros, entre vencedores e vencidos, e entre diferentes grupos sociais dentro da pólis, sendo um instrumento de construção identitária e de afirmação dos valores da comunidade. Assim, a competição atlética, para além do simples confronto físico, era um momento de celebração da excelência (*areté*), da honra e da pertença à coletividade helênica.

Na mesma direção, a obra organizada por Yalouris (2004) mostra que a função dos jogos na Grécia Antiga era muito mais complexa do que a ideia moderna de comprometer-se apenas por competir. Como observado em análises historiográficas e antropológicas do esporte antigo, os estudos revelam que tais competições eram menos espaço de paz entre povos e mais arena de prestígio político e honra aristocrática. As Odes Olímpicas de Píndaro (1970) reforçam essa dimensão: a canção que celebra o vencedor também consagra o herói.

Nesse horizonte, o conceito de *areté* ganha contornos ambíguos, sobretudo quando se considera que o *agon* (conflito) grego remete tanto à competição esportiva quanto à luta de guerra e à disputa de honra. As competições atléticas funcionavam como uma arena na qual o cidadão grego expressava sua excelência corporal e social, em estreita ligação com a religião e a estrutura da cidade-estado.

O conjunto de jogos pan-helênicos sustentava uma visão de excelência muito distinta da leitura humanista e pacificadora que o Olimpismo moderno tende a reivindicar. A noção de “bondade” e de “virtude” do espírito, valorizada pelo discurso contemporâneo, nem sempre se encaixa na lógica aristocrática, guerreira e profundamente desigual da Grécia arcaica e clássica.

Assim, a idealização que o Olimpismo faz dos jogos antigos esconde, com certa frequência, esse caráter violento e excludente. A leitura humanista de Pierre de Coubertin tende a transformar a vitória, sublinhando valores como *fair play* e alegria

no esforço, mas amortecendo a centralidade do conflito, da dominação e da hierarquia.

Gumbrecht (2007) ilustra essa ambiguidade ao afirmar que a contemplação dos corpos atléticos contemporâneos pode evocar uma experiência estética intensa, próxima de uma epifania, ao mesmo tempo em que reconhece a presença de dor, exaustão e violência, evidenciando que o reconhecimento aos atletas que “deram o melhor de si” não elimina trajetórias frequentemente marcadas por degradação, abandono, uso de drogas ou exploração comercial.

A figura do herói, desse modo, é um vetor de contradições: ela conecta a esfera física (*agon*, vitória, beleza) e a esfera moral (virtude, justiça, sacrifício). A narrativa canônica do herói, tal como estudada em tradições de mito e literatura, recorre a modelos de jornada, como o arquétipo proposto por Campbell, que descreve o herói como alguém que “deu a própria vida por algo maior que ele mesmo” (Campbell, 1991, p. 119).

O mito do herói tem sido, desse modo, uma das formas mais perenes de tradução da trajetória humana em busca de sentido e lugar no mundo, redenção e superação de dificuldades da vida. Durante a jornada, o herói enfrenta desafios, adquire conhecimento e experimenta uma transformação significativa, retornando à sua comunidade com um novo entendimento e, muitas vezes, algo de valor a oferecer.

Figura iluminada, o herói é representado como um “senhor de dois mundos”, habitante e conhecedor de planos superiores e inferiores, aquele que, depois de mergulhar nas profundezas do desconhecido, retorna, apesar de grandes dificuldades, com a chave do reino dos céus, o toção de ouro, a solução para o grande enigma ou a restauração da ordem (Campbell, 1997).

Rubio (2017, p. 23) argumenta que a figura espetacular do atleta contemporâneo evoca uma inevitável aproximação com o mito do herói, pois é utilizada como referencial de indivíduo que, mesmo tendo enfrentado as mais duras provas e os mais difíceis adversários, traz consigo a marca da vitória. Além de capturar a imaginação coletiva, esses mitos também têm o poder de influenciar comportamentos e opiniões, moldando ideais de excelência, resiliência e a própria identidade do atleta.

O atleta se identifica com o mito de herói por ser reconhecido como um ser raro, um entre milhares, usufruir de prestígio e projeção social. Essa condição extraordinária, que envolve inevitavelmente a superação de limites, torna o atleta alvo

de identificações, levando-o a ser adorado por sua torcida, respeitado e temido pelos adversários. No campo do imaginário, os atletas enquadram-se, desse modo, entre os que melhor representam os anseios sociais modernos por autorrealização e sucesso.

Contudo, a leitura crítica de autores como Hallett indica que a construção de heróis na história ocidental frequentemente se alimenta de apagamentos. Os homens (e mulheres) que entram para a história como exemplos de retidão e excelência costumam, em suas biografias, esconder condutas ambíguas, exclusões, violências e privilégios pouco confessáveis (Hughes-Hallett, 2007).

No contexto esportivo, o atleta contemporâneo é, muitas vezes, recortado e narrado por meio de um imaginário de excepcionalidade, que sublinha a marca da vitória, mesmo em derrotas, mas que esconde, em muitos casos, uma vida privada tensa, marcada por sacrifícios, renúncias e conflitos psicológicos.

Freitas e Rubio, ao recorrer ao mito das sereias, sugerem que o canto irresistível representa “todas as distrações que se apresentam ao longo da trajetória do atleta, em meio a provações e incertezas, desviando-o de seu objetivo central” (Freitas; Rubio, 2017, p. 174).

A sereia, no imaginário brasileiro, refere-se à figura de lara, a Mãe d'água, figura metade peixe, metade mulher, que encanta os pescadores e habitantes ribeirinhos, fazendo com que se afoguem (de fato e, também, de paixão). Segundo Brandão (1991, p.375), na mitologia grega significa “aquela que encadeia, atrai os homens, sobretudo no mar”. São filhas do rio Aquelô e de Melpômene ou de Estérope, jovens de beleza singular que participavam do séquito de Core-Perséfone. Na Teogonia elas são identificadas por suas vozes agudas e claras e conseguem, segundo Hesíodo, enfeitiçar os ventos. Na Odisseia, Ulisses é orientado pela maga Circe de que seu navio passaria ao largo da ilha onde as sereias estariam postadas, e seu canto, desviava os marinheiros de suas rotas com sua voz irresistível (Freitas; Rubio, 2017, p. 173-174).

A ideia de superação, tão central no discurso esportivo, aparece reforçada na Carta Olímpica, que, ao prescrever o lema *Citius, Altius, Fortius*, convida a “superar-se constantemente, em corpo e espírito” (Carta Olímpica, 2001 *apud* Freitas; Rubio, 2017, p. 175)¹³.

¹³ Em 2021, o Comitê Olímpico Internacional modificou o lema olímpico ao acrescentar “Communiter”, de modo que “Citius, Altius, Fortius” passou a “Citius, Altius, Fortius -- Communiter”, destacando a importância da unidade e da solidariedade no esporte e no mundo em geral (COMITÉ OLÍMPICO INTERNACIONAL, s.d., s.p.).

No entanto, a mitificação do herói pode, por vezes, servir para ocultar as tensões sociais e de gênero que marcam a tradição atlética. A figura do herói grego modernamente celebrado tende a encobrir a exclusão das mulheres, o caráter aristocrático, a ligação com a guerra e a ideia de que o verdadeiro valor esteve, em sua origem, em “vencer” e não apenas em “participar”. O mito do herói, em suma, continua sendo uma narrativa que seleciona e exalta certos elementos, ao mesmo tempo em que esquece outros – como a violência estrutural, a desigualdade e a ambiguidade moral de seus protagonistas.

3.4 FUTEBOL, IDOLATRIA E MITO

O futebol, no Brasil, ultrapassa amplamente a condição de prática esportiva e se organiza como um sistema de significados sociais, afetivos e simbólicos. Sua centralidade cultural se deve, em larga medida, ao modo como é narrado pelos meios de comunicação, que o transformam em espetáculo, memória coletiva e linguagem de identificação nacional. Nesse processo, o atleta deixa de ser apenas um agente competitivo e passa a ocupar o lugar de ídolo, figura que concentra projeções, expectativas e valores compartilhados, sendo frequentemente descrita por atributos que o aproximam do herói e do mito.

Esta característica do “ídolo-herói” acaba por transformar o universo do futebol em um terreno extremamente fértil para a produção de mitos e ritos relevantes para a comunidade. Dotados de talento e carisma, o que os singulariza e os diferencia dos demais, estes “heróis” são paradigmas dos anseios sociais e, através das narrativas de suas trajetórias de vida, podemos perceber alguns traços que são frequentemente recorrentes e super enfatizados. Estas narrativas da vida e saga dos heróis, antes “elaboradas” a partir de uma relação mais “próxima”, “amadora” e “pessoal” com o público, são, hoje em dia, “mediatizadas” e “elaboradas” de uma forma mais “distante”, “profissional” e “impessoal”. Por isso, podemos nos referir à idolatria no futebol dos anos 90 como uma idolatria “mediatizada”, sem nenhum sentido pejorativo ou de questionamento quanto às qualidades extraordinárias destes ídolos. Desta constatação, podemos partir para algumas análises sobre a forma como a mídia “constrói” a narrativa da figura mítica de alguns destes ídolos do futebol, bem como levantar algumas questões sobre a eficácia desta “construção” (Helal, 1999, p. 33-34)

A relação entre esporte e mídia é decisiva para compreender esse deslocamento. Betti (2001) chama a atenção para o fato de que “todo o esporte que está na mídia é, na verdade, um esporte da mídia”, indicando que a visibilidade pública do fenômeno esportivo é atravessada por critérios de seleção, ênfase narrativa e enquadramento simbólico. No futebol, isso significa que o jogo transmitido, comentado

e reeditado nos noticiários já não é apenas o jogo em si, mas uma versão mediada dele, produzida para consumo público e interpretada à luz de valores culturais amplos.

A rigor, não existe esporte na mídia, apenas esporte da mídia. Se a mídia enfocasse o esporte como cooperação, auto-conhecimento, sociabilização etc., em vez da habitual ênfase no binômio vitória-derrota, recompensa extrínseca, violência etc., ainda assim estaria fragmentando e descontextualizando o fenômeno esportivo, pois a competição e uma certa agressividade são a ele inerentes. [...] Evidentemente, estamos nos referindo ao esporte formal, institucionalizado em federações e passível de espetacularização pela televisão, e, portanto, ignorando a polissemia associada à palavra “esporte” (Betti, 1998). Admitir o esporte na mídia exigiria aceitar o pressuposto de que a mídia fosse capaz de abordar o esporte em sua inteireza, o que não é possível por dois motivos, ao menos: i) pela própria natureza e limitações de cada mídia; ii) pelo fato de que cada mídia cumpre funções específicas (Santaella, 1996) (Betti, 2001, p. 1).

Nessa mesma direção, Cavalcanti (1999, p. 240) observa que há uma construção evidente, tanto pela mídia quanto por interesses do capital, de personagens que passam a representar o ideal coletivo. Conforme o autor, “sempre há um ‘herói de plantão’”, especialmente no esporte, que, ao dramatizar o confronto pela conquista, favorece a emergência do atleta como figura privilegiada do heroísmo contemporâneo.

Cavalcanti (1999, p. 241) diferencia o herói esportivo do herói clássico, como o de Homero. Enquanto o herói mítico estava ligado a causas nobres e coletivas, o herói contemporâneo está associado, muitas vezes, à sobrevivência, ao sucesso individual e à visibilidade. Ainda assim, mantém sua função simbólica central: servir como referência e objeto de identificação para a sociedade.

Na perspectiva de Helal (1999, 2003a), a construção do herói no esporte contemporâneo difere fundamentalmente de outros campos devido ao seu aspecto agonístico. Nesse sentido, conforme o autor, a especificidade do campo esportivo é fundamental para compreender a diferenciação:

De saída, uma diferença básica entre ídolos do esporte e ídolos de outros universos, como música e dramaturgia, por exemplo, mostra-se reveladora. Enquanto os primeiros possuem características que os transformam em heróis, os do outro universo raramente possuem estas qualidades. A explicação para este fato reside no aspecto agonístico que permeia o esporte. O “sucesso” de um atleta depende do “fracasso” do seu oponente. É uma competição que ocorre na ação do espetáculo. Ambos, ídolos do esporte e ídolos da música, se transformam em celebridades, porém, só os ídolos do esporte costumam ser considerados “heróis” (Helal, 1999, p. 32).

A passagem do ídolo ao herói, portanto, pode ser compreendida a partir dessa singularidade do campo esportivo. Com base em Morin e Campbell, ele defende existir uma distinção clara entre celebridades e heróis: enquanto as primeiras vivem para si, os heróis devem agir para redimir a sociedade. No contexto do futebol brasileiro, essa função redentora transforma os ídolos em paradigmas dos anseios sociais, cujas trajetórias são narradas como sagas épicas.

Essa construção é especialmente visível na fabricação dos ídolos. Helal (2003a) mostra que as trajetórias de jogadores de futebol são frequentemente “editadas” pela imprensa de modo a enfatizar certos traços e silenciar outros. Em seu estudo sobre Zico e Romário, ele demonstra que o processo de idolatria envolve uma operação discursiva que articula biografia, contexto social e repertório cultural, convertendo o atleta em personagem exemplar. O ídolo esportivo, nesse sentido, é menos uma identidade espontânea do que um efeito de linguagem, de repetição midiática e de reconhecimento social.

O discurso jornalístico reforça a mitificação por meio de adjetivações, metáforas e fórmulas. Expressões como “salvador da pátria”, “show”, “craque” e “o nome do tetra” produzem um efeito de consagração que ultrapassa a descrição objetiva do fato esportivo. O resultado é uma gramática da idolatria que transforma desempenhos pontuais em destinos biográficos. Nessa dinâmica, o jogador representa não somente a equipe, mas um conjunto de valores desejáveis para a coletividade.

A idolatria futebolística, porém, não se limita à heroificação abstrata. Ela opera por meio de qualidades culturalmente valorizadas e, ao mesmo tempo, ambivalentes. No Brasil, Helal (2003a) identifica dois modelos narrativos recorrentes: um associado ao esforço, disciplina e trabalho (menos frequente), e outro ligado à irreverência, malandragem e genialidade espontânea (mais frequente). O primeiro aparece na biografia de Zico, analisada como o arquétipo do “herói-trabalhador”; o segundo, na de Romário, moldado como herói da astúcia, cuja genialidade parece prescindir do esforço ostensivo¹⁴.

¹⁴ Nesse enquadramento, a rebeldia é tratada de forma positiva. Esse seria o modelo nomeado por DaMatta (1979) como “Malasartes” ou “Macunaíma”, tendo a picardia e a figura do malandro, seu “jogo de cintura”, como elementos característicos de uma cultura popular brasileira. Segundo esse padrão “oficial”, os modelos de idolatria no futebol – dos quais a mídia é o instrumento legitimador – moldam uma concepção vinculada à ideia de “genialidade”, “irreverência” ou “malandragem”, atributos essencializados como “tipicamente brasileiros” (Helal, 2003a, p. 26).

Esses dois modelos, para o pesquisador, não se anulam; ao contrário, revelam que o ídolo esportivo é uma construção relacional. A análise desses perfis evidencia que a idolatria não é uniforme, adaptando-se ao momento histórico, à performance do atleta, ao regime de visibilidade e às expectativas sociais em torno da seleção. Em Zico, a mídia valoriza o esforço como capital moral; em Romário, a eficiência decisiva e a personalidade provocadora são convertidas em traços positivos.

Assim, na edição midiaticizada, como tradição inventada, o futebol vai se tornando metáfora da nação. Juntamente com o carnaval, outra manifestação cultural valorizada dentro da nossa sociedade, passa a ser visto como elemento de brasilidade e autoimagem do povo, influenciando na construção de uma identidade nacional; a criação do estereótipo do que é ser brasileiro (Helal, 2003a).

Em relação à identidade, Hall (2000) lembra que é preciso estar atento às questões de quem podemos nos tornar, como somos representados e como isso interfere no modo como podemos nos representar a nós mesmos.

[...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser “inglês” devido ao modo como a “inglesidade” veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação: elas participam da ideia de nação tal como é representada em sua cultura nacional (Hall, 2003, p. 49).

Na visão de Helal (2003a), os atributos ressaltados na biografia dos ídolos futebolísticos são os mesmos que destacamos na representação que fazemos de nós diante de um estrangeiro. No contexto brasileiro, principalmente em Copas do Mundo, tendemos a valorizar o lado mais estético, alegre, criativo e “artístico” do futebol. Contudo, tais características, por si sós, não são suficientes para consagrar um jogador como herói nacional. Para que alcance plenamente esse estatuto, o discurso midiático tende a condicionar suas conquistas individuais à sua conversão em vitórias coletivas, especialmente no âmbito da seleção brasileira.

A trajetória de Ronaldo Fenômeno, por seu turno, representa o caso mais acabado de um mito cíclico, caracterizado por fases de construção, destruição e restituição. Marques (2005) observa que a espetacularidade de sua vida profissional, pontuada por lesões gravíssimas, permitiu que a mídia o retratasse como um ser que

desafia os limites humanos. Sua imagem mítica foi alimentada hiperbolicamente tanto nas vitórias quanto nas derrotas.

O drama vivido por Ronaldo na final da Copa de 1998 é um ponto de inflexão que permitiu a humanização do ídolo. Ao sofrer um mal súbito, o “super-homem” foi transformado pela imprensa em um “menino desamparado”, aproximando-o emocionalmente dos torcedores (Helal, 1998). Esse processo de queda é visto, na perspectiva de Campbell, como o afastamento necessário para que o herói retorne renascido e pleno de poder.

Segundo a análise de Eco (1979 *apud* Helal, 1998), o fascínio exercido pelo mito reside justamente na dualidade entre a fragilidade humana e a “capa de herói”. Ronaldo, ao ser perdoado e compreendido após o fracasso de 1998, lançou as bases para uma nova narrativa de provações que ele deveria superar para se firmar no posto. A identificação do fã com o ídolo aumenta quando este demonstra falibilidade, permitindo que todos compartilhem da suprema provação de suas derrotas.

A redenção de Ronaldo em 2002 é descrita por cronistas como José Roberto Torero e Daniel Piza (*apud* Marques, 2005) como o “final feliz” de um roteiro improvável. Ao marcar os gols do pentacampeonato, o atleta completou o ciclo do monomito, retornando com o “troféu transmutador da vida” para restaurar seu mundo inicial. Luis Fernando Verissimo (*apud* Marques, 2005) nota que Ronaldo imitou a trajetória clássica do herói mitológico que desce ao inferno e volta para refazer a própria história.

Esse tipo de construção narrativa revela o modo como a mídia esportiva participa ativamente da sacralização simbólica do jogador. Como observa Helal (2003a), as trajetórias dos ídolos são frequentemente organizadas a partir de elementos recorrentes, como a infância pobre, o talento inato e a superação de obstáculos, ressaltando a genialidade e o imprevisto como marcas do sucesso.

Tal roteiro biográfico favorece a identificação popular ao articular exceção e proximidade: o ídolo aparece simultaneamente como extraordinário e como “homem comum”, alguém que ascende sem romper completamente com a origem que o legitima. A eficácia dessa construção reside justamente na tensão entre singularidade e coletividade.

Nesse contexto, o conceito de “dom” atua como fundamento simbólico dessa excepcionalidade. Giglio (2007) e Damo (2005) mostram que o dom é frequentemente interpretado como uma dádiva, um “algo mais” que não pode ser

ensinado, apenas desenvolvido. Assim, o desempenho em campo não é percebido apenas como resultado de treino ou técnica, mas como manifestação de uma qualidade extraordinária, reforçando a dimensão mítica do jogador no imaginário esportivo brasileiro.

Esforço e determinação como elementos fundamentais para se alcançar êxito são, muitas vezes, relegados a um plano secundário nos discursos dos cronistas brasileiros inseridos nos universos das artes e dos esportes. No caso específico do futebol, chega a ser até uma crítica contundente chamar um jogador de “esforçado”. Esta é uma maneira de se dizer que o sujeito não tem talento, porém se esforça. A forma oposta seria o talento puro, genuíno, inato, que não precisa de treino ou esforço para ser aprimorado, como se não fosse possível ser talentoso e esforçado ao mesmo tempo (Helal, 2003a, p. 20-21).

Do ponto de vista da imprensa, a relação entre jornalismo e mito se constrói quando a notícia deixa de ser apenas registro factual e passa a organizar os acontecimentos em uma sequência com causa, conflito, clímax e desfecho. No futebol, isso aparece a partir da transformação de jogadores em heróis ou ídolos, porque a cobertura seleciona episódios, dramatiza trajetórias e atribui sentidos morais à performance. Isso significa que o jornalismo não apenas relata “o que aconteceu”, mas organiza “como aconteceu” e “o que isso quer dizer”.

Motta, Costa e Lima (2004) sustentam que a linguagem jornalística opera em uma tensão entre o lógico e o imaginário, entre o *logos* (informação, racionalidade) e o *mythos* (imagem, simbolização), o que implica reconhecer que toda narrativa jornalística, por mais objetiva que pretenda ser, sempre produz sentidos que ultrapassam o dado factual. Os sentidos metafóricos e metonímicos reforçam ideologias, desejos e utopias. Dessa forma, o discurso jornalístico não reproduz a realidade de maneira neutra, mas a reconfigura narrativamente, aproximando-a de formas simbólicas mais amplas.

O jornalismo atua além da mera produção de notícias, de um consumo massivo de informações. Configura-se em veículo de reinserção da audiência no universo social. Algo que se dá de forma habitual, ritualística. Falamos, pois, de um processo sócio-cultural de produção, veiculação e absorção dos fatos do cotidiano, que atuam na construção social da realidade, à medida que se transformam em experiências compartilhadas do mundo. [...] as notícias narram não apenas os fatos historicamente localizados, mas constroem a realidade social re-significando-a mediante elementos presentes no universo cultural. Narram os dramas e tragédias da vida humana, os conflitos, as lutas, as utopias, os sonhos, os medos, os desejos, as frustrações, os sentimentos de personagens que preenchem as páginas de jornais e revistas, bem como a programação de rádio e tevê. Esse processo narrativo do cotidiano surge impregnado de elementos provenientes do

imaginário e da memória cultural coletiva e mistura-se com a realidade objetiva dos fatos reportados (Motta, Costa e Lima, 2004, p. 33-34).

Essa organização narrativa depende de escolhas: qual fato inaugura a história, qual detalhe será repetido, que voz ganha autoridade, qual emoção será enfatizada. No esporte, essas escolhas são ainda mais fortes porque o jogo já oferece conflito, antagonismo e desfecho, isto é, uma estrutura dramática pronta para ser narrada. Assim, fatos transformam-se em enredo, atletas assumem papéis de heróis ou vilões, e vitórias são convertidas em momentos fundadores de mitos coletivos.

Sob uma perspectiva crítica, Betti (2001) aponta que o esporte mediado tende a simplificar processos complexos para produzir narrativas consumíveis e emocionalmente intensas. Por isso, a imagem do craque espontâneo ou do herói disciplinado raramente reflete a totalidade da experiência esportiva; ela é, antes, uma seleção culturalmente orientada. Em consequência, o mito futebolístico não é apenas uma celebração do talento, mas também uma forma de organizar hierarquias morais sobre o que seria um “bom” jogador e, por extensão, um “bom” brasileiro.

A idolatria, portanto, não se limita ao consumo de celebridades, mas estrutura expectativas morais, modelos de masculinidade, ideias de nação e formas de pertencimento. O ídolo futebolístico emerge como uma síntese entre talento, narrativa e reconhecimento coletivo, funcionando como ponto de convergência entre experiência individual e representação social. Estudar esse processo implica compreender não apenas o que o esporte mobiliza em termos afetivos, mas também como se produzem e circulam sentidos na cultura midiática.

4 ANÁLISE DO DISCURSO

4.1 ORIGENS

Para abordar as origens da Escola Francesa da Análise do Discurso, é necessário remontar ao período histórico do século XX onde ela se insere, mais especificamente na década de 1960, e abordar a principal corrente de pensamento que influenciou seu desenvolvimento: o estruturalismo.

No ano de 1968, fervilhavam na França movimentos estudantis influenciados pelos ideais marxistas e anarquistas. Em razão da insatisfação com o sistema educacional acadêmico francês e do questionamento do modo de vida capitalista, eclodiram no país amplas manifestações, conhecidas como Maio de 68, que reivindicavam profundas mudanças na sociedade.

Para além dos rumos políticos no país, a contestação também recaía sobre o contexto da Guerra Fria entre EUA e URSS e sobre a guerra no Vietnã. De natureza contracultural, os manifestantes rapidamente incorporaram pautas de luta por direitos iguais, liberdade sexual, ruptura de tabus e a valorização da cultura juvenil em ebulição.

Os estudantes conseguiram a adesão de outras categorias, como sindicatos de trabalhadores e movimentos de esquerda, fazendo com que os protestos tomassem grandes proporções e evoluíssem para uma greve geral. A repressão foi violenta e televisionada. A participação da mídia representou uma novidade para a época ao levar adiante, a um alcance global, tanto as imagens dos confrontos quanto a ideia de uma revolução cultural e comportamental em curso (Marinho, 2019).

Diante da repressão e do retorno gradual dos trabalhadores aos seus postos de trabalho, as manifestações foram sendo desmobilizadas. Ao final de junho de 1968, foram realizadas novas eleições parlamentares após o presidente general Charles de Gaulle dissolver a Assembleia Nacional.

As reverberações de Maio de 68, contudo, permaneceram presentes no corpo social, alterando as ideias de moralidade e identidade juvenil. No campo intelectual, houve avanços significativos no processo de democratização das universidades, além da revisão de paradigmas teóricos.

O pensamento estruturalista vigorava em diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, tais como a Linguística, a Filosofia, a Sociologia, a

Antropologia e a Psicanálise. Caracterizados pela pesquisa das relações humanas através dos seus elementos constituintes, das estruturas sociais fundamentais e dos seus sistemas de inter-relações, os métodos de análise da corrente estruturalista encontram referência em autores como Lévi-Strauss, Roland Barthes, Ferdinand de Saussure, Louis Althusser e Jacques Lacan.

De acordo com Soares (2005), Maio de 68 promoveu efeitos contraditórios no estruturalismo: ora desconstrói partes de suas bases, ora fortalece seus pressupostos e ramifica seus conceitos.

Barricadas, trincheiras, jovens estudantes nas ruas a bravejar: “que as ideias voltem a ser perigosas”; “abaixo a universidade”; “a imaginação ao poder” e, claro, o ícone, “é proibido proibir”, que depois se disseminou mundo afora como protesto contra todo tipo de establishment. A Sorbonne é ocupada pelos estudantes. Lévi-Strauss mantém-se arredio e silencioso diante dos acontecimentos (Motta, 2012, p. 258).

Se por um lado as manifestações de maio pareciam prenunciar a morte do mundo estrutural, condenando os autores mais conservadores, por outro consagrava o seu triunfo ao permitir um campo fértil para o aprofundamento das discussões no interior da academia. Os métodos mais rígidos e sistemáticos da pesquisa estruturalista soavam defasados ou, no mínimo, incompletos para dar conta da compreensão de mundo que assumia novos contornos à época. A ausência do elemento humano nas análises e teorias, bem como a literalidade dos significados, parecia um limitante do pensamento, excludente do contexto sócio-histórico das profundas transformações pelas quais o mundo passava.

Soares (2005) afirma que a corrente estruturalista se encontra bastante fortalecida após Maio de 68. Contudo, “deve-se considerar que os mesmos fatores que contribuem para a valorização do estruturalismo pós 68 (gerativismo, enunciação, intertextualidade) asseguram seu declínio no decorrer dos anos 70” (Soares, 2005, p. 29). Houve um triunfo institucional do pensamento estruturalista no interior das universidades ao mesmo tempo em que ele se afastou do cotidiano social.

O estruturalismo conquista as instituições e a mídia e tem por consequência o esvaziamento de seu conteúdo, de sua vivência, pois acentua o corte entre o mundo universitário e o mundo social. O discurso de 68 entra nas universidades enquanto a vivência de 68 está fora delas e presente nas mulheres, nos homossexuais, nos trabalhadores imigrados, que mudam a sociedade. Ao mesmo tempo em que o estruturalismo ganha poder ao ser institucionalizado, ele se banaliza e perde grande parte de sua força crítica corrosiva (Soares, 2005, p.31).

4.2 A ESCOLA FRANCESA DA ANÁLISE DO DISCURSO

Análise de Discurso (AD) de linha francesa é uma abordagem teórico-metodológica que surgiu na década de 1960 na França a partir de contribuições de diversos pensadores. Ela se concentra na análise dos mecanismos linguísticos e nas condições que moldam a produção e interpretação dos discursos, buscando compreender como o discurso produz sentidos e está imbricado em relações de poder, ideologia e práticas sociais (Ferreira, 2003).

A concepção de que a AD é uma prática de leitura e interpretação de conteúdo político é reducionista e equivocada, pois ela seria o próprio dispositivo de análise para a elucidação das relações e intercâmbios estabelecidos entre o poder e o simbólico. Em outras palavras, investiga a forma como os discursos produzem significados, constroem representações da realidade e estão enraizados em relações sociais, políticas e ideológicas.

A AD se preocupa em pesquisar como a linguagem é usada para influenciar e persuadir, como as práticas discursivas são moldadas por estruturas sociais e como os discursos participam da construção de identidades, conhecimento e poder. Impõe-se “(...) como reação ao estruturalismo reinante, que sufocava o surgimento do sujeito, noção central no quadro teórico do discurso” (Guerra, 2009, p. 5-6).

Michel Pêcheux é reconhecido por ter introduzido conceitos fundamentais neste campo, sendo considerado um dos fundadores da vertente francesa da Análise de Discurso. Seu trabalho “Análise Automática do Discurso”, de 1969, é pedra fundamental na história da AD.

[A Escola Francesa] teoriza como a linguagem é materializada na ideologia e como esta se manifesta na linguagem. Concebe o discurso como um lugar particular em que esta relação ocorre e, pela análise do funcionamento discursivo, (...) objetiva explicitar os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação (Orlandi, 2005, p. 10).

Segundo Pêcheux (1990), o discurso não é apenas uma expressão neutra de ideias, mas está sempre ligado a posições políticas. Ele defende que a AD deve considerar as relações de poder, as condições de produção e as relações interdiscursivas para compreender como os discursos produzem sentidos.

De acordo com Guerra (2009), Pêcheux fundamenta seu pensamento em uma tripla entente¹⁵: uma aliança teórica – com suas devidas ressalvas – que sintetiza a articulação entre Saussure, Marx e Freud como elementos centrais para o desenvolvimento da AD. A justaposição dos três autores representa, respectivamente, linguagem (linguística), ideologia (materialismo histórico) e sujeito (psicanálise).

Essa aparente integração não decorreu de modo linear, tampouco suave, mas configurou um novo paradigma epistemológico no interior da Escola Francesa da AD.

A partir da compilação póstuma de seu “Cours de Linguistique Générale”, em 1916, Saussure constituiu um marco epistemológico para os estudos linguísticos, estabelecendo as bases do estruturalismo, redefinindo a linguística como ciência autônoma e revolucionando as ciências humanas. Ao construir os alicerces da teoria do signo, pavimentou caminhos para os estudos semióticos de Charles Peirce e posteriormente para a gramática gerativa transformacional de Noam Chomsky.

A Escola Francesa de Análise do Discurso rompe com o estruturalismo tradicional da linguística na época. Abandona o abstracionismo de Saussure que firma a língua como sistema autônomo, insistindo que a linguagem é materialmente situada em condições históricas de produção. Contudo, Pêcheux se permitiu reter do estruturalismo saussuriano as ideias de construção social dos signos e de estrutura formal da língua, considerando que o discurso pode ser permeado por regras sintáticas e relações significantes.

Pêcheux também incorporou a releitura de Karl Marx realizada por Althusser, que enfatiza a materialidade da ideologia através de estruturas sociais que interpelam o sujeito com pretensa neutralidade. Assim, por meio de aparelhos ideológicos do Estado, instituições e práticas sociais comumente representadas pela família, igreja, escola, mídia, entre outros, as ações humanas são moldadas e os indivíduos influenciados e ideologicamente conduzidos (Pêcheux, 2008).

¹⁵ Referência à aliança militar na qual a França era membro durante a Primeira Guerra Mundial.

A presença de Sigmund Freud na tripla entente ocorre por meio das reinterpretações realizadas em sua teoria psicanalítica por Lacan nos anos 1960. O autor reformulou diversos conceitos originais de modo a integrá-los à filosofia contemporânea e ao estruturalismo linguístico. A partir da ótica lacaniana de um inconsciente estruturado como linguagem, em contrapartida à ideia de pulsões, abre-se caminho para multiplicidade significativa típica de processos discursivos. Lacan também redefine a ideia de sujeito como um ser descentrado, cindido entre demandas sociais e uma carência estrutural de caráter simbólico.

Por essa perspectiva, o sujeito não é livre em seu pensamento e dizer, mas sim um efeito das relações sociais. A ideologia passa a ter uma existência materializada, institucional, e precisa ser lida como tal, não como uma ideia.

Por fim, outro teórico fundamental é Michel Foucault, que não chegou a ser analista do discurso, tampouco integrou o campo de estudos da AD francesa com Pêcheux – apesar de terem sido contemporâneos. O olhar inédito do filósofo sobre diversas áreas do conhecimento, como Linguística, História, Antropologia e Psicologia, forneceu conceitos valiosos para o desenvolvimento da AD, sobretudo a partir da publicação do livro *Arqueologia do Saber*, em 1969.

A arqueologia do saber se constitui numa descrição bastante complexa e didática do método arqueológico, uma teoria que procura compreender o funcionamento dos discursos que constituem as ciências humanas, tomando-os não mais como conjuntos de signos e elementos significantes que remeteriam a determinadas representações e conteúdos, tal como pensavam os estruturalistas tributários de Saussure, mas como um conjunto de práticas discursivas que instauram os objetos sobre os quais enunciam, circunscrevem os conceitos, legitimam os sujeitos enunciadore e fixam as estratégias sérias que rareiam os atos discursivos (Baronas, 2011, s.p.).

Antes de aprofundar as ideias de sujeito e enunciação, prossigamos para o conceito de discurso, termo que vai além da visão estruturalista da linguística formal e descritiva sobre as relações estabelecidas entre o texto e a linguagem.

4.3 O DISCURSO

De acordo com Orlandi (2012, p. 21), o discurso é essencialmente um elemento mais dinâmico do que a mensagem, pois suprime os papéis de receptor e emissor para dar lugar a sujeitos interlocutores, passíveis de subjetivação e (res)significações no interior do cenário de interação social.

Mainqueneau (2015, p. 85), por sua vez, afirma que “um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada”. Consequentemente, a produção de narrativas, enquanto texto, está inserida em um palco de enunciação específico, responsável por ambientar as interações e contextualizá-las em torno de um referente comum.

O discurso, na visão de Pêcheux (*apud* Orlandi, 2012), não é apenas uma expressão neutra de ideias, mas um campo de lutas ideológicas. O conceito de discurso é o de palavra em movimento. Esse movimento produz o simbólico e, assim, faz parte também da constituição do homem e de sua história.

Pêcheux (...) teoriza como a linguagem é materializada na ideologia e como esta se manifesta na linguagem. Concebe o discurso como um lugar particular em que esta relação ocorre e, pela análise do funcionamento discursivo, ele objetiva explicitar os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação. Estabelece como central a relação entre o simbólico e o político (Orlandi, 2005, p.10).

Pêcheux (*apud* Gregolin, 2005) argumentava que um discurso não é produzido em um vácuo, mas está em diálogo com outros discursos que circulam na sociedade. Esses discursos anteriores ou exteriores podem ser de natureza institucional, social, política, cultural, entre outras. Eles influenciam a maneira como as palavras são escolhidas, os significados são construídos e as posições ideológicas são adotadas dentro de um novo discurso.

Na Análise do Discurso, o ponto-chave se encontra na preocupação em estudar os modos de dizer e não apenas o dito, o que está por detrás do enunciado para além do seu conteúdo explícito, a busca pela identificação dos objetivos da elaboração de um texto e não apenas a interpretação semântica. Desta maneira, é possível compreender, dentre outros aspectos, as intencionalidades do produtor, a ideologia que permeia todo e qualquer discurso, o contexto sócio-histórico subjacente e outras relações interdiscursivas.

Os dizeres não são (...) apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discursos tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi (Orlandi, 2005, p. 30).

Cada 'leitura' que se faz de um discurso traz uma interpretação muito própria, pois nela se imiscuem as condições sociais e ideológicas de produção, a polissemia intrínseca ao uso da linguagem, a perspectiva do sujeito a partir de sua identidade e repertório e o contexto de interpretação. O sujeito não é, desta forma, mero receptor de uma mensagem, mas sim um agente coenunciador.

(...) O co-enunciador interpelado não é apenas um indivíduo para quem se propõem 'ideias' que corresponderiam aproximadamente a seus interesses; é também alguém que tem acesso ao 'dito' através de uma 'maneira de dizer' que está enraizada em uma 'maneira de ser', o imaginário de um vivido (Maingueneau, 1997, p. 48- 49).

Segundo Althusser (*apud* Guerra, 2009, p.8), “o mecanismo pelo qual a ideologia leva o agente social a reconhecer o seu lugar é o mecanismo da sujeição”. Nesse sentido, é preciso que o olhar sobre as ideologias sempre leve em consideração que elas representam “um conjunto de práticas materiais necessárias à reprodução das relações de produção” (*idem, ibidem*).

O sentido sempre pode ser outro e o sujeito, (...) não tem o controle daquilo que está dizendo. (...) A AD propõe a seguinte relação: remeter o texto ao discurso e esclarecer as relações deste com as formações discursivas, refletindo sobre as relações destas com a ideologia (Guerra, 2009, p. 13).

4.4 SUBJETIVIDADE E RELAÇÕES DE PODER

Guerra (2009, p. 13) afirma que “(...) a linguagem como interação é um modo de produção social, que não é neutra nem natural, sendo o local privilegiado da manifestação da ideologia, isto é, das formações ideológicas que estão diretamente ligadas aos sujeitos”.

Na mesma linha de pensamento,

(...) a ideia de história também desempenha papel central no noticiário das mídias. Os jornalistas não produzem simplesmente artigos, reportagens ou documentários para jornais, revistas, rádio, televisão ou Internet, eles narram histórias – que possuem estrutura, ordem, ponto de vista e valores (Pinto, 2002, p. 87).

Para Foucault (2008), a subjetividade é construída historicamente: os saberes produzem representações sobre o próprio sujeito. Ela não envolve apenas o dito e o feito, mas também aquilo que é ocultado. Segundo Marinho (2019, p. 29), “o

sujeito é inacabado e está sempre se reconstruindo” por não ser o dono do dizer. Ele é interpelado pela ideologia, consequentemente suas enunciações são ideologicamente produzidas. Através da análise de seu discurso, é possível identificar e trazer à tona as ideologias de que o sujeito discursivo faz parte.

A ideologia é um conjunto de representações dominantes em uma determinada classe dentro da sociedade. Como existem várias classes, várias ideologias estão permanentemente em confronto na sociedade. A ideologia é, pois, a visão de mundo de determinada classe, a maneira como ela representa a ordem social (Gregolin *apud* Marinho, 2019, p. 40).

O caráter disciplinador do discurso sobre os sujeitos estabelece relações de poder. Afastando-se do conceito marxista, que relaciona o poder à dominação de classes, domínio dos meios de produção e exploração do trabalho, Foucault (*apud* Guerra, 2009, p. 14) considera o poder “(...) uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir”.

Segundo o autor, o poder não é um objeto natural, mas sim uma prática social e, como tal, constituído historicamente. Ele expande-se pela sociedade, assume as formas mais regionais e concretas, investe em instituições, toma corpo em técnicas de dominação (1985). O poder intervém materialmente, atinge ou constitui os indivíduos ideologicamente e penetra em suas atitudes cotidianas (Guerra, 2009, p.11).

É a partir dessa visão singular de poder, parcialmente repressivo e essencialmente produtivo, que Foucault (2023) delineia os chamados dispositivos de poder, mecanismos concretos e estratégias por meio dos quais o poder constitui materialidade. Por meio de normas, classificações e instituições, tais dispositivos assumem a capacidade de gerir as subjetividades e aquilo que é considerado verdade.

(...) o discurso verdadeiro pelo qual se tinha respeito e terror, ao qual era necessário submeter-se, porque reinava, era o discurso pronunciado por quem de direito e segundo o ritual requerido; era o discurso que dizia a justiça e atribuía a cada um a sua parte; era o discurso que, profetizando o futuro, não apenas anunciava o que haveria de passar-se, mas contribuía para a sua realização, obtinha a adesão dos homens e desse modo se entretencia com o destino. (...) Esta vontade de verdade, por fim, apoiando-se numa base e numa distribuição institucionais, tende a exercer sobre os outros discursos — continuo a falar da nossa sociedade — uma espécie de pressão e um certo poder de constrangimento (Foucault, 2002, p. 4-5).

Esses dispositivos podem ser representados, por exemplo, por universidades, prisões e hospitais, instituições que exercem hierarquia por meio da

administração dos tempos e espaços, mas também, respectivamente, pelas políticas educacionais, pelo caráter corretivo do sistema prisional e pelo controle de natalidade. É a rede complexa de elementos estabelecida com o propósito de exercer controle social.

A educação pode muito bem ser, de direito, o instrumento graças ao qual todo o indivíduo, numa sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso; sabemos, no entanto, que, na sua distribuição, naquilo que permite e naquilo que impede, ela segue as linhas que são marcadas pelas distâncias, pelas oposições e pelas lutas sociais. Todo o sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que estes trazem consigo (Foucault, 2002, p. 12).

Nessa interdependência entre o saber e o poder, situa-se um dispositivo de poder que Foucault (2023, p. 367) chama de *épistémè*: o dispositivo discursivo. Todo discurso é permeado por seus vestígios ideológicos; contudo, para além disso, “(...) o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos” (Foucault, 2002, p. 2). Se, na visão foucaultiana, o discurso é simultaneamente a arma e o campo de batalha, por meio da AD é possível compreender de que maneira essas relações de poder se fazem presentes, como afetam os sujeitos e como se vinculam ao corpo social.

(...) as produções de sentido, que circulam na sociedade e que regulam os comportamentos, identificam e distribuem os papéis sociais, a partir de relações hierárquicas apreendidas no interior dos cotidianos ritualizados. Esse ritual, por sua vez, tem o imaginário social como legitimador das relações de poder, implicando o sujeito, suas concepções e relações (Foucault *apud* Guerra, 2009, p. 14).

A atuação das teias de poder por meio dos dispositivos discursivos endossa a ideia de que “nem sujeitos nem sentidos estão completos, já constituídos definitivamente. Constituem-se e funcionam sob o modo do entremeio, conforme a AD francesa” (Guerra, 2009, p. 14)

É através do discurso que o sujeito se constrói e se reconstrói constantemente, tendo o seu entorno transformado pela linguagem e a linguagem se modificando por influência dos fatores externos, em um movimento circular em que o linguístico e o histórico são dependentes um do outro (Marinho, 2019, p. 37).

4.5 FUNÇÃO ENUNCIATIVA

A Escola Francesa da Análise de Discurso considera a constituição histórica, com uma memória do que já foi dito anteriormente, retomada nas novas enunciações, sem domínio do sujeito (Orlandi, 2012). A AD “busca entender como e em que condições um determinado texto foi produzido, por qual sujeito, com qual intenção e em qual contexto ele vai fazer sentido” (Marinho, 2019, p. 37).

De acordo com Santos, Estevam e Marques (2020), a ideia de enunciado nem sempre teve o mesmo sentido atualmente empregado na linha francesa da Análise do Discurso. Jean-Jacques Courtine, em sua tese publicada originalmente em 1981, traz à tona a riqueza de conceitos formulados por Foucault a partir do método arqueológico, em especial no tocante às definições de sujeito e enunciado. A respeito deste último, é importante ressaltar que “Courtine não reelabora o termo foucaultiano, ele reelabora o conceito de enunciado no interior da AD, fazendo-o funcionar a partir da perspectiva foucaultiana” (Santos; Estevam; Marques, 2020, p. 6). Para os autores, a noção discursiva de enunciado foi, efetivamente, concebida por Foucault.

A descrição do enunciado (...) põe em jogo a questão central para a AD da relação entre a materialidade da língua e a materialidade do discurso; assim, encontramos aí a dificuldade que destacamos anteriormente: esses dois aspectos são cuidadosamente separados por Foucault, mas não articulados. (...) O enunciado não é a proposição, nem a frase, nem o ato de linguagem, encontram-se enunciados sem estrutura proposicional legítima; encontram-se enunciados lá onde não se pode reconhecer frase, encontram-se mais enunciados do que se pode isolar speech acts (Courtine *apud* Santos; Estevam; Marques, 2020, p. 6-7).

Foucault (2008) afirma que o enunciado é uma espécie de prática social e histórica que possibilita a existência dos atos de linguagem. Consequentemente, a Análise do Discurso não é capaz de desvendar um sentido único, universal, mas sim de revelar alguns fios de uma trama complexa de sentidos que compõem um enunciado. Desta maneira, seria

(...) inútil procurar o enunciado junto aos grupamentos unitários de signos. Ele não é nem sintagma, nem regra de construção, nem forma canônica de sucessão e de permutação, mas sim o que faz com que existam tais conjuntos de signos e permite que essas regras e essas formas se atualizem (Foucault, 2008, p. 99).

Gregolin (2004) descreve o enunciado como sendo particularmente distinto de outros elementos da Linguística e da Filosofia. Em seu esforço por definir o enunciado, Foucault (2008) discorre sobre o que ele, de fato, 'não é', chegando enfim à conclusão de que, para além de uma unidade, ele seria uma função elementar do discurso, que pertence ao seu plano de existência.

(...) Não podia definir o enunciado como uma unidade de tipo linguístico; mas que tinha de me ocupar de uma função enunciativa, pondo em jogo unidades diversas; e essa função, em vez de dar um "sentido" a essas unidades, coloca-as em relação com um campo de objetos; em vez de lhes conferir um sujeito, abre-lhes um conjunto de posições subjetivas possíveis; em vez de lhes fixar limites, coloca-as em um domínio de coordenação e de coexistência; em vez de lhes determinar a identidade, aloja-as em um espaço em que são consideradas, utilizadas e repetidas. Em suma, o que se descobriu não foi o enunciado atômico - com seu efeito de sentido, sua origem, seus limites e sua individualidade -, mas sim o campo de exercício da função enunciativa e as condições segundo as quais ela faz aparecerem unidades diversas (Foucault, 2008, p. 120-121).

Apesar de o enunciado não ser necessariamente submetido às estruturas linguísticas de lógica gramatical, a língua é um dos sistemas possíveis para a construção de enunciados. Uma oração, formalmente estruturada em sujeito, verbo e predicado, pode ser considerada um enunciado da mesma maneira que um filme mudo ou uma fotografia – essencialmente desprovidos de qualquer palavra escrita ou falada. O que atesta a função enunciativa em uma prática discursiva é o contexto da sua elaboração, as condições para sua existência, suas articulações com o sujeito e, por fim, os atributos ligados à materialidade repetível (Gregolin, 2004, p. 32).

Todo enunciado possui suas bordas salpicadas por outros, o que atesta a presença da historicidade, e são vinculados a um campo subjacente. Tomemos, a título de exemplo, o enunciado "Elvis não morreu". Enquanto frase, analisada apenas à luz da argumentação interna da língua, nota-se que está revestida de alguns significados imediatos, como o fato em si comunicado (essa pessoa não está morta) e algo de conteúdo implícito (há quem creia que Elvis permanece vivo). Porém, se a enunciação ocorrer em uma apresentação contemporânea de stand up ou em uma palestra sobre o cantor, por exemplo, a elaboração desse discurso adquire a

subjetividade do contexto específico, permitindo inseri-lo na historicidade do legado de Elvis para a música e em sua representação mítica na nossa sociedade. Ou seja, tanto sujeitos quanto enunciados passam a assumir sentidos completamente diferentes e a vestir outras identidades em razão dos lugares que ocupam em meio a outros sujeitos e enunciados (*idem*, *ibidem*).

Entre o enunciado e o que ele enuncia não há apenas relação gramatical, lógica ou semântica; há uma relação que envolve os sujeitos, que passa pela história, que envolve a própria materialidade do enunciado. (...) para que em enunciado exista, é necessário assinalar-lhe um 'autor' ou uma instância produtora. Mas esse 'autor' não é idêntico ao sujeito do enunciado (em termos de natureza, status, função, identidade) (Gregolin, 2004, p. 26-27).

4.6 FORMAÇÃO DISCURSIVA

É de conhecimento geral que Foucault fez importantes contribuições para a AD. Embora suas abordagens sejam distintas das de Pêcheux em alguns temas, elas não são incompatíveis no que tange ao conceito de formação discursiva. Para Baronas (2011, s/p), o termo possui uma “paternidade partilhada” entre os dois autores, e sua origem assinala o confronto com o pensamento pós-saussuriano acerca de uma linguística mais conservadora. Segundo Foucault (2008), as formações discursivas são como jogos de regras de um conjunto de enunciados.

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (...) (Foucault, 2008, p. 43).

Em concordância, Pêcheux define formação discursiva como tudo aquilo que o sujeito pode e deve expressar em um momento e circunstância determinados. O ato de dizer se vincula à exterioridade das suas condições de produção: “toda prática discursiva está inscrita no complexo contraditório-desigual-sobredeterminado que caracteriza a instância ideológica em condições históricas dadas” (Pêcheux, 1995, p. 213).

A formação discursiva existe como um princípio elementar de organização, que estabelece padrões e distribui os discursos, validam os enunciados que a compõem, criam objetos de que tratam e sujeitos autorizados a discuti-los e relaciona

os conceitos utilizados e as estratégias empregadas (Baronas, 2011). Dessa forma, delimitam-se as possibilidades de ação dentro de um campo discursivo, permitindo a revisitação de temas já conhecidos e, a partir de um conjunto definido de conceitos, a exploração de diferentes abordagens e interpretações.

Em cada época e sociedade, maneiras específicas de falar sobre certos assuntos foram desenvolvidas – e essas regras não surgem do nada. Elas são influenciadas por instituições, como a mídia, a escola, a religião e o governo, que acabam pré-determinando o que pode ser dito e quem tem voz naqueles determinados espaços.

O enunciado não é assombrado pela presença secreta do não-dito, das significações ocultas, das repressões; ao contrário, a maneira pela qual os elementos ocultos funcionam e podem ser restituídos depende da própria modalidade enunciativa: sabemos que o "não-dito", o "reprimido", não é o mesmo – nem em sua estrutura nem em seu efeito – quando se trata de um enunciado matemático e de um enunciado econômico, quando se trata de uma autobiografia ou da narração de um sonho (Foucault, 2008, p. 118-119).

A proposta de Foucault busca as regularidades que existem por trás da dispersão de elementos (dispersão com um sentido também de diferença), regularidades estas que são resultado de um processo de formação discursiva (Giacomoni; Vargas, 2010, p. 124). É importante ressaltar, conforme visto anteriormente, que os dispositivos discursivos, enquanto dispositivos de poder, exercem controle, e que é no campo das formações discursivas que sua materialidade se torna evidente.

As dinâmicas das formações discursivas regulam tanto a produção do conhecimento quanto as práticas sociais e a concepção dos sujeitos. Os discursos não apenas representam a realidade, como também a moldam.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade: isto é, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e instâncias que permitem distinguir entre sentenças verdadeiras e falsas, os meios pelos quais cada um deles é sancionado; as técnicas e procedimentos valorizados na aquisição da verdade; o status daqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdadeiro (Foucault *apud* Guerra, 2009, p.11).

Em suma, é através do discurso que as relações de poder podem ser reproduzidas e contestadas, reforçando ou naturalizando as relações de poder

existentes. A partir desses pressupostos, quem controla o discurso também define o que é visto como verídico ou aceitável em um determinado momento histórico.

A partir das pressões sociais, abre-se caminho para o constrangimento e para a existência dos sujeitos e discursos interditados na formação discursiva. Para exemplificar o funcionamento do caráter excludente dos dispositivos discursivos, Foucault recorre a uma situação emblemática: o papel relegado pela sociedade ao indivíduo mentalmente atípico e o lugar de seu discurso na rede simbólica enquanto sujeito.

(...) O louco é aquele cujo discurso não pode transmitir-se como o dos outros: ou a sua palavra nada vale e não existe, não possuindo nem verdade nem importância, não podendo testemunhar em matéria de justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo sequer, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo; ou, como reverso de tudo isto, e por oposição a outra palavra qualquer, são-lhe atribuídos estranhos poderes: o de dizer uma verdade oculta, o de anunciar o futuro, o de ver, com toda a credulidade, aquilo que a sagacidade dos outros não consegue atingir (Foucault, 2002, p. 2-3).

Não se limitando ao exemplo supracitado, a repressão nas relações de poder exercidas pelo discurso pode assumir tais contornos em outras circunstâncias em que o sujeito também não se encontre “adaptado” à formação discursiva predominante naquele determinado contexto social, como no caso de uma mulher que denuncia assédio sexual em um ambiente de trabalho já amplamente permeado pelo machismo.

A formação discursiva que o sujeito enunciator integra se materializa em seu discurso: “o fato dele estar inscrito em uma determinada formação discursiva e não em outra faz com que aquilo que foi enunciado tenha um determinado sentido, e não outro qualquer” (Marinho, 2019, p. 38).

4.7 INTERDISCURSO: MEMÓRIA DISCURSIVA

As formações discursivas, que determinam o que pode e deve ser dito, são delimitadas pelo interdiscurso (Gregolin, 2005). O conceito, desenvolvido pelo fundador da Escola Francesa de Análise do Discurso, apregoa que todo discurso está relacionado a outros em uma rede de relações interdiscursivas.

Pêcheux não separa categoricamente estrutura e acontecimento, relacionando a linguagem a sua exterioridade, ou seja, o interdiscurso. Ele define este como (...) o já-dito que torna possível todo o dizer. De acordo com este conceito, as pessoas são filiadas a um saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos por intermédio da ideologia e do inconsciente. O interdiscurso é articulado ao complexo de formações ideológicas representadas no discurso pelas formações discursivas: algo significa antes, em outro lugar e independentemente (Orlandi, 2005, p. 11).

A interdiscursividade é permeada pela historicidade, pelo ideológico e pela memória. De acordo com Pêcheux (*apud* Orlandi, 2005, p. 11), a estrutura material e os acontecimentos não podem ser separados de forma categórica, pois aquilo que já foi falado, escrito e produzido é o que torna possível a continuidade do dizer.

Courtine (*apud* Orlandi, 2012, p.32) estabelece uma diferença esquemática entre interdiscurso e o que chama de intradiscurso com base em dois eixos, respectivamente: o primeiro vertical, ao redor do qual todos os enunciados 'dizíveis' (que inclui os já ditos e os já esquecidos) se estratificariam; e o segundo horizontal, do enunciado propriamente formulado, ou seja, elaborado em determinadas condições de produção.

De acordo com Guerra (2009, p. 7), "(...) todo discurso produz sentidos a partir de outros sentidos já cristalizados na sociedade. Então, pode-se conceber a memória discursiva como sendo esses sentidos já cristalizados, legitimados na sociedade e que são reavivados no intradiscurso". O intradiscurso faz referência à intertextualidade, enquanto o termo interdiscurso pode ser empregado como sinônimo da memória discursiva.

Neste estudo, interessa-nos particularmente o conceito de interdiscurso elaborado por Pêcheux (1990). Para o filósofo, o discurso não surge no vazio. Ele está em diálogo com outros discursos que circulam na sociedade em uma relação de interdiscursividade e é marcado por uma ideologia ali embutida. Os discursos produzem significados, constroem representações da realidade e estão enraizados em relações sociais, políticas e ideológicas.

Na prática discursiva não há um início nem um fim. Não somos os primeiros a quebrar o silêncio: a todo discurso precedem outras vozes, mais antigas, evanescentes, reapropriadas e reaproveitadas para tomar forma em uma situação de interação social simultaneamente permeada pelo simbólico, pelo ideológico e pelo inconsciente. Essa dinâmica, por sua vez, ao se utilizar de enunciados ditos

anteriormente e que são retomados, endossa a própria constituição do sujeito em seu meio social.

Quando o processo de resignificação gera um enunciado que mantém vestígios identificáveis de enunciados anteriores, esse resgate da ideia anterior, mesmo reinterpretado sob a forma de paráfrase, traz à tona um lote de discursos já familiares à memória do sujeito. Conforme Sargentini (2011, s.p.), “os limites e as formas da memória são agenciados também por relações de saber e poder”.

As linguagens não são neutras, tampouco transparentes, assim como as palavras não possuem sentido por si só, por mais que admitam um determinado rol de significados literais já perscrutados na gramática da língua. Quando materializadas em enunciações, possibilitam novos processos de significação, mesmo que sua origem tenha sido uma mesma formação discursiva.

A condição da linguagem é a incompletude. Nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente. Constituem-se e funcionam sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento. Essa incompletude atesta a abertura do simbólico, pois a falta é também o lugar do possível (Orlandi, 2012, p.52).

Trabalhando no território do ambíguo, os múltiplos deslocamentos dos sentidos em uma enunciação vinculam-se à ideia de apagamento (Pêcheux, 1995) – ou esquecimento (Orlandi, 2012). A natureza desses esquecimentos pode tanto ser semiconsciente, quando nascida do vínculo direto entre pensamento e realidade do mundo, quanto inconsciente, quando o sujeito não percebe o quanto seu discurso é afetado pela ideologia.

Na ótica da AD, o sujeito é atravessado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente, o que produz não mais um sujeito uno ou do cogito como em algumas teorias da enunciação, mas um sujeito cindido, clivado, descentrado, não se constituindo na fonte e origem dos processos discursivos que enuncia, uma vez que estes são determinados pela formação discursiva na qual o sujeito falante está inscrito. Contudo, esse sujeito tem a ilusão de ser a fonte, origem do seu discurso (Guerra, 2009, p. 7).

No âmbito das funções enunciativas, o esquecimento de cunho ideológico se estabelece no cerne da diferenciação entre o interdiscurso e o intertexto. De acordo com Pêcheux (1995, p. 214), “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina”.

(...) o enunciado, ao mesmo tempo em que surge em sua materialidade, aparece com um status, entra em redes, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferências e a modificações possíveis, se integra em operações e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se apaga (Foucault, 2008, p. 118-119).

4.8 DO ARQUIVO AO CORPUS

O conceito de 'arquivo' na AD não tem relação com o emprego cotidiano dessa palavra, ou seja, como sinônimo possível para repositório. Na visão de Sargentini (2011, s.p.), "um arquivo não é (ou não é somente, se preferirmos), um conjunto de dados guardados, ele é, por sua prática de leitura, revelador de interesses históricos, políticos e culturais".

De acordo com Foucault (2008, p. 147), o grande conjunto de condições invisíveis de uma sociedade que a organizam em determinado momento histórico é chamado de arquivo: "(...) a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares".

Não se deve confundir o arquivo com o conceito de positividade, que, para Gregolin (2004, p. 40), é uma lei de coexistência de um enunciado com outros: "toda massa de textos que pertencem a uma mesma formação discursiva (pouco importa se os autores se conhecem ou não, se percebem a trama que os enreda) se comunica pela forma de positividade de seus discursos".

O domínio dos enunciados assim articulado segundo a priori históricos, assim caracterizado por diferentes tipos de positividade e escondido por formações discursivas distintas, não tem mais o aspecto de planície monótona e indefinidamente prolongada que eu lhe dava no início, quando falava de "superfície do discurso". (...) Temos de tratar, agora, de um volume complexo, em que se diferenciam regiões heterogêneas, e em que se desenrolam, segundo regras específicas, práticas que não se podem superpor. Ao invés de vermos alinharem-se (...) palavras que traduzem, em caracteres visíveis, pensamentos constituídos antes e em outro lugar, temos na densidade das práticas discursivas sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização). São todos esses sistemas de enunciados (acontecimentos de um lado, coisas de outro) que proponho chamar de arquivo (Foucault, 2008, p. 146).

Dinâmico e desprovido de consciência, o arquivo está sujeito a transformações com o passar do tempo, de acordo com as mudanças nas práticas sociais e nas relações de poder. Temáticas ligadas à luta por igualdade de gênero e pelo fim do racismo, por exemplo, já foram consideradas tabus em nossa sociedade

décadas atrás. Na contemporaneidade, tais assuntos se encontram mais naturalizados na configuração atual do ‘arquivo’ de nossa sociedade.

Para Sargentini (2011, s/p), além dos temas de um arquivo, suas formas de manifestação também estão sujeitas à reconfiguração com o passar do tempo: “é suscetível ao que se reconhece em cada tempo como materialidade que deve compor um arquivo”. Ainda de acordo com a autora,

[...] durante o longo período em que a imagem era tomada apenas como ilustração, e somente o texto escrito impunha a materialidade do arquivo, a imagem era negligenciada no arquivo e deixada de lado no momento da análise. Isso nos faz observar que os arquivos não foram (ou ainda não são), portanto, um justo espaço de preservação e conservação (Sargentini, 2011, s.p.).

Em termos práticos, um arquivo foucaultiano pode ser ponto de partida para o estabelecimento do universo e do campo discursivo na AD. Maingueneau (1997, p. 116) define o universo discursivo como “(...) conjunto de formações discursivas de todos os tipos que coexistem, ou melhor, interagem em uma conjuntura”. Esse amplo espaço de circulação de discursos, apesar de finito, não pode ser submetido à análise como um todo, pois abrange integralmente um conjunto muito amplo de enunciações. O campo discursivo, por sua vez, é uma delimitação pertinente do universo, geralmente vinculada à definição de um gênero discursivo. Segundo Maingueneau (1997, p. 116- 117), deve ser definido pelo pesquisador a partir da consideração dos “múltiplos parâmetros” envolvidos na pesquisa.

No presente estudo, admitem-se por universo discursivo o jornalismo esportivo e por campo discursivo as matérias sobre o jogador Sócrates publicadas na revista *Placar* entre 1970 e 1989 – recorte específico de discursos a serem submetidos à AD.

Os processos institucionalizados de produção discursiva em larga escala, orientada a públicos específicos, configuram-se como práxis consolidadas no âmbito dos conglomerados midiáticos. A seleção e reiteração de determinadas narrativas em detrimento de outras, materializadas nas matérias de uma revista, possuem capacidade não apenas de influenciar de modo progressivo a percepção da realidade por parte do público leitor, mas igualmente de operar como instância constituinte dessa mesma realidade.

Na AD, a delimitação do corpus e a análise em si estão diretamente ligadas. Orlandi (2012, p. 63) recomenda, na constituição do corpus, a construção de “montagens discursivas que obedeçam a critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso, face aos objetivos de análise, e que permitam chegar à sua compreensão”.

Conforme demonstrou Marques (2023), não há contradição ou oposição entre as formulações de Foucault e Pêcheux no que concerne à definição do conceito de formação discursiva. Deste modo, no presente estudo, optou-se por trabalhar com a contribuição foucaultiana – procurando identificar as formas de enunciação predominantes no discurso de *Placar* por um viés historicista – ao mesmo tempo que assimilamos a ideia de interdiscursividade proposta por Pêcheux e sua visão de que não há discurso neutro.

Ao investigar o conceito de formação discursiva na construção da teoria e análise do discurso, Gregolin (2005) propõe-nos pensar a produtividade desse conceito na análise do papel da mídia na espetacularização dos efeitos de sentido, a partir da instauração de trajetos temáticos que evidenciam a construção discursiva da identidade. Conforme a autora,

Certos discursos que circulam na mídia contemporânea produzem uma rede simbólica que forja identidades a partir de uma “estética de si” (Foucault, 1994; 1995). São práticas discursivas que constituem verdadeiros dispositivos identitários e produzem subjetividades como singularidades históricas a partir do agenciamento de trajetos e redes de memórias (Gregolin, 2005, p. 9).

Esses discursos, que podem ser de natureza institucional, social, política e/ou cultural, influenciam a maneira como as palavras são escolhidas, os significados são construídos e as posições ideológicas são adotadas dentro de um novo discurso. Vale lembrar que “o discurso só adquire sentido se estiver inserido em um universo de outros discursos: quando classificamos um texto dentro de um determinado gênero estamos relacionando-o aos demais textos do mesmo gênero” (Guerra, 2009, p. 13).

A Análise de Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. A Análise de Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma 'chave' de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender (Orlandi, 2012, p.26).

Para além da elaboração do dispositivo teórico, Orlandi (2012, p. 27) ressalta a importância do dispositivo analítico aplicado. Ainda que esteja integrado ao dispositivo teórico, cada analista possui uma maneira única de conduzir seu estudo analítico, que é influenciado pela questão formulada, pela natureza do material selecionado, pela finalidade da análise, pelos conceitos utilizados, leituras realizadas, dentre outros.

Nessa perspectiva, passamos a tomar como evidências do real e a considerar como universais narrativas construídas a partir de um ponto de vista particular, isto é, uma formação de sentido. É o processo que buscaremos analisar na produção discursiva de *Placar* acerca da construção da imagem pública do jogador Sócrates.

5 SÓCRATES E PLACAR

A relação entre Sócrates e a revista *Placar* se insere em um período singular da história brasileira, quando futebol, política e sociedade se entrecruzavam de maneiras cada vez mais visíveis. As décadas de 1970 e 1980 foram anos de intensas disputas simbólicas e transformações sociais profundas, em que diferentes formas de expressão pública tornaram-se espaços de negociação entre repressão, resistência e desejo de mudança. Nesse ambiente, o futebol ocupou seu espaço, não apenas como espetáculo, mas como agente de uma sociedade em ebulição.

Ao mesmo tempo, o país vivia sob o peso de uma ditadura que se transformava gradualmente, ora reforçando mecanismos de controle, ora permitindo brechas pelas quais emergiam novos atores políticos. A circulação de ideias, ainda limitada, encontrava caminhos alternativos, e as práticas culturais assumiam papel fundamental na construção de sentidos e pertencimentos. No cotidiano urbano, nas torcidas organizadas, nos bares e nos meios de comunicação, discutia-se mais do que partidas: discutia-se o país e seus rumos.

O futebol brasileiro, nesse contexto, expressava tanto continuidade quanto ruptura. Suas glórias conviviam com crises internas, tensões entre modernização e manutenção, disputas por identidade e representatividade. Os jogadores, antes vistos quase exclusivamente como peças imbuídas de um talento natural, começavam a ser percebidos como sujeitos sociais, com opiniões e posicionamento político. Essa mudança, ainda incipiente, ampliou a capacidade de o esporte projetar figuras cuja influência ultrapassava o gramado.

A imprensa esportiva adquire então nova densidade. *Placar*, ao longo de suas diferentes fases, tornou-se uma espécie de farol e termômetro das discussões nacionais sobre futebol e sociedade. Suas páginas refletiam tanto o entusiasmo popular quanto as inquietações de um período marcado por censuras e reinvenções. Em momentos diversos, a revista buscou não apenas registrar fatos, mas atuou como agente político, seja defendendo o movimento de redemocratização, seja propondo uma reforma modernizadora para o esporte.

É nesse ambiente de disputas simbólicas e diferentes projetos de nação que surge Sócrates como figura pública de rara singularidade. Sua formação intelectual, seu estilo de jogo e seu posicionamento político o colocaram em um território híbrido, entre o atleta consagrado e o cidadão engajado. O impacto de sua

presença ultrapassou o espaço esportivo porque dialogava com aspirações mais amplas da sociedade e - por que não dizer - da própria equipe editorial de *Placar*: autonomia, participação, espírito crítico. Sócrates tornou-se, assim, um dos personagens mais emblemáticos do período.

O encontro entre ele e *Placar*, portanto, não pode ser compreendido apenas como relação entre jogador-ídolo e veículo de comunicação. É também expressão de um momento histórico em que o futebol servia como fruto e palco de um país em transição.

5.1 BRASIL, ANOS 1970 E 1980: CONTEXTO POLÍTICO E SOCIAL

Os anos 1970 e 1980 no Brasil foram atravessados por uma dupla transformação: a reconfiguração do autoritarismo sob a égide da doutrina de segurança nacional e, mais tarde, a transição negociada à democracia, em meio a uma crise econômica profunda (Skidmore, 1988).

Conforme Chaves e Cattai (2019), a década de 1970 se constituiu como um laboratório de projetos de transição política formulados entre direitos humanos, questão social e Estado de Direito, em sintonia também com vetores da geopolítica da Guerra Fria que reconfiguraram, na época, os modelos de democratização.

No Brasil, desde os anos 1970, [...] vinha sendo acolhido na política institucional e na vida intelectual do país [...] um debate nacional sobre a retomada do Estado de Direito, a recomposição dos chamados direitos individuais e a retomada da “questão social”, que, como já se encontra bastante estabelecido na literatura (Green, 2009), se faziam com fortes incentivos internacionais. Estabeleceu-se, no país, na forma de incentivos para a formação de uma agenda de trabalho intelectual, no qual pautaram-se um crescente interesse por uma nova governança, moralidade pública e formas de exercício do poder, e um renovado debate sobre que papéis a modernidade capitalista poderia exercer no enraizamento de uma ordem democrática no Brasil. (Chaves e Cattai, 2019, p. 201)

O Estado autoritário e a sociedade civil passaram a interagir num jogo tenso de adaptações e reações - ideia que predomina nos estudos clássicos sobre o período (Skidmore, 1988) e explica a natureza gradual, ambígua e conflitiva das mudanças políticas que então se iniciavam.

No plano político-institucional, a ditadura consolidou mecanismos de controle e repressão que variaram em intensidade ao longo do tempo, do endurecimento pós AI-5, em 1968, até os primeiros movimentos de distensão. Elio Gaspari descreveu o ciclo de força e vigilância dos chamados “anos de chumbo” e sua posterior inflexão, quando a cúpula militar passou a falar em “abertura lenta, gradual e segura”, fórmula que sintetiza a tentativa de gerir o retorno à normalidade, porém ainda sob comando militar (Gaspari, 2002).

Skidmore (1988) leu o período que vai de 1964 a 1985 como uma trajetória do autoritarismo com mudanças de equilíbrio interno entre “linha-dura” e setores adeptos da abertura, quadro que ajuda a entender tanto as reformas controladas quanto as rupturas de oportunidade que pontuaram a passagem aos anos 1980.

Do ponto de vista econômico-social, o período viveu altos e baixos. Após o “milagre” de fins dos anos 1960, início dos 1970, a combinação de choques externos, endividamento e escolhas domésticas criou um quadro de desequilíbrios cada vez mais agudos. Estudos econômicos sobre 1974-1980 mostram a tensão entre crescimento via II Plano Nacional de Desenvolvimento, pressão inflacionária e deterioração externa, com idas e vindas de política econômica que tentavam “conjuguar objetivos irreconciliáveis” (o crescimento econômico, a dívida e o controle da inflação) (Coutinho, 1981).

Na primeira metade dos anos 1980, a crise da dívida, o ajuste sob tutela dos credores e a aceleração inflacionária produziram a chamada “década perdida”, reconfigurando o mercado de trabalho e a vida cotidiana, do arrocho salarial à explosão da informalidade.

Nos anos oitenta, a crise da economia brasileira degenerou na crise do Estado, manifestada a partir da sua incapacidade de intervir – decorrente também do avanço da globalização econômica e financeira – e da formatação da administração pública (Bresser-Pereira, 1992; Suzigan, 2004). A partir da segunda metade da década de 1980, ampliou-se a crise econômica arrastando consigo boa parte das instituições que fundamentaram o desenvolvimento brasileiro até então (Vargas; Felipe, 2015, p. 135).

Em novembro de 1982, o país assumiu formalmente o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), passo simbólico de subordinação da política econômica ao ajuste externo, com impactos imediatos sobre consumo e emprego (Nogueira, 2025).

[...] as autoridades da área econômica do governo anunciaram a necessidade de o Brasil submeter-se às exigências dos credores, sob a tutela e a auditoria do FMI. Na prática, era a falência financeira do país. O acordo com o fundo foi firmado em fevereiro de 1983. Transferiam-se para o sistema financeiro internacional as decisões fundamentais sobre a gestão financeira e econômica do país (Brum, 2010, p. 390).

Esse pano de fundo econômico tensionou o terreno político e agitou a sociedade civil. Alves (*apud* Silveira, 1984) destaca que, no pós-64, o Estado de Segurança Nacional não foi um bloco imóvel, mas um arranjo que se transformava na interação com formas emergentes de oposição (movimento sindical do ABC, novas pastorais, organizações pela anistia), numa dinâmica essencialmente dialética entre Estado e sociedade.

No campo da cultura, o período assistiu a um adensamento do debate público: sob censura e vigilância, artistas e jornalistas forjaram linguagens cifradas e estratégias de drible, compondo, segundo Napolitano (2017), um padrão estético-político que combinou cultura popular, vanguarda, cultura de massa e cultura letrada em chave humanista e antiautoritária.

A reconfiguração do sistema partidário e das regras do jogo também foi decisiva. O bipartidarismo ARENA-MDB, implantado em 1965, funcionou tanto como canal controlado de competição quanto como espaço de aprendizagem oposicionista, como demonstram estudos sobre as trajetórias do MDB e as ambiguidades da própria ARENA nas relações com o Executivo (Kinzo, 1988).

A distensão do final dos anos 1970, incluindo a revogação do AI-5, a Lei da Anistia e o pluripartidarismo, abriu novos canais de mobilização e competição eleitoral, deslocando o conflito para grandes praças públicas, parlamentos e redações, numa dinâmica cada vez mais publicizada das disputas políticas (Skidmore, 1988; Chaves; Cattai, 2019).

No ápice da crise política e econômica, 1983-1984 testemunharam a emergência de uma frente social ampla pelo voto direto - o movimento das Diretas Já - que se tornou emblema da redemocratização. A bibliografia acadêmica converge ao apontar a capilaridade dos comícios, a centralidade simbólica da Emenda Dante de Oliveira e a derrota legislativa de abril de 1984, seguida, contudo, pelo colégio eleitoral que elegeu Tancredo Neves, em janeiro de 1985.

As mobilizações por eleições diretas iniciaram-se em 1983, mas foi somente nos primeiros meses do ano seguinte que ganharam maior abrangência política e societária e um escopo nacional. Constituiu-se, então, um movimento social por eleições diretas, ele mesmo parte de um ciclo mais amplo de protestos pela democratização. A amplitude atingida pelo movimento decorreu de vários fatores: dos recursos mobilizados pelas lideranças dos partidos de oposição e de certas organizações sociais, da maior autonomia política de certas camadas sociais (como as camadas médias e operárias) e da construção simbólica da reivindicação pelo voto direto como uma luta pela transformação mais ampla da sociedade e da política (Bertoncello, 2007, p. 136).

O desfecho confirma a tese da transição pactuada, em que pressão social e negociação institucional combinaram-se, deixando heranças que a Constituição Cidadã de 1988 trataria de traduzir em um arranjo democrático amplo, porém repleto de compromissos (Campelo, 2018).

Sobre tais “heranças e ambiguidades”, Schwarcz e Starling (2015) inserem os anos 1970 e 1980 na trajetória maior da história brasileira, marcada por estruturas de desigualdade, hierarquia e exclusão - elementos que, segundo elas, são heranças diretas do passado escravocrata e de longa duração colonial.

As autoras ressaltam ainda a força dos movimentos sociais que se afirmaram nos anos 1980 - entre eles, os movimentos populares urbanos, os movimentos negros e os novos coletivos sociais -, cuja atuação ampliou a pressão por direitos sociais.

O período é caracterizado como um momento em que, saindo de um regime autoritário longo, o país debateu intensamente o sentido de cidadania e democracia, instituindo novas formas de participação, porém ainda sem superar plenamente suas desigualdades estruturais históricas (Schwarcz; Starling, 2015).

A década de 1980 aparece, desse modo, como um momento de abertura, mas não de ruptura, já que heranças da ditadura permaneceram influenciando a jovem democracia brasileira. Em outras palavras, o país avançou, mas carregando traços do regime anterior. No campo futebolístico, não foi diferente. É o que veremos a seguir.

5.2 O FUTEBOL BRASILEIRO ENTRE 1970 E 1989

A década de 1970 iniciou com um dos capítulos mais marcantes da história do futebol mundial e brasileiro: a Copa do Mundo do México. Pela primeira vez, as

partidas foram transmitidas ao vivo e em cores para grande parte do planeta, ampliando a emoção do torneio e aproximando torcedores da magia do jogo.

A notícia de que os jogos seriam exibidos ao vivo pela televisão provocou uma corrida às lojas de eletrodomésticos, que venderam milhares de televisores nos meses que antecederam a Copa. Durante as transmissões dos jogos e boletins, a TV Globo alcançou altos níveis de audiência. O jogo contra a Inglaterra, por exemplo, exibido em 7 de junho, teve índices mais altos do que a transmissão da chegada do homem à Lua, ocorrida no ano anterior.

A Copa de 70 foi o primeiro evento com transmissão direta em cores. O teste interestadual feito com o sistema a cores foi realizado no padrão alemão PAL com ajustes brasileiros (PAL-M). A imagem colorida era enviada a receptores instalados no Rio, em São Paulo e Brasília e o resultado da experiência, para alguns poucos aparelhos adaptados, foi considerado excelente pela Embratel. O presidente Médici foi uma das poucas pessoas que acompanharam a transmissão colorida do jogo entre Brasil e Inglaterra pelo televisor. No Rio, alguns funcionários da estatal e convidados especiais vibraram com as imagens da partida, enviadas via satélite para o auditório da Embratel, na Avenida Presidente Vargas (MEMÓRIA GLOBO, 2021).

No âmbito político, o período foi marcado por transformações na estrutura administrativa do futebol brasileiro. Tanto a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), criada em 1916, quanto o Conselho Nacional de Desportos (CND), instituído em 1941, passaram por intervenções após a polêmica demissão de João Saldanha, então técnico da Seleção Brasileira, às vésperas da Copa de 1970 (Schatz, 2014; 2018).

É importante partir da demissão de João Saldanha para compreender a militarização do comando da Seleção Brasileira a partir de 1970. A montagem de um aparato militar no comando do selecionado nacional e do futebol brasileiro é notável com as nomeações do major-brigadeiro Jerônimo Bastos, que mantinha vínculos com o Serviço Nacional de Informações (SNI), para o cargo de chefia da delegação, do major Ipiranga Guarany para a segurança da Seleção e, também, da escolha do civil Mário Zagallo como novo técnico do selecionado brasileiro. Para a preparação física dos atletas brasileiros foram nomeados os oficiais da Escola de Educação Física do Exército Raul Carlesso e Cláudio Coutinho¹⁶ (Schatz, 2018, p. 9).

¹⁶ Essa estrutura operacional foi norteadada pelo 'Planejamento México', documento que detalhava a intervenção militar sobre a CBD e a Seleção Brasileira. Tal estratégia teve origem no 'Planejamento México 68' (1967), elaborado por Lamartine Pereira da Costa, então Capitão do Exército, visando a preparação para os Jogos Olímpicos de 1968 (Marinho; Cornelsen, 2020; Soares; Salvador; Bartholo, 2004).

Conforme a autora, Saldanha havia sido escolhido para o cargo em função de uma manobra política articulada por João Havelange, que buscava atenuar o desgaste provocado pela derrota do Brasil na Copa de 1966 e, simultaneamente, fortalecer sua própria projeção internacional com vistas à presidência da FIFA. Schatz também aponta que Saldanha permaneceu à frente da Seleção entre 1969 e o início de 1970, mas sua vinculação histórica ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), somada às críticas públicas dirigidas ao regime civil-militar¹⁷, contribuiu para que sua permanência no comando se tornasse insustentável naquele contexto político.

Sobre o episódio, Magalhães (2012, p. 236-237) acrescenta:

A nona Copa do Mundo da FIFA foi realizada no México em 1970. A seleção conseguiu a classificação em 1969, sob o comando do jornalista João Alves Jobim Saldanha, ex-técnico do Botafogo do Rio de Janeiro. Sua escolha como técnico até hoje não foi de todo esclarecida, já que Saldanha era crítico da seleção e comunista. A versão mais aceita é a de que o então presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), João Havelange, concordou com a opção para acalmar a imprensa, que tanto atacava a seleção, colocando um dos jornalistas mais críticos como técnico e por conta de sua popularidade. Após o fracasso da Copa de 66, a seleção brasileira sofria com o descrédito de sua torcida, e tanto a CBD como o governo procuravam melhorar a imagem do grupo.

Guterman (2006), entretanto, questiona a narrativa de que a demissão do técnico foi exclusivamente uma intervenção do governo militar. Ele esclarece que, embora o governo Médici estivesse interessado na seleção e no futebol como ferramenta de propaganda, não há evidências concretas de que a demissão tenha sido diretamente ordenada pelo presidente. Em vez disso, o historiador sugere que a queda de Saldanha foi mais uma consequência de sua postura e das tensões internas na equipe, exacerbadas pela pressão social e política em torno da Seleção.

O sucesso de Saldanha à frente da seleção, em termos de resultados, não escondia os diversos problemas de relacionamento entre ele e vários integrantes da comissão técnica formada pela CBD, além de rugas com jogadores, imprensa e outros treinadores. Essa tensão cresceu até um ponto em que não havia mais retorno (Guterman, 2006, p. 78).

¹⁷ O termo “civil-militar” é aqui empregado, com base na autora citada, para designar o regime instaurado em 1964. Não se ignora, entretanto, que o termo é objeto de debate contemporâneo. Em parte da bibliografia, a expressão é tensionada pela proposta de “empresarial-militar”, que busca enfatizar a participação de setores civis na sustentação do regime (Brandão; Campos; Lemos, 2020).

Ele destaca que Saldanha se isolou dentro da equipe e enfrentou críticas por seu estilo autoritário e decisões controversas, como a intenção de barrar Pelé, que estava em má fase na época. Foi assim que, em meio a um cenário turbulento, o Brasil chegou ao Mundial sob desconfiança. Depois de mudanças significativas na equipe, pairavam dúvidas sobre o desempenho do escrete nacional.

O ceticismo em relação à seleção que disputaria o título mundial no México era equivalente ao que cercou a equipe que jogou a Copa de 1954, sob a sombra da tragédia épica de 1950. Alguns jornalistas já se antecipavam e diziam que uma derrota na Copa não seria inteiramente desastrosa, porque serviria para alterar “estruturas viciadas em antigos erros, nos planos tático, técnico e administrativo”. Uma vitória, por outro lado, seria tão surpreendente, dadas as circunstâncias, que só poderia ser explicada pelas “virtudes do jogador brasileiro, valorizadas a partir de 1958 [conquista da Copa na Suécia]” (Guterman, 2006, p. 95).

A vitória final sobre a Itália, que garantiu ao Brasil o tricampeonato mundial, consagrou de vez a Seleção como potência, fortalecendo ainda mais a percepção da supremacia brasileira no futebol internacional. Entre os protagonistas daquele elenco, Pelé reafirmou sua imagem como um dos maiores da história e conquistou lugar definitivo no Olimpo do esporte.

O triunfo no México tornou-se um ícone da propaganda do regime civil-militar. De acordo com Schatz (2018), o alcance popular do futebol favoreceu sua apropriação como ferramenta estratégica de legitimação política, reforçando a imagem de unidade nacional e desviando a atenção da população das tensões sociais e políticas então vigentes.

Os títulos mundiais conquistados pela Seleção Brasileira de 1958 e 1962 contribuíram para a projeção do futebol brasileiro em âmbito mundial. É, em parte, a visibilidade do bicampeonato brasileiro que tornou uma possível vitória no México, no ano de 1970, importante para a propaganda política do regime civil-militar, ainda que a censura, a perseguição política, as torturas e os assassinatos de opositores fossem conhecidos dos brasileiros. Durante o Governo de Emílio Garrastazu Médici três momentos marcaram a história do futebol nacional, sendo que estes passaram por tentativas de apropriação política. A conquista inédita do tricampeonato em 1970, a criação do Campeonato Brasileiro de Clubes em 1971 e a disputa da Taça Independência em 1972 foram episódios que, para alguns autores, exemplificam o uso do futebol como artifício de manipulação da população.

Para Helal e Gordon (2002, p. 45), a expansão da infraestrutura esportiva também refletiu os objetivos políticos do período. No início dos anos 1970, diversos estádios com capacidade superior a 70 mil pessoas - alguns chegando a ultrapassar 100 mil - foram construídos, como o Morumbi, em São Paulo; o Rei Pelé, em Maceió; e o Castelão, no Ceará. Os autores ressaltam que esse investimento estava articulado ao clima de otimismo promovido pelo regime militar durante o chamado “milagre brasileiro”, quando slogans ufanistas como “Brasil, País do Futuro” e “Brasil, Ame-o ou Deixe-o” buscavam consolidar uma identidade nacional centrada no progresso e na unidade.

Gaspari (2002, p. 207) registra o clima da época:

Gerson passou a Pelé pelo alto, e o Rei cabeceou para Jairzinho. Ele enfiou a bola na rede, correu para a lateral, saudou a torcida, ajoelhou-se e fez o sinal da cruz. Faltavam nove minutos para o fim do segundo tempo, mas com o placar de 3x1 no estádio Azteca da Cidade do México a parada estava decidida. A Copa do Mundo era brasileira. O caneco de ouro maciço que vinte anos antes, em 1950, o uruguaio Obdulio Varela erguera no Maracanã diante de 200 mil brasileiros acabrunhados, acabava de ser literalmente conquistado pelos canarinhos. Três vezes campeão mundial de futebol, o Brasil ficara com a taça. [...] O país cantava: noventa milhões em ação, pra frente, Brasil do meu coração [...]. Nunca se vira algo igual. Fora a primeira Copa transmitida ao vivo, e as multidões vitoriosas iam às ruas com os versinhos patrióticos que empanturravam as transmissões dos jogos. Médici abriu os jardins do palácio do Alvorada e saiu em mangas de camisa, com uma bandeira na mão e uma bola no pé. [...] Falava-se de um ‘Brasil Grande’, ‘Brasil Potência’. Distribuíam-se adesivos com a inscrição ‘Brasil, ame-o ou deixe-o’. País, futebol, Copa, seleção e governo misturavam-se num grande Carnaval de junho.

Assim, as aproximações entre esporte e política durante o governo Médici se expressaram na divulgação de imagens do presidente como “torcedor” apaixonado pelo esporte mais popular do país. Fatores econômicos também contribuíram para sua popularidade.

O chamado “milagre econômico”, resultado de medidas adotadas desde 1964, levou o país a expressivo crescimento entre 1968 e 1973, impulsionado pelo fortalecimento da indústria de bens duráveis e pela consolidação de uma classe média consumista. Entretanto, o “milagre” ampliou a desigualdade social e a concentração de renda. Seus resultados positivos começaram a regredir em 1973, com fatores externos como a alta do preço do dólar e a crise internacional do petróleo. A partir daí,

creceram a dívida externa, a inflação e a perda de poder de consumo dos brasileiros (Schatz, 2018).

A transição do governo Médici para o governo Geisel, em 1974, ocorreu em meio à desaceleração econômica e ao aumento das manifestações por democracia. Nesse contexto, o futebol passou a ser reapropriado com novos significados, e movimentos favoráveis à abertura política tornaram-se visíveis nos estádios, nos clubes e na imprensa (Schatz, 2015).

Ao anunciar, em 1974, uma abertura política “lenta, gradual e segura”, Geisel buscava manter o controle militar sobre o processo de transição e evitar entregá-lo à oposição. Entretanto, a legitimidade do regime vinha sendo questionada. O fim do milagre econômico também contribuiu para enfraquecer o governo, como observa Fico (1999), ao destacar que Geisel não herdou os benefícios do período anterior.

Nesse ambiente de mudanças políticas, a abertura ainda tímida que se delineava após o governo Médici coincidiu com dois fracassos esportivos: o desempenho decepcionante da Seleção na Copa de 1974, na Alemanha, e, sobretudo, a campanha frustrada na Copa de 1978, na Argentina. Tais insucessos suscitaram questionamentos mais amplos sobre o regime instaurado em 1964. Assim, associar a derrota brasileira à ingerência militar sobre o esporte tornou-se um modo de criticar, de forma indireta, a centralização autoritária e de reivindicar maior participação popular nas decisões nacionais (Schatz, 2015).

Ao mesmo tempo, em função da militarização do comando da Seleção — visível na presença de oficiais em cargos de direção e na adoção de metodologias inspiradas na lógica militar —, observou-se uma inflexão no discurso oficial. No artigo “Na CBD até papagaio bate continência”, publicado na revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, Santos (1978) sustenta que se buscou substituir a sabedoria popular sobre o jogo por um modelo tido como científico, alinhado ao autoritarismo e ao tecnicismo da cultura militar.

Couto (2010, p. 4-5) ratifica e complementa essa visão:

Ao longo da década de 1970, a invasão dos militares no cenário futebolístico introduziu e incentivou uma variada gama de práticas autoritárias que se desenvolveram desde o comando da seleção brasileira até as concentrações dos clubes. Tais ações, aliadas ao processo de modernização da Educação Física, inspiraram transformações radicais no cotidiano das equipes: a partir de então, os

modelos de treinamento físico e técnico, a medicina esportiva, a nutrição e a preparação psicológica deveriam somar esforços para a formação e a “manutenção” do “atleta de futebol”. Paralelamente à especialização dos profissionais ligados ao futebol, o crescente enrijecimento das regras disciplinares, que invadiam a rotina de trabalho e até a vida privada do jogador, encontrava respaldo nos discursos oficiais e, sobretudo, em grande parte da imprensa, legitimando, de fato, a cristalização do ethos autoritário no futebol brasileiro.

Segundo Negreiros (1998), dirigentes do futebol passaram a recorrer a expressões estrangeiras e a um discurso que desqualificava os saberes populares do futebol-arte, afirmando que a verdadeira competência técnica deveria advir das ciências do esporte, e não da experiência de jogadores e torcedores.

Essa tendência se consolidou com a ascensão de uma geração de treinadores que, sem experiência como jogadores profissionais, eram formados em escolas de Educação Física e possuíam especialização no exterior. Difundiu-se assim a visão de que o futebol deveria ser guiado por referenciais teóricos rígidos, valorizando disciplina, planejamento e racionalidade. Tal perspectiva, que rejeitava o improviso e o empirismo, expressava a vitória temporária do chamado “futebol-ciência” sobre o “futebol-arte” (Negreiros, 1998, p. 20).

De acordo com o autor, a partir de 1978, esse projeto atingiu seu auge, reatualizando ideias já presentes nas décadas de 1930 e 1940: o futebol deveria ser disciplinado, racionalizado e praticado segundo critérios técnicos importados, ainda que isso implicasse descaracterizar sua tradição criativa, espontânea e lúdica.

A estrutura do futebol, todavia, estava sendo criticada por seu arcaísmo e necessitava de reformas para sobreviver. Em 24 de setembro de 1979, após uma sequência de crises e resultados aquém do esperado, a CBD foi convertida em CBF, agora dedicada exclusivamente ao futebol - por exigência da FIFA - e presidida por um civil, Giulite Coutinho (Cabo, 2014a; Barenco, 2025).

As seleções que viriam a seguir, dirigidas por Telê Santana, representariam uma ruptura em relação ao modelo defendido pelos setores alinhados ao autoritarismo. Ambas reafirmaram uma concepção de jogo baseada na combinação entre improviso, criatividade, mobilidade e estética, resgatando elementos da tradição cultural que o projeto anterior procurava neutralizar. Em outras palavras, o contraste entre o tecnicismo militar e o futebol proposto por Telê evidenciava que a disputa pela

definição do futebol brasileiro durante o período não foi apenas técnica ou tática, mas essencialmente política e cultural (Cabo, 2014b; Rocha, 2013).

Conforme Rocha (2013, p. 62), o técnico “assumia a condição de profeta democrático que anunciava o retorno do futebol-arte”:

A então nomeada Seleção da Abertura representava o resgate de todo o conjunto de aspectos tradicionalmente brasileiros sufocados pela ditadura como o samba na concentração antes das partidas, a flexibilidade de horário para os jogadores acordarem em lugar do toque da alvorada anterior e até o consumo livre de cerveja (Rocha, 2013, p. 62).

A equipe de 1982, personificada por Sócrates, Zico, Falcão, Júnior e Cerezo – a mais aclamada nos últimos 32 anos, de acordo com Cabo (2014b, p. 45) –, tornou-se símbolo desse contraponto, pautado pela valorização do talento individual, pela criatividade como fundamento do coletivo e pela autonomia tática dos jogadores, em oposição à lógica de disciplinamento e padronização exaltada pela CBD/ CBF nos anos anteriores. A seleção de 1986, embora menos celebrada que a de 1982, manteve esse horizonte, operando como continuidade do modelo de Telê.

Nesse intervalo, experiências como a Democracia Corinthiana (1982–1985) simbolizaram a tentativa de converter o clube em espaço de participação e enunciação política, conectando vestiário e praça pública em plena transição democrática, com ressonância na imprensa e nas ruas (Florenzano, 2021; Martins e Reis, 2014).

A derrota em Sarriá para a Itália, em 1982, e a eliminação para a França nos pênaltis, em 1986, reabriram o dilema entre beleza e eficácia, alimentando um debate que transbordou o campo. Entre o otimismo e a frustração, as Copas de 1982 e 1986 espelharam a ambivalência da própria transição política. Mesmo com a derrota, conforme Cabo, a Seleção - referindo-se à equipe de 1982 - permaneceu exaltada, “pois, naquele momento, ela era a metonímia de uma nação que saía da ‘tristeza’ de uma ditadura e caminhava para a ‘festa’ da democracia” (Cabo, 2014b, p. 46).

Em paralelo, como mostra Ferreira (2018), a criação e consolidação do Campeonato Brasileiro entre 1971 e 1987 também se estruturaram a partir das mesmas lógicas políticas que orientavam a cultura esportiva sob a ditadura. A formação do torneio resultou de articulações entre Estado, mídia e dirigentes

esportivos, apoiando-se em mecanismos como a loteria esportiva e na crescente influência da televisão, que ampliou o alcance do espetáculo e legitimou a narrativa de modernização defendida por setores da imprensa, incluindo a revista *Placar*.

Assim, o futebol brasileiro passou por um processo de modernização ambígua, marcada pela manutenção de práticas políticas tradicionais e os interesses emergentes de emissoras e patrocinadores. De acordo com o historiador, as gestões de Havelange e Heleno Nunes manipularam critérios de participação e expandiram artificialmente o campeonato, reforçando alianças regionais e alinhamentos políticos, ao mesmo tempo em que o cenário econômico adverso dificultava a sustentabilidade financeira dos clubes e gerava sucessivas reformulações estruturais.

Com Nunes no poder, a partir de 1975, seguir-se-ia uma proposta de reformulação do campeonato que intensificaria a interiorização do torneio, e o inchamento do campeonato. Até este momento o campeonato havia aumentado, mas nunca ultrapassara a quantidade de 40 agremiações. Em 1976, seriam 54 clubes; em 1977, 62 clubes; em 1978, 74 clubes; em 1979, 94 clubes. (Ferreira, 2018, p. 96)

A crise do futebol (Helal; Gordon, 2002) e a crescente tensão entre clubes e federação culminaram no surgimento do Clube dos 13 em 1987, movimento que Ferreira (2018) identifica como marco do novo equilíbrio de forças entre CBF, clubes e mídia. A Copa União representou, assim, a afirmação da autonomia dos grandes clubes e a transição para um regime mais comercial e midiático, inaugurando um ciclo de disputas jurídicas e simbólicas sobre legitimidade competitiva, titularidade de direitos de transmissão e repartição de receitas.

Proni sintetiza o diagnóstico que ganhava força no campo esportivo:

[...] a crise fiscal do Estado (governos federal, estadual e municipal) e o advento da Nova República (1985) apontavam para o declínio da tutela estatal sobre o futebol e para a necessidade de uma organização mais autônoma do esporte profissional. A solução para os problemas vividos pelo futebol brasileiro - afirmava-se desde o início da década - passava por uma completa reestruturação das bases legais e institucionais nas quais ele se erguera. Era o momento de limpar o 'entulho autoritário' e criar um novo ambiente jurídico, uma configuração institucional mais moderna, que permitissem aos clubes o salto para a 'modernidade'. (Proni, 1998, p. 215).

Nesse mesmo tempo, a internacionalização no campo futebolístico se intensificou. A combinação entre crise econômica doméstica, inflação e dificuldades

de caixa impulsionou a exportação de jogadores para as ligas europeias - com destaque para a Itália, mas também Portugal, Espanha e França. Ídolos nacionais transitaram por esses circuitos, atraídos por salários em moeda forte e estruturas competitivas. O efeito doméstico foi ambivalente: de um lado, a saída precoce de talentos pressionou o nível técnico médio e aumentou a rotatividade de elencos; de outro, estimulou investimentos em formação e ampliou a inserção do Brasil em cadeias transnacionais de valor no futebol (Giglio, 2007).

Ao final da década, a queda da ditadura e a ascensão civil reconfiguraram hierarquias no cenário futebolístico: o capital político declinou, enquanto cresceu o peso do capital econômico. Em um ambiente já condicionado pela televisão, por calendários congestionados e pela crescente pressão por resultados, a mercantilização e a implantação de uma mentalidade comercial na gestão dos clubes anteciparam tendências que marcariam os anos 1990, cada vez mais integradas à economia global do entretenimento (Hirata, 2011).

Assim, entre 1970 e 1989, o futebol brasileiro transitou de objeto de propaganda e disciplina tecnocrática a arena de contestação, e, em seguida, a mercadoria central da economia do entretenimento. As experiências estéticas e políticas de 1982 e 1986, a institucionalização da CBF, as disputas em torno do Campeonato Brasileiro e o êxodo de jogadores conformaram um ecossistema cujas tensões permaneceram estruturantes, caracterizando práticas, discursos e políticas que marcariam as décadas subsequentes.

É neste cenário de reconfigurações que a revista *Placar* se torna um observatório privilegiado: no tópico seguinte, examinaremos como a publicação mediou e moldou essas transformações ao longo de sua história, explicitando linhas editoriais, atores e enquadramentos que ajudaram a sedimentar a memória do futebol brasileiro.

5.3 PLACAR: ORIGEM E DIFERENTES FASES

A revista *Placar* destaca-se na história do jornalismo esportivo brasileiro como a “mais longa revista esportiva do país” (Leal; Mesquita, 2021). Criada pela Editora Abril - então o maior conglomerado editorial do Brasil e principal responsável pela consolidação do mercado nacional de revistas semanais -, a publicação surgiu

em um momento de expansão da imprensa segmentada e de forte centralidade do futebol no espaço público brasileiro (A revista no Brasil, 2000; Mira, 2001).

Seu lançamento, em 20 de março de 1970, insere-se em uma tradição já consolidada da imprensa esportiva no Brasil, formada ao longo das primeiras décadas do século XX, quando o futebol se afirmava como prática urbana e espetáculo de massas. Desde os anos 1930 e 1940, periódicos como o *Jornal dos Sports*, no Rio de Janeiro, e a *Gazeta Esportiva*, em São Paulo, desempenhavam papel central na difusão do futebol, estruturando uma cobertura regular baseada em resultados, crônicas, perfis de jogadores e na estreita relação com clubes, federações e dirigentes (Coelho, 2003; Ribeiro, 2007; Unzelte, 2015).

Além dos jornais, na seara das revistas impressas, havia a *Sport Ilustrada*, produzida entre as décadas de 1940 e 1950, a *Revista do Esporte*, dos anos 1960, e a *Manchete Esportiva*, que teve circulação entre 1955 e 1959 e, posteriormente, entre 1977 e 1979. Schatz (2018, p. 6) observa que a *Manchete Esportiva*, pertencente à Editora Bloch, inovou no segmento das revistas esportivas ao explorar de maneira sistemática o recurso fotográfico, além de reunir em seu quadro de colaboradores autores consagrados como Mário Filho, Nelson Rodrigues, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, entre outros. O encerramento da publicação, em 1979, é explicado, segundo a autora, tanto pela crise econômica enfrentada pelo grupo Bloch quanto pelo aumento da concorrência no mercado, especialmente com a consolidação de *Placar*.

Nesse contexto, a edição inaugural de *Placar* apresentou-se como um projeto ambicioso, trazendo Pelé na capa, uma moeda comemorativa com a efígie do jogador como brinde, além de editorial assinado por Victor Civita, fundador e proprietário da Editora Abril, no qual se delineavam os princípios que orientariam a nova revista.

CARTA DO EDITOR

Estamos entrando em campo para jogar ao lado do Brasil. No ano de uma nova Copa do Mundo, aqui está o nosso PLACAR: marcado pelo carinho de um sonho de quase vinte anos.

Há vinte anos, quando era fundada a Editora Abril, nascia também a idéia de PLACAR. Era 16 de julho de 1950, uma data que o futebol brasileiro jamais esquecerá. As lições das duas primeiras Copas, 1930 e 1934, e as lembranças da jornada quase vencedora de 38 desaguaram no Maracanã na monumental Copa de 50, para formar a torrente de um time quase invencível. Mesmo preocupados em consolidar as bases de nossa editora, fomos contagiados pela “febre da Copa”, passando a viver aqueles dias de julho sob a temperatura altíssima de incontidas emoções. E, como todos, também

sofremos o grande impacto da conquista uruguaia, saudada no próprio estádio - fato maravilhoso! - por uma salva de palmas de 200 mil pessoas em pranto.

Naquele instante, ficou confirmado o que todos já sabíamos: para o Brasil o futebol é mais que um esporte, menos do que uma guerra - um meio-termo explosivo, colorido, sensacional. Resolvemos que uma das publicações de nosso plano editorial deveria ser, mais cedo ou mais tarde, uma revista esportiva - tão explosiva e tão sensacional como este nosso povo que vai aos estádios fazer uma das mais belas festas do mundo.

De lá para cá, muitas coisas aconteceram. E, aqui dentro da Editora Abril, a idéia de PLACAR continuava fermentando. Muitos projetos desta revista foram produzidos, lidos, revistos, analisados e guardados em todos estes anos.

Seria impossível lembrar, nos 7.300 dias de vida da Abril, quantas vezes foi feita esta pergunta desde o mais vivo office boy ao mais atilado dos nossos repórteres: "Pra quando é PLACAR?".

Pois é para agora. Finalmente, sentimos que estávamos prontos. Conseguimos reunir uma equipe jovem, talentosa, altamente profissional. Por outro lado, temos hoje no País uma nova mentalidade no jornalismo esportivo: a paixão clubística, as preocupações pessoais, os interesses menores foram substituídos pela crítica construtiva, pela análise ponderada, pela reportagem desassombrada e imparcial. E tudo isto faz parte da filosofia de PLACAR.

Há dois meses começamos o trabalho: dois meses de intensa e entusiástica movimentação, durante os quais a revista nasceu, transformou-se e chegou à sua forma final.

Esperamos que você goste de PLACAR. E que passe a torcer conosco todas as semanas. (Civita, 1970, p. 38)

FIGURA 2 - Capa de *Placar*, edição 1



Fonte: [Placar Magazine - 20 mar. 1970](#)

A presença direta de Civita na abertura da publicação, apesar do seu reconhecido pouco entusiasmo por futebol, sinalizava a importância atribuída ao projeto no interior do grupo. Ao anunciar que a revista “[entrava] em campo para jogar ao lado do Brasil” e ao definir o futebol como um “meio-termo explosivo, colorido,

sensacional”, o texto assume uma perspectiva torcedora, claramente interessada na dimensão emocional do esporte e em sua capacidade de mobilização das massas.

Nos anos 1970, vale lembrar, o surgimento de *Placar* ocorreu em um contexto marcado pela consolidação do regime militar, em especial durante o chamado “milagre econômico”, e, como vimos, a partir da estratégia de uso político do futebol como ferramenta de propaganda do governo Médici.

Nesse cenário, a Editora Abril já se destacava no campo midiático brasileiro, mantendo uma relação de cooperação pragmática com o governo, baseada tanto na negociação com os órgãos de censura quanto na convergência em torno de projetos de modernização econômica e cultural do país (Gonçalo Júnior, 2005).

Sem se confundir com os veículos abertamente oposicionistas, e ao evitar confrontos diretos com o regime, a Abril construiu uma postura empresarial que lhe garantiu expansão editorial e acesso privilegiado ao mercado.

No começo, a Editora publicava quadrinhos. Quatro dias antes da “tragédia do Maracanã”, em 12 de julho de 1950, a primeira publicação oficial da Abril chegava às bancas. Era a revista em quadrinhos de Walt Disney, “*O Pato Donald*”. Victor Civita planejava fazer da Abril uma grande editora, mas esse foi um amadurecimento que somente ocorreu na década de 1960 - principalmente com a volta do filho Roberto Civita dos Estados Unidos em 1958 que fora estudar e estagiou na redação do grupo Time-Life. A partir dali, a Editora Abril iniciou a criação de novas publicações, iniciada com a revista de fotonovelas *Capricho* (1952) e posteriormente com o fôlego jornalístico de *Quatro Rodas* (1960) e *Cláudia* (1961). As revistas *Realidade* (1966) e *Veja* (1968) ajudaram a solidificar a Editora no mercado brasileiro, que na década de 1970 recebe o reforço de *Placar* (1970), *Exame* (1971) e *Playboy* (1975) (Chiarioni; Kroehn, 2010, p. 31-32).

Conforme Gonçalo Júnior, Cláudio de Souza, um apaixonado por futebol e homem forte na Abril, foi o principal responsável pela criação de *Placar*¹⁸, apelidada nos bastidores de “projeto-alfa”:

[Depoimento de Cláudio de Souza sobre conversa que teve com Victor Civita] Falei-lhe da paixão do brasileiro pelo futebol e como eu imaginava a publicação: com fotos, muitas fotos, muitas cenas de gols; sequências fotográficas conseguidas com máquinas modernas; textos curtos e muitas charges - um mundo, o mundo dos esportes (Gonçalo Júnior, 2005, p. 162).

¹⁸ Chiarioni e Kroehn (2010, p. 30-31) apontam uma controvérsia em relação à autoria do projeto. Segundo os autores, baseados em entrevistas com Michel Laurence e José Maria de Aquino, integrantes da primeira equipe de *Placar*, a ideia do nome foi de Cláudio de Souza, porém a proposta teria sido concebida por Hamilton Almeida Filho e Paulo Patarra, e “vendida” a Civita por Aristélio Andrade e Maurício Azêdo.

[...] Civita teria anotado o nome cuidadosamente em uma folha de papel e pedido que o então assessor fizesse um “boneco” da revista para lhe mostrar. O modelo foi entregue em algumas semanas. O nome “Placar” teria sido “imediatamente” registrado no Instituto Nacional de Propriedade Industrial, embora uma pesquisa no sítio da entidade aponte processos em nome da CLC Comunicações Lazer e Cultura Ltda. (antiga divisão do grupo Abril que substituiu a Abril Cultural) e da Abril Comunicações S/A somente a partir de 3 de fevereiro e 10 de março de 1970. O veredicto de “seu” Victor, como era chamado por todos na Abril, teria sido: “A ideia é ótima, o boneco é muito bom, mas ainda não estamos prontos para fazê-la, falta-nos estrutura” (Unzelte, 2015, p. 14).

Essa espera, que se estendeu por quase duas décadas, encerrou-se em função de dois fatores que contribuíram para viabilizar a ideia original: a proximidade de uma nova Copa do Mundo, a ser realizada no México - na qual o Brasil, já bicampeão em 1958 e 1962, alcançaria seu terceiro título mundial -, e a implantação da Loteria Esportiva no país, que ampliou significativamente o interesse público e o mercado em torno do futebol. Havia, portanto, um forte intuito comercial no nascimento de *Placar*.

O próprio Cláudio de Souza reconhece que, no lançamento da revista, “apostou-se no sucesso da loteria”, o que não deixa de ser irônico quando se pensa que doze anos depois, em 1982, *Placar* seria a principal responsável pela perda de credibilidade da mesma Loteria Esportiva, após publicar uma reportagem em que denunciou a máfia de manipulação dos resultados dos jogos.

No dia em que Cláudio de Souza foi chamado à sala de Victor Civita para conversar com ele e o filho Roberto sobre a nova revista, o fundador da Abril tirou o projeto de 1952 literalmente de uma gaveta, aquela que ele chamava “gaveta de boas ideias”. Sua intenção inicial era fazer de *Placar* uma espécie de órgão oficial da recém-lançada Loteria Esportiva [...] (Unzelte, 2015, p. 15).

Cláudio de Souza dirigiu *Placar* apenas durante o primeiro ano de circulação da revista, tendo seu nome no expediente até a edição nº 42, de 1º de janeiro de 1971. Substituído por Milton Coelho da Graça, passou a atuar na direção das publicações infanto-juvenis da Editora Abril, especialmente no setor de histórias em quadrinhos. Em depoimento, Souza definiu o público do futebol como “o mais democrático dos leitores”, ressaltando sua capacidade de atingir simultaneamente diferentes classes sociais, níveis de escolaridade e perfis culturais (Gonçalo Júnior, 2005, p. 164).

Destacado para organizar a redação de *Placar*, Cláudio contratou os jornalistas e delegou a Paulo Patarra - à época o diretor de Novos Projetos da Editora Abril - chefiar o “projeto alfa”. Patarra [que vinha da experiência da revista *Realidade*], curiosamente, montou uma revista diferente da planejada

por Cláudio: grandes reportagens feitas por um seleto grupo de repórteres tarimbados em vez dos textos curtos. Uma característica, porém, foi preservada: o privilégio pelas fotos, determinante para o sucesso da revista (Chiarioni; Kroehn, 2010, p. 32).

A equipe reunida para viabilizar a revista combinava nomes experientes do jornalismo da Abril com colaboradores que se tornariam referências no campo cultural e esportivo. De acordo com Ribeiro (2007, p. 208), praticamente metade do expediente da primeira edição vinha da editoria de esportes do *Estado* e do *Jornal da Tarde*.

Sob a coordenação de Paulo Patarra, o grupo incluía editores (Hamilton Almeida, Maurício Azêdo, Woile Guimarães, Dante Matiussi, Hedyl Valle Júnior, José Maria de Aquino, Marco Aurélio Guimarães e Michel Laurence), fotógrafos (Lemyr Martins e Sebastião Marinho), cartunistas (Henfil e Otávio) e o artista gráfico Elifas Andreato, além de consultoria técnica de Aymoré Moreira, técnico bicampeão mundial com a Seleção Brasileira. Ainda nos serviços editoriais figurava José Carlos Kfourri, posteriormente conhecido como Juca Kfourri, que viria a exercer papel fundamental na consolidação editorial de *Placar* (Unzelte, 2015, p. 20).

Ao longo de sua trajetória, a revista contaria ainda com a colaboração de jornalistas de destaque como Milton Coelho da Graça, Octávio “Pena Branca” Ribeiro e Tim Lopes; escritores como Plínio Marcos, Ruy Castro, Luis Fernando Verissimo e Roberto Drummond; e colunistas - como os ex-jogadores Tostão e Falcão e o ex-técnico da Seleção Brasileira João Saldanha - que reforçaram sua identidade plural e sua ambição interpretativa no jornalismo esportivo brasileiro (Unzelte, 2015, p. 20).

Além de extensas reportagens, entrevistas aprofundadas, estatísticas detalhadas e espaço para colunistas com posicionamentos críticos, um grande diferencial da revista era o Tabelão e, posteriormente, a criação dos prêmios *Bola de Prata* e *Bola de Ouro*.

Nesses anos 70, a revista ganhou influência e mercado. E cumpriu com seu objetivo de ser a principal referência informativa futebolística do País. Com uma equipe de repórteres diferenciados e colaboradores espalhados pelas principais praças do Brasil, a cobertura dos campeonatos Estaduais e Nacional foi um dos pontos de diferenciação nessa primeira década de vida da revista. Com a criação do Campeonato Brasileiro (com esse nome mesmo, em 1971), este passa a ser o foco e sua marca registrada - e também seu melhor período do ano em vendas. Apesar da precariedade da comunicação, *Placar* levava ao leitor resultados quentes e precisos pelo Tabelão. Esse grande resumo da rodada, que durou quase 30 anos, descrevia a ficha técnica de praticamente todos os jogos do fim de semana pelo Brasil. Era um

trabalhão nas noites de domingo e início da madrugada de segunda-feira, com um esquema de atendentes e ligações para todo o país. Esse esforço trouxe tanta credibilidade que a revista, quando chegava às bancas na terça-feira, era alvo das rádios que reproduziam o Tabela de *Placar* para bem informar os ouvintes.

Ano a ano, o reconhecimento foi fortalecido com os protagonistas do esporte. A criação dos prêmios *Bola de Prata* e *Bola de Ouro* são marcantes no currículo daqueles jogadores que alcançaram a regularidade nos jogos do Campeonato Brasileiro. A *Bola de Prata* forma a seleção do ano no País e a *Bola de Ouro* premia o melhor entre esses 11 [...] (Chiarioni; Kroehn, 2010, p. 14-15).

Assim, a revista atingiu grande sucesso, com cerca de 200 mil exemplares semanais nos primeiros anos, mas nunca foi altamente lucrativa, sendo sustentada pela filosofia de "O Pato paga":

Durante a maior parte de sua existência, a revista foi sustentada pela célebre filosofia de Victor Civita "O Pato paga", com seus custos absorvidos pela Editora Abril. Após o sucesso inicial, mesmo nos anos 70 já enfrentava uma "recorrente crise de vendas". Nesse aspecto, o maior problema era a concorrência do rádio, da TV e dos jornais, que já traziam todo o noticiário de futebol, transmitiam os jogos e mostravam os gols (Mira, 2001, p. 161).

Para Chiarioni e Kroehn, diferentemente de Mira, a explicação para as tiragens ficarem aquém das expectativas frente ao grande número de torcedores e à capacidade econômica do futebol é o fato do "nosso conhecimento esportivo não [ser] adquirido pela leitura, salvo poucos casos".

Só há uma explicação para o resultado dessa conta ser menor do que a teoria. O brasileiro gosta de discutir, comentar e opinar sobre o universo da bola. Ele é capaz de contar histórias incríveis, que são levadas de geração para geração. Um sentimento que parece fazer a paixão ser transmitida pelo sangue. Fomos criados pela cultura oral do futebol, com todos os exageros e invenções do boca a boca (Chiarioni; Kroehn, 2010, p. 12-13).

De todo modo, mesmo com altos e baixos e com as constantes ameaças de fechamento, a revista se firmou. Em seus primeiros anos, *Placar* caracterizou-se pela busca de legitimidade jornalística e pela tentativa de se afastar do tom laudatório e ufanista predominante na cobertura esportiva do período.

Nas suas primeiras edições, *Placar* fugiu do caminho mais fácil de pintar a realidade do futebol e esconder os problemas, que já eram muitos, para se firmar. A revista manteve-se ereta e abriu espaço para João Saldanha, o técnico da seleção brasileira demitido pela cúpula de militares que comandava o futebol, contar os desmandos da equipe que partiria para a Copa do Mundo. Após esse corajoso cartão de visitas, um episódio permitiu

que *Placar* seguisse por esse caminho e assumisse o papel de desbravadora na imprensa esportiva brasileira (Chiarioni; Kroehn, 2010, p. 48).

Os autores contam um episódio ocorrido às vésperas da Copa do Mundo de 1970, quando os jornalistas José Maria de Aquino, Michel Laurence e Hedyl Valle Jr. foram barrados para uma entrevista agendada com Cláudio Coutinho, então preparador físico da Seleção. A ordem teria vindo de Antônio do Passos, militar à frente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), insatisfeito com uma matéria anteriormente publicada. Conforme a história contada, a equipe de *Placar* não cedeu à pressão, obteve a entrevista e “firmou uma bandeira que seria sua marca durante toda a vida” (Chiarioni; Kroehn, 2010, p. 48-49).

A partir de 1974, a publicação passou a ter uma linha editorial ainda mais contundente, com forte conteúdo político, especialmente sob o comando de Juca Kfourir. Unzelte contextualiza:

A militância política nas páginas de *Placar* aumentou quando um estudante de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo chamado José Carlos (Juca) Kfourir assumiu a chefia de reportagem, em 1974, e posteriormente a direção da revista, a partir de 1979. Ele, no entanto, já havia participado do projeto de lançamento desde o número um. Daí seu nome constar no primeiro expediente, ao lado dos de outros pesquisadores do Departamento de Documentação (Dedoc) da Editora Abril que se tornariam famosos, como o futuro comentarista econômico Celso Ming e a militante feminista e vereadora Ireda Cardoso. Na entrevista concedida para este trabalho, o próprio Juca fez questão de lembrar que a politização em *Placar* é bem anterior à sua chegada.

Não se esqueça: nesse período a revista era dirigida por membros do Partido Comunista Brasileiro, Milton Coelho da Graça [em 1971] e Jairo Régis [de 1971 a 1979]. O Hedyl [Hedyl Valle Junior, chefe de reportagem] achava que o Partido Comunista era um partido de bundões, o Hedyl era um radical de esquerda. O Alfredo Lobo, que era o editor de texto, era do Partidão. O João Rath, que depois substituiu o Hedyl, era do Partidão. Quer dizer: a cúpula da revista. [...] A redação de *Placar* era muito politizada. O mais, nem diria despolitizado, mas, digamos, à direita, ali, era representado pelo Zé Maria de Aquino, que era o mais conservador. Também não posso dizer que ele fosse nenhuma besta-fera, que apoiasse a ditadura (Unzelte, 2015, p. 132).

Nesse período, a revista cresceu e manteve uma postura combativa e de crítica ao futebol brasileiro, com foco em reportagens elaboradas e matérias investigativas, destacando-se a cobertura da Democracia Corinthiana¹⁹ e a Máfia da Loteria Esportiva.

¹⁹ Conforme Unzelte (2015, p. 143), “*Placar* transformou-se em uma espécie de órgão oficial do movimento. Dedicou a ele quatro das dez últimas capas entre a reportagem da Máfia da Loteria e o final de 1982, duas delas em edições seguidas, além de seis das dez primeiras capas de 1983”.

O ano de 1982 foi tão marcante para seu diretor quanto para a própria *Placar*. Por três motivos: a Copa do Mundo disputada na Espanha, a reportagem que desvendou a Máfia da Loteria Esportiva no Brasil e o surgimento da Democracia Corinthiana, que, como a própria marca elaborada pelo publicitário Washington Olivetto indica, surgiu no Corinthians, a grande paixão de Juca. Em pleno ocaso da ditadura militar, esse movimento reivindicava uma maior participação dos personagens que fazem o futebol, dos atletas aos membros da comissão técnica, nas decisões que envolvem seu trabalho. Foi também em 1982 que a redação se mudou para um terceiro endereço, da Rua do Curtume, no bairro paulistano da Lapa, para o Edifício Panamby, no Brooklin Novo (Unzelte, 2015, p. 137).

Segundo depoimento dado por Juca a Unzelte:

Eu tinha um puta orgulho daquilo. A capa, a última capa de 81, do especial de *Placar*, com Sócrates, Falcão, Reinaldo e Zico pintados a óleo. Saí de férias com a Ledinha e com as crianças, eu passava nas bancas, via aquela coisa ali e pensava: “Cacete!” E eu sabia, apostava na qualidade daquilo (Unzelte, 2015, p. 137).

Em seu livro de memórias, Juca registra os três momentos citados por Unzelte:

[Sobre a Copa de 1982] Estou sentado numa confortável poltrona do avião da Varig com destino a Sevilha e escala em Madri. A Copa do Mundo de 1982 é o objetivo, e uma sensação de quase euforia me invade quando ouço o aviso da decolagem. Quantas pessoas não gostariam de estar no meu lugar? Quantas não pagariam para curtir uma Copa? Pois eu estava indo com tudo pago, teria o salário religiosamente depositado no dia 1º e no dia 15 e outra vez no dia 1º, ficaria em hotéis decentes, almoçaria e jantaria (nem sempre, nem sempre) à custa da Editora Abril, que mais poderia querer? Seria minha primeira Copa in loco, aos 32 anos, diretor de redação, desde 1979, da *Placar*, então A (com maiúscula mesmo) revista semanal de futebol do país. Só me beliscando para ver se era verdade (Kfourir, 2017, p. 13)

[Sobre a Máfia da Loteria] A imprensa esportiva sempre preferiu investir mais na emoção, no jogo, nas contratações e lesões a olhar para os bastidores do esporte. [...] (Kfourir, 2017, p. 33)

Argumenta-se sobre a necessidade de um respiro quando o leitor chega aos cadernos de esporte, cada vez mais raros, por sinal, ou aos programas esportivos. O coitado do consumidor de notícias já não suportaria tanta sujeira na política, tantos crimes, e precisaria de um oásis. Daí a “leifertização” da programação esportiva na TV, onde a gracinha sobra e o jornalismo soçobra. [...] (Kfourir, 2017, p. 34)

Quando assumi a direção da *Placar*, em 1979, já sabia de muitas histórias não publicadas porque “não são do interesse do leitor”, “a Abril me deixaria na mão caso fosse processado”, “fontes seriam perdidas” etc. Ocorre que, pouco antes de eu chegar ao cargo, o então publisher da revista, jogador inveterado e jornalista vulcânico, Milton Coelho da Graça, pusera na cabeça que havia manipulação de resultados nos jogos da Loteria Esportiva, febre nacional desde 1970 [...]. Nada era conclusivo, não se provava coisa alguma, mas era estranho [...]. Eis que um belo dia, em outubro de 1981, o repórter

Sérgio Martins entrou na minha sala e disse que tinha uma pista de uma provável quadrilha, em Santos, que manipulava resultados. O fio da meada! [...] “Desvendamos a Máfia da Loteria Esportiva”, dizia a chamada de capa em letras amarelas sobre um fundo inteiramente preto. Durante uma semana apanhamos mais que Judas Iscariotes. Foram páginas e mais páginas de jornais repletas de desmentidos. Diariamente o *Jornal Nacional* mostrava os denunciados com suas versões. *Placar*, cuja edição vendera mais de 300 mil exemplares, era acusada de trair o futebol brasileiro, e a Caixa Econômica atestava a credibilidade da loteria que bancava. Mas tínhamos mais que indícios e convicções. [...] (Kfourir, 2017, p. 35-36)

A Loteria Esportiva mergulhou na lama da perda de credibilidade e nunca mais foi a mesma. [...] O gol da *Placar* entrou para a história do jornalismo brasileiro, mas, incrível, não a ponto de ganhar o Prêmio Esso, o mais importante da nossa imprensa. [...] (Kfourir, 2017, p. 40-41).

[Sobre a Democracia Corinthiana] Depois de uma péssima campanha em 1981, o Corinthians iniciou o ano seguinte sob um modelo de gestão que ganhou o nome de Democracia Corinthiana, para desgosto da imensa maioria da imprensa paulista, reacionária como ela só. Apenas a *Placar*, o *Jornal da Tarde* e Osmar Santos apoiaram o novo modelo. (Kfourir, 2017, p. 48)

Em torno da DC há muitas lendas, todas forjadas pelo já citado reacionarismo da nossa imprensa esportiva. Dizia-se que era uma democracia de quatro e bobagens do gênero, como se todos os demais jogadores não passassem de inocentes úteis. [...]

Quem sacou o nome do movimento foi Washington Olivetto, por mais que ele atribua isso a mim. Estávamos num debate, no começo de 1982, no Tuca, o teatro da PUC, quando citei de cabeça uma frase de Millôr Fernandes, de sua peça *Liberdade, liberdade*, de 1965 - um ano depois do golpe -, frase que aqui reproduzo literalmente: “Se o governo continuar deixando que certos jornais façam restrições à sua política financeira; se continuar deixando que alguns políticos mantenham suas candidaturas; se continuar permitindo que algumas pessoas pensem pela própria cabeça; se continuar deixando que os juizes do Supremo Tribunal Federal concedam *habeas corpus* a três por dois; e se continuar permitindo espetáculos como este, com tudo que a gente já disse e ainda vai dizer - nós vamos acabar caindo numa democracia!”. Adaptei-a mais ou menos assim:

- Se os jogadores continuarem a escolher o técnico do time, se votarem até para saber se o ônibus deve seguir viagem ou parar no restaurante à beira da estrada, se o time deve ir para a concentração ou não, vamos acabar caindo numa democracia. Numa democracia corintiana, é verdade, mas numa democracia. (Kfourir, 2017, p. 50)

Curioso é que, meses depois, criei o Dia 15 Vote, estampado nas costas das camisas alvinegras, e a frase é atribuída a Olivetto.

Explico: teríamos eleições para governadores no país todo em novembro e havia uma questão que dividia a esquerda: como participar de eleições ainda sob a ditadura? Os mais radicais eram a favor de uma campanha pelo voto nulo ou abstenção. Eu já estava mais do que convencido de que a saída era pela política e que, se déssemos uma sova nos candidatos governistas, a ditadura não se sustentaria por muito tempo mais. Quanto mais gente votasse, maior a chance de vitória. Não poderíamos, obviamente, botar na camisa do Corinthians um apelo “Vote na oposição”. Mas conchamar todos a ir às urnas era factível. A ideia foi aceita e o Vote Dia 15 um tal sucesso que a ditadura, via Conselho Nacional de Desportos, proibiu que se repetisse.

É claro que não foi por esse motivo que a oposição ganhou em quase todos os colégios eleitorais, mas isso ajudou a intensificar o clima da redemocratização. [...] (Kfourir, 2017, p. 51)

A partir dos trechos, é possível perceber que Juca se posiciona como um jornalista de viés democrático e crítico ao conservadorismo institucional, defendendo que o esporte não deve funcionar como “oásis” de entretenimento despolitizado nem como área blindada de escrutínio público. À frente de *Placar*, ele fez do periódico sua arma de combate e canal de expressão de suas convicções ideológicas.

Perguntado por Unzelte sobre o público leitor da revista [*Para quem escreviam os jornalistas de Placar naquela década de 70, em que futebol era considerado alienação?*], o diretor respondeu:

“Eu acho que a gente nunca fez [a revista] pensando que o cara que nos lesse era alienado”. Ele acredita que, até ali, o que se fazia era uma revista “cifrada”, aproveitando o fato de que, por ser uma revista esportiva, *Placar* era menos visada pela censura. Além disso, foi justamente por causa da censura em outras redações que não só *Placar* como o jornalismo esportivo em geral ganhou muitas boas cabeças. Afinal, eram as páginas que haviam sobrado para se trabalhar. Kfoury lembra uma frase de Roberto Civita, filho - do fundador da Abril, Victor Civita, e presidente da editora até morrer, em 2013: “A esquerda me dá ótimos jornalistas, a polícia só é capaz de me dar gráficos” (Unzelte, 2015, p. 134).

Em 1982, *Placar* atingiu seu ápice editorial com a cobertura da Copa. O semanário mudou de formato e aumentou o número de páginas. Segundo Unzelte (2015, p. 137), “a publicidade, que sempre foi o calcanhar-de-aquiles da revista, deixou de ser problema. Empresas como Topper, Philips e Kodak passaram a anunciar na revista, cuja estrutura saltou de 84 para 100 páginas”.

As expectativas eram altas, porém a derrota da Seleção marcou o início de um período de crise para a revista, com queda nas vendas e perda de credibilidade. Na tentativa de superar a crise financeira, surgiu a *Placar Todos os Esportes*.

Civita, com o poder em mãos, criou a *Placar Todos os Esportes*, inspirada na *Sports Illustrated*, sucesso nos Estados Unidos. Vieram nas páginas da *Placar* esportes como boxe, vôlei, basquete, automobilismo, atletismo e futebol de mulheres, que a essa altura já havia aparecido em outras edições do periódico. Mas, pela primeira vez na história da revista, na edição 738, em julho de 1984, as mulheres “ganham” uma capa sobre o assunto. A manchete, “3.000 times e 45.000 mulheres em campo”, tem a jogadora Vandira, do já extinto Pinheiros-PR, de costas, trajando a camisa do clube e uma calcinha branca, no vestiário. O exemplo traz um perfil normativo estigmatizado de gênero da época, preocupado em primeiro plano com a sensualização da mulher (Leal, 2020, p. 62).

A nova fase começou, mais uma vez, com Pelé na capa, dividindo espaço com uma foto da seleção masculina de vôlei e chamadas para o boxe (“Maguila vira

ídolo nacional”); para a Olimpíada daquele ano (“As previsões para Los Angeles”); e, naturalmente, também para o futebol, que, embora com espaço reduzido, seguia como parte da fórmula da revista (“Doutor Sócrates, o hipnotizador”). A iniciativa durou exatas 30 edições - entre o número 726, de 20 de abril de 1984, e o 755, de 9 de novembro do mesmo ano.

A icônica capa de Pelé vestindo a camisa das Diretas é um dos destaques do documentário *Placar: A Revista Militante* (2024), dirigido por Ricardo Corrêa e Sérgio Xavier Filho. O filme revela que houve resistência inicial do ex-jogador em fazer a foto, mas o fotógrafo Ronaldo Kotscho, com quem Pelé tinha amizade, convenceu-o a posar, resultando em um dos registros políticos históricos do futebol brasileiro.

Frente à revelação, fica mais fácil compreender a dissonância entre a chamada e o conteúdo da edição:

No interior da revista, um perfil de cinco páginas assinado pela jornalista e biógrafa Regina Echeverria falava mais do filme Pedro Mico que do próprio Pelé, cuja promessa feita na capa ficou restrita a um quadro intitulado “O que vai pela cabeça de Pelé”. E a uma aprovação tímida à campanha das Diretas, cheia de ressalvas: “Diretas agora está meio confuso. Mas não tem jeito. A pressão é muito grande e eu acho que todo mundo deve ter oportunidade. Penso também que o governo atual já teve a oportunidade dele” (Unzelte, 2015, p. 147).

Após o fim da versão “Todos os Esportes”, a revista retoma o futebol como eixo central de sua pauta e o faz com uma renovação de conteúdo e de formato. Com Carlos Maranhão, recrutado da *Veja*, *Placar* aproxima-se do modelo editorial da publicação, passando a circular em dimensões menores (27 × 21 cm). Unzelte (2015, p. 155) caracteriza esse período como a “Veja do futebol”, destacando a semelhança entre seções da *Placar* (“De Primeira”, “A Semana”, “Entrevista”, “Onde Anda”) e quadros tradicionais da *Veja* (“Gente”, “Datas”, “Páginas Amarelas”). Ainda nesse período, a revista ganhou seu primeiro Prêmio Esso de Jornalismo, na categoria Informação Esportiva, pela reportagem “Joguei dopado”, publicada na edição 907, de 19 de outubro de 1987 (Unzelte, 2015, p. 158).

De 1988 a 1990, com o objetivo de diminuir custos, a revista passa por nova reformulação: surge, então, a *Placar Mais*. Maior em tamanho (30 x 23,5 cm), com menos páginas (48 contra as 60 anteriores), mais colorida (todas as páginas passaram a ser impressas em cores), mais barata (350 cruzados em vez dos 450) e com a capa no mesmo papel do miolo.

A ideia da *Placar Mais* quem deu fui eu. Era a solução. Como é que *Placar* pode sobreviver? Vamos baratear o custo. Vamos fazer uma revista barata, vamos fazer uma revista direta cuspidinha da máquina, vamos fazer uma revista pra ganhar tostões. [...] Outra coisa: não se esqueça de que em um país que vivia sob a espiral inflacionária *Placar* fazia dinheiro toda semana. Por menos que fosse o ideal, era dinheiro toda semana. Você sabe qual foi a época em que *Placar* foi mais importante na Editora Abril e eu era tratado...? Você não faz ideia. Outro dia eu estava jantando com o Thomaz [Souto Corrêa] e nós estávamos lembrando disso. Quando a gente fez aquela revista cuspidinha da máquina, sem capa... *Placar Mais*! Custava um “dinheiro”. Custava um “dinheiro”! Só que era um “dinheiro”, vendia 100 mil, 105 mil, cento e... Um, um “dinheiro”! Um “dinheiro” que entrava direto no fluxo de caixa da Editora Abril. Na época do Collor! Então, *Placar* era o dízimo da igreja. *Placar* era a garantia. Eu chegava nas reuniões e só faltava me aplaudirem, entendeu? Eu morria de rir (Kfoury *apud* Unzelte, 2015, p. 162).

Na avaliação de Unzelte, *Placar Mais* teria confirmado a lógica de que “mais” acabou significando menos. Chiarioni e Kroehn (2010, p. 256) reforçam a crítica ao apontar que a publicação foi vista por muitos como responsável pela derrocada da fase semanal, ao substituir textos analíticos por notinhas e aproximar-se do modelo das revistas de fofoca. A mudança não conquistou nem a equipe editorial nem o público leitor e, por isso, durou pouco: de setembro de 1988 a março de 1989, quando *Placar* retomou seu projeto original. Ainda nesse intervalo, porém, a revista obteve seu segundo Prêmio Esso com a reportagem “O primeiro time de Pelé”, publicada na edição 974, de 10 de fevereiro de 1989, e assinada por Kátia Perin, recém-incorporada à redação.

A edição 1.052, de 17 de agosto de 1990, marca o fim da fase semanal e a “morte” de *Placar*, mas não seu desaparecimento, como conta Juca:

Não demorou para a Editora Abril resolver “descontinuar” a revista, um eufemismo para o verbo “fechar”. Inventou-se, para que eu dirigisse, mas muito contrariado, a revista semanal *Ação*, que misturava esportes, o futebol inclusive, e games. Por ironia, a única edição bem-sucedida da nova publicação deu-se em dezembro, quando o Corinthians ganhou seu primeiro Campeonato Brasileiro.

Ah, se *Placar* tivesse sobrevivido! Seria um arraso. Sim, *Placar* morreu, mas impedi que fosse enterrada. Sob o pretexto de não perder o título, propus à direção da Abril fazer edições especiais. A primeira delas saiu ainda em 1990, em outubro, comemorando os cinquenta anos do Rei Pelé. Sucesso absoluto, com venda de quase toda a tiragem, 100 mil exemplares, e, de quebra, o Prêmio Esso, o mais relevante do país, de Jornalismo Esportivo. Assim, *Placar* pôde ser ressuscitada com “edições especiais” todos os meses, enquanto *Ação* desapareceu na poeira (Kfoury, 2017, p. 91).

Sem periodicidade definida e produzida por uma equipe mínima, *Placar* sobreviveu. “A cada mês, esgotava-se um tema: “Os melhores camisas 10 da história”;

“O futebol na África”; “Os goleiros”; “A edição dos campeões”; “Os melhores times de todos os tempos”; e daí por diante” (Kfourir, 2017, p. 108).

Como mostra Unzelte, as chamadas revistas especiais²⁰ não eram exatamente uma novidade na história do periódico. Para isso, cita a edição 14-A, publicada ainda em 1970, após a vitória do Brasil sobre o Uruguai na semifinal da Copa do México; a edição 390-A, com o Corinthians campeão paulista de 1977, após 22 anos; o “Projeto 13”, série de revistas contando a história de cada um dos principais clubes brasileiros, elaborado em 1978 e reeditado mais duas vezes (1985 e 1989), sempre em tempos de crise; além dos já tradicionais guias de campeonatos e a edição dos campeões.

A redação trabalhava basicamente com material de arquivo, afastada dos fatos do dia a dia do futebol, a não ser no caso dos guias dos campeonatos ou das revistas-pôsteres dos campeões, que continuaram sendo editadas. Enxuta, era formada por um redator chefe (primeiro Álvaro Almeida, filho do pioneiro Hamilton Almeida Filho, de 1970, depois Sérgio Martins, o repórter da Máfia da Loteria, de 1982), um editor (Celso Unzelte), um repórter (Paulo Vinícius Coelho, o PVC, que depois ganharia destaque na televisão) e um editor de fotografia (Ricardo Corrêa). O departamento de arte, terceirizado, era comandado por Walter Mazzuchelli, o Anjinho, e Afonso Grandjean Pinto, o Biriba, que haviam comandado esse setor da revista praticamente desde seu início. A partir de 1993, Sérgio Martins promoveu alterações na equipe e passou a contar com mais um editor, mais um repórter e a contratação do pessoal da arte (Unzelte, 2015, p. 173).

A *Placar* mensal e temática duraria até a Copa de 1994, quando Juca propôs um novo projeto: fazer uma revista a cada jogo do Brasil para concorrer com os jornais.

As primeiras edições da Copa de 94 saíram com as fotos avermelhadas. Como aquela Seleção, parecia tímida nos seus primeiros números. As vendas também não estavam muito estimulantes e a Editora Abril pensou em interromper as edições made in USA. Juca Kfourir argumentou que o time de Romário e companhia poderia dar uma virada e conquistar o título e os especiais venderiam como água, compensando a decepção dos primeiros números (Chiarioni; Kroehn, 2010, p. 332).

Juca estava certo. A edição da conquista do tetracampeonato, depois de 24 anos do tri, chegou a vender quase 500 mil exemplares e ajudou a revista a terminar o ano “no azul”, algo raro na vida de *Placar*.

²⁰ O especial “Sócrates o melhor jogador do mundo”, de setembro de 1979, foi o primeiro dedicado a um único jogador.

Pronto! O Brasil voltou a ser campeão mundial e estava no ponto para ter de novo uma ótima revista de futebol. Porque, se aquela não foi uma Seleção que encantou, foi a que venceu depois de tantos anos, além de ter um jogador genial, como Romário, e outros muito bons, injustiçados, talvez, pelo pragmatismo de Parreira (Kfourir, 2017, p. 121).

O sucesso das vendas fez com que o título retornasse para as reuniões de planejamento da Editora Abril, que passou a discutir seu relançamento.

A certa altura do encontro, Juca questiona:

- Vocês têm notado, ao virem trabalhar de manhã, que crianças, meninas inclusive, estão indo para a escola com a camisa da seleção brasileira, do São Paulo, do Palmeiras, do Corinthians? Meninas! Isso se dá em Porto Alegre, se dá no Rio... Tem uma nova geração que gosta de futebol, mulheres inclusive, com uma vantagem em relação às gerações que passaram nos últimos anos no Brasil, com ídolos vencedores (Chiarioni; Kroehn, 2010, p. 332).

Surge, assim, a *Placar Futebol, Sexo e Rock & Roll*, uma espécie de versão masculina da *Capricho* (Leal, 2020, p. 65). As grandes reportagens estavam descartadas, apesar do futebol seguir como tema principal. A partir dele, surgiam pautas sobre a moda esportiva, a música, as namoradas dos jogadores, questões íntimas e a vida sexual dos atletas. O objetivo era modernizar a revista, mantendo o antigo público e conquistando novos ao apostar em um *design* ousado, fotos gigantescas e textos menores (Chiarioni; Kroehn, 2010, p. 340).

Trouxemos, por indicação de Thomaz Souto Corrêa, um dos melhores diretores de arte do mundo, o americano Roger Black, chamado de Mr. Magazine em seu país. Em formato grande e inédito no Brasil, o projeto gráfico ficou magnífico e a primeira nova edição, de abril de 1995, vendeu mais de 350 mil exemplares, respaldada pela campanha publicitária com a marca registrada de Washington Olivetto.

Na capa, Edmundo, ídolo do Vasco e do Palmeiras, então no Flamengo, com a chamada: "O Animal precisa de carinho". Detalhe: o jogador segurava no colo um urso de pelúcia amarelo, por sugestão da diretora de arte da revista, Lenora de Barros. Quando ela falou de levar o bichinho para o estúdio, nós rimos. Imagine se Edmundo aceitaria, dissemos todos os machos alfa à artista gráfica. Lenora, assim mesmo, levou o urso, assistiu à sessão de fotos e, no fim, sugeriu ao atleta que pegasse o bichinho. O Animal nem titubeou (Kfourir, 2017, p. 136).

A nova fase caracteriza-se por uma mudança editorial radical. Pela primeira vez, a revista passou a comercializar assinaturas. Em termos de enquadramento, a publicação se distanciou do jornalismo que havia consolidado sua reputação nas décadas anteriores. Esse período é apontado na literatura como marcado pela ênfase

no entretenimento (Rocco Júnior; Belmonte, 2014) e pela objetificação das mulheres em diferentes dimensões (Salvini; Marchi Júnior, 2016; Januário, 2019; Leal, 2020). Marca também a saída de Juca Kfouri após 25 anos de *Placar*.

Sobre o episódio, o jornalista faz questão de esclarecer:

A generosidade das pessoas faz questão de me inocentar desse projeto como se eu tivesse saído da revista: “O Juca foi embora, porque se recusava...”. Mas não tem nada a ver. Quem inventou a história do futebol, sexo e *rock’n’roll* fui eu - diz, com firmeza, Juca (Kfouri *apud* Chiarioni; Kroehn, 2010, p. 333).

Em sua autobiografia, ele conta os bastidores da demissão:

Pois demorei mais de vinte anos para descobrir o óbvio: a *Placar* não era minha. Definitivamente, a conclusão não me favorece. A revista entrou muito cedo em minha vida, antes mesmo de ela nascer. [...] (Kfouri, 2017, p. 130).

Participei, maravilhado, de todos os passos iniciais da *Placar*, da confecção de seus número zero (foram três e os tenho encadernados, bem como a coleção inteira com meu nome no expediente, de 1970 a 1995) e de seus 25 anos seguintes). (Kfouri, 2017, p. 131).

[Na fase *Futebol, Sexo e Rock & Roll*] Para não perder o pulso crítico, combativo e investigativo da marca *Placar*, publicávamos um encarte chamado de “Placar Urgente”, com as mazelas da cartolagem. Foi aí que o caldo entornou. A Abril estava começando sua desastrada operação televisiva, a TVA, e precisava comprar campeonatos de futebol. (Kfouri, 2017, p. 136).

[...] numa noite do Prêmio Abril, festa anual da editora em que as melhores produções de suas revistas eram agraciadas, por mim apresentado na ocasião, Roberto Civita me contou que Ricardo Teixeira, presidente da CBF, se queixara e dissera não poder negociar com uma empresa que publicava uma revista que lhe fazia marcação cerrada.

Civita me pediu que parasse com as críticas e denúncias. Ponderei não fazer sentido ele se orgulhar de a *Veja* ter colaborado para derrubar Fernando Collor e ao mesmo tempo se curvar diante de um cartola.

- Ricardo Teixeira é o Collor da *Placar* - argumentei.

Ele parece ter aceitado.

Um mês depois, nova edição na banca, mais uma bordoadada em Teixeira, e sou convocado para uma reunião com Civita, seu filho Gianca, que cuidava da TV, Thomaz e um tal Walter Longo, que entrou mudo e saiu calado. Civita reiterou o pedido que me fizera e acrescentou uma frase de Teixeira dita a ele com raiva:

- Eu mando na CBF, Roberto Marinho manda na Globo e você não manda na Abril. (Kfouri, 2017, p. 137).

Afinal, não eram os leitores os patrões da Abril? Não, não eram, como testemunhei no mês seguinte, mais uma edição com críticas à CBF.

Thomaz chamou-me para dizer que Civita e ele já não me viam como diretor da *Placar* e lamentou que a matéria crítica não houvesse sido feita com humor, pois assim não teria causado problemas. Eu mentiria se negasse meu espanto e uma sensação de falta de chão. Morro pobre, mas não perco a

pose. De bate-pronto, pedi a Thomaz que chamasse o diretor de RH e fizesse as minhas contas.

Teve início então uma novela que durou mais de mês. [...] Até a compra da revista me propuseram, ideia que cheguei a discutir com Pelé, para uma eventual sociedade. Quando a Abril soube, o preço subiu e ficou inviável, e a novela seguiu por mais uns dias, agora em torno do teor do comunicado de minha saída. A editora apresentou os termos de sempre: “Depois de 25 anos de bons serviços, o jornalista Juca Kfourri encara novos desafios...” (Kfourri, 2017, p. 138).

Na-na-ni-na-não! Até para evitar ter de sair atirando, sugeri: “Depois de 25 anos de casa, por divergências editoriais, o jornalista Juca Kfourri está deixando a Editora Abril...”. Assim foi feito, ou quase. “A partir de 1º de julho, Juca Kfourri deixa a Abril, por divergir da linha editorial que a empresa quer imprimir à nova revista *Placar*”, dizia o comunicado sobre a minha saída.

Para quem me perguntava o que tinha acontecido, era fácil responder:

- Eu queria fazer uma revista, a Abril queria fazer outra, a dona da revista é a Abil, perdi (Kfourri, 2017, p. 139).

Conforme Unzelte (2015, p. 180), “o visual de *Placar* na fase do Futebol, Sexo e Rock & Roll se constituiria em um capítulo à parte”, o que contribuiu para que a revista conquistasse seu terceiro Prêmio Esso, desta vez na categoria Criação Gráfica, pela reportagem “Onde vocês vão?”, publicada na edição 1.116, de junho de 1996.

No artigo *Do estádio para o estúdio* (Amaral; Bozina; Bertolli Filho, 2018), que se propôs a analisar as mudanças na forma de retratar o corpo masculino na revista *Placar* ao longo de 30 anos, os autores apontam uma transformação significativa nesse período: a representação do corpo masculino, que em 1984 mostrava atletas em ação, com marcas de esforço, suor e sofrimento, passa a ser mais estática, limpa e produzida em estúdio, com uso de iluminação artificial e manipulação digital.

Placar – Futebol, Sexo e Rock’n’roll procurou inovar a cada edição. Mensalmente, a revista investia em capas e pautas diferenciadas. Os bastidores do mundo do futebol e principalmente a intimidade dos jogadores eram assuntos certos. [...] *Placar* passou a fantasiar os jogadores e eles começaram a curtir muito. Algumas foram fotomontagens, como uma foto do irreverente Viola vestido de porquinho, assim que ele assinou contrato com o Palmeiras. [...] Outros universos passaram a servir de inspiração. O meio artístico e o cinema foram um deles. Milene Domingues, por exemplo, modelo que namorou e se casou com o jogador Ronaldo, mãe do primeiro filho dele, Ronald, vestiu a roupa de Batgirl.

A nova fase continuou privilegiando os craques. Ronaldo, o Fenômeno, foi o recorde. Ao todo, quatro capas de *Futebol, Sexo e Rock’n’roll* (Chiarioni; Kroehn, 2010, p. 351-352).

Embora o projeto gráfico, conceitual e inovador, fosse amplamente elogiado, seus custos eram elevados; assim, apesar do bom desempenho em vendas, a iniciativa durou apenas até outubro de 1997.

Por economia de papel, desde a edição 1.111, de janeiro de 1996, o revolucionário tamanho original da revista já havia sido trocado para convencionais 22,6 por 29,9 centímetros. A partir do número 1.132, de outubro de 1997, o sexo e o rock & roll somem da inscrição abaixo do logotipo da revista e também de suas pautas. O futebol voltava a reinar sozinho (Unzelte, 2015, p. 188).

Segundo Unzelte (2015), a trajetória de *Placar* é marcada por uma prioridade recorrente: sobreviver. A partir de 1997, quando se encerra a fase *Futebol, Sexo e Rock & Roll*, a revista entraria em um período em que a “luta pela sobrevivência” se intensifica e passa a caracterizar o seu estágio editorial dali em diante.

Mirando o possível pentacampeonato na França, a revista estruturou uma operação baseada na venda de cotas de patrocínio, o que permitiu a Marcelo Duarte, então diretor de *Placar*, enviar parte da equipe para a cobertura *in loco* e produzir edições especiais pós-jogo, enquanto a redação no Brasil mantinha a edição mensal. A série prevista, porém, não se completou: a derrota por 3 a 0 para a França, na final, foi absorvida pela edição regular de julho de 1998.

A volta da França não foi das melhores. A perda da Copa somada aos problemas acumulados em *Placar* levaram a Abril a não enxergar mais Marcelo Duarte no comando da revista. O próprio diretor de redação não se enxergava à frente da publicação. A verdade é que o novo formato também não era unanimidade. Não faltavam ligações de leitores reclamando. Para eles, *Placar* deveria ser uma revista essencialmente de futebol (Chiarioni; Kroehn, 2010, p. 359).

Entre setembro de 1998 e novembro de 1999, a *Placar* atravessou uma rápida sucessão de mudanças na direção: Matinas Suzuki Júnior, vindo da *Folha de S. Paulo* para a direção editorial da Abril, assumiu temporariamente o lugar de Marcelo Duarte e acumulou funções até convidar Leão Serva, então secretário de redação do *Lance!*; pouco depois, Serva repassou a direção da revista a Sérgio Xavier Filho, em um intervalo de pouco mais de um ano. Nesse meio-tempo, a publicação também buscou reposicionar sua identidade: voltou a ser impressa no formato padrão de *Veja* e retomou o logotipo antigo, sinalizando o afastamento definitivo do último vínculo

visual com a fase *Futebol, Sexo e Rock & Roll*, mudança consolidada a partir da edição 1.149, de março de 1999, quase inteiramente dedicada a Pelé.

Na virada para os anos 2000, diante da consolidação da internet e do ritmo “tempo real” dos portais esportivos, *Placar* reforçou sua atuação digital e ensaiou um retorno às origens com a retomada da edição semanal. A iniciativa, contudo, foi breve, entre 10 de abril de 2001 e 1º de fevereiro de 2002 (Unzelte, 2015, p. 194).

Ao encerrar o curto novo ciclo, a revista reposicionou-se para uma dedicação integral aos especiais, combinando edições temáticas, guias, pôsteres e produtos vinculados a grandes eventos (como a Copa do Mundo), em moldes parecidos com os da fase de 1991 a 1995 - sem periodicidade definida e com a ajuda de colaboradores sem vínculo empregatício.

O período de 95 até 2002, pra mim, foi uma coisa só. Mas pô, teve semanal no meio... Pra mim, é a mesma coisa: esses sete anos aí são sete anos de prejuízo. É saldo negativo, todos esses anos. E mexendo no editorial. Ou seja: não era o editorial que virava a chave. O que virou a chave, em 2002, foi o econômico. 2002 foi o primeiro ano de lucro, acho que se eu não estou enganado 300 mil reais de lucro, sem nenhuma ajuda de ninguém. Foi basicamente a gente vendendo coisas pro leitor, só que vendendo coisas com uma estrutura pequenininha. Quando eu falo que em 2002 a gente teve um grande resultado foi muito pelo DVD. O DVD da Copa foi muito importante no resultado financeiro. Eu acho que mudei um pouco nessa época, foi aí que veio o estalo que *Placar* não era só revista, se foi o DVD que pagou as nossas contas em 2002, 2003, 2004, acho que até 2006. O DVD foi muito importante no resultado final. Foi muito legal essa experiência. A gente teve CD rom, também. Mas o CD rom não foi uma grande experiência no sentido de sucesso, os DVDs foram. Então se tinha o DVD, se aquela marca ajudou aquele conteúdo, e vice-versa, espera um pouquinho: então a gente não está acabando, não (Xavier Filho *apud* Unzelte, 2015, p. 197).

A partir daí, a sobrevivência passou menos por “mudar o editorial” e mais por ajustar a equação econômica e explorar a força da marca em formatos além da revista: com uma estrutura enxuta, *Placar* investiu em produtos agregados, que sustentaram financeiramente a operação e ajudaram a redefinir o entendimento de que *Placar* não era apenas um impresso, mas um selo capaz de “embalar” conteúdo em múltiplas mídias.

Esse aprendizado abriu espaço para uma retomada mais estável em 2003. Assim, na edição 1.258, de maio de 2003, *Placar* volta à periodicidade mensal. “No ano seguinte, surgiu a ideia do camarote *Placar*, dentro do estádio do Morumbi, que depois também migrou para o Rio de Janeiro, no Maracanã” (Chiarioni; Kroehn, 2010, p. 421).

Nos anos seguintes, a revista combinou iniciativas de relacionamento e diversificação de plataformas (como ações presenciais e experiências de marca) e, em momentos específicos, ensaiou expansões para outros formatos, incluindo um tablóide distribuído como jornal entre 2008 e 2010, que chegou a assumir a cobertura diária durante a Copa de 2010.

Ainda assim, o período se caracterizou por uma gestão “defensiva” - no sentido de preservar a marca e evitar novos saltos arriscados - em um mercado cada vez mais pressionado pela digitalização e pela crise do modelo tradicional de revistas, culminando, em 2015, na venda do título para a Editora Caras.

Na edição número 1.403, de junho de 2015, publicada às vésperas da Copa América no Chile e última sob o selo da Editora Abril [antes da retomada], Sérgio Xavier se despede da direção de *Placar* no editorial:

[...] Após duas décadas, deixo a PLACAR. Esta é a última edição que eu estou fechando. Ficarei cuidando de outras revistas da Abril, mas continuarei escrevendo por aqui. Saio do comando, volto a ser o que sempre fui, um torcedor fanático. Aprendi a ler com Divino Fonseca e Michel Laurence. Meu conceito de justiça na vida se consolidou pela Bola de Prata. Ali aprendi que quando se aplica a meritocracia verdadeira os melhores vencem. Fui premiado, sabe-se lá por quê, com a oportunidade de trabalhar na revista que me fez jornalista. Foram 20 anos de lutas, alegrias e diversão. Mais do que tudo, diversão. Futebol é isso, sempre mais neymares do que blateres. Mais lendo do que escrevendo agora, minha torcida seguirá enorme. Placar Futebol Clube, sempre (Xavier Filho *apud* Unzelte, 2015, p. 204).

Duas edições depois, na edição 1.405, de agosto de 2015, Edgardo Martolio, superintendente e diretor editorial de Caras, assina o novo editorial:

Está em suas mãos, fiel leitor, um exemplar que deveria entrar para a história. Não porque ele, em si mesmo, seja particularmente notável desde sua estrutura gráfica, pela encadernação, a qualidade do papel, o preço de capa, seu layout, formato ou quantidade de páginas. Melhor que os anteriores. Ainda não é por isso. Ainda... Ele simplesmente é histórico porque registra o primeiro passo de uma caminhada que, se bem-sucedida, devolverá à PLACAR – a mais antiga e única revista do esporte brasileiro – a majestade que em outros tempos lhe permitiram exhibir. Não, não se engane: os anos dourados não voltaram, o mundo mudou, a tecnologia nos mudou, mas o que jamais ela poderá alterar é nosso espírito editorial e a paixão do brasileiro pelo esporte. Acima desses tijolos, construiremos a nova PLACAR. O leitor encontrará, nesta edição 1.405, pequenos indícios do que, a partir daqui, pretendemos. Por enquanto, no improviso da mudança, o que oferecemos impresso são uns 5% do que desejamos. Mas a gênese conceitual começa, sim, a se expressar nestas páginas: outros esportes sem diminuir a entrega de futebol. Pelo contrário! O futebol, pedra basal de nossa ideia, terá mais abrangência. Só que seus craques, agora, nesta república pluralista e democrática que floresce em nossas páginas, conviverão com vizinhos óbvios e naturais: os ídolos dos outros esportes. Nossos prêmios

Bola de Ouro e Bola de Prata ganharão outra dimensão. A revista se dirigirá a toda a família e não mais só aos homens. Mais ainda: se queremos entusiasmar alguém em particular são os filhos “desse” homem. PLACAR se obriga a resgatar a emoção do torcedor e qualificar o esporte tanto quanto se transformar numa publicação de consulta. Assim, o ontem, o hoje e o amanhã devem dividir espaço de igual para igual, assim como a estatística com a curiosidade e o regional com o internacional.

Se a este exemplar lhe faltam páginas para iluminar esta caminhada, a esta coluna falta espaço para contar o que vem por aí. Também não será no próximo mês que revolucionaremos tudo; iremos mudando pouco a pouco, entregando mais e mais a cada mês. A crise externa nos atinge, como aos anunciantes, tão vitais quanto você, leitor. Mas não será uma economia duvidosa que apagará certezas. Espere. E, mensalmente, confira. Queremos associá-lo a nosso espírito do mesmo modo que se constrói um campeão: rodada a rodada. Por enquanto, estamos em pré temporada. Trabalhando duro e lendo, nos descansos, Machado de Assis, o poeta que nos inspira com aquilo de que “as ocasiões fazem as revoluções”. A ocasião é esta, a revolução está em marcha. Vamos juntos? (Martolio *apud* Unzelte, 2015, p. 204).

Apesar do tom confiante e promissor do editorial de estreia, *Placar* não permaneceu por muito tempo sob o controle de Caras. Em depoimento a Leal e Mesquita (2021, p. 28), Celso Unzelte - então editor-chefe, que pediu demissão em três meses - classificou o período como uma “revista esquizofrênica”. Em outubro de 2016, a Editora Abril retoma o comando da revista, contratando o jornalista Ricardo Corrêa, por muitos anos editor de fotografia de *Placar*, para assumir as diretrizes do periódico.

A revista passa a funcionar em um modelo mais econômico, com apenas dois editores e apoio de colaboradores terceirizados eventuais, concentrando-se na produção de edições especiais e colecionáveis e privilegiando uma lógica editorial voltada à documentação, à curadoria e ao valor de arquivo. “Um rico material para fazer vibrar qualquer pesquisador da posteridade”, segundo Corrêa (Leal; Mesquita, 2021).

Entre 2018 e 2022, o cenário do Grupo Abril foi de crise financeira profunda, seguida de reestruturação, recuperação judicial, venda de ativos e marcas, redução do portfólio e, ao final, encerramento formal da recuperação judicial, após a execução do plano e pagamento de credores (Brigatti, 2022). Esse contexto de enxugamento e necessidade de reposicionar marcas no ambiente digital ajuda a explicar por que, ao fim desse período, *Placar* passou a buscar um arranjo operacional capaz de sustentar investimentos em transformação digital sem depender apenas da estrutura interna da Abril.

Assim, em novembro de 2022, o título foi licenciado para a Editora Score, com o objetivo declarado de “reformulação e expansão da marca, com ênfase nas plataformas digitais, sem abandonar a tradição do impresso” (Quem somos, s.d., s. p.).

5.4 A TRAJETÓRIA DE SÓCRATES: SÍNTESE BIOGRÁFICA

Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira foi o primogênito de uma família com seis filhos: Sócrates, Sóstenes, Sófocles, Raimundo, Raimar e Raí. Ao pai, Seu Raimundo, “nordestino de origem pobre, autodidata, com uma linda carreira no funcionalismo público” (Raí, 2022, p. 11), atribui-se a responsabilidade pela escolha dos nomes dos três primeiros.

Conta-se que, quando Sócrates nasceu, às 22h20 do dia 19 de fevereiro de 1954, na Santa Casa de Misericórdia de Belém, no Pará, Seu Raimundo, que adorava ler, estava lendo *A República*, de Platão. Para evitar qualquer confusão entre o filho e o homônimo da Grécia antiga, decidiu acrescentar “Brasileiro” ao nome (Downie, 2022, p. 23).

Seu Raimundo era obcecado pelo aprendizado e lia avidamente, tanto por prazer quanto por necessidade. Assim como seus três irmãos e duas irmãs, ele não terminou a escola primária e foi obrigado a trabalhar antes da adolescência. [...] seu Raimundo vendia redes na praia e tinha um balcão no mercado local para vender rapadura. Todos eles trabalhavam para garantir o sustento da família, mas seu Raimundo compreendia o valor da educação com mais clareza do que seus irmãos e usava todo o tempo livre com livros. Ele aperfeiçoou a leitura e a escrita - um feito num país em que grande parte da população é analfabeta - e viu seu esforço compensado quando conseguiu um emprego no instituto de estatística do governo, para trabalhar no censo (Downie, 2022, p. 25).

Seu Raimundo nasceu em Messejana, pequena cidade próxima de Fortaleza, no Ceará. Com orgulho e humor, dizia que a cidade viu o nascimento de três brasileiros importantes: o escritor José de Alencar, o presidente Castelo Branco e ele mesmo. Mudou-se para Belém no início da década de 1940, após ser aprovado no disputado concurso dos Correios. Já na capital paraense, manteve a rotina de estudos, com o objetivo de alcançar o concorrido cargo de fiscal de pesquisas do IBGE. Em Belém, conheceu a futura esposa, Guiomar Sampaio de Souza (Cardoso, 2014; Downie, 2022).

“Dona Guiomar, paraense, professora primária também autodidata, funcionária pública. Mãe exemplar, com uma sensibilidade e carisma excepcionais”

(Raí, 2022, p. 12) é a descrição construída pelo caçula. Na lembrança de Sócrates, porém, sobressai a imagem de uma mãe que “tocava o barco sozinha” administrando o lar e que, por isso, era sobrecarregada: “não podia ser uma mulher dengosa” (Downie, 2022, p. 30).

Em 1948, tendo atingido o objetivo de ser aprovado no concurso para fiscal, Seu Raimundo foi designado para atuar no interior do Pará, na cidade de Igarapé-Açu, a cerca de 110 quilômetros de Belém, e Dona Guiomar o acompanhou. Já casados, passaram a morar em uma casa de terra batida, sem água encanada e sem energia elétrica. Os filhos começaram a nascer, todos em Belém, uma vez que Igarapé-Açu dispunha apenas de um posto de saúde.

Segundo relatos, Sócrates teve uma infância simples e feliz, e suas primeiras memórias eram da biblioteca de seu pai. Recorda-se de estar em casa, protegido do calor e da luz, cercado por clássicos, manuais e enciclopédias. Seu Raimundo lia vorazmente tudo o que encontrava, muitas vezes à luz de um lampião à gás. Sócrates costumava sentar-se ao seu lado, acompanhando o ritual da leitura.

Anos mais tarde, em entrevista ao *Jornal do Brasil*, publicada em 28 de setembro de 1986, Sócrates recordaria:

Em 1964, eu vi meu pai rasgar muitos livros, por causa da revolução. Achava aquilo um absurdo, pois a biblioteca era a coisa de que ele mais gostava. Ali senti que alguma coisa não ia bem. Mas só fui compreender direito bem mais tarde, na faculdade (Sócrates in Cardoso, 2014, p. 25).

Com a família aumentando e almejando melhores condições de vida, Seu Raimundo manteve-se focado nos concursos públicos, mirando um dos mais difíceis do país: o de fiscal do Imposto de Renda da Receita Federal, cargo que quadruplicaria seus rendimentos. Aprovado no exame, em janeiro de 1960, após um ano morando em Teresina, no Piauí, conquistou o direito de escolher um município do estado de São Paulo para trabalhar (Cardoso, 2014, p. 24-25).

Campinas e Santos eram opções, mas eles acabaram elegendo a interiorana Ribeirão Preto, cidade de cerca de 145 mil habitantes na época, a 315 quilômetros da capital.

Ribeirão Preto era uma das cidades mais ricas do estado e um centro regional de indústrias e fornecedores de serviços para produtores de café, milho, algodão e pecuaristas que trabalhavam nas regiões próximas. A cidade estava crescendo, com uma visível comunidade de nordestinos atraída pela

oferta de empregos e pelo clima semelhante ao que conheciam. Com inverno quente e verão tórrido, em que as temperaturas frequentemente se aproximavam dos quarenta graus, os habitantes locais brincavam que só havia duas estações: “o verão e o inferno”. Mas isso não era um problema para quem cresceu perto da linha do Equador, e, no primeiro dia do ano de 1960, seu Raimundo embarcou com sua mulher e quatro filhos num avião e se mudou para o Sul (Downie, 2022, p. 26).

A primeira providência ao chegar a Ribeirão Preto foi matricular os filhos mais velhos na melhor escola da cidade, o Colégio Marista. Em seguida, comprou um terreno afastado do centro e construiu, tijolo a tijolo, uma ampla e arejada casa, com direito a quartos de visita (Cardoso, 2014, p. 25).

A paixão pelo futebol fez com que Seu Raimundo se tornasse um dos frequentadores mais assíduos do novo estádio do clube, o Santa Cruz, inaugurado em 1968. Desde que chegou a Ribeirão Preto, adotou o Botafogo como time do coração e não perdia um jogo no estádio Luiz Pereira, na Vila Tibério. Nessa rotina, levava o primogênito ao estádio todas as semanas (Cardoso, 2014, p. 26).

A alegria de Sócrates chegava a outro nível quando o Santos de Pelé e Coutinho enfrentava o Botafogo. Uma de suas primeiras lembranças era a de ter visto Pelé marcar três gols na goleada por 7 a 1 sobre o Botafogo, em 1965 (Downie, 2022, p. 27).

Seu Raimundo estimulou, como pôde, os filhos a praticar esportes. Chegou a abrir uma conta em uma loja de material esportivo da cidade, para que eles comprassem o que quisessem. Sócrates tentou o judô e o boxe, mas logo ficou evidente que seu talento estava mesmo com a bola nos pés (Downie, 2022, p. 27).

Sócrates jogava onde pudesse e, se ele e os amigos não tivessem uma bola, usavam o que fosse mais parecido, frequentemente descascando abacates que ficavam pelo chão para jogar com o caroço. [...] Um dos lugares em que mais gostavam de jogar se localizava a poucos quarteirões da casa de Sócrates, um gramado ao lado do Seminário dos Estigmatinos (Downie, 2022, p. 31).

[...] Cansados daquela molecada que jogava na porta da igreja, os padres tentavam de tudo para impedir o futebol. Primeiro cercaram a calçada com uma mureta, depois espalharam blocos pontiagudos de concreto, e, finalmente, dispararam tiros de chumbinho e sal grosso na garotada. Sócrates conta sorrindo que foi um dos mais alvejados: “Eu quase sempre era escalado para ficar de vigia, pois a gente se revezava nessa função. Eu era o mais alto, e podia dar o grito assim que visse alguém se aproximando. Em compensação, também era o primeiro a ser atingido. Depois, era o salve-se quem puder” (Placar, 1979, p. 10).

O primeiro time de Sócrates foi o Raio de Ouro, equipe amadora que jogava em campos espalhados pela região. Aos onze anos, como recordou o próprio jogador, foi sua “primeira experiência num time de futebol fora do colégio”, em um grupo “organizado, tinha camisa e tal, tinha treino”. Sócrates adorava a camisa, branca como a do Santos, com um raio dourado no peito. Inicialmente, foi colocado na lateral direita, única posição vaga entre os titulares. Não demorou, porém, para que os jogadores mais velhos percebessem que ele era bom o suficiente para cumprir um papel mais importante no meio de campo (Downie, 2022, p. 27-28).

Sua estreia ocorreu em Bonfim Paulista, cidade próxima a Ribeirão Preto. Sócrates viajou com os companheiros na caçamba de um caminhão, experiência marcante para o garoto de classe média, acostumado aos campeonatos do elitista Colégio Marista. Nessas viagens para torneios organizados por fazendeiros e usineiros, o adolescente passou a conviver com pessoas de diferentes realidades, o que ampliou seu horizonte social e contribuiu para o amadurecimento de sua consciência social (Cardoso, 2014, p. 29; Downie, 2022, p. 28).

Em entrevista exibida em 13 de dezembro de 2009, no programa *Grandes Momentos do Esporte*, da TV Cultura, Sócrates resgatou lembranças da infância, reforçando a centralidade dessas experiências:

O futebol te dá um contato com a realidade que outras atividades, outras profissões não oferecem [...]. Porque o futebol é muito democrático. Desde garoto eu estou envolvido com esse jogo, mesmo que nunca tivesse pensado em me tornar profissional. Eu convivia com pessoas de uma situação social totalmente diferente, de um nível educacional diferente. Quer dizer, você está ao lado da realidade. Conviver com a realidade. Essa foi a experiência que o futebol me permitiu (Aguiar, s.d., 7m30s).

Ao final da década de 1960, jogando com destaque no Raio de Ouro e após conquistar torneios escolares pelo Marista, Sócrates já chamava a atenção de olheiros. “Desde os onze, doze anos, ele já era conhecido na cidade como um jogador de nível diferente. Pessoas que entendiam de futebol sabiam que ele ia ser alguma coisa. Onde ele fosse jogar, tinha alguém o acompanhando”, relatou o irmão Sóstenes. Aos 13 anos, Sócrates já era apontado como uma das principais revelações do futebol amador em Ribeirão Preto (Cardoso, 2014, p. 30; Downie, 2022, p. 17).

Haroldo Soares, um dos professores do Colégio Marista e também ligado às categorias de base do Botafogo, convenceu Sócrates a fazer um teste no clube. O jovem causou ótima impressão e a diretoria demonstrou interesse em contratá-lo, mas

Seu Raimundo foi categórico ao afirmar que o filho só se dedicaria ao futebol depois de colocar os estudos em primeiro plano. Além disso, só aceitaria a assinatura de um contrato profissional após a conclusão da formação. Como o curso pré-vestibular ocorria no mesmo horário dos treinos, Seu Raimundo aceitou a proposta do Botafogo com uma condição: o clube poderia contar com ele nos jogos de fim de semana, mas sua presença nos treinos, duas vezes por semana, não seria garantida (Cardoso, 2014, p. 30).

O acordo foi perfeito para Sócrates, que detestava treinar e considerava correr em volta do campo uma perda de tempo. Também relutava em dedicar tantas horas a uma atividade que ainda via como um *hobby*. Seu objetivo principal era ingressar na universidade (Downie, 2022, p. 33).

Em 1972, ano em que ingressou na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Sócrates foi convocado pela primeira vez para integrar o time principal do Botafogo em uma excursão pelo Mato Grosso. Seu Raimundo só autorizou a viagem porque ela ocorreu em julho, período de férias. Apesar de estar feliz, Sócrates conta que “saiu de Ribeirão com uma dor no coração” por causa da namorada Regina (Cardoso, 2014, p. 30).

Sócrates tinha conhecido Regina Cecílio, apresentada pelo irmão Sóstenes, durante um baile de carnaval, em 1970. Apaixonaram-se perdidamente (se casariam quase cinco anos depois, no dia 28 de dezembro de 1974). E Sócrates, já naquela época, não conseguia fazer nada sem paixão. Longe de Regina, a atuação na estreia como profissional, no 0 a 0 contra o combinado Comercial/Operário, dia 28 de julho de 1972, foi apenas discreta - só se soltou dois dias depois, contra outra combinação de times de Campo Grande (MT), ao fazer o gol da vitória, o primeiro pelo time de cima do Botafogo (Cardoso, 2014, p. 30-31).

Em março de 1974, o Botafogo registrou na Federação Paulista de Futebol o primeiro contrato profissional de Sócrates. Seu Raimundo aceitou a profissionalização do filho, mas manteve a exigência de que os estudos continuassem como prioridade. Sócrates aprovou o arranjo, pois passou a receber um salário suficiente para despesas pessoais e, ao mesmo tempo, evitava os treinos táticos e físicos de que não gostava (Cardoso, 2014, p. 31).

Arildo Paris, motorista do time à época, recorda:

Na cidade, todos sabiam que Geraldão só se tornara artilheiro do Campeonato Paulista de 1974 por causa dos lançamentos e passes cirúrgicos do aspirante a médico – o centroavante do Botafogo devia a eles

pelo menos 80% dos 23 gols marcados. A maneira com que jogava era original. Eliminara o esforço de girar o corpo, erguer a cabeça e fazer o passe, abusando dos toques de calcanhar. O recurso não era uma novidade no futebol, mas a forma com que ele o utilizava, com espantosa eficiência e objetividade, sim, era difícil de se ver [...].

Mas [...] Sócrates vivia em pé de guerra com a direção do clube. O garoto tinha personalidade forte. Era o único atleta do Botafogo que possuía 30% do passe e treinava quando os estudos permitiam. Dizia que a Medicina era prioridade, mas todos sabiam que ele tinha outras também. Quantas vezes, no meio da tarde, em pleno treinamento, ele encontrara Sócrates tomando cerveja com amigos no Jangada. E fumando como uma chaminé (Cardoso, 2014, p. 18).

Hamilton Mortari, diretor de futebol do clube, enfureceu-se em certa ocasião e decidiu cobrar mais profissionalismo do jogador. Sebinho, massagista do Botafogo e um dos funcionários mais antigos da instituição, testemunhou o embate entre o jovem craque e o dirigente:

O Mortari era temido por todos no clube. Não dava moleza. Quando soube que o Sócrates, que já não aparecia para treinar, tinha trocado as sessões de musculação pela cervejinha no fim da tarde, foi pessoalmente cobrá-lo. Chegou dando uma baita bronca, diante de todo mundo, dizendo que um atleta como ele não podia ficar bebendo cerveja durante a semana, na frente de todos os torcedores. Sócrates peitou o Mortari. Ninguém acreditou. “Olha, daqui pra dentro, eu tenho compromisso com o clube. Do portão pra fora, a vida é minha.” Ele ficou um tempão sem aparecer no Botafogo. Voltou a pedido dos dirigentes, com um salário ainda maior e livre da obrigação de fazer musculação (Cardoso, 2014, p. 32).

Sócrates era mesmo um fenômeno difícil de explicar. Mesmo sem treinar, bebendo e fumando, o generoso meia deu lugar a um atacante implacável. Em 1974, disputou 49 partidas, marcou doze gols e recebeu o troféu Chuteira de Ouro como jogador revelação do ano (Downie, 2022, p. 38). A consagração regional consolidou-se nos anos seguintes: a imprensa local o elegeu jogador do ano em Ribeirão Preto em todas as edições entre 1974 e 1977 (Downie, 2022, p. 51). Em 1976, seu desempenho atingiu novo patamar ao se tornar o artilheiro do Campeonato Paulista, com 15 gols marcados (Cardoso, 2014, p. 32).

A imprensa esportiva ressaltava-lhe, já naquele momento, a capacidade de deslocar-se dentro do gramado, o domínio de bola, a elegância do estilo, em síntese, a agilidade de raciocínio que o levava a “esclarecer uma jogada” e antever a movimentação dos companheiros [...].

[...] o reconhecimento de um talento indiscutível, desprovido, não obstante do suporte de um corpo modelado de acordo com as exigências da cultura da força física que caracterizava o futebol moderno. Exibindo em campo essa contradição, dividida entre o futebol e a medicina, desenvolvendo o seu

enorme talento por um clube pequeno, Sócrates emergia como uma figura meio marginal, meio exótica, que desafia os treinadores a decifrá-lo, colocando-os diante de uma série de indagações cruciais: afinal de contas, convinha correr os riscos e recomendar para o grande clube a sua contratação? Haveria lugar para ele na Seleção Brasileira? Até que ponto a exuberância de sua arte compensava o que se considerava a deficiência do corpo atlético? (Florenzano, 2021, p. 179-180).

A direção do Botafogo avaliou que era o momento de contratar um treinador à altura da fase do clube, que já sonhava com o título inédito do Campeonato Paulista. Hamilton Mortari abriu os cofres para trazer Jorge Vieira, técnico experiente, com passagens por Fluminense e Vasco e consagrado pelo Carioca de 1960 com o América. Sob seu comando, o Botafogo de Ribeirão Preto virou a sensação do Paulista de 1977. Liderado em campo por Sócrates, o time derrotou o São Paulo na decisão e conquistou a inédita Taça Cidade de São Paulo, destinada ao campeão do primeiro turno (Cardoso, 2014, p. 32-34).

O Corinthians sagrou-se campeão paulista em 1977, encerrando um jejum de 22 anos, mas a conquista do primeiro turno e a terceira colocação na classificação final colocaram o tricolor de Ribeirão Preto em evidência, sobretudo Zé Mário e Sócrates, cuja presença na Seleção já começava a ser cobrada. Internamente, crescia a pressão para que ele abandonasse a medicina e se dedicasse exclusivamente ao futebol, enquanto Seu Raimundo defendia o caminho oposto. Sócrates optou pelo futebol e renovou o contrato com o time de Ribeirão. A diretoria do Botafogo, por sua vez, já planejava negociá-lo imediatamente com um grande clube para abater parte das dívidas: quem chegasse primeiro, levaria (Cardoso, 2014, p. 34-35).

Após um início regular em 1978, o Corinthians trocou Oswaldo Brandão por Armando Renganeschi, mas a passagem do argentino foi marcada por boicote interno e pela eliminação precoce no Brasileiro. Vicente Matheus então efetivou José Teixeira, preparador físico do título de 1977, dando-lhe tempo e carta branca para reformular o elenco. Chegaram reforços como Píter, Taborda e Djalma, enquanto a tentativa de contratar Falcão acabou substituída por uma opção mais barata, Biro-Biro, e o clube ainda buscava fechar com mais um volante, tendo Chicão, do São Paulo, como alvo.

Os planos mudaram quando Hermes da Rosa, conselheiro do Corinthians, recebeu do sobrinho João Golaia, diretor-geral de esportes do Botafogo, a notícia de que o São Paulo estava prestes a contratar Sócrates. O jogador também era um antigo sonho do dirigente alvinegro. Nunes Galvão, presidente tricolor, havia pedido ao Botafogo uma semana para levantar o dinheiro, prazo que, para Matheus, era

inaceitável. A vinda de Sócrates tornou-se, então, uma questão de honra, e o dirigente tratou de armar um plano (Cardoso, 2014, p. 37-40).

Vicente Matheus mandou o irmão, Isidoro, oficializar uma proposta por Chicão e, com isso, manter o São Paulo ocupado e dependente da conclusão do negócio para reunir dinheiro e avançar por Sócrates. Enquanto Isidoro fazia exigências e ganhava tempo, Matheus convocou a imprensa para anunciar uma suposta viagem a Buenos Aires em busca de reforços, citando até Maradona, mas não chegou a viajar. Poucos dias depois, ele foi diretamente a Ribeirão Preto, e, em poucas horas, fechou a negociação com o Botafogo e com Seu Raimundo (Cardoso, 2014, p. 40).

[...] O dirigente iniciou as negociações oferecendo 4,5 milhões de cruzeiros e fechou em 5,86 milhões (menos do que oferecera por Palhinha, um ano antes, contratado por 6 milhões), a serem pagos em três parcelas. Do total, 15% ficaram com Sócrates, que usou o dinheiro, como exigira o pai, na compra de dois terrenos em áreas nobres de Ribeirão Preto. Matheus também convenceu seu Raimundo e Sócrates a aceitarem um pagamento de apenas 30 mil cruzeiros por mês de salário ao jogador, com a promessa de aumentá-lo, um ano depois, para 45 mil cruzeiros. Uma miséria comparada aos vencimentos de grandes craques da época. Zico, por exemplo, ganhava 450 mil cruzeiros mensais no Flamengo. Livre de impostos (Cardoso, 2014, p. 40).

Sócrates foi apresentado no Parque São Jorge às 14h do dia 4 de agosto de 1978, uma sexta-feira (Cardoso, 2014, p. 40; Florenzano, 2021, p. 186; Downie, 2022, p. 84). O assunto foi publicado na edição 433 de *Placar*, de 11 de agosto de 1978:

A FIEL JÁ ESFREGA AS MÃOS...

Enquanto Sócrates posava, sorridente, com a camisa 8 do Timão, o médio Chicão, desesperado, tentava demover os dirigentes do São Paulo da decisão de não negociá-lo com o Corinthians. Afinal, por uma simples vaidade ferida, ele pode perder a grande chance financeira da sua vida

Estava tudo pronto. Quando o Mercedes branco, placa FG 6060, do diretor Orlando Monteiro Alves, buzinou à porta do Parque São Jorge, o Corinthians se agitou. Um funcionário do clube correu para a sirene, acionou-a. Outros quatro passaram a estourar, ao mesmo tempo, três dúzias de rojões. Começava a festa.

No pátio interno, à frente das quadras abertas do parque esportivo, poucos torcedores e muitos diretores alinhavam-se, orgulhosos, na comissão de recepção para saudar o mais novo contratado do sofrido campeão paulista. Chegava ao Corinthians o doutor Sócrates Brasileiro Sampaio de Sousa Vieira de Oliveira.

Camisa 8 às costas, um sorriso tímido, ele mal teve tempo de saltar do carro, receber os primeiros abraços, conceder os primeiros autógrafos. De imediato, foi cercado pelos repórteres. às perguntas de praxe, pelo menos uma resposta inesperada:

- Não, não sou Corinthians desde criança. Pelo contrário, torcia muito para o Santos, talvez por causa de Pelé. Mas, a partir de hoje, sou corintiano. É uma felicidade muito grande vir jogar aqui. [...] (*Placar*, 1978, p. 65, ed. 433).

A declaração gerou constrangimentos e expôs a falta de tato da estrela recém-contratada, postura que viria a gerar problemas com a torcida alvinegra. Para Sócrates, tratava-se de uma simples relação de negócios: o Corinthians era um empregador como qualquer outro. Naquele momento, seu objetivo era estar em um clube grande para concretizar a ambição de jogar pela Seleção Brasileira. A pressão e as cobranças, entretanto, não demorariam a aparecer (Downie, 2022, p. 85).

Em sua estreia, em 20 de agosto de 1978, justamente contra o Santos pelo Campeonato Paulista, o jogo reuniu 111 mil torcedores no Morumbi. O Santos abriu o placar no início do segundo tempo, mas, já nos minutos finais, Rui Rei marcou o gol de empate do Corinthians, levando a torcida à loucura e fazendo os jogadores correrem em êxtase em direção à arquibancada. Sócrates, porém, comemorou de modo discreto, erguendo os dois braços quase sem sair do lugar (Cardoso, 2014, p. 42-43).

Ele repetiria uma comemoração semelhante ao marcar seu primeiro gol com a camisa do Corinthians, no sábado seguinte, na vitória por 2 a 0 sobre a Ferroviária, no Pacaembu. “A massa alvinegra demoraria um bom tempo para se acostumar ao estilo econômico do novo ídolo. Sócrates era o avesso do avesso do avesso de todos os conceitos que norteavam e ainda norteiam o ideário corintiano” (Cardoso, 2014, p. 43).

O Campeonato Paulista de 1978 só terminou em junho de 1979. O Corinthians venceu o primeiro turno, mas não sustentou o desempenho nas fases seguintes e acabou perdendo o título para o Santos. Em 10 de maio de 1979, na derrota por 3 a 2 para o Juventus, no Pacaembu, Sócrates chegou a marcar um gol, mas, como de costume, não voltou o olhar para a arquibancada. Ao deixar o estádio em seu Fiat verde-musgo, foi cercado por torcedores corintianos. O relato de Palhinha, que estava no banco do passageiro, reconstitui os minutos de tensão vividos pelos dois craques na saída do Pacaembu.

Os torcedores estavam furiosos, começaram a xingar a gente, a bater na lateral do carro. O Sócrates ficou parado, nem abriu o vidro, não tentou acalmá-los. Acho que eles ficaram ainda mais irritados com a reação do Sócrates e começaram a balançar com força o carro. A gente quase virou. Eu entrei em desespero. “Pô, Magrão! Quantas vezes eu falei pra você vibrar nos gols? Não custa nada, porra! Vai lá no alambrado, grita, esperneia - se fizer isso, a torcida é capaz de perdoar tudo. E tem outra coisa: por que comprou um Fiat verde [a cor do uniforme do arquirrival Palmeiras]? Você joga no Corinthians, porra!” E o carro balançando, e o Sócrates imóvel. Ele ficou muito

nervoso, tenso, não sabia como reagir a tudo aquilo. Foi muito duro pra ele (Palhinha *in* Cardoso, 2014, p. 50).

Desde que Sócrates chegou a São Paulo, Palhinha tornou-se um grande parceiro, não apenas pelas tabelinhas que faziam em campo, mas sobretudo fora dele. Quatro anos mais velho e já instalado na capital havia um ano, Palhinha acolheu o recém-chegado que logo se tornou amigo; ajudou-o a alugar um apartamento no mesmo prédio em que morava, e os dois passaram a ir juntos para os treinos. Com o tempo, as famílias também se aproximaram, e esposas e filhos começaram a conviver, reforçando uma amizade que extrapolava o futebol (Downie, 2022, p. 89).

As cobranças da torcida se intensificaram quando iniciou a queda de braço entre o Corinthians e Sócrates pela renovação do contrato. A essa altura, ele já havia se dado conta do mau negócio que ele e Seu Raimundo haviam acertado. Com o alto custo de vida em São Paulo, as contas não fechavam.

Ele pagava 13 mil cruzeiros de aluguel, 2,5 mil de condomínio, 6 mil de empregada, 10 mil com a escola dos filhos, além de uma série de outros gastos que os 30 mil cruzeiros de salário - 26 mil com desconto - não chegavam perto de cobrir. Nem o prometido aumento para 45 mil cruzeiros, no segundo ano de contrato, seria suficiente para lhe dar tranquilidade. Ele precisava ganhar, no mínimo, acima de 200 mil cruzeiros, equivalente ao salário de um jogador de Seleção Brasileira. Sócrates iniciaria uma batalha para dobrar o mais teimoso e ladino dos dirigentes: Vicente Matheus (Cardoso, 2014, p. 50).

Para dar conta das despesas, Sócrates passou a complementar a renda com trabalhos publicitários, incluindo aparições na televisão - ele e Zico fizeram uma pequena participação na novela *Feijão Maravilha*, da TV Globo - e anúncios para marcas e lojas, em um período em que a renegociação contratual ganhou ampla repercussão na imprensa esportiva.

Na mesma época, ele lançou o disco *Casa de Caboclo*, com doze clássicos da música sertaneja. A gravadora RCA mandou imprimir 50 mil cópias, mas o álbum foi um fiasco de vendas. Ele também não abandonou os antigos hábitos boêmios e era visto com frequência virando a noite em bares da capital (Cardoso, 2014, p. 54).

Tais atitudes alimentaram a tensão entre a expectativa de comportamento do ídolo e a maneira como ele conduzia a própria vida. Para agravar o cenário, Vicente Matheus foi às rádios afirmar que Sócrates queria dez por cento de participação nas rendas dos jogos do Corinthians, omitindo, de propósito, que o pedido se referia apenas a partidas amistosas no exterior (Cardoso, 2014, p. 57).

Apesar do bom desempenho em campo, nem mesmo o título paulista de 1979 acalmou a torcida, que continuou a percebê-lo como um jogador frio e, agora, mercenário. Aos poucos, parte do público começou a responsabilizá-lo pelas derrotas. Ele passou a ser frequentemente vaiado e, em jogos marcados por maus resultados, ocorreram novos episódios de tentativa de agressão. Sócrates, então, sentiu o peso e a responsabilidade de envergar a camisa de um clube de massa e chegou a cogitar abandonar o futebol (Cardoso, 2014, p. 55-56).

O Corinthians entrou em má fase e precisava do talento do meio-campista. A negociação se arrastou por tanto tempo que ultrapassou o vencimento do contrato, marcado para 3 de agosto de 1980, e o jogador chegou a parar de atuar. Diante da crise, Vicente Matheus demitiu Orlando Fantoni e contratou Oswaldo Brandão, que voltou já com a missão de acelerar a renovação. Para assegurar a permanência do craque, o clube apresentou uma proposta robusta, com luvas e reajuste salarial, e Matheus transformou a assinatura em um ato público:

Brandão levou a nova proposta de Matheus a Sócrates: 15 milhões de cruzeiros de luvas, à vista, 300 mil cruzeiros mensais no primeiro ano e 450 mil no segundo. No dia anterior, o próprio seu Raimundo cobrou uma postura mais firme e profissional do filho. E que ele parasse com aquela história de repetir nas entrevistas que iria abandonar o futebol para voltar à Medicina. Ninguém acreditava mais. Após conversar longamente com Brandão, Sócrates foi sozinho à casa de Matheus. Passaram a manhã do dia 20 de agosto proseando, almoçaram macarrão com frango a passarinho e, finalmente, entraram em acordo. Matheus, de olho nas eleições para a presidência do clube, marcadas para abril do ano seguinte, e confiante na informação de Brandão de que Sócrates desta vez aceitaria sua proposta, já havia convocado a imprensa, que aguardava apenas o sinal do dirigente para entrar na resiliência. Sócrates, surpreso, foi cercado por dezenas de jornalistas e fotógrafos. Matheus pediu para que ele pegasse no colo uma criança com a camisa do Corinthians e, em seguida, que cantasse o hino do clube junto com ele. O jogador se recusou, disse meia dúzia de palavras para os repórteres, agradeceu a Marlene Matheus, mulher do dirigente, pelo frango à passarinho e foi comemorar com os amigos no boteco mais próximo (Cardoso, 2014, p. 58).

A renovação do contrato não aplacou os ânimos. Mais ambientado em São Paulo, Sócrates estava jogando cada vez melhor, mas não alterou sua postura nem dentro nem fora de campo:

[...] passara a comemorar seus gols parado, com o braço direito levantado, o punho fechado e o esquerdo colado junto ao corpo. Era a saudação dos Panteras Negras, o radical partido negro americano, homenageado pelos velocistas dos Estados Unidos Tommie Smith e John Carlos, que a repetiram no pódio das Olimpíadas de 1968 para protestar contra o racismo e acabaram expulsos dos Jogos. Sócrates, ironicamente, por causa do gesto, seria quase

expulso pela torcida, formada historicamente por pessoas de baixa renda, muitas delas negras (Cardoso, 2014, p. 49).

Naquele momento, entretanto, o gesto que o consagraria no futuro como símbolo de engajamento e luta pela democracia se aproximava mais de um protesto pessoal do que de uma atitude de consciência política. “O Sócrates do meio da década de 1970 estava muito mais para a esquerda festiva de Ipanema do que para os guerrilheiros em luta contra a ditadura” (Cardoso, 2014, p. 66).

Na sua primeira grande entrevista concedida à revista *Playboy*, em setembro de 1979, além de elogiar o governo do presidente João Figueiredo (“Está fazendo tudo o que prometeu”) e de defender as eleições indiretas para presidente (“Acho que ainda é necessário”), contara com detalhes o dia em que encabeçara uma chapa para disputar as eleições do Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina da USP, de Ribeirão, apenas para tirar sarro dos estudantes mais engajados (Cardoso, 2014, p. 66).

Eu nunca fui de participar. Gosto de conversar, de dialogar, mas não participo de nada [...] Eu só entrei numa chapa do Diretório Acadêmico por gozação. Eu e o pessoal da farra fizemos uma chapa antipolítica. As chapas da situação e da oposição estavam numa briga feia, discutindo programas. E nós resolvemos entrar, mas só para esculhambar [...] Estragamos as eleições dos caras lá. Apresentamos uma boa plataforma e impressionamos o pessoal. No dia da eleição, ficamos no centro acadêmico tomando cerveja, fazendo farra e esperando a apuração (Sócrates *apud* Cardoso, 2014, p. 66).

Diferentemente de Sócrates, o lateral esquerdo Wladimir, no clube desde 1972 e um dos grandes ídolos da torcida, filiado ao recém-fundado Partido dos Trabalhadores, estudante de iorubá e sindicalista atuante, tentou convencer vários jogadores a ingressar no Sindicato dos Atletas Profissionais de São Paulo. Acreditava que, unidos, os atletas teriam mais força para reivindicar direitos e melhorar as condições de trabalho. A maioria, porém, recusou a filiação, inclusive Sócrates, que avaliava tratar-se de uma luta perdida (Cardoso, 2014, p. 66). Na edição 583 de *Placar*, de 17 de julho de 1981, ele declararia ao repórter Sérgio Martins: “Apenas tenho consciência de que não posso fazer nada, que não conseguirei mudar nada, mesmo que tenha idéias boas”²¹ (Placar, 1981, p. 28).

No Corinthians, o cenário era de crise. Apesar do bom desempenho individual de Sócrates, a equipe acumulou campanhas ruins no Paulista e no Brasileiro e encerrou 1981 rebaixada para a competição nacional do ano seguinte. Nesse contexto, a torcida alvinegra passou a tomá-lo como alvo preferencial, intensificando cobranças e críticas ao jogador.

²¹ Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=O7pSu4COYnsC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

Mais do que um período de instabilidade, Florenzano (2021) defende que a chegada de Sócrates adquire estatuto de “evento histórico”, pois não se limita a reforço técnico: instaura ruptura e altera a ordem existente, modificando o que ele chama de “mito de origem”, impedindo que o Corinthians permanecesse como antes. O cientista social esclarece sua tese:

Os anos de 1954 a 1977 caracterizam para o Corinthians a travessia do deserto, isto é, os 23 anos sem títulos [Nota de rodapé: a rigor, 22 anos e 8 meses, pois o título de 1954 foi obtido em 6 de fevereiro de 1955]. [...] São os anos marcados pela presença de patriarcas e profetas, encarnados respectivamente pelas figuras do presidente Vicente Matheus e do técnico Osvaldo Brandão, pelo culto ao herói anônimo da arquibancada, consubstanciada na assim-chamada Fiel Torcida, e pelos processos implacáveis aos quais se viam submetidos os ídolos decaídos em desgraça por se terem revelado, no momento derradeiro, como falsos Messias. De fato, a mesma massa alvinegra que havia coroado Roberto Rivellino o “reizinho do Parque”, não lhe perdoaria a derrota no vigésimo ano do calvário, ainda por cima para o arquirrival Palmeiras, na fatídica final do Campeonato Paulista de 1974 [...] (Florenzano, 2021, p. 169-170).

O antagonismo no futebol pode revestir-se de caráter religioso, étnico, social ou político. A lógica da rivalidade envolvendo Palmeiras e Corinthians enfeixava todas essas diversas linhas de demarcação, entrelaçando-as na construção das respectivas identidades coletivas. Desse modo, enquanto o antigo Palestra consolidara-se como o clube capaz de representar, perante a sociedade paulistana, os diversos e divididos grupos de imigrantes italianos, [...] o Corinthians, proveniente do futebol de várzea, afigurara-se como a agremiação na qual as classes populares podiam se reconhecer, especialmente a parte composta pelas comunidades negras e, logo em seguida, pelos migrantes nordestinos [...]. Subjacente à escolha clubística de afrodescendentes, migrantes nordestinos e imigrantes italianos, havia o conflito de natureza sociocultural, que os situava em campos opostos [...] (Florenzano, 2021, p. 171).

Florenzano argumenta que a identidade corintiana popular, sofredora, aguerrida e fiel foi erigida ao longo de quase 23 anos sem títulos, período que, longe de enfraquecer o clube, ampliou sua capacidade de mobilização e reforçou os laços de identificação com a torcida. O paradoxo, portanto, reside no fato de que a escassez de conquistas, que poderia significar declínio para outras agremiações, funcionou como motor de crescimento e coesão simbólica do alvinegro.

Com o fim do jejum em 1977, porém, esse paradoxo dá lugar a outro: a vitória tão aguardada passa a produzir uma reordenação silenciosa dos sentidos que sustentavam o reconhecimento do torcedor, inaugurando uma fase transitória até o bicampeonato estadual em 1980. A superfície do “time do povo” permanece, mas os elementos profundos da identificação começam a se reorganizar, a ponto de emergir a hipótese de que, ao conquistar o título, o Corinthians perderia parte da “força

mágica” acumulada durante anos de insucesso e se tornaria “apenas mais um time”, como registrava o jornal *Movimento* (Florenzano, 2021, p. 175-176).

Para o pesquisador, entretanto, o Corinthians não se tornaria uma agremiação comum, nem perderia a força perturbadora que lhe atribuíam. Essa força, na verdade, passaria a assumir outro caráter, deslocando-se da esfera mágico-religiosa para a esfera política, tendo como principal artífice desse processo de mudança, paradoxalmente, o mais anticorintiano dos atletas em atividade nos gramados brasileiros: Sócrates.

[...] Sócrates, o qual exibía um estilo de jogo, uma maneira de ser, uma filosofia de vida sobre todos os aspectos diversa daquela que havia caracterizado e definido o calvário alvinegro nas duas últimas décadas. O bom encontro entre Sócrates e o Corinthians, selado a partir de sua contratação em agosto de 1978, deslanchava o processo de uma mútua transformação no decorrer da qual o jogador reelaborava a significação do clube do Parque São Jorge, ao mesmo tempo em que se remodelava à luz da tradição alvinegra [...] (Florenzano, 2021, p. 176).

A chegada de Sócrates ao Parque São Jorge, explica o autor, coincidiu com um período de turbulência e renovação do elenco campeão de 1977, a ponto de, um ano depois, o Corinthians contar em campo com apenas três remanescentes do título: Wladimir, Basílio e Romeu. Na interpretação de Florenzano, o “jogador filósofo” precipita uma reorganização simbólica, invertendo valores e colocando em causa o sistema de crenças sustentado pelo mito de origem popular do clube - de uma organização fundada por operários na esquina de um bairro popular sob a luz de um lampião -, o que ajuda a compreender a resistência da torcida diante de sua presença.

Sócrates era nota dissonante dentro de uma equipe cuja atuação traduzia o modo de vida, os valores e as visões de mundo dos trabalhadores manuais masculinos presentes nas gerais e nas arquibancadas. [...] Longe de pretender encarnar o espírito corintiano, ele reunia todas as forças a fim de exorcizá-lo e obter plena liberdade para explorar as potencialidades de sua arte (Florenzano, 2021, p. 193-194)

[...] Habituada a se inflamar com as jogadas viris de atletas que buscavam superar as limitações técnicas com a garra e a coragem, a Fiel de repente se deparava com o espetáculo no qual sobressaíam os lances de classe, refinamento e beleza e que lhe propunham como deleite uma outra estética para o jogo alvinegro (Florenzano, 2021, p. 194).

[...] O impasse revestia-se com os tons dramáticos de um amor não correspondido: nem o jogador demonstrava a menor disposição de se submeter docilmente ao assim-chamado espírito corintiano, nem a torcida se dispunha a aceitar um ídolo cujo modo de ser e estilo de jogo negavam-no por completo. O desencontro não poderia ser maior: a massa reclamava

garra e entrega dentro de campo, Sócrates propunha serenidade e toque de bola; ela reivindicava a condição de time do povo, ele se reconhecia como autêntico produto da classe média; ela pedia paixão com as cores do alvinegro, o jogador-intelectual lhe oferecia tão somente o autodomínio [...] (Florenzano, 2021, p. 198-199).

Diante de tamanho impasse, como mostra Florenzano, *Placar* surge como instância de mediação, indicando-lhe o caminho: “Aceite a torcida como ela é, e seja como ela quer que você seja” (Placar, 1980, p. 25, ed. 545)²².

Edição após edição, a revista *Placar* promovia o degelo do Ice Borg²³ do futebol brasileiro, substituindo-o por uma nova personagem, menos elitista, mais próxima do público torcedor e, sobretudo, comprometida de alguma forma com a mitologia alvinegra, a mesma que Sócrates havia subestimado e desdenhado, acreditando ingenuamente poder ignorá-la, manter-se a salvo de sua influência, sem se dobrar ao peso da tradição. Entretanto, reconhecer a força social do mito não implicava ser-lhe submisso, muito menos abdicar do projeto de recolocar em novas bases a inter-relação envolvendo a equipe e a torcida (Florenzano, 2021, p. 201).

“Sócrates, dessa maneira, começava a se transformar no gênero de ídolo exigido pela massa torcedora”. Nesse processo, “as relações de amizade tecidas entre Sócrates e Juca Kfourri [...] viriam a desempenhar papel decisivo na história do movimento alvinegro²⁴” (Florenzano, 2021, p. 200). E, por que não dizer, do futebol brasileiro.

Em seu livro de memórias, Juca dimensiona a importância dessa relação ao dedicar um capítulo exclusivo ao amigo, intitulado “Sócrates, um capítulo à parte”, que se inicia nos seguintes termos:

Jornalistas devem guardar distância do objeto de seu trabalho, diz o beabá da profissão.

Nem sempre é viável, às vezes, e não poucas, é impossível.

Nunca tive dificuldade em perder fontes para não perder a notícia, nem em ficar longe de quem estive perto. Talvez até tenha agido assim com mais frequência do que o recomendável, por ser incapaz de conviver com os que mentem, embora aceite a omissão.

Ricardo Teixeira, por exemplo, a quem fui apresentado, antes da Copa de 1990, por Maurício Antunes, diretor da Globo, que havia sido colega dele na

²² “Nessa matéria, assinada por José Maria de Aquino, há o texto não assinado, intitulado: ‘Na hora difícil, conselhos de amigos’ [...]. Ao que tudo indica, tratava-se do amigo e jornalista Juca Kfourri, que lhe aconselhava permanecer no Corinthians e mudar para ser aceito pela torcida” (Florenzano, 2021, p. 201. A edição pode ser acessada em:

https://books.google.com.br/books?id=cyrT8naqJcAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

²³ Referência ao tenista sueco Björn Borg, tomado por Sócrates como modelo de autocontrole.

²⁴ Nesta passagem, Florenzano está se referindo à Democracia Corinthiana.

escola, até antecipar a lista de convocação da Seleção Brasileira antecipou para mim, então diretor da *Placar* e comentarista do *Jornal da Globo*.

Logo depois da Copa, no entanto, o critiquei duramente ao perceber que ele não cumpriria nenhuma das promessas feitas para modernizar e democratizar a superestrutura do futebol brasileiro, ao contrário, apenas reforçava os vícios deixados pelo sogro, João Havelange. Nunca mais nos falamos, a não ser nos tribunais, porque comecei a revelar seus malfeitos, o que rendeu mais de 50 processos dele contra mim, além de outros tantos da CBF.

Se há algo de que me orgulho, embora seja uma chateação inominável, é de não ter errado com ninguém que tenha me acionado na Justiça, ou que eu tenha, por retorsão, processado. De cima para baixo, estou me referindo a Joseph Blatter, Ricardo Teixeira, José Maria Marin, Carlos Arthur Nuzman, Eduardo José Farah, Eurico Miranda, Agnelo Queiroz, e muitos outros menos votados, entre os quais, mais recentemente, Jair Bolsonaro. Como já dito, até do Rei Pelé me afastei quando uma questão de princípios acabou por ser gravemente ferida.

Com o dr. Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira foi diferente [...] (Kfourir, 2017, p. 227-228).

Ambos se conheceram quando *Placar* fez com ele uma edição especial, em 1979. “O Rio tinha em Zico o ídolo do Flamengo e São Paulo começava a ter o seu em Sócrates, no Corinthians, de novo campeão estadual naquele ano, ao consagrar a dupla admirável feita entre ele e Palhinha” (Kfourir, 2017, p. 228). O primeiro encontro ocorreu durante a concentração da Seleção Brasileira no Hotel Rancho Silvestre, em Embu, a cerca de meia hora da capital paulista.

[...] Lá estava ele, alto, magro e feio, além de aparentemente tímido, ainda alienado, tanto que deu nota alta ao ditador de plantão, o general João Figueiredo, um pingue-pongue em forma de entrevista.

Dias depois fui, com meus dois meninos, André e Daniel, ao apartamento dele buscar umas fotos de sua infância. [...] Por chamá-lo o mais das vezes de Doutor, só ao me despedir disse seu nome, já na porta do elevador. Daniel olhou para ele, olhou para mim e, numa óbvia lamentação, exclamou, perguntando:

- Mas era o “Sócritas”, pai?!

O Magro deu uma gargalhada carinhosa e, não sei se foi por isso ou não, daí por diante nossa relação se estreitou e transcendeu não só as quatro linhas do gramado como os limites de uma ligação meramente profissional.

[...] Ele jamais negou nenhum pedido meu. Posou para a capa da *Placar* como *O pensador* de Rodin, e até como d. Pedro I na campanha das Diretas Já com a chamada “Se o Brasil mudar, eu fico”, reiterando a promessa, feita no comício no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, diante de mais de um milhão de pessoas, de não ir jogar na Europa caso a eleição direta para a Presidência da República fosse aprovada [...].

Sócrates e sua mulher, Regina, também tinham dois filhos cuja idade regulava com a dos meus. Uma coisa puxa a outra, as famílias se aproximaram a ponto de passarmos férias juntos em Ribeirão Preto, onde me afeiçoei a seu pai, Raimundo, já falecido, e a dona Guió, sua mãe, duas belas figuras (Kfourir, 2017, p. 228-229).

O depoimento de Juca leva-nos a concordar com a tese de Florenzano (2021, p. 200): antes mesmo de se afirmar como o herói das arquibancadas, Sócrates já teria se tornado referência para uma intelectualidade ligada ao clube, que finalmente encontrou nele alguém que a representasse dentro do “time do povo” - encarnação de múltiplos e por vezes contraditórios anseios de diferentes setores.

Não se tratava apenas do fato de ter um craque atuando pelo Corinthians; Sócrates também se alinhava de maneira precisa às bandeiras defendidas por Juca Kfoury, então diretor de *Placar* e figura central da intelectualidade corintiana. Entre essas pautas, destacavam-se a modernização do futebol brasileiro em oposição a práticas consideradas arcaicas ou predatórias, a valorização do futebol-arte como expressão do estilo nacional, a defesa de um posicionamento crítico por parte dos atletas e, posteriormente, a participação na campanha pela redemocratização.

Assim, Juca teve um papel decisivo no processo de politização do amigo jogador, embora não tenha sido o único agente dessa transformação. Como figura de grande visibilidade, Sócrates passou a frequentar círculos intelectuais e artísticos, aproximando-se de jornalistas, músicos, escritores e pensadores críticos do período, experiências que marcariam profundamente sua trajetória e contribuiriam para a formação de seu engajamento político e social (Downie, 2022, p. 175).

Sócrates vivia o auge de sua carreira e, nos termos de Bourdieu (1986), acumulava distintos capitais: o econômico, associado aos recursos financeiros; o cultural, relacionado à sua formação e escolarização; o social, construído por meio de suas redes de relacionamento; e o simbólico, expresso no prestígio e na legitimação, o que o colocava no centro do campo esportivo.

Sua estreia pela Seleção Brasileira ocorreu em 17 de maio de 1979 (Cardoso, 2014, p. 47). Vestir a amarelinha representava o grande objetivo de Sócrates, e a Copa do Mundo de 1982 marcou o ápice de sua trajetória. Integrante do grupo comandado por Telê Santana, o jogador passou por uma preparação rigorosa, na qual adotou mudanças significativas em seus hábitos: reduziu o consumo de cigarros, substituiu a cerveja por água mineral e dedicou-se intensamente aos treinamentos conduzidos pelo preparador físico Gilberto Tim, durante o período de concentração na Toca da Raposa, em Belo Horizonte.

O lateral Júnior, companheiro no período, relembra:

Existe o Sócrates que jogou no Botafogo, no Corinthians, na Fiorentina, no Flamengo, e o Sócrates que jogou a Copa de 82. Ele se tornou, nos três meses de preparação para o Mundial, um outro jogador, um atleta. Eu posso falar isso porque estreamos juntos na Seleção, em 1979. Ele era um menino, mas tinha fôlego de um veterano. Eu vivia pegando no pé dele por causa do cigarro. Ele dizia: “Porra, Capacete, mas você também fuma.” Mas eu fumava dois cigarros por dia, e ele, dois maços! Fiquei surpreso quando ele decidiu abdicar de tudo para chegar inteiro à Copa. Ele sofreu muito durante os treinamentos. Chegou a vomitar no gramado algumas vezes. Foi de uma dedicação comovente. E valeu: ele chegou voando na Espanha (Júnior *apud* Cardoso, 2014, p. 80).

Sobre a titularidade do grupo, Falcão relata:

A Seleção que se preparou para jogar a Copa de 82 tinha muitos jogadores de personalidade forte, que haviam sido capitães em seus clubes. Eu, no Internacional, o Oscar, no São Paulo, o Zico, no Flamengo, e o Magrão, no Corinthians. Era um time de líderes. Mas ninguém reclamou quando Telê decidiu dar a faixa para o Sócrates, nem eu, que tinha sido o capitão até sua chegada. Poucas vezes eu vi alguém exercer uma liderança dentro de campo de uma forma tão tranquila e natural. Ele foi mais que um capitão. Quando a seleção chegou à Espanha, todos já estavam jogando muito próximo do estilo do Sócrates, que era também o meu estilo, e do Telê, com toques rápidos, de primeira, sempre para a frente. Até mesmo o Zico, que gostava de driblar no Flamengo, carregar a bola, se adaptou (Falcão *apud* Cardoso, 2014, p. 81).

A campanha do Brasil na Copa do Mundo de 1982, realizada na Espanha, ficou marcada pela qualidade técnica e pelo estilo ofensivo da equipe comandada por Telê Santana. Após uma primeira fase convincente, com vitórias sobre União Soviética (2 x 1), Escócia (4 x 1) e Nova Zelândia (4 x 0), o Brasil avançou para a segunda fase e venceu a Argentina por 3 a 1. No entanto, foi eliminado pela Itália ao perder por 3 a 2, na partida que entrou para a história como a “Tragédia do Sarriá”.

Um ano após a derrota para a Itália, Sócrates rememoraría o episódio numa entrevista concedida à *Placar*:

O mundo desabou, mesmo para mim, que procuro sempre me condicionar para qualquer acontecimento. Aquela derrota, porém, não entrava nas cogitações. Só consegui desabafar 2 horas depois, já no hotel, quando fizemos uma reunião e eu agradei a todos pelo companheirismo e pelo trabalho. Só aí eu pude chorar. Aliás, todos choraram. [...] A viagem de ônibus, do estádio para o hotel, dava a impressão de que cada um viajava num carro diferente, indo para o mesmo cemitério, para ser enterrado. [...] foi o momento mais triste de toda a minha vida. [...] Depois daquele dia não consegui assistir a nenhuma outra partida da Copa. [...] eu vivi a expectativa dessa Copa pelo menos durante sete anos. Eu adiei o exercício da Medicina por causa dela. Em 1978 fiquei frustradíssimo por não ter sido convocado, porque coloquei a participação numa Copa do Mundo como algo muito importante para mim. Então, em 1982, talvez tenha sido a única vez em que admiti me sacrificar para me entregar a um trabalho. Eu me isolei de tudo, me

alienei, fiz concessões – como passar três meses concentrado – simplesmente para estar ali, para materializar um sonho (Sócrates *apud* Placar, 1983, p. 16, ed. 694).

Segundo Downie (2022, p. 20), nos anos seguintes, Sócrates se consolidaria como uma estrela ainda maior dentro e fora do universo esportivo, mas nunca mais se dedicaria com a mesma intensidade a um objetivo futebolístico. O craque ainda disputaria a Copa do Mundo de 1986, mas já sem a mesma performance e em um contexto distinto daquele vivido em 1982. Antes disso, porém, veríamos emergir de forma mais evidente sua faceta de engajamento político.

Três dias após o fim da Copa da Espanha, teve início o Campeonato Paulista de 1982. Mal deu tempo de Sócrates se solidarizar com Telê, demitido, e curtir o nascimento do quarto filho, Eduardo. Ainda assim, o Corinthians realizou uma excelente campanha, que culminaria na decisão contra o São Paulo (Cardoso, 2014, p. 94).

Semanas antes da grande decisão, Sócrates, Casagrande e Wladimir decidiram organizar uma grande festa com o objetivo de arrecadar fundos para a campanha do sindicalista Luiz Inácio “Lula” da Silva, o candidato ao governo paulista pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Era a primeira vez em dezessete anos que seriam realizadas eleições diretas para governador, e Lula surgia como o grande azarão – os favoritos para suceder o governador biônico Paulo Maluf eram André Franco Montoro, do PMDB, e Reynaldo de Barros, do PDS (lançado por Maluf). A festa prometia: além de lideranças do PT e de outros jogadores identificados com as forças progressistas, o evento contaria com a presença de Gonzaguinha, Fagner e Djavan. O alerta foi ligado no Corinthians [...]. O que deixara a maioria dos conselheiros do clube indignados, alguns deles intimamente ligados à ditadura militar, era o local escolhido – devidamente autorizado pelo vice-presidente de futebol Adilson Monteiro Alves – como sede para a festança em apoio à candidatura petista: as dependências do Parque São Jorge (Cardoso, 2014, p. 94-95).

A situação provocou tensões internas e pressões externas, incluindo críticas de autoridades, mas não resultou em mudanças concretas na gestão ou no elenco. Paralelamente à crise, o time manteve alto desempenho em campo e conquistou o Campeonato Paulista de 1982 contra o São Paulo, com destaque para o entrosamento do grupo e o protagonismo da chamada Democracia Corinthiana.

A tentativa de fortalecimento político do movimento ocorreu em meio à articulação da oposição, que buscava enfraquecer a gestão de Waldemar Pires e desgastar lideranças como Sócrates e Casagrande. Apesar das pressões, incluindo a exposição de comportamentos extracampo e episódios envolvendo o uso de drogas,

o movimento ganhou projeção, contando com o apoio de artistas e de setores da mídia.

Enquanto Rita Lee, convocada por Washington Olivetto para integrar o conselho alternativo do Corinthians, fazia show com a camisa da Democracia, ao lado de Sócrates [Wladimir] e Casagrande, o radialista Osmar Santos, da Rádio Globo, uma das maiores audiências do país, enaltecia o caráter vanguardista do movimento, desagradando a cúpula das Organizações Globo, fechada com regime militar [...] (Cardoso, 2014, p. 96-97).

Casagrande mal completara 18 anos quando passou a ser o parceiro de noite de Sócrates, que podia incluir tanto um show de rock na Bela Vista como uma interminável maratona etílica no bar De Repente, nos Jardins. Ao contrário de Sócrates, Casão não segurou a barra. Passou a usar cocaína com certa frequência, inclusive na antevéspera da decisão contra o São Paulo pelo campeonato paulista, quando experimentou a droga pela primeira vez (Cardoso, 2014, p. 97).

Os planos do Corinthians para o Campeonato Brasileiro priorizavam a contratação de um novo goleiro, com Emerson Leão – experiente jogador do Grêmio, titular da Seleção nas Copas de 1974 e 1978 – como principal alvo. A chegada do arqueiro, entretanto, gerou desgaste interno e culminou na saída do técnico Mário Travaglini, desestabilizando o grupo.

Anos depois, em entrevista dada à revista *Istoé* em outubro de 2000, Sócrates declararia: “Ele queria derrubar a Democracia. Um cara autoritário como ele não poderia mesmo gostar de um lugar onde as pessoas tinham liberdade para decidir o que é melhor [...]” (Sócrates *apud* Cardoso, 2014, p. 101).

Leão, por sua vez, rebateria:

Não posso falar sobre a Democracia Corinthiana porque simplesmente ela não existiu. O tempo mostrou isso, que era apenas um movimento bom para os que mandavam – os outros batiam apenas palma. Eu, que não compactuava com aquilo, procurei só jogar futebol, tanto que a minha passagem foi vitoriosa. Mas o sucesso do Corinthians deve-se exclusivamente ao bom time de futebol que ele tinha. O Sócrates era um excelente jogador, mesmo não sendo disciplinado. Talvez pudesse jogar ainda mais se fosse um bom profissional (Leão *apud* Cardoso, 2014, p. 101).

A eleição presidencial do Corinthians, em março de 1983, evidenciou o engajamento político da Democracia Corinthiana, com apoio ativo dos jogadores à reeleição de Waldemar Pires, vencedor com ampla vantagem, contra Vicente Matheus. Após o pleito, a breve passagem de Zé Maria como técnico terminou em

eliminação precoce no Brasileiro e reacendeu críticas ao modelo do grupo, o que levou ao retorno de Jorge Vieira.

Era a segunda vez que Vieira assumia o comando do time do Parque São Jorge. Na primeira passagem, no fim de 1979, o treinador estabelecera, por diversas razões, uma relação paternal com Sócrates. [...] Mas agora era diferente. Quatro anos haviam se passado e Sócrates já era o maior ídolo da torcida, o incontestável craque do time e da Seleção Brasileira, o grande catalisador da Democracia Corinthiana (Cardoso, 2014, p. 103).

O diretor de futebol Adilson Monteiro Alves percebeu que o grupo já não apresentava o mesmo entrosamento e nível de união e, diante disso, decidiu convocar uma reunião de emergência, como lembra Wladimir:

O Adilson reuniu o grupo e foi direto ao assunto: “Olha, gente, a situação está complicada, o ambiente está horrível e existe apenas um responsável por essa situação. O responsável é o Emerson Leão. Então, eu gostaria que o senhor Leão aguentasse mais estes três jogos, o da semifinal e mais os dois da final, e depois arrumasse sua mala e fosse embora.” O Adilson demitiu o Leão ali mesmo, na frente de todo mundo. Quando a gente estava saindo, o Adilson ainda chegou para o Leão e fez uma ameaça: “Se você tomar gol do Palmeiras eu vou à imprensa e digo que você entregou o jogo.” Aí o clima ficou ainda mais pesado. O Leão, que estava quieto até então, ficou possesso, peitou o Adilson. Só sei que chegamos ao Morumbi faltando dez minutos para o jogo começar. Só deu tempo de entrar no estádio, pular do ônibus e ir direto para o gramado. Sem aquecimento, a gente nem viu a cor da bola. O Palmeiras só não fez três gols nos primeiros 15 minutos porque o Leão fechou o gol, com defesas memoráveis (Wladimir *apud* Cardoso, 2014, p. 107).

Após o acerto de contas, o grupo demonstrou maior coesão. Mesmo após uma noite de excessos antes da decisão, Sócrates foi decisivo nos dois jogos da final contra o São Paulo, garantindo o bicampeonato paulista. Apesar do discurso democrático estampado na faixa confeccionada pela diretoria que dizia “Ganhar ou perder, mas sempre com democracia”, os jogadores sabiam que, na prática, ela não poderia ser levada ao pé da letra. A vitória continuava sendo central para a manutenção do modelo, que ganhava legitimidade com os títulos.

Em 1984, o desafio de Sócrates passaria a ser outro: resistir ao assédio de clubes europeus, especialmente italianos. Mesmo diante de propostas milionárias de equipes como Roma e Juventus, o jogador recusou as transferências, motivado por convicções políticas e pelo engajamento na campanha das Diretas Já, que mobilizava o país. Sua permanência tornou-se um símbolo desse momento histórico, embora a pressão externa pela sua ida ao futebol europeu continuasse intensa. Há quem

sustente, no entanto, que outra motivação também esteve em jogo: o envolvimento extraconjugal do jogador com a cantora Rosemary.

Rosemary era uma loira estonteante que tinha alcançado a celebridade nos anos 1960 com uma série de sucessos musicais. Também era uma atriz conhecida, cuja voz encantadora lhe valeu um convite para cantar para Jimmy Carter na Casa Branca, e com curvas que a colocaram na capa da revista *Playboy* não apenas uma, mas duas vezes. [...]

O casamento de Sócrates com Regina tinha esfriado após oito anos e quatro filhos, e a deslumbrante cantora o deixou fascinado. [...]

Sócrates nunca foi fiel, mas, até conhecer Rosemary, as outras mulheres em sua vida raramente significaram mais do que uma noite. Ele dormiu com secretárias das empresas que visitou, garçones de bares que frequentava, além de irmãs, primas e amigas de seus amigos. (Um possível filho não reconhecido apareceu em São Paulo em 2016, solicitando um teste de DNA.) Também se envolvia com mulheres no início de turnês internacionais do Corinthians e as levava para o restante da viagem.

Com Rosemary, no entanto, foi diferente. [...] e Sócrates estava preparado para arriscar tudo para estar com ela (Downie, 2022, p. 224-225).

Em suas memórias, Sócrates escreveria:

Acordei de madrugada para tomar café com ela. Logo em seguida, voei para São Paulo para o treinamento da manhã. Ao meio-dia, voei de volta para almoçar com ela. No começo da tarde, nova travessia para a capital paulista. Algumas horas depois, retornei para jantar junto da amada. Quando desembarquei de volta em Congonhas – naquela que seria a última viagem –, lá pelas dez da noite, e ainda na sala de desembarque, bateu uma saudade no meu peito, uma vontade de ficar ao lado de quem amava, daquelas impossíveis de relevar, e senti a necessidade, o desejo, a loucura de dormir com ela. E, quase sem racionalizar, acabei voltando para os braços queridos. Aquele último voo representava o êxtase, a comunhão de sentidos, a felicidade plena (Sócrates *apud* Downie, 2022, p. 225).

Se dependesse de seu pai, Sócrates já estaria na Itália desde a proposta da Roma, no ano anterior, mas, ao contrário do que desejava Seu Raimundo, o jogador engajou-se ativamente no movimento pelas Diretas Já, participando de manifestações e chegando a prometer, ao lado de companheiros, permanecer no país caso a emenda Dante de Oliveira fosse aprovada (Cardoso, 2014, p. 110).

A proposta foi rejeitada no Congresso, frustrando expectativas e marcando profundamente o atleta. Enquanto o país reagia à derrota política, avançavam as negociações para sua transferência, que acabaria sendo concretizada com a Fiorentina após intensas tratativas. Paralelamente, o Corinthians enfrentava instabilidade interna, com conflitos entre Sócrates e o técnico Jorge Vieira e a ruptura do grupo que sustentara a Democracia Corintiana. Nesse cenário de tensões esportivas e políticas, a saída do jogador simbolizou o fim de um ciclo tanto para o

clube quanto para o próprio movimento (Cardoso, 2014; Casagrande Junior; Ribeiro, 2016; Florenzano, 2021; Downie, 2022).

A Democracia Corinthiana estava por um fio. Waldemar Pires já não tinha a mesma força política, e a oposição surgia como favorita para vencer as eleições presidenciais marcadas para o ano seguinte. O empresário Bernardo Goldfarb, fundador das lojas Marisa e vice-presidente de Patrimônio do Corinthians, chegou a festejar publicamente a saída de Sócrates e a “despolitização” do clube, que, segundo ele, “havia virado uma facção do PC e do PT”. Já Sócrates não tinha muito o que comemorar. Ele se livrara dos dirigentes corinthianos, mas teria pela frente os cardeais da Democracia Cristã Italiana, que, apesar do nome, era bem diferente da Democracia de Sócrates, Casagrande, Wladimir e companhia (Cardoso, 2014, p. 119).

Antes da venda de Sócrates para a Itália, o Corinthians já havia firmado dois amistosos em junho de 1984 com participação obrigatória do jogador: um em Juazeiro do Norte, contra o Vasco; e outro, uma semana depois, em Kingston, contra a seleção jamaicana. Em Juazeiro, o que seria apenas um jogo transformou-se em uma grande mobilização de despedida de Sócrates do Brasil. Em Kingston, Sócrates marcou na vitória por 2 a 1 sobre os jamaicanos, seu último gol pelo clube. O ídolo, no entanto, deixaria o Corinthians sem que houvesse qualquer despedida ou homenagem oficial no Parque São Jorge (Cardoso, 2014, p. 117-119).

Na chegada de Sócrates à Itália, em 15 de junho de 1984, a imprensa italiana não economizou nas hipérboles. Já em Florença, o técnico Giancarlo De Sisti recebeu Sócrates e Regina no hotel. Em uma conversa madrugada adentro, o jogador expôs suas preferências táticas, a simpatia pelo PCI – o Partido Comunista Italiano – e a aversão às concentrações, reforçando a impressão de um atleta difícil de enquadrar, algo sobre o qual a família Pontello, dona da Fiorentina, já havia alertado De Sisti, embora confiasse em “domá-lo” quando os treinos comesçassem.

No dia seguinte, um sábado, Sócrates foi oficialmente apresentado. Waldemar Pires relembra:

Sócrates não fez a mínima questão de agradar os Pontello. [...] O presidente da Fiorentina, Ranieri Pontello, levou a gente para uma espécie de camarote, que dava para o campo. Abriu o vitral e o Sócrates surgiu fazendo o famoso gesto, com o braço direito levantado e a mão fechada – gesto que na Itália costumava ser feito pelos militantes do PCI [...]. O Ranieri ficou branco. Puxou imediatamente Sócrates para dentro de novo e o repreendeu. “Se quer saudar a torcida, levante os dois braços. Não faça mais isso.” O Sócrates virou-se para mim e disse, dando risada: “Agora é que eu vou fazer toda hora.” Naquele momento eu tive a certeza: “Vai dar merda.” (Pires *apud* Cardoso, 2014, p. 122-123).

Após um início em que os Pontello ainda o defendiam, a paciência se esgotou diante das críticas da imprensa e das dificuldades de adaptação. O jogador passou a ser visto como alguém que não se enquadrava nas normas do clube – desde exigências de etiqueta, como usar paletó e gravata nas viagens, até restrições de comportamento, como a proibição de fumar dentro do ônibus. O conflito se agravou quando ele levou para a esfera pública, em entrevistas, a disposição de dizer sempre o que pensava – Sócrates passou a denunciar o esquema mafioso de manipulação de resultados que caracterizava o futebol italiano. A reação do presidente Ranieri Pontello, ao pedir que ele “jogasse mais e falasse menos”, cristalizou a deterioração do ambiente dentro e fora de campo.

Sócrates seguia infeliz na Itália. No vestiário, as relações também eram difíceis, com boicotes e isolamento em campo. Nem mesmo a grande festa de aniversário de 31 anos, celebrada em pleno carnaval florentino com os amigos brasileiros que atuavam na Itália e com o elenco da Fiorentina, conseguiu diminuir a tensão, agravada por notícias negativas vindas do Brasil, como a morte de Tancredo Neves e a não convocação para a Seleção, então sob o comando de Evaristo de Macedo .

Macedo durou apenas 38 dias como técnico, vítima do próprio desempenho. Telê Santana reassumiu a Seleção Brasileira e, embora o time não repetisse o encanto da campanha de 1982, deixou claro que manteria a base daquela geração caso retornasse para o Mundial do México. O treinador não abriria mão de nomes como Zico, Sócrates, Falcão e Cerezo, mesmo com alguns deles apresentando rendimento abaixo do auge anterior, num contexto em que o futebol brasileiro já não revelava jogadores à altura da geração de 1982, o que levava clubes nacionais a tentar repatriar seus antigos ídolos.

Sócrates se preparava para mais uma temporada na Itália quando recebeu a proposta do locutor e empresário Luciano do Valle – na época, um dos sócios do Consórcio Luqui-Bandeirantes, responsável pela programação e pelo controle dos anunciantes nos horários esportivos da TV Bandeirantes – para retornar ao Brasil e atuar pela Ponte Preta. O acordo previa a renúncia a valores que ainda tinha a receber da Fiorentina, em troca de um contrato de risco sustentado por patrocínios, divisão salarial com o clube e grande exposição midiática, incluindo um jogo de estreia de Sócrates contra o Real Madrid no Morumbi, em São Paulo, no dia 22 de agosto (Cardoso, 2014, p. 144-145).

No dia 17 de agosto de 1985, Sócrates desembarcou sozinho no Aeroporto Internacional de Guarulhos, onde cerca de 200 torcedores da Ponte Preta o aguardavam. O plano, contudo, desmoronou na última hora: os patrocinadores recuaram e os pagamentos prometidos não se concretizaram. Diante do fracasso da negociação e do constrangimento público, ele chegou a cogitar encerrar a carreira, mas retornou à Itália para cobrar o que lhe era devido, enfrentando novamente a diretoria da Fiorentina e reafirmando a disposição de levar o caso às últimas consequências (Cardoso, 2014, p. 146).

Enquanto Sócrates travava uma guerra com a Fiorentina, surgia no Brasil a possibilidade de retorno por meio de um ambicioso projeto articulado pelo publicitário Rogério Steinberg e pelo consórcio de empresas que já havia viabilizado a volta de Zico ao Flamengo. Com o apoio decisivo do próprio Zico, a diretoria rubro-negra aceitou o alto investimento para trazer Sócrates, apostando no entrosamento histórico da dupla na Seleção Brasileira e na força simbólica de reuni-los no meio-campo, apesar das resistências internas e do custo elevado da operação (Cardoso, 2014, p. 149).

Sócrates desembarcou no Rio às 7h35 da manhã de 13 de setembro de 1985, recebido pela torcida rubro-negra ao som do refrão entoado pela bateria mirim da Mangueira, “Entornar é viver/ Doutor, vou beber com você” (Placar, 1985, p. 5, ed. 800). Pouco depois, porém, uma fratura no tornozelo o afastou dos gramados, limitando sua participação em campo e frustrando as expectativas do Flamengo na temporada. Jogando a primeira vez ao lado de Zico em um clube, mergulhado na boemia carioca e na militância política, sofrendo com contusões, Sócrates jamais correspondeu à expectativa da dobradinha entre os dois ídolos. Ainda assim, a força de seu nome levou Telê Santana a mantê-lo entre os convocados para a Copa do Mundo do México.

Sócrates chegara a Guadalajara, sede dos primeiros jogos do Brasil, atirando. Ainda no aeroporto, um jornalista local quis saber do mais politizado atleta da Seleção o que ele achava do governo mexicano. O jogador respondeu com a franqueza habitual. Disse que o México – governado pelo Partido Revolucionário Institucional (PRI) desde 1929 – vivia sob uma ditadura disfarçada, com um partido eternizado no poder e a exploração dos ídolos nacionais do passado. Quase um ano depois, em entrevista ao jornal *O Globo*, Sócrates revelou o mal-estar causado pela polêmica declaração: “Não passou muito tempo, recebi uma carta da embaixada brasileira no México, avisando que havia recebido uma notificação do governo mexicano pedindo que eu evitasse declarações políticas. Ora, estava apenas exercendo um direito que é meu, de falar o que penso” [...].

Sócrates não dera a mínima para a notificação do governo mexicano. Entrara no gramado do estádio Jalisco com uma faixa na cabeça em que se lia

México, sigue de pie, uma homenagem ao país anfitrião que, em setembro de 1985, havia enfrentado um terrível terremoto, com milhares de vítimas e que quase determinou o cancelamento da Copa. Segundo a imprensa local, a faixa na cabeça de Sócrates não se limitava à singela homenagem. Bastava olhar a faixa de perto para identificar uma outra mensagem: “Reagan terrorista, Kadafi democrata” (Cardoso, 2014, p. 166).

Mais uma vez, o Brasil de Telê era eliminado em uma Copa do Mundo, e Sócrates voltava a anunciar a intenção de deixar o futebol. No retorno ao país, evitou entrevistas, enfrentou forte abatimento físico e emocional e foi submetido a uma cirurgia complexa na coluna. Afastado do campo, retornou à vida boêmia e a se envolver intensamente com a militância política, engajando-se nas campanhas do amigo Afonsinho para deputado federal e de Darcy Ribeiro para o governo do Rio de Janeiro.

Em novembro, quase quatro meses após a cirurgia para retirada da hérnia, Sócrates retornou ao Flamengo. Ainda com dores e dificuldades para acompanhar o ritmo do jovem elenco, enfrentou cobranças por improdutividade, conflitos com a rotina de concentração e sucessivos embates com o técnico Sebastião Lazaroni. Embora o contrato se estendesse até setembro, após discutir com o treinador na estreia do Carioca de 1987, jogou as chuteiras no lixo ao fim de um treino e não voltou ao clube. A saída repentina repercutiu na imprensa: “Sócrates desaparece. Lazaroni ameaça”, estampou *O Estado de S. Paulo* em 18 de março de 1987. Poucos dias depois, o jogador rescindiu com o Flamengo (Cardoso, 2014, p. 174-176).

A partir daquele momento, Sócrates passou a concentrar sua rotina no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, na Ilha do Fundão, onde iniciaria, sob supervisão médica, a residência em medicina. A mudança implicou uma mudança radical no estilo de vida: longos deslocamentos desde a Barra da Tijuca, jornadas que começavam às sete da manhã e a adoção de hábitos matutinos suspenderam, por tempo indeterminado, os famosos “saraus do Sócrates”.

Em um ano e meio de Rio, livre dos treinamentos e das concentrações, por causa da fratura no tornozelo e, depois, da cirurgia nas costas, o jogador transformara a confortável casa no Condomínio Santa Helena em um dos refúgios da boemia carioca. A casa não era apenas frequentada por quase todo o elenco do Flamengo e por jogadores de outros clubes. Músicos, atores, diretores de teatro e cinema, artistas plásticos e políticos progressistas eram bem-vindos. Poetas e desocupados do Baixo Leblon também. O paraense criado em Ribeirão Preto havia se tornado um dos melhores anfitriões do Rio de Janeiro (Cardoso, 2014, p. 177).

A exaustiva rotina como residente no Rio de Janeiro afastou Sócrates do convívio familiar e o impediu de acompanhar de perto a ascensão do irmão Raí. Em 1988, fiel ao seu caráter imprevisível, decidiu retornar a Ribeirão Preto para retomar os estudos na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e reassumir uma vida interiorana mais tranquila. Após quatro filhos e já separado de Regina, envolveu-se com a tenista Silvana Campos, também ribeirãopretana, mas o sossego durou pouco: para surpresa de amigos e familiares, voltou aos gramados ao aceitar jogar pelo Santos de Pelé, time responsável por fazer do futebol a maior de suas paixões (Cardoso, 2014, p. 82-85).

Sócrates apresentou-se ao Santos no dia 21 de outubro de 1988. O clube vivia um período de declínio após os títulos do início da década, com elenco jovem e inexperiente e grave crise financeira. O principal interesse da diretoria era viabilizar amistosos no exterior e aumentar o caixa por meio da exploração comercial da imagem do recém-contratado. O desempenho no Campeonato Paulista de 1989 foi, como se previa, um fiasco. Sócrates passou parte do torneio contundido e fez companhia na enfermaria a outros veteranos em fim de carreira, como Juary e Wladimir, ex-companheiro da Democracia Corinthiana.

Depois de uma viagem a Santiago do Chile, com os salários atrasados e sem se classificar para as semifinais do Campeonato Paulista, a diretoria do clube correu para negociar novos amistosos, o que incluiu uma excursão por Santa Catarina e uma temporada na China. No país asiático, o Santos realizou nove jogos em menos de 25 dias. Ainda em Pequim, foi acertada uma nova excursão, desta vez pela América do Norte. Assim que o clube desembarcou em Los Angeles, nos Estados Unidos, Sócrates abandonou a delegação.

A viagem para a China, apesar de muito cansativa, foi maravilhosa. Eu e o Sócrates adoramos conhecer um país com uma cultura tão diferente da nossa. Toda a excursão era pautada em cima do Sócrates. Ele sabia disso, que a diretoria do Santos lucrava com ele, e ficou puto por não receber o que havia sido combinado. Quando chegamos a Los Angeles, a Silvana Campos, que tinha ido com o Sócrates para a China, quis voltar para o Brasil. Sócrates, que estava apaixonado, e que jamais deixaria sua companheira voltar sozinha, não pensou duas vezes: arrumou a mala e foi embora (Wladimir *apud* Cardoso, 2014, p. 190)

O presidente do Santos, Miguel Assad, furioso, anunciou a rescisão do contrato e atacou publicamente o jogador. A edição 1006 de *Placar*, de 22 de setembro de 1989, estampava a chamada “Miguel Assad: ‘Sócrates é burro’ ; Sócrates: ‘Fui

sacaneado no Santos'" (Placar, 1989, ed. 1006). Mesmo atuando em poucas partidas, em sua maioria contra adversários de pouca expressão, o meia terminou o primeiro semestre como o principal artilheiro do clube, com 14 gols em 46 jogos (Cardoso, 2017, p. 190).

Em setembro de 1989, Sócrates aceitou o convite do Botafogo para encerrar a carreira no clube que o revelou. Assim como o Santos, o tricolor de Ribeirão Preto também atravessava um momento difícil, disputando a segunda divisão do Brasileiro e enfrentando grave crise financeira. Na ocasião, o time era dirigido por Mário Travaglini, com quem Sócrates teve ótima relação no período da Democracia Corinthiana. O Estádio Santa Cruz lotou no dia 16 de novembro, na partida contra o Uberlândia, para assistir ao retorno do jogador. Nos sete jogos disputados na sua segunda passagem pelo clube, Sócrates não marcou gols, o que não incomodou Seu Raimundo: ver o primogênito encerrar a carreira com a camisa do Botafogo, distribuindo passes com a elegância habitual, já era o bastante (Botafogo, s.d., s.p.; Cardoso, 2014, p. 191-192).

O nome de Sócrates chegou a ser cogitado para a prefeitura de Ribeirão Preto nas eleições municipais de 1992, mas quem acabou candidato e eleito foi Antônio Palocci, jovem político da cidade, deputado estadual e médico, como ele, que o convidou para assumir a Secretaria de Esportes. À frente da pasta, Sócrates tomou decisões pouco convencionais, como a recepção dos Jogos de Medicina, o Intermed, e a abertura da estrutura esportiva municipal às comunidades carentes, chegando a colocar a oficina da Secretaria à disposição de internos da FEBEM. Seu objetivo era promover a integração entre jovens de diferentes origens sociais, atitude vista com maus olhos por parte da sociedade ribeirão-pretana; após cerca de um ano no cargo, o ex-jogador pediu demissão (Cardoso, 2014, p. 194-197).

No início de 1994, o presidente do Botafogo de Ribeirão Preto, Laerte Alves, convidou Sócrates para assumir a coordenação de esportes do clube, decisão que encontrou resistência interna. A proposta previa atuação sem ingerência no trabalho do técnico José Galli Neto, além do apoio à implantação de um novo centro de treinamento e da integração do MESC (*Medicine Sócrates Center*) ao departamento médico. Diante das dificuldades da equipe na Série A2, Laerte rompeu o acordo inicial e convidou Sócrates a assumir o comando técnico. Avesso a métodos convencionais, o ex-jogador priorizou um estilo ofensivo, à maneira de Telê Santana, concedendo ampla liberdade aos atletas. A opção desagradou o supervisor técnico

do clube, o lendário “Tiri”, um dos responsáveis por promovê-lo ao time profissional em 1973. Sócrates não quis medir forças com Tiri, aceitou o convite para ministrar palestras no Japão e pediu demissão (Cardoso, 2014, p. 199-202).

Em julho de 1995, o doutor recebeu convite do canal *SporTV* para comentar as duas partidas finais do Campeonato Paulista entre Corinthians e Palmeiras, ao lado do jornalista Mauro Beting. O pedido era para que chegassem com três horas de antecedência. No primeiro jogo, faltando uma hora, ninguém tinha notícias de Sócrates, que chegou à cabine quando os times já estavam em campo e o narrador anunciava a escalação das equipes. Além disso, ignorando a cartilha da emissora, se comportou mais como torcedor do que como comentarista. Na segunda partida, voltou a surpreender: embora estivesse no estádio com antecedência, não subiu à cabine de transmissão e apareceu no gramado, onde foi saudado pela torcida da Gaviões da Fiel ao coro de “Doutor, eu não me engano, o seu coração é corintiano”. Sócrates agradeceu a homenagem e, com os braços levantados, passou a bater palmas, regendo a massa. Detalhe: com o uniforme do *SporTV* (Cardoso, 2014, p. 202-204).

Sete meses depois, o inquieto Sócrates aceitou o convite para comandar a Liga Deportiva Universitaria de Quito, no Equador, onde tentou implantar um modelo de autogestão inspirado na Democracia Corinthiana. A proposta, pouco compreendida por dirigentes, jogadores e torcida, não prosperou: em cinco partidas, acumulou três derrotas, enfrentou resistência interna e foi demitido após dois meses. De volta ao Brasil, recusou novas propostas para seguir como treinador e afastou-se do futebol por alguns anos, dedicando-se à organização de etapas da Copa Davis de Tênis em Ribeirão Preto e à expansão de seus negócios fora dos gramados (Cardoso, 2014, p. 204-205).

Sem vocação para os negócios e já com saudades do futebol, Sócrates deixou de lado os empreendimentos para se aventurar novamente como treinador. Em novembro de 1999, assumiu o comando da Cabofriense, onde acreditava ter, pela primeira vez desde a saída do Corinthians, condições reais de implantar o modelo de autogestão que idealizava. O coordenador técnico era Leandro, ex-companheiro de Seleção e Flamengo, auxiliado por Renato Gaúcho, recém-aposentado. Sócrates propôs o fim das concentrações, a inclusão de práticas alternativas como capoeira e tai chi chuan na preparação física, além da contratação de um psicólogo para palestras educativas sobre sexo e doenças venéreas aos jogadores, sempre com decisões tomadas por voto.

Foi uma temporada maravilhosa, mas também muito intensa. Sócrates ficou hospedado na pousada dos meus pais aqui em Cabo Frio – ficamos grudados o tempo todo, no clube e fora dele. E não era fácil: o Magrão tinha 150 ideias por minuto. Um dia, o encontrei no café da manhã. E ele: “Leandro, precisamos comprar computadores para os jogadores. Os caras precisam se conectar ao mundo, aprender, deixar de ser provincianos.” Nossa verba era apertada, não dava para comprar nem uma impressora. Ele ficou muito impressionado com o baixo nível escolar dos jogadores. Chegou a criar um painel informativo no vestiário – todos os dias, antes de começar os treinamentos, os jogadores tinham que colar uma manchete de um jornal e discuti-la em grupo. Durante os três meses em que ele treinou o time, ninguém se concentrou. No Cabo Frio, tudo podia. O próprio Sócrates treinava a equipe de bermuda e quase não conversava com os jogadores. Mandava um grupo ficar brincando com a bola no ataque. Deixava-os livre, desde que jogassem para a frente. Tinha horror de retranca (Leandro *apud* Cardoso, 2014, p. 206).

A experiência da chamada “Democracia de Cabo Frio”, assim como a corintiana, produziu resultados esportivos e levou o clube à elite do futebol carioca, mas sem a permanência de Sócrates no comando. Ao perceber que lideranças locais instrumentalizavam politicamente o sucesso da equipe, ele se afastou. A política, contudo, continuou a rondá-lo: em novembro de 2000, o ex-jogador integrou a comitiva do Partido dos Trabalhadores na viagem a Cuba com Lula e chegou a ser sondado para assumir a Secretaria Municipal de Esportes no governo Marta Suplicy, convite que recusou. Seu projeto, naquele momento, era mais ambicioso: lançar-se candidato à presidência da CBF (Cardoso, 2014, p. 207-209).

A princípio, tratava-se de uma anticandidatura, já que o estatuto da entidade restringia o voto a federações e presidentes de grandes clubes, o que tornava a eleição de Sócrates praticamente inviável. Ainda assim, ele defendia a democratização do futebol, a intervenção do Estado na CBF, a redistribuição das riquezas do esporte e chegou a propor mudanças radicais, como a redução do número de jogadores em campo. A iniciativa ganhou visibilidade com sua participação na CPI do Futebol, em 2000, e voltou ao debate após a eleição de Lula, quando Sócrates foi convidado a integrar discussões sobre políticas públicas para o esporte (Cardoso, 2014, p. 210-212).

Crítico tanto da CBF quanto do próprio governo petista, Sócrates manteve uma postura independente. Em sua coluna na revista *Carta Capital*, assinada desde 1999, tinha como alvos principais Ricardo Teixeira, Pelé – a quem criticou pelo apoio a Eduardo José Farah, então presidente da Federação Paulista de Futebol e investigado pela CPI do Futebol – e Agnelo Queiroz, ministro do Esporte no governo Lula, expressando frustração com a ausência de mudanças estruturais no esporte nacional.

Em janeiro de 2004, Sócrates enfrentou a primeira grande perda pessoal com a morte de Seu Raimundo, a quem era profundamente ligado apesar das diferenças políticas e comportamentais. Dois anos depois, ele perderia seu segundo pai: Telê Santana (Cardoso, 2014, p. 213). Na mesma época, aceitou uma oferta inusitada no futebol inglês para atuar pelo modesto Garforth Town, inexpressivo clube do norte da Inglaterra, em iniciativa articulada pelo presidente do clube, Simon Clifford, um declarado amante do futebol-arte.

A contratação de Sócrates não atendia apenas a um desejo pessoal de Simon Clifford, um fã incondicional da Seleção Brasileira dirigida por Telê Santana nas Copas de 82 e 86 – era também um belo golpe de marketing. O Garforth disputava a Northern Premier League, que correspondia na época à oitava divisão do futebol inglês, mas tinha planos, segundo seu otimista presidente, de chegar à elite do futebol em 2028. [...]

Clifford pensou primeiro em Zico, mas a vinda do ex-camisa 10 da Gávea, na época treinando a seleção do Japão, era impossível. O segundo da lista era Sócrates, que, para surpresa do dirigente inglês, achou a ideia divertida e a grana boa (não revelada na época), e topou na hora. O combinado era que Clifford anunciaria oficialmente a assinatura de um contrato-relâmpago, com duração de um mês e quatro partidas, o bastante para chamar a atenção da imprensa britânica – na prática, Sócrates daria uma palestra para uma escolinha de futebol de Garforth, conhecida como “Brazilian Soccer School”, e jogaria apenas um terço de um tempo de jogo, ou seja, 15 minutos.

Nada que desanimasse a torcida do Garforth, que ignorou a temperatura abaixo de zero e lotou os 3 mil lugares do Wheatley Park, o acanhado estádio do clube, para ver Sócrates na forma de seus 50 anos, de gorro e luvas, arriscar alguns toques de calcanhar e um chute por cobertura. O brasileiro, substituído aos 14 minutos do primeiro tempo, jogou um minuto a menos do combinado, mas ninguém reclamou: por alguns dias, o Garforth, o “Íbis britânico”, foi o time do “Doutor Sócrates” (Cardoso, 2014, p. 218-219).

Quando a dentista Maria Adriana Calixto, então companheira de Sócrates, engravidou de seu sexto filho, o ex-jogador decidiu romper um acordo antigo estabelecido com as mães de seus filhos, segundo o qual nomearia apenas as filhas. O menino, nascido em 29 de setembro de 2005, foi batizado de Fidel, em homenagem ao líder cubano, que, assim como Che Guevara, era um de seus ídolos.

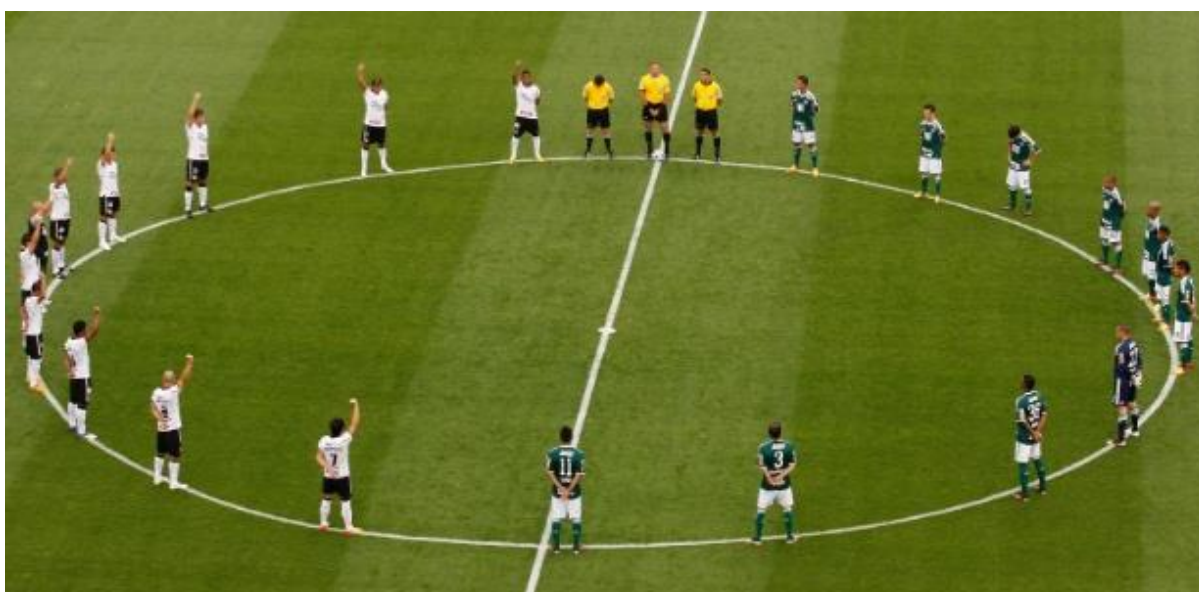
Nos anos seguintes, Sócrates intensificou sua presença no debate midiático. Integrou as mesas-redondas futebolísticas *Jogo Duro* (SBT) e *Cartão Verde* (TV Cultura), e mudou-se novamente para São Paulo, agora para um condomínio em Barueri, com a empresária e jornalista Kátia Bagnarelli. À *Placar*, afirmou que voltava à capital para “incomodar” e “mexer com o país”, rejeitando rótulos convencionais e definindo a própria ocupação de forma irônica: “Minha profissão é de louco”. Nesse período, foi convidado pelo *Canal Brasil* para comandar o programa de entrevistas *O Brasil + Brasileiro*, que iria ao ar a partir de julho de 2011 (Cardoso, 2014; Downie, 2022).

Paralelamente à atuação televisiva, Sócrates acumulava projetos culturais. Planejava lançar um livro de contos, gravar um disco com Zeca Baleiro e produzir um documentário com Ugo Giorgetti sobre as doze sedes brasileiras da Copa do Mundo de 2014. Um dos projetos mais avançados era o Doutorzinho, personagem de histórias em quadrinhos inspirado em sua própria figura, criado para transmitir mensagens de socialização, tolerância e respeito, em diálogo com públicos mais jovens (Cardoso, 2014, p. 225).

Apesar dos inúmeros planos e da intensa produtividade intelectual, aquele ano foi marcado pelo agravamento de seus problemas de saúde. Portador de cirrose hepática, Sócrates sofreu sucessivas hemorragias digestivas e diversas internações, mas recusou, reiteradas vezes, tratamentos mais invasivos. Na madrugada de 1º de junho de 2011, voltou a ser internado em estado grave, permanecendo em coma induzido na UTI do Hospital Albert Einstein. Faleceu de choque séptico em 4 de dezembro de 2011, aos 57 anos.

A morte coincidiu com o desejo que costumava expressar aos amigos: “Quero morrer em um domingo e com o Corinthians campeão.” Naquele mesmo dia, um domingo, o Corinthians sagrou-se pentacampeão brasileiro após empatar (0 x 0) com o Palmeiras no Pacaembu. O gesto do punho cerrado foi repetido pela torcida e pelos jogadores alvinegros em homenagem ao ídolo corintiano.

FIGURA 3 - Homenagem a Sócrates no dia de seu falecimento



Fonte: UOL, 2011

6 A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE SÓCRATES PELA REVISTA PLACAR

Este sexto e penúltimo capítulo apresenta e discute os resultados da investigação sobre a construção midiática da imagem de Sócrates pela revista *Placar*, a partir da sistematização de edições impressas publicadas entre março de 1970, lançamento da primeira edição da revista, e dezembro de 2011, edição especial em homenagem ao jogador, publicada após sua morte, em 04 de dezembro de 2011.

Pretendemos evidenciar como *Placar* constrói Sócrates discursivamente ao longo de sua trajetória profissional; identificar as principais representações e narrativas que a revista criou para caracterizá-lo; observar até que ponto elas dialogam com o imaginário contemporâneo em torno do jogador permitindo afirmá-lo como mito esportivo; e, por fim, destacar o papel da mídia na criação de heróis e mitos esportivos, entendendo como certas escolhas editoriais contribuem para transformar atletas em personagens simbólicos que ultrapassam o campo esportivo.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa baseia-se em uma dupla ancoragem: 1) uma fase descritiva de tipo documental²⁵, voltada ao mapeamento extensivo do corpus e à organização dos achados segundo critérios objetivos categorizados por data, edição, sessão, autoria e destacabilidade (como presença em capa, manchetes e chamadas); e 2) uma fase qualitativa, orientada pela Análise do Discurso (AD) francesa, revelando as ideologias subjacentes, estratégias persuasivas e processos de significação.

Na etapa descritiva, seguimos o princípio de que o cientista observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos, mas não os manipula; o pesquisador não interfere ou controla as possíveis variáveis interferentes na ocorrência estudada. A função do pesquisador aqui é exclusivamente a de investigar a causa, a natureza, a frequência e a intensidade da ocorrência ou de determinado

²⁵ A pesquisa documental, conforme Moreira (2009), caracteriza-se pelo levantamento de informações por meio de documentos escritos, impressos ou sonoros que se encontram em arquivos públicos, bibliotecas, museus, igrejas, cartórios, videotecas e filmotecas em forma de jornais, revistas, fotografias, correspondências, diários, memórias, autobiografias. Neste estudo, o ponto de partida foi o acervo digital da revista *Placar* organizado pela editora Abril e disponível no endereço <https://g.co/kgs/rPgbEBp>. Por meio do recurso de busca, mapeamos todas as ocorrências que mencionavam Sócrates nas edições disponíveis, de 1970 a 2011, organizando os resultados em uma planilha excel com os campos: data, edição, páginas, sessão, autoria, link de acesso, observações (exemplo: se a matéria é ou não destaque de capa, qual o foco principal ou direcionamento, e demais peculiaridades que eventualmente tenham nos chamado a atenção). Para resolver as lacunas das edições faltantes no banco da Abril, recorremos ao acervo físico do Museu do Futebol. Neste caso, o mapeamento das edições aconteceu manualmente, uma vez que o acervo não se encontra digitalizado.

fenômeno e a sua relação com os demais (Jardilino; Rossi; Santos, 2000; Rudio, 2003).

Na etapa qualitativa, adotamos um recorte indutivo sobre uma amostra intencional do corpus, conforme defendem Thomas e Nelson (2002), privilegiando peças cuja carga semântica e relevância histórica permitam explicitar os mecanismos de construção de sentido.

A AD francesa oferece aqui o duplo papel de referencial teórico e metodológico. Com base em Pêcheux, Maingueneau, Foucault e demais autores apresentados no capítulo 4, partimos da noção de que discursos não existem isoladamente, mas como efeitos de condições de produção (históricas, institucionais, ideológicas) e de formas de circulação (editoriais, midiáticas, culturais). Desse modo, examinamos não só o que é dito, mas também como, por quem e em que contexto.

Com base nessas escolhas metodológicas, buscamos revelar como a revista operou, por meio de escolhas linguísticas, recursos narrativos, estratégias editoriais e enquadramentos temáticos, a transformação de Sócrates em personagem midiático multifacetado: o craque, o ídolo, o intelectual, o jogador politizado, o jogador engajado e o transgressor.

Defendemos que a representação de Sócrates construída por *Placar* não é estática nem linear, mas resulta de um processo gradativo de elaboração discursiva, no qual diferentes imagens do jogador vão sendo produzidas, reforçadas e ressignificadas. Observa-se um movimento que parte da figura do craque, avança para a do ídolo, incorpora a dimensão de símbolo político e culmina na sua consagração como mito esportivo.

Essa metamorfose não ocorre de forma espontânea: trata-se de uma elaboração que depende da ação contínua, que seleciona acontecimentos, organiza narrativas, hierarquiza sentidos e, assim, não apenas acompanha a trajetória do jogador, mas participa ativamente da sua construção simbólica.

Adicionalmente, sustentamos que nem todo atleta atravessa esse caminho: numa progressão que vai do jogador habilidoso ao mito. Ele depende de processos de mediação que envolvem escolhas intencionais do veículo. Incorporar tal perspectiva exige examinar não apenas as representações do jogador e enredos produzidos pela revista, mas também as condições de produção desses discursos, seus efeitos de sentido e as formações ideológicas que lhes servem de base.

Em outros termos, o mito não nasce sozinho: ele é produzido, reiterado e sedimentado por meio de narrativas que lhe conferem densidade e permanência. Nesse sentido, defendemos que *Placar* desempenhou um papel central na consolidação de Sócrates como mito, operando como mediadora e amplificadora de signos que perduram no imaginário social coletivo.

Estruturalmente, o capítulo se inicia com a apresentação da taxonomia das capas que trouxeram Sócrates como destaque (6.1). Em seguida, decompomos o “fenômeno Sócrates” em seis figuras discursivas (6.2): o craque (excelência técnica, liderança dentro de campo, tabelinhas com outros jogadores), o ídolo (afeição, carisma, identificação com o clube e sua torcida), o intelectual (formação acadêmica, letramento, articulação com repertórios culturais), o jogador politizado (posicionamentos e críticas públicas), o jogador engajado (ações, causas e relações com movimentos sociais) e o transgressor (vícios, rupturas com normas e hierarquias, enfrentamento institucional, recusa à disciplinarização).

No tópico 6.3, adentramos os enredos que emergem de momentos emblemáticos da cobertura sobre Sócrates, como a matéria “Se eu fosse governador”, a participação na Democracia Corinthiana, o episódio do Dia do Fico, a passagem pela Fiorentina e os especiais de 1979 e 2011, que condensam sentidos marcantes sobre sua trajetória pelo viés de *Placar*.

A título de fechamento, retornamos à hipótese de pesquisa para avaliar em que medida os resultados obtidos confirmam, tensionam ou ampliam as premissas iniciais acerca da construção de Sócrates como mito esportivo. Essa reflexão final propõe ver *Placar* como um dispositivo de enunciação que, ao longo do tempo, estabeleceu e reconfigurou sentidos sobre Sócrates em diálogo com transformações contextuais (políticas e editoriais), contribuindo para formar o imaginário coletivo contemporâneo que o consagra entre as figuras mais complexas e politicamente significativas da história do futebol brasileiro.

6.1 TAXONOMIA DAS CAPAS DE SÓCRATES EM PLACAR

As capas de revista constituem, no campo do jornalismo, um dispositivo privilegiado de enunciação e de mediação simbólica. Longe de cumprir apenas uma função gráfica, elas atuam como síntese editorial e suporte orientador de leitura, responsável por anunciar, hierarquizar e interpretar acontecimentos.

Para García (1998), a capa é o ponto de entrada do discurso jornalístico, condensando a linha editorial, os enquadramentos temáticos e a leitura que o veículo pretende sugerir ao público. Nesse sentido, ela opera simultaneamente como porta de acesso e como declaração narrativa, antecipando sentidos e instaurando expectativas.

Conforme Scalzo (2012), a capa é o “cartão de visita” de uma revista: nela se estabelece a identidade do veículo, suas prioridades temáticas e o pacto de leitura que se estabelece com o público. Sua força narrativa e simbólica é tão relevante que Villas-Boas (2003) a descreve como uma “miniatura do projeto editorial”, capaz de apresentar valores, sugerir enquadramentos e construir sentidos mesmo antes que o leitor acesse o conteúdo da publicação.

Na mesma direção, Nascimento (2002) observa que a capa sintetiza opções editoriais conscientes, que vão da escolha do personagem à definição do enquadramento fotográfico, sempre orientadas por critérios de relevância, impacto e aderência à linha editorial. Essas escolhas, vale lembrar, não são neutras: elas refletem intencionalidades e posicionamentos discursivos que se constroem na intersecção entre rotinas jornalísticas, estratégias de mercado e a cultura visual de cada época.

No jornalismo esportivo, tais dinâmicas assumem relevância particular. As capas contribuem para formar e reforçar narrativas sobre ídolos, consolidando imagens que ultrapassam o evento esportivo e integram o repertório cultural. Helal (2003) destaca que a mídia participa ativamente da construção de heróis do esporte, atribuindo a certos atletas traços simbólicos que se sedimentam no imaginário coletivo.

Assim, o estudo das capas de *Placar* que destacam Sócrates não apenas revela escolhas editoriais, mas expõe estratégias discursivas de enquadramento, processos de legitimação e intenções editoriais na representação do jogador. Dessa forma, a taxonomia proposta neste tópico busca identificar e organizar os diferentes arranjos visuais e verbais utilizados pela revista para apresentar Sócrates ao público.

Partindo para o corpus propriamente dito, consideramos todas as capas de *Placar* que trouxeram Sócrates como chamada, seja como destaque principal ou não. Foram encontradas, ao todo, 94 edições no período de 20 de março de 1970, primeira edição de *Placar*, a dezembro de 2011, data de falecimento do jogador.

Com segurança, podemos afirmar que Sócrates está entre as figuras mais destacadas e celebradas pela revista ao lado de nomes como Zico²⁶ e Pelé²⁷. Também é possível perceber que demora um certo tempo até que Sócrates apareça como destaque: sua primeira partida profissional ocorreu em 30 de julho de 1972, pelo Botafogo de Ribeirão Preto, e a primeira capa é de 26 de março de 1976 – sua foto aparece no centro inferior da página (destaque secundário) juntamente com a chamada “O gol como filosofia”.

FIGURA 4 - Primeiro destaque de Sócrates na capa de *Placar*



Placar, edição 311, 26 mar. 1976
(Acervo Museu do Futebol)

Esse intervalo entre o início da carreira e o reconhecimento nas capas de *Placar* evidencia que Sócrates só alcançou projeção nacional após deixar Ribeirão Preto e ingressar em um grande clube da capital. Apesar do bom rendimento no interior, sua visibilidade permaneceu limitada até a transferência para um time dotado de maior capital simbólico e, principalmente, após a convocação para a Seleção. Tal dinâmica revela uma assimetria persistente no jornalismo esportivo brasileiro, segundo a qual jogadores formados fora dos grandes centros dificilmente conquistam fama, mesmo quando o talento já está dado.

²⁶ Em fevereiro de 1990, *Placar* produziu uma edição especial sobre Zico (número 1025A) em sua despedida dos gramados. A publicação registra que a primeira capa ocorreu em 1971 e que o jogador chegou a um total de 109 capas (*Placar*, 1990, p. 7).

²⁷ No especial 50 anos Pelé, publicado em 23 de outubro de 1990, *Placar* computa que, até aquele momento, o rei havia estampado 29 capas, além de ter sido destaque da primeira edição da revista (*Placar*, 1990, p. 60).

Na tabela a seguir, listamos as 94 edições encontradas em ordem cronológica, tabulando-as por: data, número da edição, chamada de capa relativa a Sócrates, nível de destaque, título da matéria interna, indicação de páginas e autoria da matéria. O ano de maior destaque é 1979, período em que o jogador estampou a capa de um total de 17 edições:

TABELA 2 - Capas de *Placar* com referência a Sócrates

Data	Ed.	Chamada de capa	Destaque	Título da reportagem	Págs.	Autoria
26/03/1976	311	Sócrates, o gol como filosofia	Chamada secundária	Um doutor de bola	22-23	Maurício Cardoso
25/08/1978	435	O timão do bi está só começando	Chamada principal	Palhinha e Sócrates Sai da frente!	12-13	José Maria de Aquino
17/11/1978	447	Show de bola: Sócrates sai matando	Chamada intermediária	O timão já ganhou o bi: é só repetir esse jogo	18-19	José Maria de Aquino
24/11/1978	448	Sócrates: um monstro na final	Chamada principal	Palhinha/Sócrates O timão vale por dois	31-35	Sérgio Martins
01/12/1978	449	Corinthians campeão! Com Sócrates e Palhinha, o timão rumo para o bi	Chamada intermediária	Gol de Aílton Lira... e se arma a final!	6-9	Maurício Cardoso
29/12/1978	453	5 paulistas na Seleção do ano: Zé Maria, Amaral, Oscar, Odirlei, Sócrates	Chamada intermediária	Brasil escala a seleção	3-7	Não assinada
16/02/1979	460	Tabelinha empurra o Timão	Chamada principal	Futebol-espetáculo: é o Timão saindo para outra	16-18	Maurício Cardoso Sérgio Martins Sidnei Quartier Antônio Carlos
23/02/1979	461	Poster: Sócrates dr.	Chamada secundária	Sócrates o doutor da bola	34-35	Não assinada
02/03/1979	462	Sócrates e Palhinha: Os golaços da tabelinha de gênios	Chamada principal	Sócrates/Palhinha A tabelinha da fiel	3-7	Não assinada

Data	Ed.	Chamada de capa	Destaque	Título da reportagem	Págs.	Autoria
30/03/1979	466	Sócrates-Zico A dupla infernal de Coutinho	Chamada principal	Seleção brasileira 79 Coutinho descobre o parceiro de Zico	3-5	Marcelo Rezende
20/04/1979	469	Zico/Sócrates Eles querem jogar no mesmo time	Chamada principal	Duas torcidas no ataque da Seleção	32-37	Marcelo Rezende
18/05/1979	473	Timão de Sócrates no ensaio da final	Chamada principal	Cada jogo é uma final	9-10	Maurício Cardoso
25/05/1979	474	Sócrates conquista o Maracanã	Chamada secundária	Seleção 79 Que venham os uruguaios!	42-43	Marcelo Rezende
01/06/1979	475	Os pés de Sócrates são pequenos demais para o seu tamanho	Chamada secundária	O doutor tem pé pequeno (azar das defesas)	38-39	Não assinada
08/06/1979	476	Sócrates: o Maracanã a seus pés	Chamada principal	Seleção tem os segredos do tetra	26-31	Marcelo Rezende
29/06/1979	479	Seleção 79: Dr. Sócrates dá a receita	Chamada secundária	Viva o ataque de 79! (Com a defesa de 78)	30-33	José Maria de Aquino Celso Kinjô
17/08/1979	486	Zico Sócrates: Falcão diz quem é o melhor	Chamada intermediária	Sócrates x Zico Quem é o melhor? Falcão é o juiz	25-27	Divino Fonseca

Data	Ed.	Chamada de capa	Destaque	Título da reportagem	Págs.	Autoria
Setembro/ 1979	x	Sócrates o melhor jogador do mundo A vida, os gols, a carreira e o futuro do doutor	Especial	Rei Sócrates Sócrates Brasileiro O mundo não sabia, mas... nesse dia nasceu um rei Henfil e o doutor fantástico Regina e os quatro mosqueteiros De Belém a Ribeirão, uma infância feliz A explosão do talento Um amor maduro Sócrates segundo os astros Toma lá... dá cá... e é gol! Tabelão do Sócrates Sócrates, o doutor da bola Quatro vozes e uma conclusão: gênio	68 págs.	Juca Kfourri Não assinada Não assinada Henfil Não assinada Não assinada Não assinada Não assinada Não assinada Estúdio de criação Abril Não assinada
07/09/1979	489	Sócrates x Zico Doutor é o preferido das 17 maiores torcidas	Chamada secundária	Placar das torcidas Sócrates 9 x 8 Zico	16-17	Não assinada

Data	Ed.	Chamada de capa	Destaque	Título da reportagem	Págs.	Autoria
14/09/1979	490	Sócrates ameaça: "Vou largar o futebol!"	Chamada principal	Escravo da fama, jogando por obrigação, Sócrates ameaça: "Vou largar tudo!"	20	Maurício Cardoso
21/09/1979	491	Os dilemas do dr. Sócrates: 1. Como ganhar mais? 2. Devo largar o futebol?	Chamada secundária	O preço da fama	12-14	José Eduardo Savóia
19/10/1979	495	Sócrates/Reinaldo Placar reúne a nova dupla de reis Sônia Braga: "Sócrates é um sonho pra mim"	Chamada principal Chamada secundária	O doutor e o rei Sônia Braga: "Quero Sócrates no Vascão"	41-43 6-8	Sérgio A. Carvalho Milton Costa Carvalho
30/11/1979	501	Sócrates manda crise pro espaço	Chamada intermediária	Sócrates Tirando a crise de calcanhar	3-5	Carlos Maranhão
28/03/1980	517	Ponha um Sócrates na sua camiseta	Chamada secundária	Placar Sócrates Placar Zico (decalque)	61	Não assinada
11/04/1980	519	4 gênios no jogo da verdade (Falcão, Reinaldo, Sócrates, Zico)	Chamada principal	Falando sério Os quatro maiores ídolos do Brasil discutem sua profissão, suas inquietações, seus grilos e suas necessidades	22-25	Não assinada
27/06/1980	530	Sócrates vai renovar: Fico porque amo a fiel!	Chamada intermediária	Vou brigar para ficar no Timão	3-5	Juca Kfourri
19/09/1980	542	Massacra, Timão!	Chamada principal	Timão no ritmo de Caçapava	6-7	Celso Kinjô
10/10/1980	545	Explode o novo Sócrates, ídolo do povão	Chamada secundária	Dr. Sócrates brasileiro corintiano Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, ídolo	22-25	José Maria de Aquino
26/12/1980	555	Sócrates - Zico Estes vovôs já foram craques	Chamada principal	Médico, professor, ex-craque. E avô.	18-21	José Maria de Aquino
13/02/1981	561	Sócrates: "Estou louco de saudades do Timão"	Chamada intermediária	Não vou salvar a pátria. Sou apenas corintiano.	19-21	Carlos Maranhão

Data	Ed.	Chamada de capa	Destaque	Título da reportagem	Págs.	Autoria
27/02/1981	563	O doutor nos leva à Espanha	Chamada intermediária	Arriba, doutor!	3-8	Carlos Maranhão e Rodolpho Machado
17/04/1981	570	Dr. Sócrates Um gênio que chegou à maturidade	Chamada secundária	Dr. Sócrates A explosão do gênio	14-16	Carlos Maranhão
22/05/1981	575	Ginga, Brasil!	Chamada secundária	A Europa baila conosco	14-18	Carlos Maranhão
29/05/1981	576	O cidadão do mundo	Chamada intermediária	Sócrates brasileiro, jogador do mundo	14-16	Carlos Maranhão
05/06/1981	577	Viva o tabu!	Chamada intermediária	As delícias de um tabu	6-7	Celso Kinjô
17/07/1981	583	Sócrates O Timão precisa desse líder no Parque	Chamada secundária	O diagnóstico do doutor	28-29	Sérgio Martins
31/07/1981	585	Sem Matheus e sem Brandão, é o novo Timão	Chamada principal	Enfim, sangue novo no Timão	3-5	Marco Aurélio Borba
02/10/1981	594	As histórias e os bastidores do jogo do tabu	Chamada principal	O jogo mais bonito do ano	10-14	Fábio Rocco Sormani, José Maria de Aquino
13/11/1981	600	Acredita, fiel!	Chamada principal	Com a velha garra e as novas esperanças	6-7	José Maria de Aquino
31/12/1981	606	Zico, Sócrates, Reinaldo, Falcão A geração de ouro	Chamada principal	A geração de ouro na luta do tetra	78-84	Hideki Takizawa, Sérgio Augusto Carvalho, Danilo Scarrone, João Bosco
26/02/1982	614	Vai lá, Timão: a Fiel garante	Chamada intermediária	A grande festa do futebol e do povo	6-7	Não assinada
19/03/1982	617	César O herói da loucura corintiana	Chamada principal (Sócrates secundário)	Eduardo, o homem da hora H Sócrates, o literato	3-5 34	Sérgio Martins Não assinada

Data	Ed.	Chamada de capa	Destaque	Título da reportagem	Págs.	Autoria
26/03/1982	618	Acima de tudo, companheiros	Chamada principal	Sócrates/ Zico Ídolos, companheiros e camaradas Dois caros amigos	23-27	José Maria de Aquino, Divino Fonseca
09/04/1982	620	E só dá Corinthians!	Chamada principal	O timão da alegria	6-8	Maria Helena Araújo
21/05/1982	626	O preço do tetra	Chamada principal	Quanto custa ser campeão	30-31	Geraldo Mainenti
04/06/1982	628	Assim vamos ao tetra!	Chamada principal	Uma goleada para acalmar os nervos	10-13	Marcelo Rezende
18/06/1982	630	Maravilha, Brasil!	Chamada principal	Seleção em dia de Garrincha	6-9	Carlos Maranhão, Marcelo Rezende
		Exclusivo: o diário de Sócrates	Chamada secundária	Diário de Sócrates	31	Sócrates
25/06/1982	631	O diário de Sócrates: confissões emocionantes	Chamada secundária	Metade da missão nós já cumprimos	18	Sócrates
02/07/1982	632	Sócrates em seu diário: "pessoal, confie na gente"	Chamada secundária	Confie na gente, povão	17-18	Sócrates
			Sem destaque de capa	Sócrates tímido, generoso, forte capitão!	40-42	Marcelo Rezende
23/07/1982	635	Sócrates volta com fome de bola	Chamada principal	Pra frente, Timão: o doutor voltou com fome de bola	24-26	Marco Aurélio Borba
01/10/1982	645	Aqui está o melhor Corinthians de todos os tempos	Chamada principal	Corinthians	42	Pôster
08/10/1982	646	Começaram a derrubar o Timão	Chamada principal	O inimigo nº 1	19-21	Marco Aurélio Borba
15/10/1982	647	Exclusivo Sócrates: "Eu, governador"	Chamada principal	Se eu fosse governador...	18-22	Marco Aurélio Borba, José Reinaldo de Lima, Sócrates

Data	Ed.	Chamada de capa	Destaque	Título da reportagem	Págs.	Autoria
05/11/1982	650	O time mais original do Brasil	Chamada principal	O timão cheio de bossas	50-53	Marco Aurélio Borba
03/12/1982	654	O duelo do ano	Chamada principal	Preparem-se: é o duelo do ano	34-37	Emanuel Mattos
31/12/1982	658	Sócrates O craque do ano	Chamada secundária	O amigo de fé: o pai camarada	80-81	Marco Aurélio Borba
11/03/1983	668	Sócrates, o craque do ano	Chamada principal	A festa do craque do ano	42-45	Não assinada
15/04/1983	673	Timão só quer o título	Chamada principal (Sócrates secundário)	O duelo dos paulistas	14-15	Marco Aurélio Borba
10/06/1983	681	Como vemos nossos ídolos	Chamada principal	Como vemos nossos ídolos	18-23	Mário Serapicos, Divino Fonseca, Paulino Senra
24/06/1983	683	Sócrates fica: Obrigado, doutor!	Chamada secundária	Sócrates fica: Obrigado, doutor!	15-17	Juca Kfourri
09/09/1983	694	A volta do doutor mágico (e uma entrevista com confissões exclusivas de Sócrates)	Chamada principal	Sou radical até mudar de ideia	15-20	Marco Aurélio Borba, Álfio Beccari, Juca Kfourri
07/10/1983	698	Surpreendente Corinthians!	Chamada principal	A primavera do futebol	4-14	Celso Kinjô
18/11/1983	704	Guerra na artilharia!	Chamada principal	A guerra da artilharia	15-19	Vários
16/12/1983	708	Sócrates, sempre Sócrates	Chamada principal	Sócrates	12-17	Sérgio Martins
06/01/1984	711	Nossos ídolos apostam em 1984	Chamada principal	O futuro dos nossos ídolos	4-8	João Carlos Rodriguez
24/02/1984	718	Exclusivo As fórmulas para manter Sócrates no Brasil	Chamada principal	Aos trinta anos, ele quer ficar	18-23	Fábio Rocco Sormani
13/04/1984	725	Cabeça pra cima, Corinthians!	Chamada principal	Corinthians A recuperação está no papo	42-44	Mario Sergio Della Rina
20/04/1984	726	Doutor Sócrates, o hipnotizador	Chamada secundária	A magia de Sócrates	12-13	Não assinada
27/04/1984	727	Sócrates "Se o Brasil mudar, eu fico"	Chamada principal	O dia do Fico do rei corintiano	37-40	Juca Kfourri

Data	Ed.	Chamada de capa	Destaque	Título da reportagem	Págs.	Autoria
25/05/1984	731	Sócrates na Fiorentina	Chamada secundária	O doutor de Florença Até a volta, Magro	10-11 20-23	Não assinada Juca Kfourir
10/05/1985	781	Por que não o doutor?	Chamada intermediária	Falta o doutor	9-10	Juca Kfourir
31/05/1985	784	Alegria, alegria As feras voltaram Extra superpôsters Sócrates e Zico	Chamada principal	A bola rola do jeito que o povo gosta	5-9	Marcelo Rezende
28/06/1985	788	Ao tetra! Exclusivo: Sócrates volta ao Brasil já	Chamada principal	E o Brasil foi parar no Maracanã Telê voltando. Sócrates também	5-14 14-16	Palmério Dória, Marcelo Rezende, Tim Lopes, Hideki Takizawa, Édson Afonso, Roberto Benevides Marcelo Rezende
05/07/1985	789	A volta dos reis de ouro	Chamada principal	Nossos ídolos estão voltando	5-9	Marcelo Rezende
16/08/1985	795	Sócrates na Ponte Preta Festa em Campinas!	Chamada principal	Um alegre contrato de risco Sócrates Santeiro	12-15 16-17	João Carlos Rodriguez
30/08/1985	797	Desta vez a Itália perdeu	Chamada principal	Desta vez, a Itália perdeu (destaque maior para Falcão)	19-31	João de Barros, Tim Lopes, Lisa Maria Silva Matéria sobre Sócrates não está assinada
20/09/1985	800	Agora o Maracanã vai explodir	Chamada principal	O Maracanã conquista seu novo gênio	4-9	Armando Calvano e Palmério Dória

Data	Ed.	Chamada de capa	Destaque	Título da reportagem	Págs.	Autoria
27/01/1986	818	Zico e Sócrates "Vamos provar que a barreira da idade é besteira"	Chamada secundária	Zico e Sócrates Um acerto de contas	24-27	Milton Costa Carvalho
03/03/1986	823	Casagrande/ Sócrates Confissões de dois reis da polêmica	Chamada principal	"Meu prazer é o futebol" "Bebo, fumo e penso"	28-30 31-33	Marcelo Rezende Marcelo Rezende
09/06/1986	837	Vai, Brasil!	Chamada principal	O canarinho decolou (grande destaque para Sócrates na reportagem)	16-26	Marcelo Rezende
10/11/1986	859	A volta de Sócrates Vida nova no Flamengo	Chamada secundária	Sócrates Mágico regresso	16-18	Jorge Kajuru
17/11/1986	860	Sócrates: "O mengão está um barato"	Chamada secundária	Sócrates "Não sou um cara frio"	9-12	Não assinada
23/03/1987	877	O adeus de Sócrates	Chamada secundária	Sócrates diz adeus ao Fla	18-20	Juca Kfourir
10/06/1988	940	Corinthians x Corinthian Para matar a saudade e matar de saudade	Chamada intermediária	Corinthians x Corinthian Para matar a saudade Para matar de saudade	24-27 29	Não assinada Juca Kfourir
07/10/1988	957	Exclusivo Sócrates volta a jogar no Timão	Chamada secundária	Agora é sério Sócrates no Corinthians	21	Não assinada
21/10/1988	959	Sócrates Os bastidores da volta do doutor	Chamada secundária	Sócrates Peixe desde bebezinho	28-29	Não assinada
09/12/1988	966	Sócrates Os altos e baixos do retorno	Chamada intermediária	Sócrates A volta do velho mago	6-8	Não assinada
23/12/1988	968	É o que dizem Sócrates ilegal, Santos rebaixado	Chamada secundária	Será? Sócrates ilegal, Santos rebaixado	15	Não assinada
07/04/1989	982	Magrão faz o Santos feliz	Chamada intermediária	A alegria volta à Vila com o doutor	4-5	Não assinada
22/09/1989	1006	Bate-boca na Vila "Sócrates é burro" "Fui sacaneado no Santos"	Chamada secundária	O fim do romance	14-15	Kátia Perin Maurício Rodrigues

Data	Ed.	Chamada de capa	Destaque	Título da reportagem	Págs.	Autoria
Fevereiro/ 2004	1267	Mistério Porque craques como Sócrates, Raí e Casagrande odeiam peladas	Chamada secundária	Eu odeio peladas	52-55	Marcelo Tieppo
Junho/ 2005	1283 A	Sócrates "o brasileiro é mais artista"	Chamada secundária	Bate-bola Sócrates "Brasileiro é mais artista"	48-49	Marcelo Orozco
Agosto/ 2010	1345 C	Sport Club Corinthians Paulista 100 anos de paixão	Chamada principal	Até a volta, Magro! Homens de preto e branco	12-13 29-50	Juca Kfour Não assinada

Dezembro/ 2011	1361	Sócrates eterno As melhores fotos e reportagens da história de Placar com o gênio corintiano	Especial	Obrigado, doutor Grandes imagens Capas O timão vale por dois Escravo da fama, Sócrates ameaça: “Vou largar tudo” Tirando a crise de calcanhar Não vou salvar a pátria. Sou apenas corintiano. Seleção em dia de Garrincha Diário de Sócrates Se eu fosse governador A Democracia se consolida O Dia do Fico do rei corintiano Até a volta, Magro! Sócrates já é italiano O Maracanã conquista seu novo gênio O canarinho decolou	68 págs.	Sérgio Xavier Filho (editor) Sérgio Martins Maurício Cardoso Carlos Maranhão Carlos Maranhão Carlos Maranhão e Marcelo Rezende Sócrates Marco Aurélio Borba Não assinada Juca Kfouri Juca Kfouri Gerardo Landulfo Armando Calvano e Palmério Dória Marcelo Rezende

				As trapaças do destino	Marcelo Rezende
				Peixe desde bebezinho	Não assinada
				Um novo doutor está vindo por aí	Felipe Zylbersztajn
				Sócrates morre aos 57	Pedro Proença
				Do bisturi à bola	Pedro Proença

‘Zico’ e ‘Palhinha’ surgem como as principais duplas de Sócrates, fórmula comum no universo futebolístico, nomeada por Helal e Amaro (2011, p. 10-11) como “idolatrias complementares”. Interessante perceber que, apesar de Casagrande ser contemporaneamente uma figura frequentemente associada a Sócrates, a dupla recebeu pouco destaque nas capas de *Placar*.

Os termos ‘Placar’ e ‘Exclusivo’ evidenciam o aspecto mercadológico da revista cujo objetivo é chamar a atenção dos leitores e colocar-se à frente da concorrência.

Outras expressões, como ‘ídolos’, ‘craque do ano’, ‘geração de ouro’, ‘artilharia’, ‘alegria’, ‘gênios’, ‘festa’, ‘fome de bola’, ‘conquista’, somadas ao emprego recorrente do sinal de exclamação – suprimido da nuvem, mas que pode ser verificado na tabela – revelam uma construção narrativa emocional, eufórica e celebrativa, característica de *Placar*.

Sobre a autoria dos textos, excluídas as matérias não assinadas (33 no total), verificamos uma multiplicidade de jornalistas envolvidos na produção das reportagens (49 diferentes nomes), além do próprio Sócrates. O repórter que mais se destaca na cobertura é Marcelo Rezende, com 17 textos assinados, seguido por Juca Kfoury (12) e Carlos Maranhão (10). Tais resultados, é importante lembrar, considerando-se apenas as matérias sobre Sócrates com chamada de capa.

Partindo para as representações visuais, a análise das fotos revela um predomínio de imagens de Sócrates atuando em campo (chutes, dribles, comemorações e momentos de interação com os companheiros de equipe), quase sempre vestindo a camisa do Corinthians ou da Seleção Brasileira. Essa recorrência reforça sua identidade como craque técnico e cerebral, além de evidenciar sua capacidade de comando, frequentemente sugerida tanto pela postura corporal quanto pelo destaque que recebe nos enquadramentos.

Diante desse panorama, os resultados obtidos permitem avançar para uma constatação importante: se por um lado a análise das capas traz *insights* relevantes, por outro ela se mostra insuficiente para o nível de profundidade que pretendemos atingir. É justamente nesse ponto que a análise do discurso se apresenta como a escolha metodológica mais adequada para a tese, pois possibilita inferir evidências que ultrapassam a superfície da composição estrutural dos textos.

Adicionalmente, vale esclarecer, embora as capas sejam um elemento relevante para a análise no âmbito do jornalismo impresso, elas também se mostraram

insuficientes enquanto recorte possível. Durante a investigação do corpus, identificamos textos que não receberam destaque de capa, mas que consideramos de suma importância para os objetivos da tese. Optamos, assim, por desenvolver uma segunda etapa metodológica, baseada em pesquisa qualitativa com amostragem intencional.

Em outros termos, enquanto analistas do discurso, coube a nós selecionar, dentro do vasto material disponível, os textos que efetivamente possibilitaram evidenciar e compreender as diferentes estratégias enunciativas e construções discursivas sobre Sócrates presentes em *Placar*.

A seguir, debruçar-nos-emos sobre as categorias analíticas criadas para organizar e interpretar as distintas enunciações por meio das quais Sócrates é representado. Essas categorias funcionam como lentes discursivas, isto é, formas de leitura que permitem compreender os modos de dizer e de significar Sócrates no âmbito do discurso jornalístico.

6.2 FIGURAS DISCURSIVAS

Neste tópico, analisamos a construção da imagem de Sócrates a partir de seis figuras discursivas – o craque, o ídolo, o intelectual, o jogador politizado, o jogador engajado e o transgressor – que, embora distinguíveis analiticamente, aparecem frequentemente imbricadas no corpus.

A categorização resulta de um procedimento analítico orientado pela identificação de regularidades enunciativas no corpus, a partir da leitura sistemática das matérias de *Placar*. Em termos metodológicos, não se trata de categorias previamente dadas, mas de construções analíticas derivadas da recorrência de certos traços, qualificações e modos de dizer que, ao se repetirem sob diferentes formas e em distintos contextos, passam a configurar núcleos relativamente estáveis de sentido.

Esse processo implicou mapear adjetivações, enquadramentos narrativos, escolhas lexicais e estratégias de destaque que incidem sobre o jogador, observando como determinados atributos são enfatizados, combinados ou tensionados ao longo do tempo, compondo uma imagem multifacetada de Sócrates.

A partir dessa recorrência, foi possível agrupar tais traços em eixos interpretativos que, embora distinguíveis para fins de análise, não operam de forma

isolada no discurso. Dito de outro modo, essas figuras coexistem, se reforçam, se articulam continuamente.

Assim, o “craque” emerge da insistência na excelência técnica e no desempenho esportivo; o “ídolo”, da construção de reconhecimento público e identificação coletiva; o “intelectual”, da valorização de sua formação, de suas falas e de seu repertório cultural; o “jogador politizado” e o “engajado”, da recorrente inserção de suas posições e ações em debates públicos; e o “transgressor”, da ênfase em comportamentos e posturas que tensionam normas do campo esportivo.

Desse modo, as figuras não apenas sintetizam traços recorrentes, mas evidenciam padrões de significação que estruturam a imagem de Sócrates, permitindo compreender como *Placar* produz uma representação multifacetada, marcada por sobreposições e deslocamentos, que sustenta a singularidade do jogador no discurso do jornalismo esportivo brasileiro.

6.2.1 O craque

No conjunto das representações mobilizadas por *Placar*, a figura do craque ocupa posição central na construção da imagem de Sócrates. Trata-se de uma configuração discursiva que enfatiza a excelência técnica, a criatividade, a visão de jogo e a capacidade de decidir partidas, atributos reiteradamente associados ao jogador ao longo de sua trajetória.

Nas chamadas, reportagens e imagens, Sócrates é apresentado como atleta excepcional, cuja inteligência futebolística se expressa menos pela força física e mais pela leitura refinada do jogo, pela precisão dos passes e pela antecipação das jogadas.

O Botafogo acaba de renovar o contrato de **sua maior estrela – o meia Sócrates**. E contratou o goleiro Bessa e o lateral Mineiro, que ainda está sem condição de jogo. [...] (Placar, 1976, p. 56, ed. 302, grifo nosso)

Em casa, o entusiasmo cresce – e pode resultar até na vitória do time de Bauru. Mas não será fácil. O Botafogo, segundo colocado na chave B, também é um time bem armado. E tem em **Sócrates** um **maestro eficiente**. (Placar, 1976, p. 60, ed. 310, grifo nosso)

[...] Em casa, no entanto, talvez o Guarani resista bem aos ataques do **artilheiro Sócrates – o grande destaque do time** do Botafogo. (Placar, 1976, p. 52, ed. 324, grifo nosso)

Em Ribeirão Preto, o Goiás caiu na besteira de deixar Sócrates livre, pagando caro pela insensatez. Bem coadjuvado pelo veterano Lorico e mais Zé Mário,

João Carlos e João Traina, **Sócrates desfiou seu repertório de belas jogadas e comandou a goleada de 4 a 0** – dois gols de sua autoria – e a festa de quase 17 000 torcedores. (Placar, 1976, p. 11, ed. 341, grifo nosso)

[...] No próprio Botafogo, um time que só agora começa a contar pontos como destaque no futebol paulista, João é pouco mais que um figurante. Não tem o **gênio criativo de um Sócrates**, não tem a habilidade empolgante de um Zé Mário, não tem a categoria bem-conservada de um Lorico [...]. (Placar, 1977, p. 26, ed. 363, grifo nosso)

O único problema do Botafogo está no jogo da quarta-feira contra a Ponte. Se passar sem contusões ou expulsões irá ao Morumbi para atrapalhar a vida do time de Minelli, contando com a firmeza de sua defesa, a **genialidade de Sócrates** e a grande experiência de Aimoré Moreira. (Placar, 1977, p. 62, ed. 386, grifo nosso)

Sócrates já é a grande atração do Corinthians. E, a cada jogo, deve melhorar seu entendimento com Palhinha. Assim, ao menos nos jogos de menor responsabilidade, o Timão não deve sentir grande falta do volante prometido por Vicente Matheus. [...] (Placar, 1978, p. 48, ed. 435, grifo nosso)

[...] A não ser em raros momentos, como aquele que antecedeu o pênalti de Vítor sobre Palhinha – quando **Sócrates**, de calcanhar, **numa jogada de se tirar o boné**, abriu o gol para seu companheiro. (Placar, 1978, p. 18, ed. 449, grifo nosso)

[...] **Sócrates** – é a **sensação da Seleção**, ao lado de Falcão e Zico. Embora Coutinho defina Sócrates como “o vértice do losango móvel”, na prática a questão é outra: Zico é quem tem cumprido essa função e Sócrates passou a ser o **responsável pela busca do jogo**, na altura da intermediária do Brasil. É o **ponto de partida dos contra-ataques** [...] (Placar, 1979, p. 29, ed. 476, grifo nosso)

Foi **Sócrates, em jogada genial**, quem deu a chave da abertura. Ao receber um passe difícil de Falcão, **dominou a bola como se estivesse chupando laranjas, driblou dois e fez o golaço**. A chave? Tentar o drible ou então passe rápido. [...] **Sócrates foi o grande gênio do jogo**. Depois dele, Zico e Nilton Batata [...]. (Placar, 1979, p. 44, ed. 479, grifo nosso)

[...] Em São Paulo, o **Corinthians** reage com o **talento de Sócrates**, provando a correção da decisão do clube ao renovar o contrato de seu **grande astro** e indicando ao líder São Paulo o caminho para o urgente acerto de contas com os bons Valdir Peres e Getúlio. (Placar, 1980, p. 9, ed. 541, grifo nosso)

[Telê Santana sobre Sócrates] “Vai ser o **líder da Seleção**. Está sendo preparado para essa função. Seu nível intelectual e sua ascendência sobre os demais indicam-no para a função. [...]” (Placar, 1980, p. 61, ed. 543, grifo nosso)

[...] Vencemos sem jogar tudo o que podemos, situação natural numa estréia de Copa. Se Waldir Peres foi tragicamente infeliz, se Leandro foi mal, se Júnior e Zico não estiveram em dia de inspiração, assim como Falcão, Serginho e Dirceu, Paulo Isidoro foi excelente, Oscar uma barreira, **Sócrates maravilhoso**, Luisinho estupendo [...]. Que venha a Escócia, a Nova Zelândia, o mundo. **Quando o mágico Sócrates parte com a bola dominada, não há quem nos assuste**. (Placar, 1982, p. 3, ed. 630, grifo nosso)

No fim da década de 70, o Corinthians pagara Cr\$ 6 milhões pelo passe de um jogador com nome de filósofo: Sócrates. **O craque** que trouxera de volta o **estilo elegante de jogar**, com **longos e precisos passes rasteiros** e **toques de calcanhar**, que resgatava o ansiado **futebol-arte**. (Placar, 1994, [s.p.], ed. 1097, grifo nosso)

FIGURA 5 - Sócrates, artilheiro revelação de 1976



Sócrates (Bota): artilheiro-revelação de 76.

[Placar, edição 365, p. 32](#)
22 abr. 1977

FIGURA 6 - Sócrates no ataque do Botafogo de Ribeirão Preto



Sócrates vence lance e tranquiliza o Botafogo-SP.

[Placar, edição 395, p. 5](#)
18 nov. 1977

FIGURA 7 - Sócrates superando a zaga do Fluminense



Sócrates subiu o que podia, mas como vencer tantos?

[Placar, edição 399, p. 8](#)
16 dez. 1977

FIGURA 8 - Sócrates em lance contra o Santos



No final do primeiro tempo, Sócrates enfrenta Joazinho e vai firme em cima do goleiro Vitor.

[Placar, edição 449, p. 16](#)
01 dez. 1978

FIGURA 9 - Sócrates atuando pelo Corinthians contra o Palmeiras



Sócrates não jogou bem como costuma. Só fez lutar e dois gols... Precisa fazer mais?

[Placar, edição 541, p. 7](#)
12 set. 1980

FIGURA 10 - Sócrates atuando pela Seleção em vitória sobre a Bolívia



[Placar, edição 563, p. 3](#)
27 fev. 1981

FIGURA 11 - Reinaldo agradece Sócrates pelo passe para o segundo gol



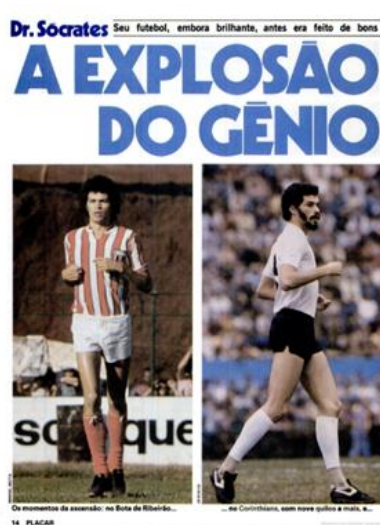
[Placar, edição 563, p. 8](#)
27 fev. 1981

Brasil rumo à Espanha

Fez o primeiro gol, desarmou atrás, orientou na frente

Vibra, Doutor! Mais que nunca **ele foi o cérebro da Seleção**, o grande responsável pela suada vitória por 2 a 1 sobre os bolivianos. Uma vitória que era questão de honra para nossos jogadores e que Sócrates soube buscar pedindo "força e sorte". Arriba! A Espanha nos espera! (Placar, 1981, p. 3, ed. 563, grifo nosso)

FIGURA 12 - Reportagem "A explosão do gênio", assinada por Carlos Maranhão



[Placar, edição 570, p. 14-16](#)
17 abr. 1981

A EXPLOÇÃO DO GÊNIO

Dr. Sócrates | Seu futebol, embora brilhante, antes era feito de bons e maus momentos. Agora, atingiu a regularidade e enfim o reconhecimento nacional. Qual foi a causa do amadurecimento de Sócrates dentro de campo, a ponto de se tornar a peça fundamental da Seleção Brasileira?

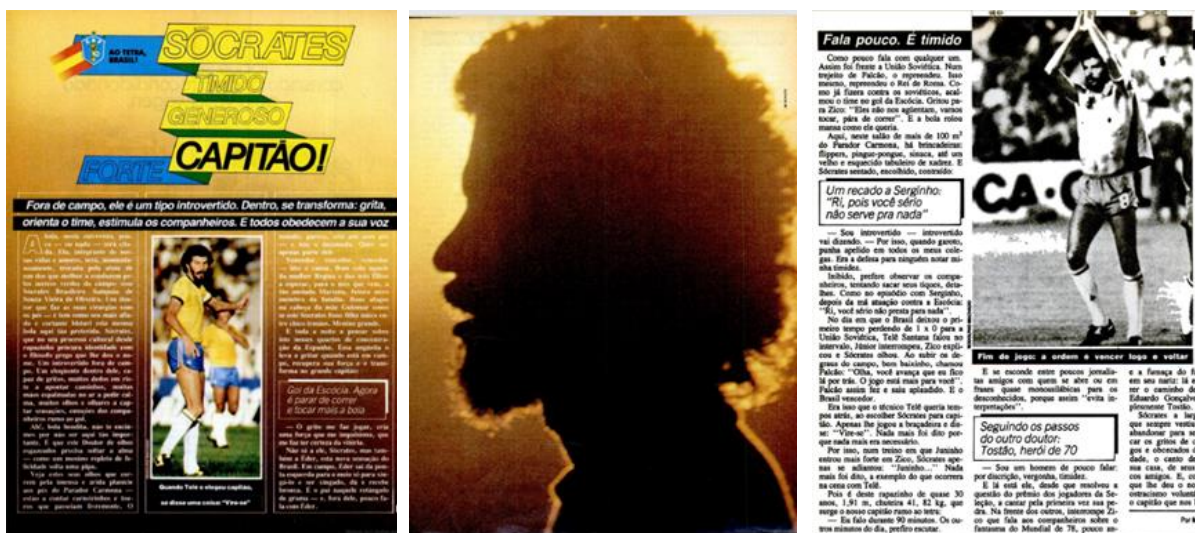
“A minha própria cabeça”, ele responde.

“*Ele é um tigre de papel fabricado em São Paulo e transformado por Placar em personagem de ficção.*” (Roberto Drummond, escritor e jornalista mineiro, em junho de 1979.)

“*Eu me enganei. Ele é um gênio.*” (O mesmo Drummond, hoje em dia.)

Então foi apenas Drummond quem mudou de opinião a respeito do futebol do dr. Sócrates, atualmente a peça fundamental da Seleção Brasileira e talvez, aos 27 anos, o mais amadurecido craque em atividade no país. “É o maior jogador do Brasil no momento”, ouviram dias atrás os milhões de telespectadores da Rede Globo, através da voz autorizada de seu comentarista esportivo, o tricampeão do mundo Gérson, que jamais se manifestara de público sobre o assunto. (Placar, 1981, p. 14, ed. 570)

FIGURA 13 - Reportagem “Sócrates, tímido, generoso, capitão forte”, assinada por Marcelo Rezende



[Placar, edição 632, p. 40-42](#)
[02 jul. 1982](#)

A revista privilegia enquadramentos que destacam sua atuação em campo como eixo organizador do jogo coletivo. Sócrates surge como jogador que “faz o time jogar”, articulando o meio-campo, distribuindo passes decisivos e assumindo papel de comando nos momentos cruciais das partidas.

Essa liderança técnica – frequentemente traduzida em imagens de orientação aos companheiros ou em descrições de sua influência sobre o ritmo do jogo – reforça a ideia de um craque que atua como cérebro da equipe, responsável por ordenar o jogo e potencializar o desempenho coletivo.

Nessa construção discursiva, Sócrates é frequentemente convertido em sujeito-síntese, isto é, em figura capaz de condensar, em si, o funcionamento e o sentido do coletivo. Temos, assim, o “Botafogo de Sócrates”, o “Corinthians do doutor”.

Esse procedimento reforça a personalização típica do jornalismo esportivo, ao mesmo tempo em que contribui para a mitificação do jogador: Sócrates deixa de ser apenas parte do coletivo para tornar-se o elemento organizador de sua identidade narrativa. Desse modo, o desempenho da equipe passa a ser interpretado a partir de sua atuação, consolidando a imagem de um craque cuja inteligência, liderança e visão de jogo operam como metonímia do próprio futebol praticado pelo grupo.

[...] Contra o Juventus, o Botafogo impôs seu ritmo. Saiu na frente (Arlindo), sofreu a virada (dois gols quase seguidos de Serginho) e empatou no fim (Arnaldo, contra), reanimado pela entrada de Osmarzinho. Uma surpresa desse jogo cheio de alternativas foi o público em torno de 7 000 pessoas – isto é, o dobro de São Paulo x Comercial no Morumbi, no meio da semana –, o que prova que **Dr. Sócrates & Cia.** já são uma atração até no bairro paulistano da Moóca. (Placar, 1977, p. 7, ed. 364, grifo nosso)

Outro elemento recorrente nessa construção é a valorização das parcerias e das jogadas combinadas, especialmente as tabelinhas e as duplas emblemáticas. *Placar* enfatiza, por exemplo, as conexões estabelecidas com Palhinha no Corinthians do final dos anos 1970, com Zico na Seleção Brasileira e, posteriormente, com Casagrande no Corinthians dos anos 1980.

Essas associações não são apresentadas apenas como entrosamento circunstancial, mas como encontros entre inteligências futebolísticas, capazes de produzir jogadas de alta complexidade técnica e forte impacto estético. A figura do craque, nesse sentido, não se constrói de forma isolada, mas em diálogo com outros jogadores igualmente talentosos.

Há ainda uma dimensão simbólica e cultural mais ampla: as duplas remetem a arquétipos profundamente arraigados na cultura ocidental – mestre e discípulo, estrategista e executor, razão e instinto. No futebol brasileiro, essas combinações tendem a ser lidas à luz do imaginário do futebol-arte, em que a genialidade não é apenas individual, mas relacional, produzida no toque, na tabela, na antecipação mútua. A dupla, assim, encarna a ideia de inteligência compartilhada.

FIGURA 14 - Capa e matéria sobre a dupla Palhinha e Sócrates, assinada por José Maria de Aquino

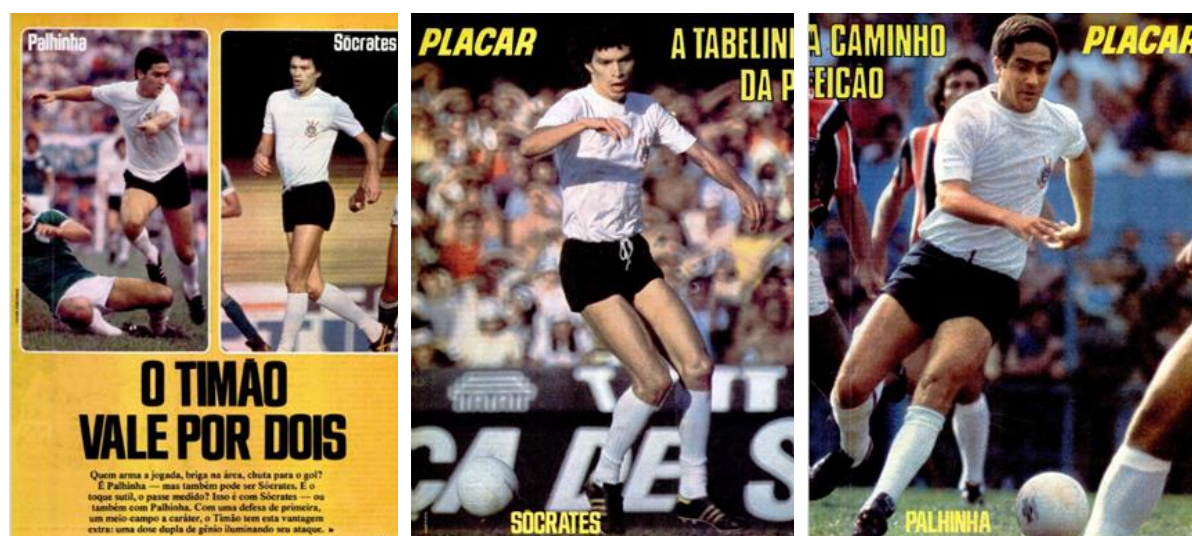


Placar, edição 435, p. 12-13
25 ago. 1978 (Acervo Museu do Futebol)

Palhinha e Sócrates SAI DA FRENTE!

O Corinthians já começa a sonhar com o grande momento: o meio-campo acertadinho, Palhinha e Sócrates no comando do ataque. Com essa dupla entrosada, quem vai poder com o Timão? (*Placar*, 1978, p. 12, ed. 435)

FIGURA 15 - Reportagem “O timão vale por dois”, assinada por Sérgio Martins, e pôster da dupla Sócrates e Palhinha



[*Placar*, edição 448, p. 31-35](#)
24 nov. 1978

O TIMÃO VALE POR DOIS

Quem arma a jogada, briga na área, chuta para o gol? É palhinha – mas também pode ser Sócrates. E o toque sutil, o passe medido? Isso é com Sócrates – ou também com Palhinha. Com uma defesa de primeira, um meio-campo a caráter, o Timão tem esta vantagem extra: uma dose dupla de gênio iluminando seu ataque. (Placar, 1978, p. 31)

FIGURA 16 - Capa e matéria “A tabelinha da fiel” (sem autoria), destacando a dupla Sócrates e Palhinha



[Placar, edição 462, p. 3-7](#)
[02 mar. 1979](#)

Nunca se viu um Timão assim [...]. Nunca vimos. E **foi emocionante**, por isso. Não dá para acreditar, para dois corinthianos que curtiram sua primeira juventude assistindo **espetáculos** iguais que o Santos de **Pelé/Coutinho** apresentavam – em cima do nosso Corinthians. Pois, hoje, Pelé/Coutinho pode ser traduzido por **Palhinha/ Sócrates** [...]. (Placar, 1978, p. 19, ed. 447, grifo nosso)

FIGURA 17 - Palhinha, pendurado em Sócrates, comemora vitória sobre o Palmeiras



Palhinha, pendurado em Sócrates, e Vaguinho: a grande união.

[Placar, edição 447, p. 19](#)
[17 nov. 1978](#)

FIGURA 18 - A comemoração de Sócrates e Palhinha na seleção de melhores fotos do ano (1979)



[Placar, edição 505, p. 84](#)
[28 dez. 1979](#)

Sem dúvida a **dupla Palhinha-Sócrates** tem jogado tanto futebol que **qualquer time gostaria de poder contar com sua arte** e causa tremedeira ter que enfrentá-la. Acrescente-se a isso o fraco miolo da defesa são-paulina. Atenção: Taborda tirou Chicão de campo no 1º turno. Vai ter vingança e vai ser fogo. (Placar, 1978, p. 44, ed. 450, grifo nosso)

FIGURA 19 - Capa “A dupla infernal de Coutinho”, destacando Zico e Sócrates



[*Placar*, edição 466](#)

[30 mar. 1979](#)

O sonho é reviver a grande dupla de 70: Pelé e Tostão

Zico pega na bola no meio-campo, toca para Sócrates e se desloca rapidamente para receber o passe na área. Dribla dois zagueiros, ameaça o chute e deixa Sócrates livre na pequena área. Gol do Basil, gol da tabelinha infernal. É na dupla Zico e Sócrates que o técnico Cláudio Coutinho mais confia para formar uma Seleção Brasileira arrasadora, capaz de estontear qualquer defesa. (*Placar*, 1979, p. 4, ed. 466)

FIGURA 20 - Capa “Eles querem jogar no mesmo time” e matéria “Duas torcidas no ataque da Seleção”, com Zico e Sócrates, assinada por Marcelo Rezende



[*Placar*, edição 469, p. 34-37.](#)

[20 abr. 1979](#)

Zico e Sócrates

– Nós vamos fazer muitos gols na Seleção. Difícil mesmo será ir até aí em cima te abraçar (Zico, artilheiro e ídolo do Flamengo.)
 – Nosso futebol será envolvente, de inteligência, toque, malabarismo. (Sócrates, artilheiro e ídolo do Corinthians.)
 – Há pouco menos de um mês, Placar se antecipava ao anunciar o entusiasmo de Cláudio Coutinho com a tabelinha infernal da nova Seleção Brasileira. Uma tabelinha infernal nascida da união de dois dos mais completos craques do futebol brasileiro – Sócrates e Zico. Dois artilheiros que prometem reviver a mística de duas camisas da Seleção há tempos sem donos definitivos: a 9 e a 10. Dois jogadores inteligentes que fascinarão, como fazem em seus clubes, pelo toque mágico das melhores tradições do futebol brasileiro – a criatividade a serviço do gol, bem a gosto de Coutinho. (Placar, 1979, p. 36, ed. 469)

FIGURA 21 - Destaque para a cumplicidade entre Zico e Sócrates nas capas de *Placar*



[*Placar*, edição 618](#)
[26 mar. 1982](#)

[*Placar*, edição 628](#)
[04 jun. 1982](#)

[*Placar*, edição 784](#)
[31 mai. 1985](#)

Zico – Sei que sou apontado como um dos líderes da Seleção. Mas eu me imponho apenas pela experiência e pela minha condição técnica. Na verdade, quem tem mesmo esse **dom de liderar** é o **Sócrates. Ele é inteligente, sério na profissão e humilde no relacionamento com a gente.** Funciona como uma espécie de **ímã do grupo**: atrai as dificuldades e se encarrega de resolvê-las. Diria que o Magrão está atingindo o estágio que tinha o Didi na Copa de 58. (Placar, 1981, p. 82, ed. 606, grifo nosso)

FIGURA 22 - Entrosamento da dupla Sócrates - Casagrande



[Placar, edição 651, p. 6-7](#)
[12 nov. 1982](#)

Legenda : A festa de Casagrande e Sócrates: a dupla marcou três gols e aprimorou seu entrosamento

FIGURA 23 - Capa e reportagem com destaque para Casagrande e Sócrates, assinada por Emanuel Mattos



[Placar, edição 654](#)
[03 dez. 1982](#)

[Placar, edição 654, p. 34-37](#)
[03 dez. 1982](#)

Oscar / Darío Pereyra
 Sócrates / Casagrande
 Eles são a maior atração do jogo decisivo de domingo

PREPAREM-SE: É O DUELO DO ANO

De um lado, a melhor dupla de beques do futebol paulista. De outro, os dois maiores goleadores do campeonato. Um duelo de músculos, cérebro e talento. Para explodir o Morumbi (Placar, 1982, p. 35, ed. 654)

FIGURA 24 - Sócrates e Casagrande entram em campo pelo Corinthians



[*Placar*, edição 656, p. 7](#)
[17 dez. 1982](#)

FIGURA 25 - Capa “Confissões de dois reis da polêmica” com Sócrates e Casagrande



[*Placar*, edição, 823](#)
[03 mar. 1986](#)

Entre os gestos técnicos reiteradamente destacados por *Placar*, o toque de calcanhar assume lugar privilegiado como marca registrada de Sócrates. Mais do que um recurso técnico, esse gesto é discursivamente investido de valor simbólico: representa improviso, criatividade, ousadia e domínio absoluto da bola.

O toque de calcanhar aparece como marca da identidade do jogador, funcionando como signo visual e narrativo do futebol-arte que a revista associa à brasilidade e à excelência técnica. Ao enfatizar esse tipo de jogada, *Placar* reforça a imagem de Sócrates como craque inventivo, capaz de romper previsibilidades e surpreender adversários e espectadores.

FIGURA 26 - Matéria “O doutor tem pé pequeno” (não assinada), destacando a habilidade do passe de calcanhar



[Placar, edição 475, p. 38-39](#)
01 jun. 1979

Legenda : A festa de Casagrande e Sócrates: a dupla marcou três gols e aprimorou seu entrosamento

O DOUTOR TEM PÉ PEQUENO (Azar das defesas)

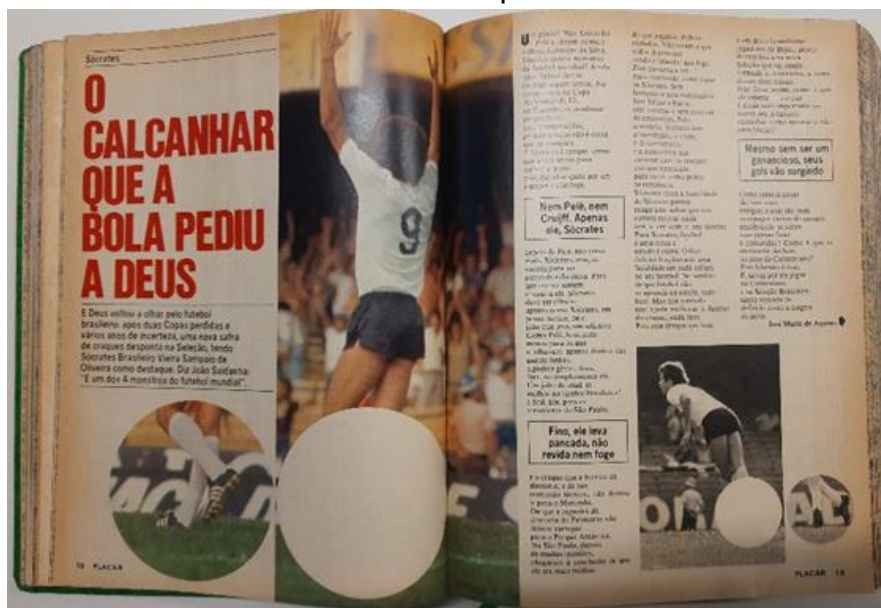
O **supercraque do Corinthians** tem pouco equilíbrio. Sua base (os pés) é pequena para sua altura. Mas craque é craque e sempre inventa alguma coisa para superar as dificuldades e para transformar desvantagens em vantagens. No caso de Sócrates, é o **passe de calcanhar**, terror dos adversários.

Os **pases de calcanhar** que Sócrates faz com uma frequência muito maior que qualquer de seus companheiros de profissão, na presente ou em qualquer outra época do futebol brasileiro, muito mais que levantarem a torcida e desnortear completamente o adversário, representam uma **poderosa arma** à disposição do Corinthians, na construção de suas vitórias. [...]

Como na bicicleta, o **passe de calcanhar atenta contra a tradição do jogo**. Vale dizer: é de uma **exemplar criatividade individual, em benefício do coletivo**. Talvez mais importante ainda que a bicicleta, uma jogada quase que exclusivamente de conclusão, o passe de calcanhar é aplicado com igual eficácia na armação, na construção das jogadas. [...]

Mas, seria uma opção, essa do craque do Corinthians, de jogar a bola por trás de seu próprio corpo, enquanto que todos os demais jogadores de futebol fazem exatamente o contrário? Sim, é uma opção, mas acima de tudo um **recurso de um profissional inteligente e consciente** de suas próprias limitações, um jogador que tira partido dos seus próprios defeitos, para transformá-los em virtudes, em **benefício de sua arte** e do time que defende (Placar, 1979, p. 38-39, ed. 475, grifo nosso).

FIGURA 27 - Matéria “O calcanhar que a bola pediu a Deus”, assinada por José Maria de Aquino



Placar, edição 478, p. 18-21
22 jun. 1979 (Acervo Museu do Futebol)

O CALCANHAR QUE A BOLA PEDIU A DEUS

E Deus voltou a olhar pelo futebol brasileiro: após duas Copas perdidas e vários anos de incerteza, uma **nova safra de craques** desponta na **Seleção**, tendo **Sócrates Brasileiro Vieira Sampaio de Oliveira** como **destaque**. Diz **João Saldanha**: “É um dos 4 monstros do futebol mundial”.

Um gênio? Não. Gênio foi Pelé e, dizem os mais velhos, Leônidas da Silva. Um dos quatro monstros do futebol mundial? Ainda não. Talvez dentro de mais algum tempo. Na certa o será na Copa do Mundo de 82, na Espanha, se continuar progredindo.

Sem comparações porque craque não é coisa que se compare.

E **Sócrates é craque**, termo que antes servia para definir o ponto máximo alcançado por um jogador e que hoje, depois de Pelé, não serve mais. **Sócrates, craque, nasceu para ser ponto de referência**. [...]

Pois esse craque que hoje é **um dos três melhores jogadores do Brasil**, ponto de referência na nova Seleção que vai sendo formada é, inteirinho, a soma dessas duas coisas [futebol e estudo].

Não fosse assim, como é que ele saberia — e o que é ainda mais importante — usaria seu já **famoso calcanhar** como recurso e não como firulas?

Como saberia dosar tão bem suas energias e usar tão bem os espaços vazios do campo, equilibrando-se sobre suas pernas finas e compridas? Como é que se entrosaria tão bem no time do Corinthians?

Pois Sócrates é isso. E, talvez por ele jogar no Corinthians e na Seleção Brasileira, tenho vontade de defini-lo como a **alegria do povo** (Placar, 1979, p. 18-19, ed. 478, grifo nosso).

Além disso, a recorrência de gols decisivos e atuações determinantes em jogos importantes contribui para consolidar essa figura. Mesmo quando o foco da reportagem não é estritamente o resultado, a narrativa tende a posicionar Sócrates como protagonista, atribuindo a ele a responsabilidade pelos momentos-chave da

partida. Assim, o craque é construído não apenas como jogador talentoso, mas como sujeito que assume a centralidade da cena esportiva e responde à altura das expectativas que recaem sobre ele.

Dessa forma, a representação de Sócrates como craque em *Placar* articula técnica, inteligência, liderança e estética do jogo, compondo a imagem de um jogador singular, cuja excelência se manifesta tanto nos gestos individuais quanto na capacidade de potencializar o coletivo. Essa figura discursiva serve de base para as demais representações analisadas, funcionando como fundamento simbólico a partir do qual se tornam inteligíveis o ídolo, o intelectual, o jogador politizado e o jogador engajado.

6.2.2 O ídolo

No universo das representações de *Placar*, a figura do ídolo constitui uma derivação afetiva da figura do craque. Se, no plano técnico, Sócrates é construído como jogador excepcional, no plano simbólico-emocional ele passa a ser narrado como objeto de afeição, identificação e pertencimento. A revista mobiliza, para tanto, uma gramática típica do jornalismo esportivo que vincula o atleta a um coletivo – o clube e sua torcida – produzindo uma imagem na qual a excelência esportiva se converte em capital emocional. Nesse enquadramento, o jogador não apenas “faz gols” ou “decide jogos”, mas encarna valores e emoções compartilhadas, tornando-se referência para um “nós” torcedor.

Corinthians

A massa que cansou de destruir ídolos. Até o 23º ano.

Entre todas as torcidas, a do Corinthians foi a que mais destruiu ídolos. Não tanto pela falta de títulos, mas por sua extrema fidelidade ao time, ela exigia reciprocidade nessa paixão, não perdoava mercenarismo ou desinteresse. E assim pode-se listar um sem-número de jogadores que saíram amaldiçoados do Parque São Jorge. Flávio, o grosso. Mirandinha, o pipoqueiro. Ivair, o príncipe sem coroa. Benê, um parceiro indigno para Rivelino. Barbosinha, que tomou dois gols de falta de Tupãzinho, numa mesma tarde. Heitor, que tomou quatro gols do Noroeste! Silvio e Servílio, acusados de mercenários. E por aí. Hoje, com Sócrates, Palhinha e cia., a torcida alvinegra parou com a marcação. Nem precisa: seu time tem 11 leões (Placar, 1979, p. 33, ed. 467).

FIGURA 28 - Sócrates “O gol da minha vida”



[Placar, edição 505, p. 54](#)
[28 dez. 1979](#)

O GOL DA MINHA VIDA

Qual foi o gol mais sensacional que o Sócrates fez até hoje? E o Zico? E o Reinaldo? Agora você vai ver quais foram os gols inesquecíveis dos nossos craques. Eles mesmos escolheram – ou pela beleza do lance, ou pela técnica, ou pela importância do jogo. Com a palavra, os artilheiros do Brasil.

Sócrates

Para começar, o gol mais importante de um doutor na arte de fazer gols.

Olha o gol que eu acho mais importante para mim não teve nada de excepcional tecnicamente. É importante porque foi o primeiro que eu fiz com a camisa do Corinthians. Foi no primeiro turno do campeonato paulista do ano passado. Era um jogo contra a Ferroviária de Araraquara, no Pacaembu. Ganhamos de 2 a 0 e eu fiz o primeiro, aí pelos 36 minutos do primeiro tempo. Sobrou uma bola dentro da área, eu vinha na corrida e bati forte, no canto direito. Foi um gol sem maior expressão técnica, mas a torcida explodiu. E isso me marcou (Placar, 1979, p. 34, ed. 505).

A construção de Sócrates como ídolo articula dois movimentos complementares. O primeiro consiste em aproximá-lo da comunidade corintiana por meio de signos de identificação: a camisa, os símbolos do clube, o repertório de memórias e vitórias, o papel de liderança e a imagem de jogador que “representa” o time. O segundo movimento traduz-se na fabricação de uma intimidade midiática: a revista aciona elementos que humanizam o atleta – confissões de medos e fraquezas, hábitos, traços de personalidade, cenas de convívio com familiares e amigos – e os reinscreve como atributos de carisma. Assim, Sócrates aparece não apenas como protagonista esportivo, mas como personagem dotado de magnetismo social, capaz de mobilizar afetividades, admiração e gerar adesão.

Nesse processo, a idolatria é construída como relação de reciprocidade simbólica: a torcida reconhece no jogador um representante e, ao mesmo tempo, o jogador se torna o lugar de condensação de afetos coletivos. *Placar* reforça esse circuito ao enfatizar momentos de comunhão (comemorações, vitórias, reencontros, retornos) e ao associar Sócrates à ideia de “fidelidade” e de pertencimento ao Corinthians, mesmo quando a trajetória do atleta inclui deslocamentos ou tensões institucionais. O ídolo, assim, é menos uma categoria estável do que um efeito discursivo produzido pela repetição de cenas e pela insistência em enquadramentos que ressaltam vínculo emocional e identificação popular.

Convém destacar, contudo, que a conexão entre Sócrates e a torcida corintiana não se estabeleceu de forma imediata ou automática. Nos primeiros momentos de sua trajetória no clube, o jogador foi frequentemente percebido como frio, apático ou indiferente, mesmo diante de desempenhos técnicos consistentes e resultados positivos em campo. Entre o estranhamento inicial e a consagração do ídolo, *Placar* desempenhou papel crucial no processo de mediação e construção da idolatria.

Corinthians. Ou o sonho que não acabou³⁰

[...] E o calor da torcida é tão grande que chegou até a influenciar o Doutor Sócrates, que quando chegou no *Corintchá* comemorava gol de final de campeonato como se mata mosquito. Hoje em dia, o *Corintchá* ganhando de 10 x 1 do Tiradentes do Piauí, ele comemora gol como um adolescente em início de carreira.

É, sem dúvida, o maior responsável pelo *Corintchá* estar com um time tão bom como esse, é o jogador mágico do futebol mundial: craque, cantor, médico, irmão, pai, democrata, líder, palhaço – Doutor Sócrates, inventor do futebol-solidariedade, futebol-filosofia, futebol-paixão. Se perdemos, é porque jogamos mal, nada de pôr a culpa no bandeirinha ou no campo. E é ele, ou melhor, ELE (com maiúsculas) o primeiro a dizer isso. É o futebol-verdade, coisa tão rara neste país (Placar, 1983, p. 37, ed. 668).

Nesse percurso, a revista reconfigurou progressivamente a imagem do jogador, deslocando o foco da suposta frieza para sua liderança, inteligência e compromisso coletivo. À medida que Sócrates passa a compreender e assumir o papel simbólico esperado de um ídolo corintiano, consolida-se o que a narrativa da revista passa a tratar como um “casamento” com a Fiel Torcida — resultado de uma negociação contínua entre performance esportiva, enquadramento midiático e adesão afetiva do público.

³⁰ Artigo de opinião publicado na coluna *Abrindo o jogo*, assinada pelo escritor Marcelo Rubens Paiva (edição 668).

FIGURA 29 - Capa de *Placar* “Fico porque amo a Fiel!”

Placar, edição 530
27 jun. 1980

FIGURA 30 - Entrevista “Vou brigar para ficar no Timão”, assinada por Juca Kfourri



Placar, edição 530, p. 3-5
27 jun. 1980

Sócrates

VOU BRIGAR PARA FICAR NO TIMÃO

Depois de quase agredido por alguns corintianos e da vaia geral no Maracanã, o Doutor se abre e dá um recado que há muito a torcida queria ouvir dele. O craque mostra que, além de cabeça, tem muito coração.

Placar – *Você que falou até em abandonar o futebol devido à invasão de sua privacidade, como explica sua participação em capítulos de novela e a gravação de um disco? Isso não é se expor ainda mais?*

Sócrates – Quando fiz a ameaça estava com a cabeça toda confusa. Passei uns três meses, no fim do ano passado, convicto que não estava preparado

para o que acontecia comigo. Por mais que tentasse me preparar, sentia que a carga era demais. [...]

Placar – *Você acha bom ser ídolo?*

Sócrates – Eu não gosto da palavra. Sei que sou um cara popular, posso até ser ídolo de muita gente, mas não gosto de transmitir isso. Acho que idolatria só existe quando há carência de muita coisa. É normal que as pessoas me olhem como alguém diferente, que gostem de mim por jogar no Corinthians ou na Seleção. Mas isso de ídolo coloca muitas barreiras, vejo-o como algo inatingível e não sou assim. [...]

Placar – *Hoje é indiferente para você jogar em qualquer clube?*

Sócrates – Não. Eu sempre falo: vou brigar para ficar no Corinthians porque lá eu já fiz uma base, e isso não pode e nem deve ser jogado fora. Tenho dois anos ali e já estou ligado ao Corinthians. O ideal é ficar lá [...] (Placar, 1980, p. 3-4, ed. 530).

GAROTO DO PLACAR [sessão de cartas dos leitores]

Aumenta o fã-clubes do Doutor Sócrates

Estou precisando muito do endereço do Doutor Sócrates. Será que vocês poderiam me arranjar?

José Roberto Thomaz, Registro, SP.

Infelizmente, Zé, a gente não tem autorização para fornecer o endereço particular dos jogadores. Mas se você quer mesmo corresponder com o Doutor, basta enviar sua carta para o Corinthians. Anote aí o endereço: Rua São Jorge, 777 – bairro do Tatuapé, São Paulo, Capital (Placar, 1980, p. 44, ed. 537).

FIGURA 31 - Reportagem “Sócrates, o corintiano”, assinada por Celso Kinjô



[Placar, edição 539, p. 3, 6 e 7](#)
[29 ago. 1980](#)

SÓCRATES, O CORINTIANO

O Doutor voltou. Vibrando como nunca, jogando bem como sempre. Lutou como poucos, orientou o time como ninguém. Foi saudado pela massa antes, durante e depois do jogo, numa demonstração de que o povão soube entender sua crise com a direção do clube e estará a seu lado para o que der e vier. E que, definitivamente, o Timão tem mais um fiel em campo (Placar, 1980, p. 3, ed. 539).

E TOMA MAIS SÓCRATES!

Distantes há 40 dias, eles se reencontraram num alegre domingo de sol: o Doutor cumpriu sua brilhante atuação, a Fiel jurou-lhe amor eterno. Mas, apesar da vitória, o Timão mostrou falhas terríveis – será que Brandão vai dar jeito nisso?

Com a torcida apoiando o time, o Corinthians é imbatível, declarou o Doutor logo após renovar seu contrato na semana passada. A essas horas, preparando-se para “estraçalhar na Seleção” – como prometeu a Placar na noite de domingo –, Sócrates estará somando outros adjetivos à Fiel. Vibrante, dócil, possessiva, apaixonada, apaixonante. E por aí. Sua saída do vestiário do Pacaembu, afogado num mar de corintianos a tocá-lo, a beijá-lo, a endeusá-lo, teve o sabor dos grandes reencontros. Nenhuma das partes suportava mais a separação, nem o Doutor, de hábito comedido, se preocupou em disfarçar seus sentimentos [...] (Placar, 1980, p. 6, ed. 539).

FIGURA 32 - Reportagem “Dr. Sócrates Corintiano Sampaio de Souza Vieira de Oliveira”, assinada por José Maria de Aquino



Placar, edição 545, p. 22-25
10 out. 1980

Dr. Sócrates Brasileiro Corintiano Sampaio de Souza Vieira de Oliveira
ÍDOLO

Aquele doutor desconfiado que não comemorava seus gols, que desafiava a torcida, aquele doutor morreu. Nasceu, em seu lugar, o ídolo popular, que se comove com as crianças e que vibra com as vitórias do seu Timão. É o Sócrates Corintiano, Doutor da Fiel Torcida.

Sócrates tirou seu avental de médico e o enfiou no fundo do armário. Há 40 dias está vestindo apenas a camisa “9” do Corinthians e vem vivendo os momentos mais felizes da sua vida. Como aconteceu na última quarta-feira, ao visitar a Escola Municipal do Embu, perto do Rancho Silvestre, onde o time se concentra. [...]

– Pô, como é bom viver momentos como esse! Eu sempre soube que era bom, mas só agora estou sentindo realmente. É gratificante sentir que sou importante para os garotos, gente que está em formação.

Mais do que isso, Sócrates está vivendo um amor profundo. Amor de um ídolo que, finalmente, aceita a idolatria sem medo do significado que dá à palavra: “Ser perfeito, nunca cometer enganos”.

Amor do ídolo que, embalado apenas por seu atual estado de espírito, está correndo em direção ao seu povo, erguendo os braços e distribuindo alegria, aceitando que a multidão descarregue nele toda a angústia acumulada durante a semana e que só se desfaz com a euforia de uma vitória [...] (Placar, 1980, p. 22-24, ed. 545).

Na reportagem acima, publicada em 10 de outubro de 1980 e assinada pelo jornalista José Maria de Aquino, vale destacar ainda o texto complementar que acompanha a matéria principal intitulado “Na hora difícil, conselhos de amigo”. Apesar de não haver assinatura, pressupõe-se que o texto seja de autoria do então diretor Juca Kfoury, tanto pelo tom – semelhante ao de outros editoriais – quanto pela forma como se dirige ao jogador:

Na hora difícil, conselhos de amigo

Num dos momentos mais críticos da sua vida, quando a reforma do contrato parecia impossível, Sócrates chamou um amigo e lhe pediu para abrir o jogo.

- Diga-me no que estou certo e no que estou errado. Seja franco.

- Eu acho que você, Magrão, deve renovar o contrato. O São Paulo pulou fora, o Palmeiras fugiu e você nasceu para jogar no Corinthians. Se você busca tranquilidade, arrume um jeito de ir para o São Paulo. Mas se você concorda que é um craque, e que por isso deve aceitar ser ídolo, mesmo com todas as chateações, então você precisa continuar aqui. Aceite a torcida como ela é, e seja como ela quer que você seja. Seja um ídolo do Corinthians. Não um Sócrates do Botafogo. Por que agredir a quem te oferece amor? Afaste-se das pessoas que o tratam de doutor e como doutor. Aceite mais os que o tratam como Sócrates e como jogador de futebol. É isso que você é agora e é para isso que você ganha. E pare de dizer que você quer ganhar muito dinheiro para depois clinicar de graça. Soa como demagogia. Pega mal. Faça isso mais tarde, quando você for médico. E acabe com essa imagem de displicente (Placar, 1980, p. 25, ed. 545).

O registro é emblemático e documenta uma postura editorial que extrapola o papel convencional de uma revista esportiva. Ao adotar um tom abertamente pessoal e aconselhador, quase confessional, *Placar* se posiciona como instância de

mediação simbólica entre o jogador e o universo que o cerca – torcida, clube, mercado e expectativas públicas.

O enunciador assume a voz de um “amigo” autorizado, que não apenas interpreta a situação vivida por Sócrates, mas aconselha, prescreve comportamentos, sugere escolhas profissionais e delimita o papel social que o jogador deveria assumir. Trata-se de uma intervenção direta na construção de sua imagem pública.

Nesse movimento, *Placar* realiza uma clara tentativa de normatização da conduta do atleta. Ao recomendar que Sócrates “aceite a torcida como ela é”, abandone certos discursos considerados inadequados e se conforme às expectativas associadas à figura do ídolo, a revista reforça uma concepção específica de profissionalismo e pertencimento. O jogador é interpelado a ajustar sua postura – não apenas esportiva, mas também discursiva e comportamental – às exigências do campo futebolístico e midiático.

FIGURA 33 - Entrevista “Um exemplo chamado Sócrates”, assinada por Juca Kfouri



[Placar](#), edição 608, p. 32-33
15 jan. 1982

Se fosse para a Espanha, ele se tornaria bilionário. Mas, consciente de seu papel de ídolo nacional, o Doutor decidiu permanecer na Seleção Brasileira e no Corinthians

UM EXEMPLO CHAMADO SÓCRATES

Nesta entrevista ao diretor de Placar, Sócrates explica as razões que o levaram a ficar: para quem quer disputar a Copa, o dinheiro é o de menos

Placar vem defendendo, há tempos, uma posição, nem sempre bem compreendida, quanto à transferência de nossos fora-de-série para o exterior. Embora reconhecendo o direito de qualquer profissional ir para onde bem entender, achamos que o craque-ídolo tem uma dupla responsabilidade em relação aos que também são responsáveis pelos seus altos salários – sim, porque um gênio sempre ganha muito bem e tem como fazer sua independência financeira por aqui mesmo. A primeira responsabilidade é perante sua torcida, que sofre demais com a perda do ídolo – que o digam os colorados de Falcão. A segunda é diante dos próprios companheiros de profissão, jogadores comuns que, como dignos coadjuvantes – nenhuma estrela brilha solitária –, ganham salários razoáveis para desempenhar seus papéis. E esses são a maioria. Por isso, a recente decisão de Sócrates, recusando 3 milhões de dólares para se transferir para o Barcelona, da Espanha, assume importância exemplar, por mais que o próprio jogador se recuse a ser modelo nesta questão [...] (Placar, 1982, p. 32, ed. 608).

Na matéria, *Placar* eleva Sócrates à condição de figura moralmente diferenciada, cuja escolha é interpretada menos como decisão profissional e mais como gesto de elevação ética. Ao recusar uma proposta milionária do futebol europeu, o jogador é construído como ídolo dotado de um “espírito elevado”, capaz de subordinar interesses financeiros a valores coletivos, como o compromisso com a Seleção, com o clube e com o futebol brasileiro. Nesse enquadramento, Sócrates ultrapassa a condição de craque e assume estatuto quase exemplar: um herói cuja grandeza reside não apenas no talento, mas na consciência de seu papel simbólico diante da nação e de seus pares.

A seguir, veremos que a construção do ídolo não servia apenas aos interesses de *Placar*. Trata-se de um processo mais amplo, que envolvia também o departamento de marketing do clube e um plano estratégico de desenvolvimento institucional, no qual a imagem dos jogadores – especialmente de figuras centrais como Sócrates – era tratada como ativo simbólico e econômico. Nesse sentido, a atuação de *Placar* dialoga com iniciativas do próprio Corinthians voltadas à consolidação de uma identidade forte, à fidelização da torcida e à valorização do clube no mercado esportivo.

Sócrates, apenas mais um exemplo³¹

Outro dia me confidenciava o publicitário Washington Olivetto, da agência paulista DPZ, que o Corinthians o convocou para sugerir ideias para seu departamento de marketing:

– Se o pessoal tiver cabeça, a coisa não pára no simples contrato com uma empresa patrocinadora do clube. Há que se explorar todos os potenciais do clube e do jogador.

Por exemplo: já pensaram uma fábrica de brinquedos lançando no mercado um bonequinho do Sócrates-jogador e outro do Sócrates-médico? É apenas

³¹ Texto publicado na coluna *Bola de papel*, assinado pelo jornalista Alberto Helena Jr.

uma ideia das muitas que poderão construir um pródigo futuro para o futebol. [...] Resta, pois, discuti-las, uma a uma, já que o tema aí está em debate. (Placar, 1982, p. 15, ed. 643)

FIGURA 34 - Entrevista “Sócrates, a estrela do planeta”, assinada por Marco Aurélio Borba



[Placar, edição 643, p. 24-26](#)
[17 set. 1982](#)

Entrevista

O ídolo do Corinthians se sentirá orgulhoso em ser o melhor do mundo SÓCRATES A ESTRELA DO PLANETA

“Não tenho nada a opor”, diz o Doutor, referindo-se às metas da diretoria: fazer do Timão o campeão mundial e, dele próprio, um astro de máxima grandeza, aos 28 anos

Em recente entrevista à Placar (n.º 641), o diretor de futebol do Corinthians, Adílson Monteiro Alves, definiu os dois principais objetivos da atual diretoria: levar o Timão ao título mundial de clubes e projetar Sócrates como o maior futebolista do Planeta. Para isso, será armada uma grande equipe dentro de campo e desenvolvida uma campanha promocional em torno de sua principal estrela.

[...] Entre as ideias já em andamento para popularizar ainda mais o jogador, está o lançamento de um boneco de brinquedo – semelhante ao Falcon –, com a figura do Doutor e duas vestimentas: um uniforme de jogador de futebol e outro de médico. Com isso, vai-se passar a ideia de que um craque não precisa, necessariamente, ser um indivíduo incapaz de aprimorar-se intelectual e exercer outra profissão.

Outro plano é utilizar o nome “Magrão” numa marca de iogurte, por exemplo, como alimento saudável e nutritivo. Ou fazer um contrato com uma fábrica de automóveis. Esta forneceria ao jogador, todo mês, um determinado modelo de carro, que após algum tempo seria sorteado, durante um jogo, entre torcedores do Corinthians – os quais teriam desse modo a chance de possuir o carro que fora do ídolo [...]. (Placar, 1982, p. 24-26, ed. 643)

FIGURA 35 - Capa “Sócrates, sempre Sócrates!” e reportagem, assinada por Sérgio Martins



[*Placar*, edição 708, p.12-17](#)
[16 dez 1983](#)

A figura do ídolo, em *Placar*, prepara o terreno para representações posteriores mais complexas: é porque Sócrates já é legitimado como referência afetiva que sua voz ganha peso em temas extra-campo e que sua biografia passa a ser narrada em chave pública. O ídolo, nessa perspectiva, funciona como ponte entre o craque e as figuras discursivas que deslocam o jogador para além do desempenho esportivo.

6.2.3 O intelectual

A representação de Sócrates como “pessoa culta” constitui uma das singularidades mais marcantes da construção operada por *Placar*. Diferentemente do padrão hegemônico da imprensa esportiva, que frequentemente privilegia a corporeidade e o desempenho técnico, a revista investe na produção de um jogador cuja imagem se organiza também pela formação acadêmica, pelo letramento e pela articulação com repertórios culturais.

A alcunha de “Doutor”, associada à formação em Medicina, torna-se um operador discursivo central: ela o distingue dos demais atletas e funciona como chave interpretativa que reorganiza sua presença no futebol. Assim, Sócrates aparece como sujeito que pensa, interpreta, argumenta e articula ideias complexas.

FIGURA 36 - Reportagem “Um doutor de bola”, assinada por Maurício Cardoso, primeira matéria de destaque de Sócrates em *Placar*



Placar, edição 311, p.22-23 (Acervo Museu do Futebol)
26 mar. 1976

Sócrates corre do pronto-socorro para o campo, troca o jaleco pelo uniforme e ajuda o Botafogo a crescer.

Um doutor de bola

Em Medicina é ainda estudante, um quintanista dedicado. Mas de bola já sabe de tudo e, pelo menos em Ribeirão Preto, tem o título de doutor. Treina quando pode e joga porque gosta – sem reclamações dos companheiros, que vêem nele a garantia dos bichos.

O dia 18 de fevereiro foi um dia muito especial para o Botafogo de Ribeirão Preto. Manhã bem cedo já havia movimentação em sua concentração. Às 8 horas a delegação embarcou para Campinas, onde iria decidir com Ponte Preta o título de campeão do Torneio Vicente Feola. Nesta mesma hora o estudante de Medicina Sócrates Brasileiro Sampaio de Sousa Vieira de Oliveira assumia suas funções de estagiário no pronto-socorro do Hospital das Clínicas local. Na comitiva da viagem ninguém estranhava a ausência do Magrão, o melhor jogador da equipe.

– Na hora do jogo ele chega para desequilibrar – comentava o ponta-direita João Carlos logo após o almoço no Lago Azul, um restaurante da via Anhanguera, nas proximidades de Campinas. [...] (*Placar*, 1976, p. 22)

FIGURA 37 - Foto-legenda destacando a relação com a Medicina



Sócrates, o médico, vai curar contusão nas férias.

[Placar, edição 400, p.6.](#)
[23 dez, 1977](#)

Esse enquadramento se produz pela seleção de traços que reforçam uma identidade intelectualizada: interesse por leitura, repertório artístico, entrevistas em que o atleta não se limita ao clichê esportivo, mas mobiliza linguagem mais elaborada e referências extra-esportivas. É o que Bourdieu (1999) denomina de capital cultural. Pouco a pouco, essa imagem vai se consolidando e sendo propagada por outros enunciadores. Em entrevista realizada em 20 de abril de 1979, Zico faz sua análise sobre o companheiro de equipe:

Sujeitão calado, né? Fala pouco, mas fala o importante. É bom, porque não gosto mesmo de gente que fala sem parar. Nota-se sua boa cultura, afinal é médico formado. Tem cabeça. Parece frio, racional, um atento observador de tudo e de todos. Isso tudo é fundamental para a posição que ocupa em campo. (Placar, 1979, p. 37, ed. 469)

Em outra ocasião, um leitor produz uma homenagem, publicada na coluna *Sem Pulo*, destacando os atributos intelectuais, culturais e a preocupação social do doutor:

Herói do sertão

Ele é craque de bola/ e também doutor formado / Gosta muito de viola / da qual é apaixonado / É um cantor sertanejo / que adora belas canções / No campo tem o molejo / dos grandes campeões / Lutando pela torcida / do Timão que bem defende / Também pela Medicina / para os que dela dependem / Faz a peregrinação / da saúde de sua gente / preocupado com o povão / pra que viva mais contente / A pessoa de quem falo / é de grande

qualidade / Dr. Sócrates famoso / que quer bem ao nosso povo / do sertão e da cidade. Esta é a letra da canção “Homenagem ao Dr. Sócrates”, composta pelo advogado Lázaro Sidnei Petrucci e gravada pela dupla caipira Lídio e Leal. Até o fim do mês estará nas lojas. (Placar, 1980, p. 46, ed. 542)

Na mesma coluna, dois anos depois, Sócrates recebe destaque como sujeito leitor, imagem que será reiterada em outras edições:

FIGURA 38 - Notícia destacando a relação com a literatura



[Placar, edição 617, p.34](#)

[19 mar. 1982](#)

Sócrates, o literato

O escritor e jornalista mineiro Roberto Drummond, outrora cético em relação ao talento de Sócrates, finalmente rende-se à evidência:

— Você é gênio — confessou Drummond ao encontrar-se com o Doutor, semana passada, no hall do hotel Othon, em Belo Horizonte. Na oportunidade, autografou para Sócrates seu livro “Sangue de Coca-Cola”, para aproveitar a fase de intensa leitura do craque. Este acaba de devorar “O Analista de Bagé” (“ótimo”, segundo ele), de Luís Fernando Veríssimo, e começa a folhear “Memórias de Adriano” (“deve ser muito bom”), de Marguerite Yourcenar. À noite, no Mineirão, antes de comandar a vitória corintiana sobre o Atlético (3 x 1), ainda recebeu uma dica bastante sugestiva do seu amigo Reinaldo:

— Leia “Tratado Geral da Fofoca”, com assunto muito bem abordado pelo psicanalista José Ângelo Gaiarsa. (Placar, 1982, p. 34, ed. 617)

FIGURA 39 - Notícia destacando o interesse de Sócrates pela leitura



[Placar, edição 682, p.38](#)
[17 jun. 1983](#)

Além da literatura, *Placar* opera uma associação simbólica entre futebol e cultura intelectual posicionando Sócrates como um jogador capaz de transitar entre diferentes universos culturais. Ao destacar sua participação em um disco de música brasileira e ao afirmar que “o Doutor retorna a um campo onde, seguramente, não existe a mesma desenvoltura que tem com a bola nos pés”, *Placar* constrói uma narrativa que valoriza a curiosidade, a experimentação e o capital social do atleta, reafirmando sua imagem como figura singular no futebol, cuja identidade extrapola o desempenho esportivo e se ancora na interlocução com a arte e a intelectualidade.

FIGURA 40 - Notícia sobre a participação de Sócrates no disco de Toquinho



[Placar, edição 680, p.39](#)
[03 jun. 1983](#)

Doutor Sócrates em novo ritmo

O novo LP, *Aquarela*, que Toquinho está gravando terá vários convidados ilustres acompanhando-o em várias faixas. Um deles é Sócrates, que aparece cantando com Toquinho uma música dedicada ao Corinthians, com os Titulares do Ritmo no coral.

Depois do disco de músicas sertanejas que gravou dois anos atrás, essa é a primeira vez que o Doutor retorna a um campo onde, seguramente, não exibe a mesma desenvoltura que tem com a bola nos pés. (Placar, 1983, p. 39, ed. 680)

Sócrates também se aventurou pelo universo dos palcos, iniciativa que não passou despercebida por *Placar*. Pelo contrário, foi registrada em várias edições e diferentes seções da revista.

Teatro e Cinema: o doutor em novos campos

Além de médico, jogador profissional de futebol e cantor com disco de músicas sertanejas na praça, Sócrates enveredou na semana passada por mais duas áreas. Investiu 20 milhões de cruzeiros na produção da peça *Perfume de Camélia*, de autoria de José Augusto Torres Pontes e dirigida por Ronaldo Brandão, com estreia marcada para o dia 6 de agosto no Teatro Ruth Escobar, em São Paulo, e começou a discutir sua participação no filme *O Filho Adotivo*, onde deverá interpretar o papel de um padre. (Placar, 1983, p. 62, ed. 691)

FIGURA 41 - Charge em referência à peça de teatro produzida por Sócrates



[Placar, edição 697, p.53](#)
[30 set. 1983](#)

FIGURA 42 - Notícia sobre o fracasso da peça “Perfume de Camélia”



Sócrates no palco: a idéia de ser produtor ainda não morreu

SÓCRATES: UM SONHO TEATRAL NÃO REALIZADO

A peça teatral *Perfume de Camélia*, produzida por Sócrates, tem-se revelado, até agora, um retumbante fracasso de bilheteria. Mas, se alguém imagina que encontrará o Doutor aborrecido por causa disso, engana-se. "Eu não esperava ne-

nhum retorno financeiro mesmo", explica o jogador. E enganam-se ainda mais aqueles que pretendem ler nessas declarações uma ponta de despeito: o Magrão não somente não desistiu de investir em teatro, como já tem em mente uma nova idéia mirabolante. Ele quer montar uma peça sobre concentração, onde os atores serão os próprios atletas. Casagrande e Vladimir já aceitaram participar do elenco.

[Placar, edição 701, p.24](#)
[28 out. 1983](#)

Sócrates: um sonho teatral não realizado

A peça teatral *Perfume de Camélia*, produzida por Sócrates, tem-se revelado, até agora, um retumbante fracasso de bilheteria. Mas, se alguém imagina que encontrará o Doutor aborrecido por causa disso, engana-se. “Eu não esperava retorno financeiro mesmo”, explica o jogador. E enganam-se ainda mais aqueles que pretendem ler nessas declarações uma ponta de despeito: o Magrão não somente não desistiu de investir em teatro, como já tem uma nova ideia mirabolante. Ele quer montar uma peça sobre concentração, onde os atores serão os próprios atletas. Casagrande e Wladimir já aceitaram participar do elenco. (Placar, 1983, p. 24, ed. 701)

Em outra ocasião, a associação de Sócrates ao xadrez reforça sua imagem de jogador cerebral, para quem o futebol se estrutura como jogo de antecipação e estratégia. Assim como no tabuleiro, sua atuação em campo é narrada como fruto da leitura do jogo e da inteligência na tomada de decisões.

Sócrates, o bom no xadrez

Nas concentrações da Seleção Brasileira, o carteadado está sendo substituído pelo xadrez, que a cada amistoso ganha novos adeptos. Por enquanto, o melhor jogador do time é o Dr. Sócrates. Na semana passada, ele derrotou três outros craques dos tabuleiros, os zagueiros Juninho e Edinho e o goleiro Paulo Sérgio. Desta vez, porém, nenhum deles pôde enfrentar o mais temível adversário que já conheceram – o joguinho de xadrez eletrônico, comprado pelo centroavante Reinaldo, em Londres, durante a recente excursão à Europa. “Tem dias que a maquininha é invencível”, reconhece Sócrates. (Placar, 1981, p. 38, ed. 590)

FIGURA 43 - Matéria sobre a habilidade de Sócrates no jogo de xadrez, assinada por Fábio Rocco Sormani



[Placar, edição 598, p.40](#)
[30 out. 1981](#)

O desafio dos grandes mestres

Suspense na Itália: o soviético Karpov e o apátrida Korchnoi disputam o mundial de xadrez. Suspense no Corinthians: Sócrates e Vladimir se enfrentam no tabuleiro. Quem ganha?

[...] A 10 mil km dali, mais precisamente em São Paulo, no bairro do Tatuapé, dentro do Parque São Jorge, isto é, no Corinthians, há uma outra briga no tabuleiro. Ali, o apartidário Sócrates (“Voto em pessoas, não em siglas”) defende sua fama de ser um dos grandes enxadristas do futebol brasileiro diante do atual petista Vladimir (“Sou do PT, o Partido dos Trabalhadores, porque é o grupo com o qual mais me identifico”) [...]. (Placar, 1981, p. 40, ed. 598)

A construção de Sócrates como ser intelectual encontra uma de suas expressões mais emblemáticas no convite feito por *Placar* para que o próprio atleta escrevesse o Diário da Copa de 1982.

Ao conceder ao jogador a posição de narrador de sua experiência no Mundial – o único destacado para tal posto –, a revista reconhece e legitima sua capacidade reflexiva, atribuindo-lhe não apenas autoridade técnica, mas também competência discursiva para interpretar o jogo e o contexto. Esse gesto editorial desloca Sócrates do lugar tradicional de objeto da cobertura para o de sujeito do discurso, reforçando sua imagem como atleta que pensa, analisa e elabora sentidos sobre o futebol que pratica.

Nessa figura discursiva, o futebol deixa de ser tratado apenas como espetáculo competitivo e passa a ser tematizado como fenômeno cultural. Ao atribuir a Sócrates uma competência interpretativa, *Placar* o posiciona como um mediador entre o campo esportivo e o campo cultural, convertendo o jogador em personagem apto a produzir sentido sobre seu próprio ofício.

FIGURA 44 - Anúncio de *Placar* sobre diferenciais editoriais na cobertura da Copa de 1982



Placar, edição 629, p.16
11 jun. 1982

Só Placar vai mostrar os bastidores do Brasil na Copa

$$[\dots]$$

E o Dr. Sócrates vai escrever o seu diário

Sócrates vai anotar no seu Diário da Copa, com exclusividade para os leitores de Placar, todos os momentos emocionantes vividos pela nossa Seleção na Espanha. (Placar, 1982, p. 16, ed. 629)

FIGURA 45 - O “Diário de Sócrates” na cobertura da Copa de 1982



Placar, edição 630, p.31
18 jun. 1982

Diário de Sócrates

[Chamada linha fina] Durante toda a Copa, as emoções do Doutor serão reveladas por Placar. De próprio punho, ele escreverá, semana a semana, a saga do tetra. (Placar, 1982, p. 31, ed. 630)

Na edição de 10 de junho de 1983, *Placar* produz uma reportagem de tom lúdico ao “vestir” jogadores com figurinos e personagens simbólicos, explorando, por meio do humor e da ironia, as diferentes formas de representação dos ídolos do futebol. Nesse conjunto, Sócrates é associado à figura de “O Pensador”, de Auguste Rodin, operação que reforça de maneira visual e sintética sua construção como jogador intelectual.

Ao recorrer a um ícone consagrado da história da arte, a revista desloca o atleta do registro exclusivo da performance física para o domínio da reflexão e do raciocínio. Assim, mesmo em um contexto leve e bem-humorado, *Placar* reafirma a singularidade do “Doutor”, inscrevendo sua imagem em um repertório cultural que articula futebol, pensamento e distinção simbólica.

FIGURA 46 - Sócrates personificado de “O Pensador”, famosa escultura de Rodin



[Placar, edição 681, p. 18-23](#)
[10 jun. 1983](#)

Sócrates, o gênio

Nome de filósofo e pose de pensador – como na foto acima, uma representação da famosa escultura de Rodin –, Sócrates é exatamente o que aparenta ser. Não jogaria tanto se não pensasse tão bem o futebol. De nada lhe valeriam os pés habilidosos se o cérebro não funcionasse com igual

astúcia. Em campo, enxerga espaços e jogadas que ninguém vê. Em resumo, um gênio. (Placar, 1983, p. 19, ed. 681)

Essa representação, por fim, funciona como base para as figuras do jogador politizado e engajado: ao ser construído como sujeito reflexivo e letrado, Sócrates torna-se mais facilmente reconhecível como alguém capaz de formular posições públicas e sustentar coerência ética. O intelectual, assim, não é uma camada acessória, mas um componente estruturante do modo como *Placar* amplia a imagem do atleta para além do futebol.

6.2.4 O jogador politizado

A primeira vez que entrevistei Sócrates, perguntei que nota ele daria ao futuro presidente João Figueiredo, então indicado para suceder Ernesto Geisel e fazendo questão de anunciar que “faria deste país uma democracia”. Sócrates deu nota 10 ao sucessor, um crédito de confiança.

Passados seis anos, na última sexta-feira, quando se confirmava o que PLACAR antecipara na terça em relação à venda de seu passe para a Fiorentina, repeti a mesma pergunta. O Magro, olhos vermelhos como resultado de uma noite agitada e maldormida, simplesmente respondeu que o presidente não merecia nota alguma porque representava muito pouco para o país e revelara gosto nenhum pela política.

Saí de seu apartamento tentando descobrir quem é que mudara: Sócrates ou Figueiredo?

Não é difícil saber. Do Sócrates que chegou ao Corinthians em 1978 só restou a pureza de quem foi criado em Ribeirão Preto. No mais, ele amadureceu, conheceu um mundo novo e ficou muito mais seguro de si. [...] (Placar, 1984, p. 21, ed. 731)

A passagem acima, extraída do texto de Juca Kfoury, “Até a volta, Magro!”, carta de despedida do jornalista na concretização da venda de Sócrates para a Fiorentina, em 1984, ilustra o processo de amadurecimento político do jogador na perspectiva de *Placar*.

Ao contrapor duas respostas dadas pelo jogador, separadas por seis anos, o diretor evidencia uma transformação que não é apresentada como abrupta, mas como resultado de experiências acumuladas, ampliação de repertório e maior segurança de si. Assim, o jogador é narrado como sujeito que aprende a nomear o poder, a avaliar governantes e a assumir publicamente uma postura crítica, deslocando-se do registro da ingenuidade inicial para uma posição politicamente consciente.

FIGURA 47 - Sócrates atribui notas a figuras públicas



Placar, edição especial set/1989, p. 11
(Acervo Museu do Futebol)

No caso de Sócrates, a politização não aparece como traço inato ou repentino, mas como resultado de um processo gradual de exposição a debates, confrontos simbólicos e interpelações públicas – muitas delas mediadas por *Placar*. Ao ser reiteradamente chamado a se posicionar, o jogador incorpora esquemas de percepção e julgamento que passam a orientar suas tomadas de posição políticas.

O politizado emerge quando o *habitus* (Sapiro, 2020) esportivo, originalmente orientado para a prática do jogo, se amplia e passa a integrar disposições reflexivas e críticas sobre o mundo social, evidenciando que o *habitus* não é fixo, mas historicamente ajustável às condições e exigências do campo em que o sujeito atua. Nesse sentido, a politização de Sócrates configura-se como um *habitus* em transformação, isto é, de disposições incorporadas que se reconfiguram em contato com novas experiências, posições e interações no campo social.

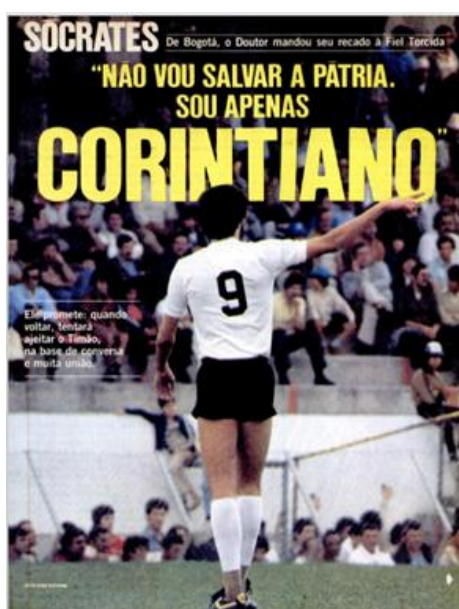
A figura do jogador politizado surge, portanto, quando *Placar* transfere Sócrates da condição de protagonista esportivo para a posição de sujeito público, capaz de emitir juízos, críticas e posicionamentos sobre temas coletivos: declarações, entrevistas, falas públicas e comentários que situam o jogador no debate social e político do período.

Na narrativa de *Placar*, esse deslocamento ganha força no contexto de abertura política e mobilizações sociais, quando a revista passa a tratar o futebol como

espaço permeável à história e aos conflitos do país. Sócrates aparece, então, como personagem que rompe a expectativa de neutralidade do atleta e assume publicamente uma dimensão crítica. Sua politização não se limita a preferências ou slogans, mas se manifesta na forma como problematiza relações de poder, estruturas institucionais e direitos – dentro e fora do futebol.

Na edição de 13 de fevereiro de 1981, fora do Brasil para disputar as eliminatórias da Copa do Mundo, Sócrates avalia a situação do Corinthians e manda um recado à torcida:

FIGURA 48 - Reportagem “Não vou salvar a pátria. Sou apenas corintiano”, assinada por Carlos Maranhão



[Placar, edição 561, p. 19-21](#)
[13 fev. 1981](#)

[...] o Corinthians precisa de mais diálogo. Quando renovei meu atual contrato, em setembro do ano passado, insisti com o presidente Vicente Matheus para que esse diálogo fosse posto em prática. O Matheus aceitou minha proposta e a situação começou a evoluir gradualmente nos três últimos meses de 1980. Mas parece que as coisas ainda estão longe do ideal, até porque não se muda um conceito de vida em tão pouco tempo.

Em outras palavras, o que se necessita no futebol do Corinthians – e não só no Corinthians, nem unicamente no futebol – é estreitar a distância que separa o patrão do empregado. No nosso caso específico, o empregado, que é o jogador, tem seus deveres muito bem colocados. Tudo perfeito. Só que o relacionamento acaba exatamente aí. Você nunca deixa de ser exclusivamente um empregado. O ser humano não existe. As questões pessoais não são levadas em conta.

Ora, diante de uma mentalidade dessas, o profissional vai fazer o quê? Vai fazer o essencial, vai bater o seu ponto e vai embora na hora marcada. Ele não tem estímulo para agir além do dever, para criar, para amar seu ambiente de trabalho. [...]

Para concluir, gostaria de pedir um favor aos meus caros amigos corintianos: quando eu regressar, não me vejam como o salvador da pátria. Sou apenas um cara que tem consciência de que não é nem perna-de-pau nem um gênio capaz de agir sozinho. Não sou o Sócrates F.C. Quem irá recuperar o Corinthians será o Corinthians todo, o Corinthians unido, corrente pra frente, time-torcida, diretoria-jogadores, patrões-empregados, no clima de diálogo e entendimento com que todos sonhamos. (Placar, 1981, p. 20-21, ed. 561)

Em outra edição, *Placar* destaca seu interesse pela política e sua afinidade com os partidos de esquerda, já sinalizando suas preocupações democráticas:

Seu interesse na França, porém, esteve longe de se limitar à badalação ou ao futebol que, por sinal, considera, como Telê Santana, o mais bonito e técnico da Europa. Chegou à política. Numa entrevista ao mesmo L'Équipe, ele mostrou-se entusiasmado com a vitória do candidato socialista François Mitterand nas eleições presidenciais do país. Sua opinião foi recebida com reservas dentro da CBF, embora ela diga que tenha sido apenas um "espectador" da mudança de rumos da política francesa.

– O que admiro mesmo, acima de nomes, é a avançada democracia da França, que, para mim, está na frente até dos Estados Unidos.

– Olha, o futebol também pode fazer parte da política. Ele une as pessoas, aproxima povos e serve como canal para a paz. Foi também para isso que viemos à Europa, não? (Placar, 1981, p. 16, ed. 576)

Em 09 de março de 1984, *Placar* também não deixou de registrar a entrevista concedida a Daniel Cohn-Bendit, ex-líder estudantil do movimento de maio de 1968 na França:

FIGURA 49 - Registro do encontro histórico entre Sócrates e o ex-líder estudantil Cohn-Bendit



[Placar, edição 720, p. 57](#)
[09 mar. 1984](#)

Encontro histórico no Parque São Jorge

Em maio de 1968, um movimento estudantil francês assinalou o início do fim do general De Gaulle, à frente do poder no país havia nove anos. Naquela época, o maior jogador brasileiro da atualidade – Sócrates – era apenas um menino.

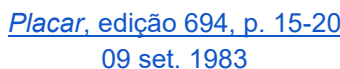
“Mas aquilo foi uma das coisas mais puras de sentimento que eu já conheci”, lembrou o Doutor a um dos maiores líderes da revolta, o alemão Daniel Cohn-Bendit, na semana passada. O lendário Cohn-Bendit, hoje com 38 anos, dirige um jornal - Paralelepípedo-Praia, um dos slogans daquele movimento – em Frankfurt, Alemanha Ocidental. Esteve incógnito no Brasil por mais de cinco meses [...] e, na última segunda-feira, conseguiu a segunda de suas duas únicas entrevistas no Brasil, com Sócrates – a outra havia sido com o presidente do PT, Luiz Inácio Lula da Silva.

A conversa debaixo das mangueiras do Parque São Jorge, girou desde a novidade da politização dos jogadores de futebol no Brasil, até as dificuldades de se atuar no futebol italiano, “o mais expressivo da Europa”, segundo Cohn-Bendit. [...]

Antes de encerrar a entrevista, o craque corintiano recebeu um convite para comentar para o *Libération*, jornal esquerdista francês, a final da Copa da Europa, no meio do ano. [...] (Placar, 1984, p. 57, ed. 720)

Do ponto de vista da estratégia editorial, a figura do politizado opera por contraste: ela se fortalece na medida em que se opõe ao estereótipo do jogador apolítico, desinteressado ou limitado ao campo. Ao destacar Sócrates como exceção, *Placar* reforça seu caráter singular e, ao mesmo tempo, inscreve sua trajetória numa narrativa maior, em que o futebol se torna metáfora e arena de disputas sociais. A politização, portanto, não é apenas atributo individual: ela é também um efeito de enquadramento que redefine o lugar do atleta na esfera pública.

Em extensa entrevista publicada em 09 de setembro de 1983, Sócrates expõe posições firmes sobre diversos temas, defendendo a ideia de que o pensamento crítico e a capacidade de rever opiniões fazem parte de um compromisso ético com o presente. O discurso enfatiza autonomia intelectual, responsabilidade pública e recusa a posições acomodadas, construindo a imagem de um sujeito que assume contradições, confronta expectativas externas e reivindica o direito de mudar de ideia sem abdicar de princípios.



[...] Jogador? Ou deveríamos dizer teatrólogo? Ou cantor? Ou comentarista econômico? Afinal, quem é esse Sócrates que, com o mesmo

desprendimento com que invade a área adversária com a bola nos pés, se insinua se medo por terremos que lhe deveriam ser estranhos? Na semana passada, atendendo a um pedido de PLACAR, ele concedeu ao repórter Aurélio Borba, ao editor Álfio Beccari e ao diretor Juca Kfoury esta entrevista, que teve a exata duração de 6 horas. (Placar, 1983, p. 15, ed. 694)

[...]

PLACAR - Você foi um universitário alienado, sem preocupações sociais ou políticas. Hoje, no entanto, isso faz parte da sua vida. Seria também assim se você, ao invés de um ídolo, fosse apenas um médico bem-sucedido?

Sócrates – Eu sou de uma geração alienada, que não teve informação política, e, além disso, a geração do medo. Havia pessoas sendo presas, torturadas e mortas do nosso lado. Então me isolei. Não queria me informar. Além disso, com 16 anos, eu não tinha nada a ver com o mundo dos caras do centro acadêmico. De modo que o meu processo de conscientização foi bem gradual.

PLACAR – Mas você é bem radical em certas posições...

Sócrates – Sou radical até mudar de idéia. Aí passo a ser radical do outro lado. E nem quero compromissos com a coerência. Quando cheguei a São Paulo, eu só queria jogar até participar de uma Copa do Mundo. Hoje isso mudou, porque descobri que, jogando futebol, eu posso também, como uma figura popular, ser intermediário das aspirações e angústias de milhares de pessoas que se identificam comigo, que me vêem como um guerreiro de sua luta. Quando cheguei a essa conclusão, passei a ter uma postura mais ativa, a aceitar o fato de ser popular. [...]

PLACAR – Isso faz de você um líder político, ainda que você não queira. Hoje você não tem mais o medo dos tempos de faculdade?

Sócrates – Continuo tendo medos existenciais. Só não tenho medo de agir. Mas sei que algumas pessoas querem me derrubar. Só não conseguem em razão da eficiência do meu trabalho profissional. Se eu não jogasse como o Sócrates, já teriam me derrubado. Enquanto não me derrubarem, no entanto, eu pretendo continuar falando. E quero ser mais importante para o meu país depois que deixar o futebol.

PLACAR – Quando isso ocorrer, você será parte da história do futebol, terá sido um dos maiores ídolos populares do país. Poderá continuar dizendo o que quiser, que ninguém colocará as mãos sobre você.

Sócrates – Isso não basta. O que importa é que ninguém seja tocado, que todos tenham a liberdade de ser, de fazer, de acontecer. O resto é consequência disso.

PLACAR – Como você encara as críticas de vários setores à sua participação na discussão de problemas sociais, econômicos ou políticos? Trata-se de preconceitos?

Sócrates – São reflexos da ideologia dominante, para a qual o jogador de futebol não pode ter consciência. Alguns, pensando me defender, dizem: “Se ele estiver jogando bem, tem o direito de dizer o que quiser”. Será que as pessoas têm esse direito de determinar o momento em que as outras possam se manifestar? Me parece absurdo isso [...]. (Placar, 1983, p. 17-18, ed. 694)

Duas edições posteriores, em entrevista com Oscar, então zagueiro capitão do São Paulo, a revista faz menção à entrevista de Sócrates:

“Está faltando prazer no nosso futebol”

PLACAR – Para um ídolo, rico, bonito e solteiro, você se mantém numa posição muito discreta, não frequenta lugares da moda, não desfila por aí. Por quê? Timidez?

Oscar – Não gosto de aparecer e, principalmente, detesto a madrugada. Não vou a lugares só porque estão na moda, faço apenas o que gosto.

PLACAR – E de que você gosta?

Oscar – Cinema, família, papo com amigos, namorar. Também gosto de jantar num restaurante badalado, só que não faço alarde. Acho que ostentar, andar por aí em carrão de luxo é até um acinte, diante da nossa realidade social. Um ídolo deve dar bom exemplo, principalmente para a garotada. O meu carro é um Monza sem frescuras.

PLACAR – O Sócrates também acha que o ídolo deve servir de exemplo. Só que, para ele, isso significa expor suas próprias opiniões, denunciar as injustiças da sociedade. Você concorda?

Oscar – O Sócrates é um cara politizado, eu não sou. Concordo em que há muita coisa errada no país, que precisamos de mudanças urgentes. Mas acho que não adianta nada jogador de futebol reclamar. Em primeiro lugar, porque não estamos preparados; depois, porque passar por subversivo só vai complicar a vida profissional da gente. Eu não sou nenhum bobo, sei que a maioria dos corruptos do país está impune, mas não tomo posição. Ganha mais quem fica em cima do muro. Agora, cada um fala o que quiser, desde que aguente as consequências. (Placar, 1983, p. 26, ed. 696)

Na entrevista com Oscar, *Placar* constrói um contraponto que expõe, de forma implícita, uma crítica velada ao modelo de ídolo marcado pelo conformismo e pela adesão estratégica à lógica dominante do campo esportivo. Embora o jogador reconheça a existência de injustiças sociais e corrupção no país, sua recusa explícita em se posicionar revela uma postura individualista, orientada prioritariamente pela autopreservação da carreira.

Ao afirmar que “ganha mais quem fica em cima do muro”, Oscar naturaliza a renúncia à intervenção pública como escolha racional, transformando o silêncio em virtude e a neutralidade em estratégia. Esse posicionamento se organiza por meio de uma intertextualidade explícita com o discurso de Sócrates, citado diretamente como referência alternativa de atuação pública. Ao estabelecer esse contraste, *Placar* evidencia que a politização não é apenas uma questão de consciência, mas de disposição para assumir riscos simbólicos – algo que o discurso de Oscar explicitamente rejeita, reforçando sua inscrição na norma prudente e acrítica do campo futebolístico.

A título de fechamento do tópico que analisa Sócrates como sujeito crítico e posicionado, vale destacar a centralidade do braço erguido com o punho cerrado como gesto simbólico recorrente, que, assim como o toque de calcanhar, converteu-se em marca identitária do jogador reiteradamente representada por *Placar*.

Se o toque de calcanhar sintetiza sua inteligência futebolística e criatividade, o punho cerrado opera como signo político, associado à luta, à resistência e à afirmação coletiva. Ao insistir visualmente nessas imagens, a revista contribui para fixar Sócrates como figura singular no campo esportivo. Dessa maneira, o jogador

politizado se consolida não apenas pelo que diz, mas pelo modo como age e se apresenta publicamente.

FIGURA 51 - Primeiro registro e capas de *Placar* reiterando o gesto simbólico de Sócrates do braço erguido com o punho cerrado



[*Placar*, edição 582, p. 5](#)
[10 jul. 1981](#)



[*Placar*, edição 620](#)
[09 abr. 1982](#)



[*Placar*, edição 720](#)
[09 mar. 1984](#)



[*Placar*, edição 788](#)
[28 jun. 1985](#)



[*Placar*, edição 795](#)
[16 ago. 1985](#)



[*Placar*, edição 966](#)
[09 dez. 1988](#)

6.2.5 O jogador engajado

A figura do jogador engajado se consolida quando *Placar* enfatiza Sócrates não apenas como sujeito de opinião, mas como agente de ações concretas, causas e

vínculos com movimentos coletivos. Diferentemente do politizado, cuja marca principal é o posicionamento público, o engajado é construído por meio da participação efetiva em processos e iniciativas: sua imagem se organiza em torno de práticas, decisões e intervenções que o conectam a agendas sociais e a formas de mobilização. O engajamento, assim, desloca o jogador do registro da fala para o registro da atuação.

Como exemplo, podemos citar a campanha da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, realizada em meados da década de 1980. Na ocasião, Sócrates cedeu sua imagem para a sensibilização contra os casos de depredação nas escolas públicas:

O doutor apela: cuidem da escola

A partir desta semana, os paulistanos poderão ver Sócrates na tevê três vezes por dia e em 8 500 cartazes espalhados pela cidade, fazendo um apelo à população. Trata-se de uma campanha da Secretaria Municipal de Educação, pela qual o craque nada cobrou, chamada “Ninguém Vira Doutor Quebrando Escola”. A promoção visa a solucionar os casos de depredações costumeiras nas escolas da Prefeitura. “Sócrates legitima a campanha”, diz a secretária Guiomar de Mello. “É ídolo da garotada e foi bem-sucedido na escola.” (Placar, 1984, p. 53, ed. 717)

FIGURA 52 - Artigo de opinião posicionando Sócrates como figura engajada



Placar, edição 717, p. 33
17 fev. 1984

FIGURA 53 - Notícia sobre campanha educativa com participação do jogador



Placar, edição 717, p. 53
17 fev. 1984

Quando o ídolo põe seu carisma em favor do povo

[...] Sócrates reúne uma série de qualidades para fazer uma campanha desse tipo ganhar credibilidade e ser ouvida. Em primeiro lugar, é um homem com um carisma forte, cultivado pela imagem positiva que criou. E, além do seu caráter, é um atleta que notoriamente tem um diploma universitário. E importante: como cidadão, já demonstrou seu interesse em participar de campanhas em favor da comunidade. [...]

Sócrates deixou de ser um ídolo da torcida corintiana para se tornar uma espécie de instituição. Pois isso dá uma maior legitimidade à campanha. [...]

A presença de Sócrates nos faz também refletir sobre o importante e belo papel que um ídolo pode ter junto à sua comunidade, emprestando sua popularidade em favor de uma boa causa. Um ídolo é um interlocutor que produz empatia imediata, especialmente quando irradia respeito. De modo que, com seu testemunho e atitudes, pode ser uma referência positiva à população. É uma espécie de compromisso que estabelece com a mesma comunidade que o aplaude e admira. Sócrates tem essa consciência que aliás está presente em todos os seus momentos como atleta e cidadão. (Placar, 1984, p. 33, ed. 717)

O artigo de opinião “Quando o ídolo põe seu carisma em favor do povo”, assinado pela então secretária municipal de Educação de São Paulo, Guiomar Mamo de Mello, articula esporte, educação e cidadania ao apresentar Sócrates como figura pública engajada. O texto contextualiza a campanha, enfatizando o caráter gratuito da participação do atleta e seu valor simbólico junto ao público jovem. Paralelamente, amplia o debate, relacionando educação, responsabilidade coletiva e o papel dos ídolos na formação cidadã.

Na década de 1990, já afastado da atividade profissional nos gramados, Sócrates integrou, ao lado de sua mãe, Guiomar, e de outros ídolos do futebol brasileiro, a edição especial intitulada “Paz nos estádios”, dedicada ao debate sobre a violência no futebol e à necessidade de reconfiguração das relações entre torcedores, clubes, dirigentes e jogadores.

FIGURA 54 - Edição especial contra a violência nos estádios



Placar, edição 1114B
Abril de 1996 (Acervo Museu do Futebol)

Apesar dos exemplos citados, o engajamento de Sócrates, assim como seu posicionamento político, não aparece de imediato em sua trajetória. No início da carreira, líder relutante, ele conquista visibilidade, mas se recusa a assumir o papel de ídolo e porta-voz dos anseios coletivos. É nesse intervalo que *Placar* atua como instância mediadora, cobrando posicionamento e forjando a figura de Sócrates, contribuindo para a construção de sua imagem pública.

FIGURA 55 - Entrevista “O diagnóstico do doutor”, assinada por Sérgio Martins



[Placar, edição 583, p. 28-29](#)
[17 jul. 1981](#)

O diagnóstico do doutor

PLACAR – No ano passado, durante a briga para a renovação do seu contrato, você declarou que, até mais importante do que o dinheiro, era modificar o tipo de relacionamento entre diretoria e jogadores. Um ano depois, como está a situação?

Sócrates – Houve uma melhora substancial. O mínimo que eu esperava. Afinal, você não pode modificar o comportamento das pessoas de uma hora para a outra. Agora me sinto bem mais à vontade dentro do clube, mais feliz.

PLACAR – A impressão que se tem é que sua proposta era de modificações mais profundas, não?

Sócrates – Era uma ideia. Mas você em obrigação de preservar a integridade administrativa do clube.

[...]

PLACAR – Os jogadores do Corinthians acham que você hoje tem lutado pouco por eles.

Sócrates – Procuro transmitir o que vejo de melhor. Agora, se isso é insuficiente para algumas pessoas não posso fazer nada.

PLACAR – O Vladimir, por exemplo, convidou você para participar mais do Sindicato dos Atletas Profissionais de São Paulo, emprestando seu nome à luta da categoria, e você não topou.

Sócrates – Eu não teria possibilidade de uma participação ativa. Depois, é uma luta inglória. O pessoal da classe não participa da luta.

PLACAR – Não seria uma acomodação alegar que é uma luta inglória?

Sócrates – Apenas tenho consciência de que não posso fazer nada, que não conseguirei mudar nada, mesmo que tenha idéias boas.

PLACAR – Mas estando no sindicato, com o prestígio que atingiu hoje, você não poderia ajudar na conscientização da categoria?

Sócrates – Uma forma de conscientização é explanar pontos de vista. É a única maneira que vejo de participação. E tenho feito isso, mesmo sem pertencer ao sindicato.

[...]

PLACAR – Mas você não acha que poderia estar dando mais ao Corinthians e aos jogadores?

Sócrates – *Minha produção depende de que eu viva bem. Estou a um ano daquilo que mais quero – a Copa do Mundo. Estou há sete anos no futebol para chegar a isso. Foi um sacrifício muito grande, que não vou jogar fora. Tenho auto-crítica e sei que faço o que posso.*
(Placar, 1981, p. 28-29, ed. 583)

Ao longo da entrevista, Sócrates recusa reiteradamente o papel que *Placar* tenta lhe atribuir: o de líder político-sindical e porta-voz coletivo dos jogadores. Essa recusa não aparece como silêncio ou evasão, mas como argumentação racionalizada.

O discurso de Sócrates revela uma postura individualista assumida, que atravessa toda a entrevista. Esse individualismo não é apresentado como egoísmo, mas como ética da responsabilidade consigo mesmo. *Placar*, por sua vez, assume papel central e ativo na entrevista. A revista insiste sistematicamente em enquadrar Sócrates como alguém que deveria fazer mais pelo clube, pelos jogadores, pela categoria.

Essas formulações revelam uma tentativa de responsabilização moral: *Placar* associa prestígio a obrigação política, tentando converter visibilidade midiática em dever de liderança. Trata-se de uma elaboração discursiva que busca empurrar Sócrates para o papel de ídolo engajado – papel que ele explicitamente rejeita.

O texto revela uma tensão entre a expectativa midiática, que deseja um líder engajado, e a autoimagem de Sócrates, que ainda resiste ao lugar de ícone político. Nesse sentido, a revista atua menos como mediadora neutra e mais como instância de pressão simbólica, tentando alinhar a figura pública de Sócrates a uma expectativa de engajamento coletivo que ainda não se materializara plenamente em 1981.

Esse descompasso ajuda a explicar por que Sócrates tardou a se engajar plenamente na Democracia Corinthiana (ver adiante tópico 6.3.2. Sócrates e a Democracia Corinthiana). Embora tenha se tornado, posteriormente, um de seus principais ícones e porta-vozes, não foi ele quem encabeçou o movimento em seus primórdios, tampouco assumiu de imediato o papel de liderança política coletiva que a revista e parte do ambiente esportivo passaram a lhe atribuir.

Nos primeiros momentos, sua atuação se manteve mais próxima da crítica discursiva e da defesa de princípios gerais do que da militância organizada ou da participação institucional direta. A imagem do líder engajado, hoje amplamente consolidada em sua biografia e na memória do movimento, revela-se, portanto,

resultado de um processo gradual de deslocamento simbólico, no qual *Placar* desempenhou papel central.

O craque

Eleito Craque do Ano de PLACAR, em 1982, o **Doutor Sócrates** alcança o ápice de sua carreira, às vésperas de completar 29 anos. Plenamente integrado ao Corinthians, **é o condutor técnico e ideológico do grupo**, legitimado tanto por seu gabarito de craque como por **suas democráticas idéias e ideais**.

Há quatro anos no Timão, nada o estimula mais que perseguir o título brasileiro, para **coroar um projeto ao qual vem dedicando suas energias: mudar as relações entre clube e jogadores**, muito conversadoras a seu ver. (Placar, 1983, p. 34, ed. 660, grifo nosso)

É a partir de abril de 1983 que esse deslocamento se torna mais visível: conforme será aprofundado no tópico 6.3.2, a edição 672 constitui um ponto de virada na narrativa construída pela revista sobre a Democracia Corinthiana, ao vincular de forma mais direta Sócrates ao núcleo dirigente do movimento. A partir desse momento, diferentes vozes (jornalistas, dirigentes, companheiros de equipe e o próprio discurso editorial de *Placar*) passam a reconhecê-lo como liderança da DC, quando não sua principal voz pública. Dessa forma, o engajamento de Sócrates deixa de ser apenas potencial ou esperado e passa a ser discursivamente afirmado e estabilizado, consolidando a figura do jogador engajado.

A matéria a seguir se insere no contexto do início de 1983, momento em que o Corinthians vivia o auge esportivo e simbólico do projeto que viria a ser consolidado como Democracia Corinthiana, ao mesmo tempo em que o futebol brasileiro enfrentava forte pressão do mercado internacional pela exportação de seus principais jogadores.

Publicada em meio às negociações envolvendo a possível saída de Sócrates para o exterior, a reportagem responde a esse cenário ao valorizar sua permanência no clube como gesto de compromisso coletivo e coerência com o projeto democrático em curso.

O título “Obrigado, Doutor!” sinaliza uma tomada de posição editorial clara, na qual *Placar* se alinha à narrativa da fidelidade, da liderança e da responsabilidade social do craque, contrapondo-se à lógica puramente mercantil do futebol. Ao reunir, na mesma edição, imagens de celebração coletiva e textos que discutem a exportação de jogadores, a revista enquadra a decisão de Sócrates como símbolo de um futebol engajado nos “novos tempos” do país, reforçando sua centralidade como

sujeito-síntese do movimento e preparando o terreno para sua consolidação definitiva como principal rosto público da Democracia Corinthiana.

FIGURA 56 - Reportagem “Obrigado, doutor!”, assinada por Juca Kfouri



[Placar, edição 683, p. 15-17](#)
[24 jun. 1983](#)

Obrigado, doutor!

[Linha fina] O grande ídolo dos corinthianos dá uma inédita demonstração de amor aos seus fãs e ao clube. Resolve não aceitar a sedutora proposta dos italianos do Roma e, coerentemente, assina embaixo: prefere seguir adiante com a democracia alvinegra

No plano visual, a composição das imagens reforça hierarquias simbólicas entre os jogadores. Embora Wladimir apareça ao lado de Sócrates em cenas de comemoração e celebração coletiva, sua presença é construída de forma coadjuvante. O enquadramento privilegia Sócrates como figura central: ele ocupa posições de maior destaque, é associado diretamente ao título da matéria e concentra o capital simbólico da narrativa.

Wladimir surge como parte do coletivo que sustenta o projeto democrático, mas não como seu principal emblema naquele momento editorial. Essa opção visual e narrativa evidencia uma operação recorrente de *Placar*: ainda que reconheça a importância política e histórica de Wladimir na Democracia Corinthiana, a revista tende a condensar o movimento em torno de Sócrates.

Nesse sentido, a imagem contribui para a consolidação de uma memória hierarquizada do movimento, na qual a liderança simbólica é progressivamente concentrada no “Doutor”, enquanto outros protagonistas aparecem como apoios fundamentais, porém secundarizados no enquadramento midiático.

Esse deslocamento torna-se ainda mais evidente quando *Placar* passa a legitimar essa centralidade por meio de vozes externas ao campo esportivo, como no artigo de opinião do sociólogo Bolívar Lamounier, publicado em dezembro de 1983.

FIGURA 57 - Artigo de opinião “No Corinthians, a abertura deu certo”, assinado por Bolívar Lamounier



Placar, edição 709, p. 33

23 dez. 1983

No Corinthians, a abertura deu certo

O que Sócrates e seus amigos fazem é exigir respeito como atletas e cidadãos. Que isso sirva de exemplo para o povo, que às vezes nem sequer sabe reivindicar os seus direitos.

A quantas anda a chamada democracia corintiana? Qual é hoje o seu significado, dentro e fora do futebol?

Façamos um breve retrospecto. Quando Sócrates, Wladimir e seus companheiros, com o apoio ostensivo de Adílson Monteiro Alves, começaram a mudar as coisas no Parque São Jorge, surgiu evidentemente uma grande curiosidade a respeito das opiniões de jogadores de outros clubes, inclusive de outros Estados. Essas opiniões, salvo engano, dividiam-se claramente em dois campos. Quem era contra, abria logo o jogo, dizendo que futebol não é política, que técnico precisa ter autoridade para disciplinar, e coisa e tal. Daria em bagunça, palavra utilizada algumas vezes, inclusive por jogadores de renome.

Quem era a favor, raramente colocava abertamente sua posição. Reinaldo, do Atlético Mineiro e Elói, então no Vasco, fizeram-no de maneira entusiástica, mas a maioria preferiu a fórmula mais cautelosa: “Vai depender dos resultados”, diziam. [...] Pois bem. No caso do Corinthians, os resultados

estão aí para quem quiser ver. [...] Quer isto dizer que agora, munida de um currículo indiscutível, a democracia corintiana vai empolgar outros clubes e se alastrar pelo país? Não creio. Pelo menos, não de imediato. Acho que no atual Corinthians a democracia se tornou possível devido a uma conjuntura muito feliz de circunstâncias, que não se reproduz facilmente em outros clubes. Há um diretor realmente aberto ao diálogo, coisa rara. Há um craque, Sócrates, líder dentro do campo, que é também, fora dele, um cidadão em toda a extensão da palavra. Há todo um grupo de jogadores e funcionários lúcidos, atentos à vitalidade política que os cerca na cidade de São Paulo. (Placar, 1983, p. 33, ed. 709)

Ao formular a experiência como aquilo que “Sócrates e seus amigos fazem”, o texto opera uma síntese discursiva que personaliza o processo coletivo e reinscreve a Democracia Corinthiana sob a lógica do sujeito-síntese: o craque aparece como líder dentro e fora de campo, “cidadão em toda a extensão da palavra”, enquanto o grupo surge como prolongamento de sua iniciativa.

Ainda que Lamounier reconheça a importância de outros agentes – dirigentes abertos ao diálogo e jogadores atentos ao contexto político –, a formulação reforça a ideia de que a viabilidade do movimento repousa, sobretudo, na figura excepcional de Sócrates. Dessa maneira, *Placar* contribui para transformar uma experiência plural e atravessada por tensões em uma narrativa mais coesa e personalista, na qual a Democracia Corinthiana passa a ser lembrada, progressivamente, como a história de “Sócrates e seus amigos”.

Uma vez consolidada e estabilizada a associação entre Sócrates e a Democracia Corinthiana, essa relação passa a ser retomada de forma recorrente nas edições especiais, retrospectivas e números comemorativos de *Placar*. Nesses produtos editoriais, a experiência democrática do Corinthians deixa de ser apresentada como processo histórico marcado por disputas e ambiguidades e passa a figurar como elemento constitutivo da biografia do jogador.

Retrospectiva, primeira edição da década de 1990:

Os anos 80

Vitória, talento e democracia

A receita ideal para uma grande conquista

O marcador eletrônico do Morumbi apontava 45 minutos do segundo tempo quando Sócrates recebeu um magnífico passe de calcanhar de Zenon e fulminou para a meta são-paulina, fazendo 1 x 0 e consolidando o bicampeonato para o Corinthians. O gol enlouqueceu o estádio naquela noite de 14 de dezembro de 1983 [...]. Mais que voltar a conquistar um bicampeonato paulista depois de 31 anos, o Corinthians festejava a vitória da abertura e do diálogo.

Afinal, em 1982, sob a liberdade da Democracia Corinthiana, os jogadores se convenceram de que podiam pensar por si mesmos. Assim, capitaneados

pelo meia Sócrates, o time realizou a melhor campanha do Campeonato Paulista [...] (Placar, 1990, p. 24-25, ed. 1021)

Edição Placar Especial 35 anos (2005):

A vitória da Democracia

Mais do que apenas um grande time, o Corinthians de 1982/83 foi o símbolo de um novo momento político-social do país

Começou como uma nova forma de gestão do futebol, em que dirigentes, comissão técnica e atletas sentavam à mesa para tomar as decisões referentes à equipe. Isso criou um grupo coeso que, contando com grandes jogadores, fez do Corinthians um time vencedor. Comandados pelo técnico Mário Travaglini no banco e no campo pelo “Doutor” Sócrates, o elenco contava ainda com o incansável Biro-Biro, a revelação Casagrande, os experientes Zenon e Wladimir. Em 1983, ainda participou o polêmico goleiro Leão. Atletas que foram bons com a bola nos pés e fora dos gramados deixaram claras suas convicções políticas, no momento em que o Brasil também respirava ares de democracia com o movimento “Diretas Já”. Pelo talento e pela importância fora das quatro linhas, fica fácil entender o porquê de estar entre os maiores esquadrões. (Placar, 2005, p. 22)

Especial Meu time dos sonhos (2006):

Timão de todos os timões

Tem craques do IV Centenário, do fim do jejum de 1977, da Democracia Corinthiana, dos Brasileiros de 1990 e 1998... além de Rivelino, é claro (Placar, 2006, p. 16, ed. 1301B)

[...]

Sócrates

Única unanimidade desta votação. Herdou um time recém-saído do trauma dos 22 anos sem títulos e deixou uma equipe vencedora, três vezes campeã paulista em cinco anos, graças à sua visão de jogo e toques de calcanhar. Fora de campo, liderou a Democracia Corinthiana. Jogou as Copas de 1982 e 1986. (Placar, 2006, p. 18, ed. 1301B)

Edição colecionador Placar Especial 40 anos (2010):

Sócrates

Com um estilo único e elegante de jogar, Sócrates impressionava pela capacidade de conciliar a vida de atleta com a acadêmica – cursava medicina –, a boemia e a política. Ao lado de Casagrande, “Magrão” foi um dos ícones da Democracia Corinthiana e do apoio às Diretas Já. Disputou as Copas de 1982 e 1986. (Placar, 2010, p. 67, ed. 1341)

Edição colecionador Sport Club Corinthians Paulista 100 anos de paixão (2010):

Homens de preto e branco

De 1910 até agosto de 2010, 1264 jogadores vestiram pelo menos uma vez a camisa do Corinthians. Entre esses, escolhemos 100 – para representar todos aqueles que com raça ou técnica, talento ou devoção, ajudaram a escrever a centenária história do Timão. (Placar, 2010, p. 29)

[...]

Sócrates

Para o Corinthians, a importância do Doutor Sócrates, jogador formado em Medicina, ultrapassou as linhas do gramado. Fora de campo, ele foi o principal líder da Democracia Corinthiana, movimento em meio à abertura política vivida pelo país tentou democratizar também o futebol. Dentro de campo, Sócrates liderou o Timão nas conquistas de três títulos paulistas, principalmente em 1983, quando marcou todos os gols nas semifinais, contra o Palmeiras, e finais, contra o São Paulo. Era corintiano quando disputou a Copa de 82. (Placar, 2010, p. 31, ed. 1345C)

Sócrates é reiteradamente convocado como principal emblema do movimento, fixando uma leitura retrospectiva na qual a Democracia Corinthiana se torna inseparável da figura do “Doutor”. Esse movimento evidencia o fechamento simbólico da narrativa: aquilo que foi, em seu surgimento, coletivo e plural é progressivamente condensado em um personagem-síntese, cuja imagem passa a operar como referência estabilizada para o engajamento político no futebol brasileiro.

6.2.6 O transgressor

A figura do transgressor emerge quando *Placar* passa a representar Sócrates como sujeito que rompe, de modo recorrente e consciente, com normas instituídas do campo esportivo. Trata-se de uma construção discursiva que enfatiza sua recusa a papéis disciplinados tradicionalmente atribuídos ao atleta profissional, bem como seu enfrentamento simbólico a hierarquias, convenções comportamentais e expectativas de neutralidade.

A transgressão, nesse caso, não se manifesta como gesto isolado ou episódico, mas como postura reiterada que atravessa falas, atitudes e performances públicas, consolidando a imagem de um jogador que tensiona os limites do que se espera de um ídolo do futebol.

No discurso da revista, essa transgressão assume múltiplas formas. Ela aparece na disposição de Sócrates em criticar dirigentes, questionar estruturas autoritárias, relativizar a centralidade do dinheiro na carreira esportiva e expor opiniões consideradas inadequadas ou inconvenientes para um atleta de alta visibilidade.

Ao agir dessa maneira, o jogador desestabiliza a lógica de conformidade que rege o campo futebolístico, no qual a obediência, o silêncio e a adesão às regras tendem a ser valorizados como virtudes profissionais. *Placar*, ao destacar e enaltecer

esses gestos, contribui para enquadrá-los não como desvios a serem corrigidos, mas como marcas distintivas de personalidade e autenticidade.

Na edição de 14 de setembro de 1979, a revista confere destaque de capa a Sócrates ao enquadrar publicamente o desgaste provocado pela rápida ascensão à condição de principal estrela do Corinthians. Sob a manchete de forte impacto – que anuncia a possibilidade de “largar tudo” –, a edição dramatiza o conflito entre o prazer de jogar futebol e as pressões impostas pela fama, pela maratona de jogos e pelas engrenagens do espetáculo esportivo.

FIGURA 58 - Capa e matéria “Vou largar tudo!”, assinada por Maurício Cardoso



[Placar, edição 490, p. 20](#)
[14 set. 1979](#)

Escravo da fama, jogando por obrigação, Sócrates ameaça: “Vou largar tudo!”

O ritmo das partidas é alucinante. Já não pode sair às ruas. A imprensa não o deixa em paz. As pressões vêm de todo lado. Sócrates está a pique de estourar.

- [...] Em menos de um ano minha vida sofreu uma transformação radical, que tem me deixado muito confuso. O futebol está se convertendo num peso para mim. [...] Hoje tenho consciência de que sou um ídolo nacional. Não estava preparado para isso, talvez porque nunca pretendi ser um grande ídolo. [...] É um processo difícil, porque quero viver minha vida, dar a atenção que devo à minha família, quero fazer as coisas que gosto e que já não posso. Não tenho mais direito à privacidade, não tenho mais direito de dispor de mim mesmo. Não tenho liberdade para sair de casa, não posso ficar à vontade em nenhum lugar. [...] Estou tentando reorganizar-me para enfrentar essa nova situação. Está difícil, mas quero colocar cada coisa no seu devido e merecido

lugar. Uma coisa é certa. Se tiver de escolher entre viver minha vida com minha família e jogar futebol, eu não tenho dúvida. Paro com o futebol. E não espero nem a Copa do Mundo. (Placar, 1979, p. 20, ed. 490)

Na mesma edição, o editorial assinado por Juca Kfouri constrói Sócrates como figura que entra em conflito com as estruturas naturalizadas do futebol brasileiro.

Opinião de Placar

Sócrates, a melhor coisa acontecida no futebol brasileiro nos últimos tempos, cansado, irritado, desabafa e ameaça até com a terrível hipótese de abandonar a bola. [...] estafado pela maratona a que é submetido, talvez num momento de irritação. Talvez. Mas, perguntamos, que futebol é esse incapaz de satisfazer um ídolo que optou pela profissão principalmente pelo prazer que sente em jogar bola? A questão é de incompetência e, no fundo, de política rasteira. [Juca em crítica à CBD, à estrutura e gestão do futebol brasileiro] (Placar, 1979, p. 11, ed. 490)

FIGURA 59 - Editorial assinado por Juca Kfouri



[Placar, edição 490, p. 11](#)
[14 set. 1979](#)

Ao narrar o “desabafo” e a ameaça de abandonar a bola, o texto desloca o problema do plano individual (“cansaço” ou “irritação momentânea”) para uma crítica estrutural, questionando “que futebol é esse” incapaz de satisfazer um ídolo movido pelo prazer de jogar. Nesse enquadramento, a eventual ruptura de Sócrates com a carreira esportiva aparece menos como fraqueza pessoal e mais como gesto-limite, que expõe a incompetência administrativa e a “política rasteira” da CBD e do sistema futebolístico.

Assim, Sócrates é representado como sujeito de atitude por colocar em xeque a própria lógica do campo, ao recusar a submissão silenciosa às engrenagens do espetáculo. *Placar*, por sua vez, legitima essa transgressão ao transformá-la em denúncia pública, alinhando-se ao jogador e reforçando sua imagem como alguém que tensiona os limites do campo esportivo, recusando a naturalização do sacrifício e expondo, já naquele momento, as contradições de um modelo que subordina o prazer e a autonomia do atleta às exigências institucionais e mercadológicas.

A figura do transgressor também se articula ao corpo e à performatividade. Gestos como o braço erguido com o punho cerrado, bem como declarações públicas e escolhas de vida – o gosto pelo álcool e pelo cigarro – que escapam ao modelo do atleta disciplinado, funcionam como sinais de ruptura simbólica.

Esses elementos reforçam a imagem de um jogador que se permite ocupar um lugar liminar, entre o esporte e a crítica social, recusando a redução de sua identidade à função de entretenimento. Nesse sentido, a transgressão opera como princípio de diferenciação, aproximando Sócrates de uma figura intelectualizada e politicamente consciente, mas também potencialmente incômoda ao sistema.

A matéria publicada na edição 501, em 1979, insere-se em um momento de consolidação de Sócrates como destaque do Corinthians e da Seleção e de crescente exposição midiática de sua vida cotidiana. O trecho citado – que descreve uma cena banal, envolvendo café, cigarro e uma partida de cartas – ilustra uma estratégia narrativa recorrente da revista naquele período: humanizar o ídolo por meio de situações prosaicas, deslocando-o momentaneamente do campo esportivo para o espaço da convivência íntima.

Tirando a crise de calcanhar

Depois de uma temporada brilhante, confirmando suas altas qualidades no Timão e na Seleção Brasileira, Sócrates caiu muito e chegou a ser vaiado pela Fiel. Consciente, ele aprova as críticas e, ajudado pelos companheiros, vai lutando para mostrar por que é, na atualidade, um dos maiores jogadores do Brasil.

Depois do almoço, um cafezinho forte. E veio a vontade louca de fumar. Mas não havia cigarros nos bolsos, nas gavetas, no quarto inteiro.

– Ô, Feijão, manda trazer um maço lá da portaria – pediu Sócrates ao fim de uma busca inútil, já se preparando para a partida de buraco da tarde.

Amaral, o Feijão, começou a embaralhar as cartas e piscou para os parceiros como se não tivesse ouvido.

– E o maço? – insistiu o doutor.

– Vê se te manca, Magrão – respondeu Amaral, arriando a primeira trinca na mesa. (*Placar*, 1979, p. 4, ed. 501)

Ao mesmo tempo, esse enquadramento reforça tensões próprias do início de sua trajetória como figura pública de grande projeção, quando hábitos pessoais e comportamentos passam a ser observados, regulados e comentados pelos pares e pela imprensa. Assim, a matéria antecipa temas que se tornarão centrais na construção de sua imagem – como a recusa à disciplina rígida e a resistência a normas impostas – ao apresentar Sócrates em um registro cotidiano que já sugere fricções.

A reportagem “Craque brasileiro, com muito prazer”, publicada na edição 585 de *Placar*, em 1981, propõe um debate sobre o modo de vida e os hábitos pessoais de diferentes ídolos do futebol brasileiro no início dos anos 1980. A matéria articula episódios cotidianos, como o consumo de bebidas, o fumo e momentos de descanso, para discutir os limites entre imagem pública e vida pessoal, questionando a moralização do comportamento do atleta fora de campo.

Nesse conjunto, *Placar* aprofunda a construção de Sócrates sob a chave da transgressão consciente que se converte em gesto simbólico de afirmação de autonomia.

FIGURA 60 - Reportagem “Craque brasileiro, com muito prazer”, assinada por Marcelo Rezende



[Placar, edição 585, p. 51-54](#)
[31 jul. 1981](#)

[...] Uma decisão corajosa, que faz lembrar uma atitude de Sócrates na recente excursão da Seleção à Europa. Depois da vitória sobre a Alemanha, o Doutor estava bebendo uma cervejinha quando um repórter de tevê se

aproximou pedindo licença para gravar uma reportagem. Licença concedida, o repórter tratou de tirar as garrafas de cima da mesa.

– Que é isso, rapaz? – perguntou Sócrates.

– É para não comprometer sua imagem – respondeu o repórter.

– Larga isso aí! Eu bebo a hora que quero. Já estou velho e cheio de filhos. Só tenho um pai e não preciso de outro. (Placar, 1981, p. 53-54, ed. 585)

Ao reagir à tentativa do repórter de “preservar sua imagem”, o jogador recusa explicitamente a tutela moral imposta pela mídia e pelo espetáculo esportivo, reivindicando o direito de gerir sua própria vida e seu corpo. A frase “não preciso de outro pai” sintetiza esse movimento de ruptura com a infantilização do atleta e com a expectativa de comportamento exemplar rigidamente controlado.

Dois anos mais tarde, na edição de 14 de outubro de 1983, Juca Kfouri dedica a íntegra de seu editorial, intitulado “Deixem Sócrates em paz”, à defesa do jogador:

FIGURA 61 - Editorial “Deixem Sócrates em paz”, assinado por Juca Kfouri



[Placar, edição 699, p. 3](#)
[14 out. 1983](#)

Deixem Sócrates em paz

Sócrates é o melhor jogador em atividade no país. Isso, ninguém discute.

Sócrates não é um craque comum, seja pela sua inteligência, seja pela sua formação e sensibilidade. Isso, também, parece indiscutível.

Sócrates anda preocupando algumas pessoas que não o entendem e que imputam a supostos excessos a sua má forma física.

Sócrates não precisa de advogados e é um dos artilheiros do Campeonato Paulista.

Sócrates acha que futebol se joga muito mais com a cabeça do que com o resto.

Sócrates não esconde o cigarro de ninguém e toma cerveja em público, porque gosta de fumar e de beber.

Sócrates só é o jogador que é porque vive como quer no Corinthians e, provavelmente, largaria o futebol se o prazer de jogá-lo lhe proibisse alguns outros.

Sócrates certamente não é e nem jamais foi um atleta na acepção do termo, o que explica a sua originalidade.

Sócrates não gosta de concentração, porque é criativo, se indigna com ela, porque tem personalidade, e luta por um tratamento adulto e profissional em relação aos jogadores, sem paternalismos.

Sócrates, por exemplo, foi o único craque convidado a participar do debate sobre profissionalismo no futebol que se realizará no próximo dia 20, na Câmara dos Deputados, em Brasília – e veja lá a CBF se não vai impedi-lo de comparecer porque o Brasil joga na mesma data, em Uberlândia. O debate é de manhã, o jogo à noite.

Sócrates, entre nossos gênios, optou solidariamente por ficar no país, e merece ser tratado como quem virou as costas para a fortuna em nome de um projeto que tem muito a ver com o momento vivido pelo Brasil, tanto no esporte como fora dele.

Sócrates não há de estar preocupado com quem o ataca apenas para ganhar notoriedade, entre outras coisas porque estes são por demais notórios...

Sócrates, entretanto, deve ficar magoado quando a incompreensão atinge pessoas que respeita.

Sócrates fuma, bebe, se rebela contra aprisionamentos, não respira futebol, faz gols e joga melhor do que qualquer outro ídolo por aqui.

Uma hora ele desiste. (Placar, 1983, p. 3, ed. 699)

Em seu texto – marcado pela anáfora do nome “Sócrates” –, Juca assume frontalmente a defesa do jogador, posicionando-se não apenas como jornalista, mas como intérprete e avalista de sua singularidade.

Ao organizar o texto por meio da repetição insistente do nome “Sócrates”, o diretor de redação de *Placar* constrói uma enumeração enfática que articula talento, inteligência, autonomia e inconformismo, transformando o editorial em um gesto de tomada de posição.

O editorial provocou a reação de um leitor, que teve sua carta publicada e respondida na seção *Camisa 12* da edição de 11 de novembro de 1983:

Polêmica: Sócrates e Placar

Sempre considere *Placar* uma publicação imparcial e objetiva. Mas de um certo tempo para cá noto um destaque desproporcional para um jogador que é, no mínimo, intrigante: Sócrates. Do talento do Doutor não se pode duvidar. Ele é realmente o maior craque brasileiro da atualidade. Mas *Placar* está ultrapassando os limites e transformando-se numa espécie de advogado do atleta. Exemplifico com aquela quilométrica entrevista de semanas atrás, ou com a furiosa investida contra o goleiro Waldir Peres, que ousou contrariar esse que se tem revestido de superpoderes, como se fosse o único craque puro, infalível em todos seus atos.

E o que dizer então do editorial “Deixem Sócrates em paz”, onde o diretor Juca Kfoury defende o craque corintiano como se ele (ou Ele?) estivesse indefeso diante de uma multidão ameaçadora, invisível e reacionária. Respeito as opiniões do competente diretor de *Placar*. Mas acho que, além da perigosa nuvem de parcialidade que a militância pró-Sócrates pode

sugerir, é antes de mais nada pouco educada a citação de que o Doutor “virou as costas para a fortuna”, pois ela denota como traidores da pátria homens como Zico, Pedrinho ou Falcão, que daqui se foram no mais legítimo exercício do livre arbítrio tão elogiado no jogador corintiano.

Se Sócrates é craque, é original e inteligente, deixemos que ele caminhe por seus próprios passos e arque com as consequências.

Paulo César Leme Minchin, Porto Alegre, RS

O diretor de *Placar* responde:

1. Sua opinião, caro Paulo César, merece o nosso respeito, embora as divergências sejam óbvias.
2. Demos à entrevista de Sócrates a dimensão que, como você mesmo diz, o maior jogador em atividade no país merece.
3. Não investimos contra Waldir Peres. Criticamos a sua opinião enquanto presidente do sindicato dos atletas.
4. Há realmente uma onda de conservadorismo contra o estilo que Sócrates representa. Talvez ela seja “invisível” em Porto Alegre. Não o é em São Paulo.
5. Em nenhum momento nos ocorreu a pecha de “traidores” aos que foram embora exercitando um direito incontestável. Apenas quisemos dar valor a quem ficou e, se a impressão que restou foi essa, aí vai um pedido de desculpas.

Escreva sempre. (*Placar*, 1983, p. 73, ed. 703)

A publicação da carta do leitor e da resposta do diretor explicita de forma rara e transparente a disputa de sentidos em torno da figura de Sócrates e do próprio papel editorial de *Placar*. A reação do leitor denuncia aquilo que percebe como excesso de personalização e militância, acusando a revista de abandonar a imparcialidade jornalística para assumir uma postura de “advogada” do jogador.

Essa crítica revela o incômodo gerado pela centralidade simbólica de Sócrates, já então investido de um estatuto excepcional, descrito pelo leitor como alguém revestido de “superpoderes”. A carta ainda evidencia a percepção de que a defesa de Sócrates implicaria, ainda que indiretamente, a deslegitimação de outros craques que optaram por jogar no exterior, a exemplo de Zico e Falcão, introduzindo uma tensão entre liberdade individual e lealdade simbólica ao futebol nacional.

A resposta de Juca Kfoury confirma e legitima a tomada de posição editorial. Longe de recuar, o diretor reafirma os critérios que orientam a cobertura – a excepcionalidade do jogador, a crítica ao conservadorismo e a valorização de quem “fica” – ao mesmo tempo em que busca recalibrar o alcance moral de seus argumentos, chegando a pedir desculpas pelo efeito interpretativo produzido.

Esse diálogo público revela que a construção de Sócrates como figura transgressora e exemplar não se dá sem resistência, mas emerge justamente do confronto entre visões opostas sobre o papel do ídolo, do jornalismo esportivo e da política no futebol.

Nessa perspectiva, *Placar* não apenas constrói a imagem de Sócrates, mas expõe o processo de sua legitimação como objeto de controvérsia, reafirmando que a excepcionalidade do jogador se define também pelo debate que provoca e pelas fraturas simbólicas que escancara no campo esportivo e midiático.

Em meados da década de 1980, contudo, o tratamento dispensado por *Placar* a Sócrates passa por um processo de mudança. Diferentemente dos textos anteriores, nos quais seus hábitos pessoais eram frequentemente ressignificados como traços de personalidade, autenticidade ou mesmo genialidade, aqui a narrativa é atravessada por um tom de desgaste e ambivalência.

FIGURA 62 - Reportagem-entrevista “Bebo, fumo e penso”, assinada por Marcelo Rezende



[Placar, edição 823, p. 31-33](#)
03 mar. 1986

“Bebo, fumo e penso”

São abraços, apertos de mãos, sorrisos. Todos, jogadores da Seleção Brasileira, repórteres, dirigentes e torcedores, felicitam o apoiador Sócrates no dia de seu aniversário: 32 anos, completados na quarta-feira, 19 de fevereiro. Parece uma cena comum e feliz de fraterna amizade. Mas não é: muitos daqueles que o abraçam e o festejam, ao vê-lo pelas costas, torpedeiam: “À noite, ele bebe todas as cervejas que existirem neste hotel”. Foi o próprio Sócrates, com o inseparável cigarrinho Charm, consumido em profundas tragadas, quem ajudou a construir esta imagem. Hoje, seu inegável talento está relegado a um segundo plano. Jornais, revistas, noticiários de rádio e TV tratam o craque Sócrates como fumante inveterado, bebedor e mais voltado à retórica política que a seu ofício principal: simplesmente jogar um invejável futebol.

[...] Os últimos dois anos não foram lá muito bons para Sócrates. Se enriqueceu, ao se transferir do Corinthians para o futebol italiano, sua

experiência na Fiorentina foi um desastre. Alegria, ao ser contratado a 13 de setembro de 1985 pelo Flamengo; tristeza, logo depois, ao fraturar o tornozelo esquerdo num treino, dois dias antes do que seria sua estreia: um Fla-Flu, do Campeonato Carioca, a 17 de novembro. [...]

Envolvido por críticas e descrença, Sócrates se apresentou na semana passada à Seleção Brasileira. Era, entre todos os jogadores, o mais malvestido – tênis sujo, calça desbotada, camiseta em péssimo estado. Mas, ídolo que é, foi cercado, dezenas de vezes entrevistado, superado apenas por Zico e pelo apoiador Falcão.

Falou de sua alegria com a vida carioca, de suas preocupações sociais, de seus planos com a Seleção. Em dez entrevistas ao longo da semana, falou quatro vezes enquanto jogador de futebol; e seis vezes “a nível de emoção social”, o que levou um repórter nordestino, na apresentação, a confidenciar: “Tem vezes que não entendo nada do que ele diz”.

Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, com seu 1,90 m, quatro filhos, vive um momento curioso: há cinco meses no Rio, não deu uma entrevista sequer que repercutisse nacionalmente, bem ao contrário dos tempos de São Paulo. Alguns já criticaram seu modo de falar e acham velho seu discurso, sem nem lhe dar uma oportunidade de se explicar melhor.

Numa conversa, que começou na véspera de seu aniversário e terminou entre os festejos, Sócrates respondeu às críticas mais veementes.

PLACAR – Por que suas entrevistas não repercutem no Rio?

SÓCRATES – O Brasil está anestesiado. Deram um doce na boca do povo, soltaram um pouco a rédea. Por isso não há retorno. Mas eu continuarei alertando, brigando.

PLACAR – Dizem, no Rio, que você cita o povão mas fala uma linguagem de elite, rebuscada, e, como consequência, não tem criado empatia com o carioca. O que você pensa?

SÓCRATES – Não sou pedante. Este é o meu jeito. Lembram-se do Cláudio Coutinho? As pessoas se assustavam porque ele respondia na língua em que a pergunta era feita. Ora, isto é cultura. O meu falar não me distancia do povo, que é assim despertado para a cultura.

PLACAR – Como você se sente tratado publicamente por “bêbado”, como no caso de Veja e de algumas inconformadas escolas de samba?

SÓCRATES – Este é o país em que mais cachaça se bebe no mundo e parece que eu bebo tudo sozinho. Ou que eu sou o único a tomar porre. Já levei muita porrada por minhas posições. Há uma tendência a destruir o que presta – querem me destruir. Não fico agredido, mas as pessoas ao meu redor ficam – e isso me chateia. Não querem que eu beba, fume ou pense? Pois eu bebo, fumo e penso. Fui para a avenida brincar, bebi direitinho. Não fico me escondendo para fazer as coisas.

PLACAR – Mas você não está descuidando de sua imagem às vésperas de uma Copa?

SÓCRATES – Minha imagem de homem público é a de um autêntico. Não sou de falso moralismo. Minha imagem é a de sinceridade – e o público saca. Há pessoas que sentam na máquina de escrever para fazer a cabeça do povão. Conservadoras, resquícios do regime anterior. Estou aqui, convocado por Telê – e não o vejo preocupado com minha imagem. [...] (Placar, 1986, p. 31-33, ed. 823)

A reportagem-entrevista “Bebo, fumo e penso” explicita a redução progressiva do jogador a estigmas – “fumante”, “beberrão”, “retórico” – e registra como seu talento futebolístico passa a ocupar lugar secundário no discurso midiático.

Ao contextualizar o fracasso na Fiorentina, a lesão no Flamengo e o momento instável às vésperas da Copa de 1986, a reportagem constrói um cenário

de vulnerabilidade no qual a figura do ídolo começa a perder centralidade esportiva e simbólica.

Embora *Placar* ainda lhe conceda espaço para autodefesa – valorizando sua recusa ao falso moralismo e sua afirmação de autenticidade –, já se observa uma mudança de clima editorial: o que antes era tratado como transgressão produtiva passa a ser lido como excesso, desvio ou problema de imagem.

No especial 40 anos de *Placar*, a revista dedica espaço para lembrar os jogadores “beberrões”. Sócrates figura ao lado de Beijoca (ex-Bahia), Adriano (imperador), Paul Gascoigne (ex-seleção inglesa) e Garrincha.

FIGURA 63 - Matéria sobre jogadores “beberrões”



[Placar, edição 1341, p. 36](#)
[Abril de 2010](#)

Beba com moderação Sócrates

O líder da democracia corintiana, nos anos 80, nunca escondeu seu gosto por cerveja. Bebia até no Parque São Jorge, num lugar chamada Bar da Torre, depois dos treinamentos. A diretoria não chiava (Placar, 2010, p. 36).

Na edição de setembro de 2011, signo do novo momento editorial de *Placar*, Sócrates aparece como resultado da enquête promovida entre torcedores no site da revista:

FIGURA 64 - Enquete jogadores boêmios



Placar, edição 1358, p. 14
(Acervo Museu do Futebol)

Placar na rede

Qual o jogador, digamos, mais “boêmio” a pisar nos gramados?

Vampeta, ex-Corinthians – 36%

Sócrates, ex-Corinthians – 20%

George Best, ex-Manchester United – 16%

Paul Gascoigne, ex-seleção da Inglaterra – 14%

Beijoca, ex-Bahia – 14%

Baseado em enquete com 1030 respostas.

Visite nosso site e participe também! (*Placar*, 2011, p. 14, ed. 1358)

O enquadramento visual – copos de cerveja associados aos retratos – reforça uma leitura lúdica e simplificadora da “boemia” como traço identitário, deslocando hábitos e estilos de vida para o terreno da caricatura. O que antes era retratado como expressão de personalidade, autonomia e transgressão passa a ser reprocessado como rótulo fixo, mensurável e comparável. A boemia deixa de ser debate crítico sobre liberdade e passa a operar como categoria de consumo, integrando a memória midiática do jogador em chave mais leve e estereotipada.

Esse processo de simplificação e esvaziamento simbólico se intensifica após o insucesso na Copa do México e as passagens pouco exitosas por Flamengo e Santos, culminando em um progressivo apagamento de Sócrates do noticiário ativo.

Na segunda metade dos anos 1980, e de forma mais nítida nos anos 1990, Sócrates deixa de ser procurado para entrevistas e debates, passando a figurar majoritariamente em edições de memória e retrospectivas.

Essa mudança não se explica apenas por sua trajetória esportiva, mas também por uma reconfiguração mais ampla: do contexto sociopolítico pós-redemocratização, da remodelação do corpo editorial de *Placar* e do próprio campo jornalístico, cada vez mais orientado por critérios de desempenho mercadológico e gestão de imagem.

6.3 ENREDOS EDITORIAIS

Em contraste com o tópico anterior, dedicado às figuras discursivas por meio das quais *Placar* caracterizou Sócrates, o presente tópico desloca o foco para os enredos editoriais construídos pela revista, nos quais não se trata apenas de atribuir qualidades ao jogador, mas de inseri-lo em narrativas estruturadas que o configuram como personagem.

Se, nas figuras discursivas, o político e o engajado se manifestam como qualidades reiteradas do jogador, nos enredos essas mesmas dimensões são dramatizadas e encadeadas em percursos com desenvolvimento temporal e densidade dramática.

Nesses enredos, Sócrates é alçado à condição de agente cujas ações, conflitos e desdobramentos são organizados não apenas em função de uma lógica pessoal, mas em diálogo estreito com o contexto sócio-histórico de sua produção e com o projeto político-editorial da revista em cada momento de publicação, de modo que os acontecimentos selecionados, enfatizados e encadeados passam a operar como formas de interpretação da realidade, inscrevendo o jogador em debates mais amplos e conferindo sentido histórico e ideológico à sua trajetória.

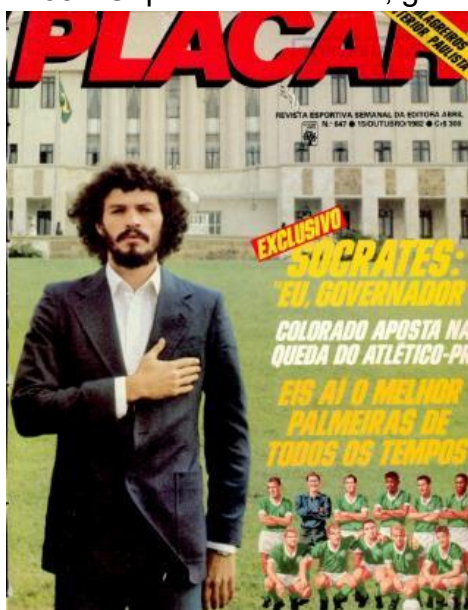
Assim, sobressaem narrativas que extrapolam sua atuação futebolística e acentuam sua dimensão política, como na reportagem *Se eu fosse governador*, na cobertura da Democracia Corinthiana e no episódio do Dia do Fico, nos quais é figurado como agente de transformação e voz crítica em debates sobre democracia e cidadania. Em outros casos, como na passagem pela Fiorentina, delineia-se um roteiro que se aproxima do modelo do monomito, enfatizando deslocamento, provação e retorno, enquanto os especiais de 1979 e 2011 funcionam como instâncias de consagração que consolidam sua inscrição em um panteão de grandes jogadores.

A seguir, esmiuçaremos cada uma dessas construções.

6.3.1 Se eu fosse governador

Em 15 de outubro de 1982, *Placar* estampava em sua capa uma imagem que chamava a atenção pelo estranhamento provocado. Sob o título “Sócrates: Eu, governador”, a revista apresentava o então capitão da Seleção e ídolo do Corinthians em traje social, com a mão esquerda espalmada sobre o peito, posando em frente ao Palácio dos Bandeirantes, sede do Governo do Estado de São Paulo.

FIGURA 65 - Capa “Sócrates: Eu, governador”



[Placar, edição 647](#)
[15 out. 1982](#)

A edição 647 de *Placar* foi publicada no auge do processo de abertura política e poucos meses após o Brasil disputar a Copa do Mundo da Espanha, ocorrida entre junho e julho de 1982, na qual Sócrates foi figura central daquele que é lembrado como um dos times mais talentosos da história do futebol brasileiro. A seleção de Telê Santana, com Sócrates, Zico, Falcão e Júnior, havia sido eliminada pela Itália, em partida dramática, que marcou profundamente o imaginário esportivo do país.

A pose diante do edifício público, espaço institucional que materializa o poder estatal, reforçando a ideia de ocupação (ou reivindicação) simbólica desse lugar, combinada ao traje social e o gesto com a mão sobre o peito – que remete a rituais cívicos, discursos oficiais ou atos públicos solenes –, articulava uma representação cuidadosamente construída. O título em primeira pessoa, “Eu,

governador”, reforçava essa encenação ao funcionar como enunciado provocativo, sugerindo a evocação simbólica de ambição política.

Tomados em conjunto, esses recursos constroem um efeito de sentido duplo: por um lado, insinuam a possibilidade de Sócrates como figura política legitimada; por outro, produzem um comentário crítico – típico de *Placar* naquele período – sobre o papel público do jogador, sua liderança e sua voz política, especialmente no contexto da redemocratização.

A reportagem interna de cinco páginas vinha acompanhada de editorial assinado pelo diretor de redação Juca Kfoury intitulada “Quem disse que jogador não pensa bem”:

Daqui a pouco mais de um mês a torcida brasileira tem um encontro marcado com as urnas. O dia 15 de novembro é a data exata desse saudável momento. Até lá, os candidatos continuarão buscando votos, as pesquisas vão se aproximar mais da realidade e o torcedor ainda indeciso terá tempo para cumprir o seu dever conscientemente.

O mundo do futebol não está alheio a este episódio. Como a bola, as eleições também apaixonam o país e os nossos jogadores delas participam cada um a seu jeito.

Zico, por exemplo, não quis, convidado por PLACAR, expor um plano de governo para a curiosa hipótese de vir a ser governador do Rio de Janeiro, embora não esconda que seja eleitor do PMDB.

Já o Doutor Sócrates – que vota igual a Zico, mas se recusa a participar da campanha ostensivamente -, aceitou fazer sua plataforma, dedicando-se com tal seriedade à ideia que atrasou em uma semana a publicação da reportagem.

Como ele, o gaúcho Cleo, o mineiro Reinaldo e o carioca Paulo Sérgio também fizeram as suas.

O resultado – leia na página 18 – é animador. Demonstra claramente o bom nível do futebolista brasileiro e sua generosidade.

Se o atleticano Reinaldo se mostra muito preocupado com a qualidade de vida do povo, e pouco democrático, todos os outros craques parecem saber dosar uma e outra coisa.

E pensar que até bem pouco tempo não se tirava uma declaração política dos ídolos do esporte nacional... (Placar, 1982, p. 3, ed. 647)

O texto evoca uma outra passagem na biografia do jornalista, mostrando que sua atuação em *Placar* fazia parte de um propósito pessoal anterior e mais amplo: o de combater a visão de que o futebol era um instrumento de alienação, luta que escolheu travar já na juventude universitária.

Entrei na Faculdade de Ciências Sociais da USP com duas ideias: seguir carreira universitária e escrever uma tese de doutorado para demonstrar que o futebol, ao contrário do pensamento vigente em nossa esquerda, era mobilizante, não alienante. Duros tempos, aqueles. Tempos de ditadura. Uma noite, nos barracões de Ciências Sociais na cidade universitária, o professor de Sociologia I, o grande Gabriel Cohn, marcou prova no horário em que jogariam Brasil e Romênia, em Guadalajara. Levantei a mão e lembrei

que era dia de jogo de Copa do Mundo. A classe vaiou e o mestre submeteu à votação a manutenção do dia da prova.

Foi então que eu soube que a classe tinha 21 alunos. Deu 20 a 1. Porque, diziam os colegas, que passaram a me tratar como um reles alienado, “cada gol do Brasil atrasava em dez anos a revolução brasileira” (Placar, 2017, p. 20, ed. 647).

O Brasil estava a um mês das eleições diretas para governador após 17 anos. Esse cenário conferia à capa e à reportagem um sentido político ainda mais intenso: não se tratava apenas de imaginar jogadores no campo da administração pública, mas de inserir o futebol, por meio de suas figuras mais proeminentes, no coração das discussões sobre cidadania, participação e futuro democrático do país. A revista explorava esse momento singular para tensionar a fronteira entre esporte e política, sugerindo que o envolvimento público dos atletas poderia dialogar diretamente com os anseios de uma sociedade que voltava a experimentar o voto direto.

A reportagem convidava jogadores (Sócrates, Cléo, Reinaldo e Paulo Sérgio) a imaginar propostas de governo em seus respectivos Estados (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul) – estratégia que revelava o interesse da revista em politizar o futebol engajando jogadores capazes de despertar o interesse da sociedade e influenciar o debate público.

FIGURA 66 - Reportagem “Se eu fosse governador”, assinada por Marco Aurélio Borba





[Placar, edição 647, p. 18-22](#)
[15 out. 1982](#)

TABELA 3 - Ficha de análise da reportagem "Se eu fosse governador"

Título	Se eu fosse governador
Linha fina	Diante do Palácio dos Bandeirantes, o craque Sócrates – corintiano, médico , mas acima de tudo cidadão – dá a sua contribuição à campanha eleitoral: um programa completo de governo , pensado para os próximos quatro anos. O mesmo fizeram, em seus Estados, o gaúcho Cleo , o mineiro Reinaldo e o carioca Paulo Sérgio .
Destaques de página (p. 18 e 19)	Sócrates "... daria total liberdade ao povo." Paulo Sérgio "... tentaria acabar com o desemprego." Cleo "... lutaria por comida mais barata." Reinaldo "... trataria de implantar o socialismo."

Texto de abertura

A política está em todas as cabeças brasileiras, nestes pouco mais de 30 dias que antecedem **as primeiras eleições diretas para governadores nos últimos 17 anos**. Está na cabeça, também, dos profissionais do futebol, dos obscuros aos consagrados. Pensando nisto, **PLACAR propôs uma questão a quatro craques de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul: o que você faria se fosse o governador do seu Estado**. O gaúcho Cleo, volante do Inter, resumiu rapidamente suas ideias, em depoimento ao repórter Divino Fonseca, assim como o mineiro Reinaldo, centroavante do Galo, transmitiu ao repórter Rogério Peres ideias socializantes, mas, ao que parece, pouco democráticas. Já o goleiro Paulo Sérgio, do Botafogo, esquematizou um breve, mas abrangente programa, relatado à repórter Maria Helena Araújo. Mas **o atacante Sócrates, ídolo do Corinthians e capitão da Seleção Brasileira, foi além do que se esperava**. Mesmo ante a insistência deste repórter para que ele desenvolvesse as linhas mestras e deixasse a complementação por conta de um papo mais aprofundado, o Magrão recusou-se. Quis ele próprio elaborar seu programa de governo. E o que fez, entre viagens, concentrações e algumas broncas amigáveis relacionadas com o atraso na entrega do trabalho. **O resultado aí está, digno de um verdadeiro candidato ao Palácio dos Bandeirantes.**

FONTE: Placar, 1982, p. 18-22, grifos nossos.

Ao mobilizar os atletas em um momento de reativação da disputa eleitoral, *Placar* não se limitava a acompanhar o clima político do país, ela o dramatizava. A simulação, ao colocar jogadores de futebol no centro de uma narrativa sobre governo e cidadania, deslocava as fronteiras jornalísticas tradicionais, criando um espaço intermediário onde a especulação adquire função crítica. Essa operação levanta uma questão fundamental para o campo do jornalismo: até que ponto é legítimo simular fatos para iluminar, tensionar ou questionar a realidade?

Nesse caso, a simulação não pretendia enganar o leitor, mas produzir sentido. A reportagem explicitava sua natureza hipotética, operando como recurso discursivo para debater temas públicos num momento em que a própria sociedade voltava a ocupar os espaços institucionais da democracia. Quando o jornalismo assume essa estratégia, ele não cria uma “falsidade” no sentido estrito: cria um experimento narrativo que revela aspectos da vida social que o relato factual, preso ao que aconteceu, muitas vezes não consegue alcançar.

Assim, *Placar* demonstrava que, sim, o jornalismo pode simular, desde que simule para revelar, e não para distorcer. A encenação funciona como provocação: obriga o leitor a repensar a relação entre esporte e política, a considerar o papel dos

atletas como agentes públicos e a reconhecer o futebol como terreno legítimo de disputa simbólica. A simulação, nesse contexto, torna-se método, não desvio. É precisamente esse tipo de gesto editorial que evidencia como a imprensa pode expandir seu próprio repertório narrativo para refletir e intervir nas transformações políticas de seu tempo.

6.3.2 Sócrates e a Democracia Corinthiana

A década de 1980 foi um período de intensa transformação política e social no Brasil. Iniciada em meio à ditadura militar, a década testemunhou a luta pela redemocratização do país. Movimentos sociais e sindicatos ganharam força, exigindo o fim da repressão e a conquista de direitos políticos e sociais. A sociedade civil organizou-se em torno de pautas como o fim da censura, a anistia aos presos políticos e o direito de eleger seus representantes.

A abertura política gradual promovida pelo governo militar permitiu a realização de eleições diretas para governadores de Estado em 1982, mas a eleição para a Presidência da República em 1985 permaneceu indireta, pelo voto do Congresso Nacional. Essa década também foi marcada por grandes mobilizações populares, como as Diretas Já, que clamavam pela volta do poder democrático pleno.

Foi nesse contexto que surgiu a Democracia Corinthiana (DC), movimento pioneiro no futebol brasileiro, ocorrido entre 1981 e 1985, no Sport Club Corinthians Paulista. Para José Paulo Florenzano (2009), a iniciativa foi fruto do processo histórico que vinha se desenrolando no conjunto da sociedade brasileira. Visão compartilhada por Martins:

A Democracia Corinthiana surgiu em meio a uma crise do futebol, marcada pelo início do questionamento às formas de administração arcaica dos clubes e em um contexto político-social de crise e forte agitação. Inicialmente, aparecia sob a forma de um projeto de liderança dialógico, encampando [sic] por um técnico não autoritário, por um dirigente inexperiente e por um elenco com jogadores engajados, como Sócrates, Wladimir, e outros que vieram a se envolver nos debates políticos. (Martins, 2012, p. 185).

Com o apoio da diretoria e da presidência do clube, jogadores e funcionários passaram a ter participação ativa em decisões do dia a dia, como contratações, escalações, questões salariais e regras internas, que começaram a ser votadas e definidas em conjunto.

Para Martins e Reis (2013, p. 9), “o modelo de gestão que desembocou nas votações, participação dos jogadores na política sindical e nacional e na modernização administrativa foi parte de um processo que se iniciou em 1981, a partir das eleições para a presidência do Corinthians”. Waldemar Pires, presidente eleito (1981-1985), propunha uma filosofia administrativa baseada na descentralização da gestão e com a presença de especialistas em diferentes setores. Para isso, trouxe economistas e administradores para o setor financeiro, convidou um publicitário para o departamento de marketing, buscou um psicólogo para acompanhar a equipe.

A Democracia Corinthiana também teve um caráter político e social extramuros. Os jogadores manifestavam-se publicamente sobre questões sociais, como o direito ao voto direto para presidente do Brasil, além de apoiar movimentos populares e lutar contra a ditadura militar, que já apresentava sinais de desgaste.

Florenzano destaca o período de 1978 a 1984 como os “anos revolucionários do futebol brasileiro”, marcados por intensa atuação dos sindicatos regionais, militância ativa em associações esportivas e, sobretudo, uma crescente identificação com a classe trabalhadora.

Nesse período, ignorando ameaças e desafiando interditos, os atletas se vincularam aos movimentos sociais, atuaram como agentes organizadores nos clubes, afluíram às assembleias nos sindicatos, estabeleceram no circuito noturno dos bares e dos eventos culturais laços estreitos com jornalistas, intelectuais, artistas, músicos e poetas. Com base nessa atividade diuturna e por intermédio de uma interlocução com tantos e tão diferentes atores, esboçaram os contornos de uma nova concepção de futebol, debatendo os problemas de sua coerência interna, os dilemas e impasses da sua transformação histórica (Florenzano, 2009, p. 495).

Em 1982, em meio à reabertura política no Brasil, o Corinthians adotou as camisas de seus jogadores como ferramentas de publicidade, exibindo frases como “Diretas Já” e “Dia 15 vote”, estratégia que buscava atrair a atenção de potenciais patrocinadores (Olivetto e Beirão, 2005).

Washington Olivetto, publicitário e responsável pelo nome “Democracia Corinthiana” – inspirado por uma citação do jornalista Juca Kfoury – foi um dos idealizadores dessas ações.

Uma das imagens mais emblemáticas desse período, impressa em diversos livros e reportagens (Florenzano, 2009, p. 402), foi registrada antes da partida contra o São Paulo na final do Paulistão de 1983, no estádio do Morumbi. Na ocasião,

os jogadores entraram em campo com uma faixa onde se lia: “Ganhar ou perder, mas sempre com democracia”.

O grupo, contudo, não formava um bloco inteiramente homogêneo. Havia diferenças em relação ao nível de engajamento e à visão sobre os objetivos e direções que o movimento deveria seguir.

[...] não se tratava de um programa concebido a priori e implantado sem disputas internas ou contradições; pelo contrário, elas se manifestavam a todo instante e em toda parte, fosse dentro do próprio grupo de jogadores, fosse na relação destes com os dirigentes do clube ou, ainda, na posição do coletivo alvinegro perante as demais equipes do futebol brasileiro. O projeto da Democracia Corinthiana redefinia-se no decorrer da luta movida pelos jogadores, ora avançava e chocava-se contra os valores e poderes instituídos, ora recuava por um momento, reavaliava os erros nos quais incorrera, amadurecia com as contradições vividas e, novamente, seguia adiante [...]. (Florenzano, 2009, p. 40).

Conforme Florenzano (2009), apesar de suas contradições, o movimento abriu novas possibilidades para os atletas, ampliando os significados de jogar futebol. Em última análise, permitiu que os jogadores reivindicassem a legitimidade para construir seus próprios significados, reconhecendo-os como cidadãos e possibilitando sua emergência como agentes políticos (Martins e Reis, 2013; 2014; 2017).

Contemporaneamente, a Democracia Corinthiana é celebrada na mídia esportiva e na sociedade como um marco de engajamento político, protagonismo dos jogadores e de luta por direitos e participação dentro do futebol, sendo Sócrates um de seus principais ícones.

A análise sobre Democracia Corinthiana em *Placar*, entretanto, revela que a ligação Sócrates – Democracia Corinthiana, hoje tão óbvia e automática, não se deu de forma imediata. Sócrates vivenciava o auge de sua carreira, festejado como a grande estrela do Corinthians e o craque da mítica Seleção de 1982. Ele tarda a aparecer como uma das lideranças da DC. As figuras inicialmente destacadas são o treinador Mário Travaglini e o diretor de futebol Adílson Monteiro Alves.

Em nossa pesquisa, consideramos como marcos iniciais da Democracia Corinthiana em *Placar* a matéria publicada em 27 de novembro de 1981, edição 602, com Adílson Monteiro Alves, e a entrevista com o treinador Mário Travaglini, veiculada na edição 619, em 02 de abril de 1982.

FIGURA 67 - Matéria “A abertura corintiana”, assinada por José Maria de Aquino



[Placar, edição 602, p. 61](#)
[27 nov. 1981](#) (Acervo Museu do Futebol)

TABELA 4 - Ficha de análise do texto “A abertura corintiana”

Título	A abertura corintiana
Linha fina	O jovem Adílson Monteiro Alves chega ao Parque São Jorge com boas ideias
Lead	Foi necessário que o Corinthians chegasse ao fundo do poço, resultando no rebaixamento para a Taça de Prata e que a situação no Parque São Jorge chegasse a um ponto absolutamente crítico para que novos ventos passassem a arejar o clube.
Sub-lead	A exemplo do Flamengo e do São Paulo – para ficar apenas nos dois casos mais notáveis –, o Corinthians, agora, tem um dirigente de novo tipo.
3º parágrafo, p. 61	Adílson Monteiro Alves , 34 anos, barbudo, casado, estudante de sociologia , é o homem, tendo assumido há menos de um mês a direção do departamento de futebol .
7º parágrafo, p. 61	Sem tanta pressa, os planos de Adílson visam fundamentalmente o grupo . As reuniões são francas e a palavra-chave é sinceridade. Os problemas de cada um devem ser discutidos e resolvidos por todos .
9º parágrafo, p. 61	Não param aí as ideias desse jovem dirigente , capazes de transformar o ambiente do Parque São Jorge já em 1982: – Estou transmitindo a eles que não temos de aceitar a vida tal como se apresenta. Devemos questioná-la, discutir. Mudar, se for preciso. Foi assim que o povo brasileiro conseguiu a abertura . E é assim que o Corinthians poderá tornar-se um time espiritual e financeiramente mais forte do que o São Paulo e o Flamengo, por exemplo. Somos potencialmente mais ricos do que eles.

10º parágrafo, p. 61

[...] Adílson concluiu que **“um clube não é uma empresa capitalista e que, portanto, sua finalidade não é ter lucro”**. Nesse sentido, foram colocadas na mesa questões como a **participação dos jogadores nas rendas dos jogos, abolição da concentração** e um **maior equilíbrio entre os salários da equipe**.

FONTE: Placar, 1981, p. 61, grifos nossos.

A matéria antecipa seus princípios centrais ao apresentar um dirigente de “novo tipo”, cuja legitimidade se constrói a partir do diálogo, da participação coletiva e da crítica ao modelo autoritário de gestão. O enquadramento de Adílson como jovem sociólogo, atento ao “lado humano do atleta” e defensor de reuniões francas, já sinaliza uma ruptura com práticas tradicionais do futebol brasileiro, baseadas no paternalismo, na centralização de poder e na disciplina imposta de cima para baixo.

FIGURA 68 - Capa da edição 619 com destaque para Wladimir



[Placar, edição 619](#)
[02 abr. 1982](#)

Na edição 619, há três reportagens independentes: “Wladimir³², cabeça, coração e classe” (p. 6-7), assinada por Roque Mendes e Celso Kinjô, com abordagem elogiosa à atuação do lateral, cogitando-o para atuar na Seleção; “Dr. Sócrates | Com vocês, o símbolo da Copa” (p. 32-33), assinada por José Maria de Aquino, destacando a excelente fase do jogador e caracterizando-o como grande aposta da Copa na Espanha; e “Mário Travaglini | O homem que reergueu o Timão” (p. 41-43), de Sérgio

³² A grafia correta do nome do jogador é Wladimir, apesar de, com frequência, *Placar* grafá-la com V.

Martins, texto que, na nossa visão, reafirma as bases do movimento que ficaria conhecido por Democracia Corinthiana.

TABELA 5 - Ficha de análise da reportagem “O homem que reergueu o Timão”

Chapéu	Mário Travaglini
Título	O homem que reergueu o Timão
Linha fina	Discreto, de poucas palavras, ele fez quase em silêncio um trabalho de psicólogo. E levou o Corinthians a reencontrar sua grande força
7º parágrafo, p. 42	[...] já nos primeiros jogos da era Travaglini havia o germe do Corinthians de hoje . O esquema era o mesmo – foi, aliás, amplamente discutido entre todos em sua primeira preleção. O ponteiro Eduardo lembra que Sócrates e Vladimir argumentaram que o time jogava errado, tornando-se vulnerável demais. Partiu-se então para uma tática mais cautelosa.
8º parágrafo, p. 42	“O Travaglini é, antes de tudo, um cara de diálogo ”, testemunha o diretor Adílson Monteiro Alves. Sem dúvida, essa sempre foi uma de suas principais características. “Ele é uma pessoa sóbria, que resolve todos os problemas conversando , sem agredir ninguém”, define Sócrates.
11º parágrafo, p. 42	Um zagueiro medíocre em seus tempos de jogador, Mário Travaglini sempre se preocupou com o que chama de “ o lado humano do atleta ”. Nos primeiros anos da década de 1950, foi um dos fundadores do sindicato da classe em São Paulo . E, na época, embora fosse profissional, não vivia do futebol. Defensor do extinto Ypiranga, trabalhava como datilógrafo em um cartório durante o dia e estudava economia e administração de empresas na PUC-SP. “Mas eu nunca olhei apenas o meu lado”, assegura. “ Procuro ser leal com o meio. ”
2º parágrafo, p. 43	Como na Portuguesa, organizou a caixinha dos jogadores do Corinthians, que até então funcionava apenas para venda de camisas. Agora, ela pune os atrasos e os cigarros acesos no local de trabalho. Em resumo, os próprios jogadores se fiscalizam. Uma sutil malandragem do técnico para que haja organização sem que ele se desgaste? Não exatamente. Por uma questão de filosofia, ele acredita que as coisas funcionam melhor quando resolvidas pelo próprio grupo , dentro daquilo que rotula de “baita democracia” .

FONTE: Placar, edição 619, p. 41-43, grifos nossos.

FIGURA 69 - Reportagem “O homem que reergueu o Timão”, assinada por Sérgio Martins



[Placar, edição 619, p. 41-43](#)

[02 abr. 1982](#)

O treinador aparece como um dos principais responsáveis pela mudança positiva no Corinthians, que vinha de má fase. É caracterizado como um “cara de diálogo”, que valoriza o “lado humano do atleta” e aposta na democracia. A matéria ainda pontua sua experiência como “um dos fundadores do sindicato da classe em São Paulo”. Sócrates é citado de forma secundária, chamado apenas a dar sua opinião sobre o trabalho do treinador, sem qualquer vínculo direto com a filosofia implementada por Travaglini no Parque São Jorge.

Sete meses depois, na edição 652, de 19 de novembro de 1982, a reportagem “O favorito dos especialistas” (p. 22-23), assinada por Mário Serapicos, traz o resultado de uma pesquisa feita por *Placar* onde 17 dos 19 jornalistas esportivos ouvidos apontavam o Corinthians como campeão do campeonato paulista daquele ano.

FIGURA 70 - Reportagem “O favorito dos especialistas”, assinada por Mário Serapicos



[Placar, edição 652, p. 22-23](#)
[19 nov. 1982](#)

O texto reforça as sementes do movimento, com destaque para as figuras de Travaglini e Monteiro Alves.

“Agradeço o reconhecimento ao nosso trabalho, mas é prematuro nos considerarem campeões”, comentou o técnico corintiano **Mário Travaglini**. Mas ele entende, de qualquer forma, que não faltam motivos para tal favoritismo: **“Hoje existe uma nova proposta de trabalho na nossa diretoria, o time vem adquirindo amadurecimento desde a Taça de Ouro e nosso esquema de jogo se resume na simplicidade, com todos tendo a obrigação de atacar e defender com humildade e aplicação”**. (Placar, 1982, p. 22, grifos nossos)

“Acho que o Corinthians será o campeão por causa do **respeito coletivo** e da **liberdade** de que desfrutamos para criticar e até discutir com a diretoria”, afirma o centroavante [Casagrande]. O diretor de futebol **Adilson Monteiro Alves** ficou satisfeito ao saber de tudo isso: **“Nossa democracia interna começa dentro da própria diretoria e os reflexos estão aí”**. (Placar, 1982, p. 23, grifos nossos)

A edição 656, de 17 de dezembro de 1982, confirma as previsões e traz o Corinthians como campeão na capa. A reportagem “Apaixonante Corinthians!” (4-9) é complementada pela suíte “Os heróis do Timão” (p. 10-13), com ênfase para a sintonia e coletividade do grupo de jogadores. Nela, Sócrates é um dos destaques, conforme se segue:

Decisão se ganha com chutes de Trivela, toques de calcanhar, lances de gênio e malícia. Mas, para Sócrates, não haveria título sem franqueza e bom senso.

Um dos inspiradores da união que é hoje a **marca principal do elenco**, o Doutor assumiu seu corintianismo, algo que ainda espanta aqueles que, dois anos atrás, jamais o viam comemorando os gols que marcava. Resultado da **abertura que também soprou no Parque São Jorge**, ele realizou seu projeto de **trabalhar em grupo**, que acalentava desde que trocou o provinciano Botafogo de Ribeirão Preto pelo trepidante Corinthians. De sobrenome Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, o Doutor, 28 anos (19/2/1954), pretende encerrar a carreira no Timão. Após a Copa de 86. (Placar, 1982, p. 10, ed. 656, grifos nossos)

A partir de então, nas edições subsequentes, o movimento passa a ser chamado de “abertura corintiana” e a conquista do título justificada pela “nova mentalidade administrativa” do clube. Sócrates, vale notar, aparece como estrela da equipe, peça fundamental, porém ainda não como liderança da Democracia Corinthiana.

Na edição 657, de 24 de dezembro de 1982, o repórter Marco Aurélio Borba assina a reportagem “Uma lição de futebol”. Os trechos destacados nos permitem analisar as construções simbólicas inseridas no texto, explicitando a relação entre linguagem, ideologia e história.

TABELA 6 - Ficha de análise da reportagem “Uma lição de futebol”

Chapéu	Corinthians – Campeão Paulista
Título	Uma lição de futebol
Linha fina	Foi um título exemplar, conquistado graças a um punhado de craques, a um treinador inteligente, a um elenco mais unido do que nunca e a uma nova mentalidade administrativa
4º parágrafo, p. 8	Em futebol, como na vida, de resto, nem sempre o melhor elenco é sinônimo de melhor equipe. E, se a corajosa decisão dos dirigentes tricolores de 1981 encontrou correspondência na armação de um time capaz de, pelo talento, justificar uma conquista, o Corinthians de 1982 foi, sobretudo, a imagem de um clube engajado nos novos tempos do Brasil , que trouxeram mudanças em todas as áreas, inclusive na que mexe com a paixão popular.
5º parágrafo, p. 8	O São Paulo revolucionou o futebol como atividade empresarial, no ano passado, e o Corinthians atual soube percebê-lo e dimensioná-lo como ingrediente vital do exercício democrático . Afinal, democracia é povo, e povo é paixão . E o Brasil vive tempos de paixão .

6º parágrafo, p. 8	Não foi fácil, porém, adequar um clube acostumado à tutela aos ventos da abertura e do diálogo . Primeiro foi preciso varrer os resquícios do autoritarismo representado por uma administração megalomaniaca e centralizadora . Depois, tratou-se de convencer os jogadores, acostumados ao paternalismo protecionista , que eles podiam pensar por si mesmos . O primeiro – e ousado – passo deve ser creditado ao vice-presidente Orlando Monteiro Alves , veterano corintianista, que teve a coragem de romper com os esquemas tradicionais – leia-se Vicente Matheus e seu grupo – e indicar seu filho, o sociólogo Adilson Monteiro Alves , 35 anos, para o cargo de diretor de futebol.
9º parágrafo, p. 8	Washington Olivetto , chamado <i>golden-boy</i> da publicidade brasileira, foi contratado para bolar a campanha de atração de corintianos. E o psiquiatra (isso mesmo, um psiquiatra!) Flávio Gikovate – até então especializado somente em desencontros amorosos – foi convencido a conversar com o elenco, mostrando que o sucesso no esporte é tão normal quanto na vida, desde que todos o desejem e busquem.

FONTE: Placar, edição 657, p. 6-9, grifos nossos.

O texto “A democracia ganha o jogo” (p. 37), publicado na edição 660, de 14 de janeiro de 1983, e assinado por Celso Kinjô, então chefe de redação de *Placar*, reforça o discurso progressista a favor da democracia. Diz muito sobre o contexto político-histórico vivido e sobre o posicionamento ideológico da chefia da revista.

FIGURA 71 - Matéria “A democracia ganha o jogo”, assinada por Celso Kinjô



[Placar, edição 660, p. 37](#)
[14 jan. 1983](#)

TABELA 7 - Ficha de análise da matéria “A democracia ganha o jogo”

Chapéu	Corinthians – Meu campeão favorito
Título	A democracia ganha o jogo
Linha fina	Corintiano, o chefe de redação Celso Kinjô acredita que a força do grupo anula as suas deficiências. Unido, o Timão irá arrebatar o seu primeiro título de campeão brasileiro
4º parágrafo, p. 37	[...] A bola, tão judiada em outras épocas , desliza mansa nos pés de Alfinete, se oferece inesperada ao calcanhar de Sócrates, pousa orgulhosa na cabeça de Adílson Monteiro Alves, tremula no toque miúdo de Biro-Biro, cresce no grito de Mário Travaglini, chega a orgasmos após um lançamento de Zenon.
5º e 6º parágrafos, p. 37	Abertura ganha caneco? Ganha. Enfim, o Corinthians se abriu para a vida , descurtiu suas neuroses, aposentou a linguagem do “se...”. É com certa perplexidade, confesso, que eu percebo agora que tudo isso estava cristalino, nítido. Um ovo de Colombo que a prática da democracia pôs de pé, sem quebrar. [...]
8º parágrafo, p. 37	O craque precisa criar com liberdade , e é esse clima que se respira pelos lados da, vá lá, Marginal sem número. Graças à abertura, o Timão assumiu seu vasto mundo. O charme de ser povo. O gambá. A Rita Lee. Cobras, sapos e lagartos, do tipo que o Casagrande atualmente digere. O próprio Sócrates assumiu-se como corintiano (e assim enterrou o item 1 citado no início).
9º parágrafo, p. 37	Mas este não é um discurso a respeito do povo no poder . Trata-se, na verdade, de um aviso às demais torcidas do Brasil. Nesta Taça de Ouro, o Corinthians vai mostrar tudo o que liberou com a abertura. Isto é, jogará para a frente e para o futuro . Jogará num tom que obrigará os adversários a repetirem o refrão do Blitz: “Ok, você venceu...”

FONTE: Placar, 1983, p. 37, grifos nossos.

A capa da edição 667, de 04 de março de 1983, traz o lateral Wladimir como destaque. É a primeira vez que a expressão “Democracia Corintiana” aparece em *Placar*. O lateral havia se candidatado a uma das 150 vagas do Conselho Deliberativo do Corinthians, em apoio à chapa da situação, intitulada “Democracia Corintiana”.

FIGURA 72 - Capa da edição 667, primeiro uso da expressão Democracia Corinthiana



[Placar, edição 667](#)
[04 mar. 1983](#)

Na reportagem “Um futuro para Wladimir”, o jogador mostrava-se politizado e sintonizado com o contexto político da época:

É preciso também acabar com o **preconceito de que o jogador só deve preocupar-se com o futebol**. Temos o **direito de fazer valer as nossas ideias**, não só em nossas casas, mas em todos os **acontecimentos do país** que nos envolvam e nos digam respeito. E o Corinthians me diz respeito demais. (Placar, 1983, p. 21, ed. 667, grifos nossos)

Interessante notar que, nas declarações feitas ao jornalista Emanuel Mattos, Wladimir fala sobre a não participação de Sócrates, o que reafirma nossa percepção de que a estrela maior da equipe não se qualificava como uma das lideranças do movimento assim que ele eclodiu:

[...] Respeito a decisão do Sócrates em não concorrer, sob a alegação de que as eleições presidenciais são indiretas. Eu também sou favorável a que os associados elejam o presidente, mas creio que o Conselho é o lugar indicado para se lutar por reformas desse tipo, tanto que pretendo propor eleições diretas quando estiver lá dentro. (Placar, 1983, p. 21, ed. 667)

Na mesma edição, Juca Kfoury assina o editorial intitulado “O passado e o futuro lutam no Corinthians”, com apoio explícito à “abertura corintiana”, contra a candidatura de Vicente Matheus.

As **eleições corinthianas** do próximo dia 6 não se resumem ao Parque São Jorge. Elas interessam ao país inteiro não só pela grandeza do alvinegro paulista como, e principalmente, **pelo que podem significar para o futebol brasileiro**.

Pela situação concorrem os homens que estão fazendo do Corinthians um **exemplo a ser seguido**, tendo o apoio de ídolos como Wladimir e Sócrates. Pela oposição, **Vicente Matheus**, um senhor simpático, apaixonado pelo clube, profundamente **vaidoso e concentrador**, cheio de **boas, e velhas, intenções**. A segui-lo, dentro e fora do Parque, gente que o admira com sinceridade e gente que ele controla seja por que motivo for. [...]

A **abertura corinthiana não tem precedentes**, ultrapassando a do São Paulo que não soube manter um Jaime Franco e até mesmo a do bem-sucedido Flamengo, repleta de qualidades, mas, ainda, herdeira de personalismos infantis.

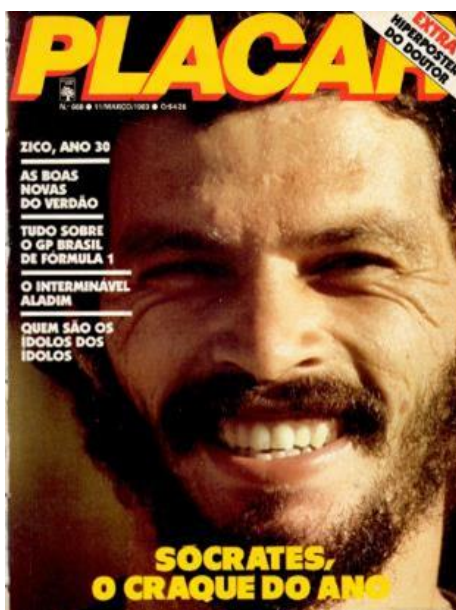
As teses de Matheus são semelhantes às que apequenaram perigosamente clubes como o Fluminense e o Botafogo.

As da **atual direção corinthiana apontam na direção do futuro**, do **futebol-paixão** bem administrado, do **diálogo**, e, fundamentalmente, da **participação de todos**. (Placar, 1983, p. 21, ed. 667)

A edição subsequente, de 11 de abril de 1983, trouxe Sócrates como destaque de capa, eleito craque do ano por *Placar*, e, na mesma publicação, o resultado das eleições internas do Corinthians. As reportagens “A vitória da democracia” (p. 14-15) e “A festa do doutor Sócrates” (p. 42-45) são completamente independentes. Não há qualquer menção à Democracia Corinthiana na reportagem sobre o prêmio conquistado por Sócrates.

A reportagem sobre as eleições no Corinthians, por seu turno, torna novamente explícito o posicionamento editorial de *Placar* a favor da chapa da situação que, naquele momento, se entendia alinhada aos valores democráticos e de abertura política clamados pela sociedade. É importante salientar ainda que, no disputado pleito, repleto de grandes personalidades, Sócrates não esteve presente.

FIGURA 73 - Capa Sócrates, o craque do ano



[Placar, edição 668](#)
[11 mar. 1983](#)

TABELA 8 - Ficha de análise da reportagem “A vitória da democracia”

Chapéu	As eleições no Corinthians
Título	A vitória da democracia
Linha fina	Foi uma goleada, bem ao estilo deste novo Corinthians: com 68,5% dos votos, Waldemar Pires derrotou Vicente Matheus e garantiu a continuidade da abertura
1º parágrafo, p. 14	Situação ou oposição. Abertura ou mão de ferro. Eficiência ou paternalismo. Novos tempos ou velhos métodos. Waldemar Pires ou Vicente Matheus.
2º parágrafo, p. 14	Para a imensa nação corintiana , as eleições para a composição do Conselho Deliberativo realizadas domingo passado tinham duas claras evidentes alternativas , de significados diametralmente opostos. Por sua amplitude (votaram 7 492 dos 30 301 associados legalmente habilitados), tornaram-se o mais importante pleito do esporte brasileiro – e isso conferiu um status ainda maior à opção escolhida.
3º parágrafo, p. 14	Representada pela chapa Democracia Corintiana , a administração atual fez da abertura sua principal peça de campanha. Empurrado pelos ventos liberais que passaram a soprar desde que Waldemar Pires assumiu o comando, o Corinthians deu certo dentro e fora de campo – e prosseguir com essa filosofia era a principal plataforma dos situacionistas.

4º parágrafo, p. 14	Quanto à oposição, o próprio nome da chapa deixava transparecer suas ideias: Ordem e Verdade . Ao longo dos oito anos em que, de maneira personalíssima, governou o Corinthians, Vicente Matheus deixou atrás de si fundas marcas: seus folclóricos erros de português, sua mão de ferro , sua falta de diálogo e de liberdade de opiniões . E muita paixão, é preciso reconhecer.
4º parágrafo, p. 15	[...] Entre os votantes, muita gente conhecida : o delegado Romeu Tuma , futuro superintendente da Polícia Federal em São Paulo; o apresentador Dárcio Campos ; o ex-candidato a governador Rogê Ferreira ; o psiquiatra Flávio Gikovate ; o publicitário Washington Olivetto ; o jogador e vereador Zé Maria (candidato ao Conselho pela situação); Adílson Monteiro Alves , diretor de futebol do Corinthians e talvez sua principal figura. Até não-sócios, como o cantor Toquinho e o deputado Eduardo Matarazzo Suplicy , apareceram para somar a todos estes seu apoio à Democracia . Também o governador José Maria Marin esteve lá, mas não votou – ele é são-paulino.
8º parágrafo, p. 15	Ao cair da noite, o Corinthians parecia de novo em paz, livre até da ameaça de perder Sócrates caso Matheus vencesse. Pelas alamedas do Parque São Jorge, respirava-se a liberdade que soprou ao longo de 1982 e que levou a tantos sucessos. Vicente Matheus fora embora, às 6 da tarde.

FONTE: Placar, edição 668, p. 14-15, grifos nossos.

A edição 672, de 08 de abril de 1983, é um ponto de virada, um documento-chave na compreensão da narrativa contemporânea construída sobre a Democracia Corinthiana e a vinculação de Sócrates como uma de suas principais lideranças, mesmo o tema não tendo recebido destaque de capa na ocasião.

Em um texto de quatro páginas (p.14-17), a reportagem “A Democracia se consolida” traz uma entrevista exclusiva com a participação de Wladimir, Sócrates, Adílson e a equipe de *Placar*. O texto não é assinado, mas na foto publicada (p. 15) é possível identificar Juca Kfoury, então diretor de redação, entre os presentes.

TABELA 9 - Ficha de análise da reportagem “A democracia se consolida”

Chapéu	Corinthians
Título	A democracia se consolida
Linha fina	Foi uma entrevista esclarecedora: durante um dia inteiro, Sócrates, Wladimir e Adílson Monteiro Alves discutiram, em PLACAR, como combinar a abertura com vitórias em campo
Lead	Na manhã da Sexta-Feira da Paixão, PLACAR reuniu três dos principais responsáveis pela democracia corintiana para com eles debater os acontecimentos que se precipitaram após a saída do técnico Mário Travaglini , no início da semana passada.
3º parágrafo, p. 14	Sócrates, Wladimir e o vice-presidente Adílson Monteiro Alves demonstraram absoluta segurança em suas opiniões e fizeram questão de esclarecer alguns dos pontos mais nebulosos que vêm agitando a vida do clube.
4º parágrafo, p. 14	Integrantes do que certa parte da imprensa denominou “ democracia dos quatro ” – o quarto membro tem variado nesta mesma imprensa entre Zé Maria, escolhido como novo (e definitivo) técnico, Gomes, Daniel González, Casagrande e Leão –, Sócrates, Wladimir e Adílson não fugiram de indagações sobre, por exemplo, o romance de Casagrande com uma jovem em plena concentração, consumo de cerveja no departamento técnico, excessos de liberdade , e sobre seus conceitos de democracia , que seria, segundo eles, “no mínimo a democracia dos oito”, ironizando os que falam e escrevem a respeito de uma “ panelinha ”.
	PLACAR - Por que você, Sócrates, o maior salário do futebol brasileiro , resolveu comprar essa briga pela democracia corintiana , fazendo até ameaças de parar de jogar futebol se as coisas não dessem certo nas recentes eleições .
	Sócrates – Bom, nunca me fixei muito no aspecto materialista. Acima disso está alguma ideologia , ou seja, querer fazer algo em prol de um grupo muito maior de pessoas. Acho que o momento é fundamental para se tentar modificar algumas das estruturas do futebol , para que no futuro meus companheiros tenham condições muito melhores do que têm hoje.

FONTE: Placar, edição 672, p. 14-17, grifos nossos.

A partir dali, ao longo dos anos de 1983 e 1984, praticamente todas as edições de *Placar* trazem alguma matéria ou fazem menção à Democracia Corinthiana. Apenas para citar alguns exemplos: “Dificuldades de uma democracia” (ed. 674); “A democracia em debate” (ed. 675); “Os inimigos da democracia no futebol” (ed. 676); “Os técnicos discutem a democracia” (ed. 677); “Timão incomoda muita gente” (ed. 690); “A democracia é o próprio gol” (ed. 691); e assim por diante.

Seja como forma de dar força e visibilidade ao movimento encampado pela revista, seja porque de fato o futebolista mudou sua postura engajando-se de forma mais direta, a figura de Sócrates passa a ser uma constante nos textos sobre Democracia Corinthiana veiculados em *Placar*.

Assim, a análise discursiva do periódico permite-nos afirmar conclusivamente que a revista foi co-responsável por associar a imagem de Sócrates ao movimento e a afirmá-lo como uma de suas principais lideranças, narrativa consagrada contemporaneamente tanto nas memórias do clube alvinegro quanto na biografia de Sócrates.

6.3.3 O Dia do Fico do rei corintiano

Em abril de 1984, o Brasil vivia um momento de intensa mobilização política e social. O país ainda estava sob a ditadura militar, governado pelo presidente João Figueiredo, mas o movimento Diretas Já ganhava força, com milhões de brasileiros exigindo eleições diretas para presidente.

Durante esse período, ocorreram grandes comícios em várias cidades, reunindo milhões de pessoas em apoio à proposta da emenda Dante de Oliveira, que propunha restituir as eleições diretas para presidente e seria votada no final do mês. A sociedade clamava pela abertura política, enquanto o regime militar enfrentava forte pressão popular. Esse cenário refletia um Brasil em transição, com a população buscando mudanças políticas e sociais significativas.

Foi nesse contexto que, na edição 727, de 27 de abril de 1984, *Placar* surpreendeu ao produzir uma capa de Sócrates vestido com trajes monárquicos de gala³³, representado como dom Pedro I, acompanhado da manchete “Se o Brasil mudar, eu fico”, editorial assinado por Juca Kfoury e entrevista de três páginas no miolo

³³ Conforme Volpi, em seu estudo sobre os trajes de gala usados pelo imperador dom Pedro I nas cerimônias de aclamação, sagração e coroação em 1822, as indumentárias áulicas, símbolo do poder imperial, não eram ocasionais, mas tinham um propósito bem definido como expressão de uma identidade própria da nação brasileira durante um importante período de transição política: “A adoção de novas cores – verde e amarelo – em detrimento das portuguesas – azul e vermelho –, os novos riscos de bordados aplicados aos mantos imperiais, à farda do imperador e ao vestido da imperatriz, como o carvalho, o trigo e as palmeiras, de grande carga simbólica, são alguns aspectos dos trajes do Império do Brasil que rompem com o modelo português, mas ainda estão inseridos no contexto vestimentar da época. Além disso, aspectos da indumentária de Pedro I cujos detalhes não têm precedentes no repertório áulico europeu evidenciam estratégias que desvinculassem o jovem império brasileiro de sua matriz portuguesa” (Volpi, 2015, p. 257).

da revista. O mote da edição era a promessa feita por Sócrates no comício das Diretas Já, realizado no Vale do Anhangabaú 11 dias antes.

FIGURA 75 - Capa “Se o Brasil mudar, eu fico”



[Placar, edição 727](#)
[27 abr. 1984](#)

FIGURA 76 - Retrato de D. Pedro I, 1826



Simplício de Sá
 Fonte: Itaú Cultural (2025)

Ao vestir Sócrates como dom Pedro I, *Placar* estabeleceu um paralelo simbólico entre o jogador e o Dia do Fico. A capa não foi apenas uma escolha estética: ela dramatizou visualmente o engajamento político de Sócrates, situando-o como protagonista de um novo gesto de afirmação nacional – agora não pela independência do Brasil, mas pela defesa do voto direto e da democracia durante o movimento das Diretas Já.

O jogador declarou que permaneceria no Brasil caso a emenda fosse aprovada. Na ocasião, Sócrates vivia o auge de sua carreira como jogador de futebol. Havia recebido uma proposta para jogar na Fiorentina, na Itália, após ter negado uma oferta do Roma, e acabara de ser eleito craque do ano pela mesma *Placar*, em 1983. Pelo Corinthians, havia conquistado três títulos do Campeonato Paulista (1979, 1982 e 1983), consolidando-se como um dos maiores ídolos da história do clube.

É importante perceber que, na edição analisada, a imagem não é empregada como recurso meramente ilustrativo da linguagem jornalística. Ela significa, isto é, também se constitui em discurso, ultrapassando uma simples função complementar, de cenário ou ilustração.

Como mecanismo discursivo, a imagem carrega uma série de conotações impregnadas de sentidos em função de sua referencialidade e representatividade. Ao relacionar Sócrates a dom Pedro I, o texto extrapola seu sentido literal, estabelecendo a interdiscursividade entre personagens e momentos históricos distintos.

A revista heroiciza a imagem de ambos, mobilizando uma estratégia recorrente no jornalismo esportivo: a construção de figuras épicas como forma de captar atenção e ampliar sua audiência. Essa operação narrativa não apenas intensifica o valor simbólico da capa, mas também reforça a ideia de que determinados protagonistas – no campo esportivo ou político – podem ser convertidos em personagens míticos capazes de representar desejos coletivos, seja a independência no século 19, seja a luta pelas eleições diretas no final da ditadura militar.

Dessa relação, emerge um *ethos discursivo*, conceito proposto por Maingueneau (2008). Conforme Leite (2014, p. 92), “o *ethos* se constitui na perspectiva socioideológica pela qual se projeta”. O *ethos* gera uma simpatia que é incorporada pelo leitor/consumidor e que acaba por persuadi-lo. Em outros termos, seria o “processo mais geral de adesão de sujeitos a uma certa posição discursiva” (Leite, 2014, p. 89).

FIGURA 77 - Editorial “Dom Sócrates e as eleições diretas já, assinado por Juca Kfourti

OPINIÃO

Dom Sócrates e as eleições diretas já

Em junho do ano passado, a pesquisa PLACAR/Gallup revelou que são 6,5 milhões os corintianos maiores de 18 anos no país.

Este respeitável contingente eleitoral tem mais um motivo para fiscalizar a atuação dos parlamentares que decidirão, dia 25 próximo, se o Brasil terá eleições diretas já.

Não bastasse a vontade expressa nos comícios de norte a sul, o maior ídolo do futebol brasileiro condicionou a sua permanência no país à aprovação da emenda Dante de Oliveira. Sócrates está tão interessado nela que, para divulgá-la ainda mais, não teve dúvida em assumir o

papel de dom Pedro I, transformando-se na capa desta edição.

Bons tempos estes em que as maiores figuras do nosso esporte assumem suas opiniões e as colocam em discussão abertamente, sem medo da crítica conservadora ou da perda de seus privilégios — Sócrates estará trocando cerca de dois milhões de dólares pelo direito de votar.

Não é a primeira vez, aliás, que ele age assim. Quando, há pouco mais de um ano, houve eleições no Corinthians e o senhor Vicente Matheus quis retornar à presidência, o Doutor ameaçou largar o futebol caso a chapa Democracia Corintiana não fosse vitoriosa.

A época, os fatos mostraram que Sócrates pensava como a maioria dos sócios corintianos. Em seguida, o clube foi bicampeão paulista, e todos os quatro gols marcados

nas quatro partidas decisivas foram feitos pelo Doutor.

Agora, quando o que está em jogo é incomparavelmente maior, a atitude se repete num gesto generoso de quem perdeu toda a frieza e o famoso autocontrole, chegando a se emocionar às lágrimas com a multidão de quase dois milhões de pessoas que o aclamou no Vale do Anhangabaú, palco da última manifestação pelas diretas, em São Paulo.

Que os parlamentares brasileiros tenham a mesma generosidade e a sensibilidade de representantes autênticos de quem os elegeu, é o mínimo que todos nós devemos esperar e exigir.

Porque, que ninguém duvide, se as diretas não resolverem os nossos problemas, serão o primeiro passo para tanto. Até nos esportes.

Juca Kfourti

[Placar, edição 727, p. 3](#)
[27 abr. 1984](#)

TABELA 10 - Ficha de análise do editorial “Dom Sócrates e as eleições diretas já”

Chapéu	Opinião
Título	Dom Sócrates e as eleições diretas já
1º parágrafo	Em junho do ano passado, a pesquisa PLACAR/Gallup, revelou que são 6,5 milhões os corintianos maiores de 18 anos no país . Este respeitável contingente eleitoral tem mais um motivo para fiscalizar a atuação dos parlamentares que decidirão, dia 25 próximo, se o Brasil terá eleições diretas já .
2º parágrafo	Não bastasse a vontade expressa nos comícios de norte a sul, o maior ídolo do futebol brasileiro condicionou a sua permanência no país à aprovação da emenda Dante de Oliveira . Sócrates está tão interessado nela que, para divulgá-la, ainda mais, não teve dúvida em assumir o papel de dom Pedro I , transformando-se na capa desta edição.
3º parágrafo	Bons tempos estes em que as maiores figuras do nosso esporte assumem suas opiniões e as colocam em discussão abertamente, sem medo da crítica conservadora ou a perda de seus privilégios – Sócrates estará trocando cerca de dois milhões de dólares pelo direito de votar .
4º parágrafo	Não é a primeira vez, aliás, que ele age assim. Quando, há pouco mais de um ano, houve eleições no Corinthians e o senhor Vicente Matheus quis retornar à presidência, o Doutor ameaçou largar o futebol caso a chapa Democracia Corinthiana não fosse vitoriosa.
	À época, os fatos mostraram que Sócrates pensava como a maioria dos sócios corintianos. Em seguida, o clube foi bicampeão paulista , e todos os quatro gols marcados na quatro partidas decisivas foram feitos pelo Doutor .
	Agora, quando o que está em jogo é incomparavelmente maior, a atitude se repete num gesto generoso de quem perdeu toda a frieza e o famoso autocontrole , chegando a se emocionar às lágrimas com a multidão de quase dois milhões de pessoas que o aclamou no Vale do Anhangabaú , palco da última manifestação pelas diretas , em São Paulo.
	Que os parlamentares brasileiros tenham a mesma generosidade e a sensibilidade de representantes autênticos de quem os elegeu, é o mínimo que todos nós devemos esperar e exigir.
	Porque, que ninguém duvide, se as diretas não resolverão os nossos problemas, serão o primeiro passo para tanto. Até nos esportes.

FONTE: Placar, edição 727, p. 3, grifos nossos.

FIGURA 78 - Entrevista “O Dia do Fico do rei corintiano”



[Placar, edição 727, p. 37-40](#)
[27 abr. 1984](#)

TABELA 11 - Ficha de análise da entrevista “O Dia do Fico do rei corintiano”

Chapéu	Entrevista Sócrates
Título	O Dia do Fico do rei corintiano
Linha fina	Ficar no país caso seja aprovada a emenda das diretas não significa, necessariamente, permanecer jogando
Lead	A data de 9 de janeiro de 1982 celebrou o Dia do Fico de dom Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon, o primeiro imperador brasileiro. Dia 18 de junho de 1983 marcou para Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira o seu primeiro Dia do Fico , ao recusar a proposta do Roma que queria levá-lo para a Itália (PLACAR nº 683).
3º parágrafo, p. 37	Agora, provavelmente na próxima segunda-feira, dia 30, ele poderá ter sua permanência definitiva no país assegurada. Para tanto, bastará que a emenda Dante de Oliveira seja aprovada na Câmara dos Deputados dia 25 e ratificada no Senado em seguida. Pelo menos foi isso que o rei dos corintianos prometeu no último dia 16, diante de quase 2 milhões de pessoas , na histórica passeata/comício do Vale do Anhangabaú, em São Paulo.

4º parágrafo, p. 37	Já na Praça da Sé – onde a manifestação teve início –, cerca de 100 000 pessoas ouviam Sócrates responder ao brilhante apresentador Osmar Santos que ficaria no Brasil caso a emenda fosse aprovada. Antes tinha ouvido a multidão reagir em retumbante “não” à pergunta sobre se deveria ir para a Itália. A promessa feita na Sé, então, foi reiterada no Anhangabaú e a multidão delirou, fazendo o frio Doutor chegar às lágrimas.
Entrevista – 1ª pergunta	PLACAR — Para quem jogou a Copa da Espanha, vista quase pelo mundo inteiro, dá para comparar a emoção de um gol como o contra a Itália, por exemplo, ao delírio da multidão quando você anunciou que ficaria no país caso a Dante de Oliveira seja aprovada? SÓCRATES — A grande diferença é que na Copa eu era o artista. No comício eu era um dos participantes, o que dá muito mais responsabilidade. Estávamos todos lutando pelo mesmo ideal.
Entrevista – 4ª pergunta	PLACAR – Existe alguma relação entre as eleições diretas e as necessárias reformas no futebol brasileiro? SÓCRATES – É um caminho. É claro que tudo o que acontece de bom no país acaba tendo influência nas outras áreas. Se as diretas vierem, o país muda e com este país mudado em [sic] fico aqui.
Entrevista – 10ª pergunta	PLACAR – Você não tem medo de que o Corinthians use a sua promessa no caso de a emenda das diretas ser aprovada, oferecendo menos do que você quer para uma renovação de contrato? SÓCRATES – Afirmar que ficaria no Brasil. Fazendo o que é outra coisa.
Entrevista – 11ª pergunta	PLACAR – Que coisa? SÓCRATES – Quero ficar no meu país para participar da reconstrução dele. Se vou estar trabalhando como jogador, como gari, como pedreiro, como médico, é outra conversa.
Entrevista – 14ª pergunta	PLACAR — A emenda do governo prevê Diretas para 1988 e alguns analistas avaliam que, fruto de uma negociação, é possível antecipar para 1986. Você não acha isso razoável? SÓCRATES — Mas esperar o quê? Por que não já? Se as Diretas são um desejo unânime, por que não já?
Entrevista - encerramento	PLACAR – E as diretas? Quando, Doutor? SÓCRATES – Diretas já, diretas ontem.

FONTE: Placar, edição 727, p. 37-40, grifos nossos.

Chamada de capa, editorial e entrevista deixam clara a intencionalidade do discurso de *Placar* ao induzir seus leitores (especialmente os corintianos) a apoiarem, ou até mesmo exigirem, a aprovação da emenda Dante de Oliveira, elemento-chave do processo de abertura política e redemocratização. Este é o objetivo implícito, ou seja, aquilo que não está dito, mas que também está significando a real intenção do locutor: mesmo sem dizer em palavras, a revista diz (Orlandi, 2006).

Assim, o discurso da *Placar* opera por meio de implícitos que convocam o leitor a aderir a uma posição política específica: o apoio às Diretas Já. Secundariamente, também se posiciona contra a exportação de jogadores para as ligas europeias. A revista transforma uma figura esportiva em operador simbólico de mobilização, reforçando que o discurso jornalístico, inclusive o esportivo, participa ativamente da construção de sentidos políticos em contextos de disputa.

Em “O Dia do Fico do rei corintiano”, *Placar* posiciona-se através de Sócrates: usa sua voz e popularidade como instrumento de influência e mobilização pública em um momento decisivo da história brasileira. Ao fazê-lo, também assume papel central na construção da imagem de Sócrates como jogador politicamente engajado, símbolo de coragem e de luta democrática.

6.3.4 A passagem de Sócrates pela Fiorentina

A transferência de Sócrates para o clube de futebol da cidade de Florença, em 1984, resulta de um conjunto de fatores que envolveram tanto seu prestígio consolidado no Corinthians e na Seleção quanto o interesse crescente do futebol europeu por jogadores brasileiros de alta visibilidade.

Ao final da Copa da Espanha, apesar da derrota, o talento dos brasileiros chamou a atenção dos clubes italianos. Nos anos subsequentes, jogadores como Zico, Falcão e Sócrates foram alguns dos que se transferiram levando consigo o estilo de jogo brasileiro, caracterizado pela habilidade técnica e criatividade.

Esse movimento migratório foi impulsionado tanto pelo desejo dos jogadores de atuar em um dos campeonatos mais prestigiados da época quanto pelos altos salários oferecidos.

Sócrates já se afirmava como líder e protagonista da equipe nacional, o que o transformou em alvo de times que buscavam reforços. A Fiorentina, então em meio a um projeto de afirmação competitiva na Série A, apresentou uma proposta financeira e esportiva que seduziu o jogador.

Na sequência do episódio do Dia do Fico, a derrota da Emenda Dante de Oliveira na Câmara dos Deputados marcou não apenas um revés para o movimento das Diretas Já, mas também um ponto de inflexão na própria trajetória de Sócrates. Tendo declarado que permaneceria no país caso a proposta fosse aprovada, o jogador interpretou o desfecho da votação como uma autorização para seguir adiante. Pouco

depois, anunciou-se sua transferência para a Fiorentina, na qual estrearia em 16 de setembro de 1984.

Contrariando expectativas, sua atuação na temporada 1984-1985 foi marcada por dificuldades de adaptação e controvérsias. O jogador, que havia brilhado no Corinthians e na Seleção Brasileira, não conseguiu repetir o mesmo sucesso na Itália. A Fiorentina terminou o campeonato italiano em uma modesta nona colocação. Em 25 jogos, Sócrates marcou apenas seis gols, e sua performance foi considerada abaixo do esperado.

Apesar disso, *Placar* manteve-se fiel à narrativa mítica do herói e seu viés celebrativo em detrimento da ideia de insucesso ou fracasso. Sob esse viés, a rápida – e frustrada – passagem de Sócrates pelo futebol europeu explicou-se pela frieza dos italianos, sua competitividade e mentalidade voltada ao futebol-empresa, ao futebol-força, contrapostas ao futebol-arte praticado pelos brasileiros, sua alegria, festividade, amizade e calor humano – padrão predominante na construção do sentido de brasilidade nas narrativas esportivas, conforme apontado por Helal (2003a).

A construção celebrativa não se restringia à figura individual de Sócrates. Ela se vinculava a um imaginário mais amplo, associado à Seleção Brasileira de 1982, frequentemente tratada como herdeira direta do ideal estético que marcara o Mundial de 1950 e, sobretudo, o ciclo virtuoso do futebol-arte. Assim como em 1950, a equipe de 1982 era amplamente considerada uma das favoritas ao título, impulsionada por um elenco de excepcional talento técnico e pelo comando de Telê Santana, cujo estilo ofensivo e fluido era reiteradamente valorizado pela revista. Sob esse enquadramento, *Placar* descrevia o time não apenas como competitivo, mas como encantador, capaz de mobilizar expectativas nacionais por meio de um futebol criativo, alegre e esteticamente superior.

Nesse sentido, a campanha na Espanha consolidou um padrão discursivo que se tornaria central na representação posterior dos jogadores e, por extensão, na leitura da passagem de Sócrates pela Europa. A Seleção venceu todos os jogos da primeira fase e superou a Argentina na segunda, alimentando a convicção — disseminada tanto entre torcedores quanto no noticiário — de que o tetracampeonato era iminente. A derrota para a Itália, futura campeã do torneio, constituiu um trauma coletivo de grande magnitude: um golpe sentido como desproporcional não apenas pela interrupção de uma campanha brilhante, mas pela frustração simbólica de um estilo que se pretendia superior. Esse impacto reforçou, no pós-Copa, a tendência de

Placar a mitificar a equipe como representante máxima do “verdadeiro futebol brasileiro”, reforçando a associação entre técnica, criatividade, leveza e identidade nacional.

É precisamente essa matriz simbólica – fundada na celebração do talento brasileiro e na contradição entre genialidade individual e contingências adversas – que condiciona a leitura da revista sobre o desempenho de Sócrates na Fiorentina. Ao retomar continuamente o imaginário da Seleção de 1982, *Placar* desloca o eixo interpretativo: a passagem menos bem-sucedida do jogador na Itália não se converte, discursivamente, em fracasso pessoal, mas em demonstração das limitações de um futebol europeu visto como excessivamente pragmático, frio e descolado da dimensão artística que define, segundo essa narrativa, o modo brasileiro de jogar. Assim, ao recontextualizar Sócrates dentro do arcabouço simbólico de uma geração vista como mítica, a revista reconstrói sua passagem pela Itália não como queda, mas como mais um capítulo da jornada heroica de um jogador cuja grandeza ultrapassaria, inevitavelmente, os resultados imediatos obtidos em campo.

Assim, neste tópico, analisaremos a passagem de Sócrates pela Fiorentina à luz do monomito de Campbell (1991; 1997), buscando evidenciar as estratégias narrativas empregadas por *Placar* na construção do relato sobre sua atuação no futebol europeu. As três reportagens selecionadas – “O paraíso do Dottore” (edição 733), de 08 de junho de 1984; “Desta vez, a Itália perdeu” (edição 797), de 30 de agosto de 1985; e “O Maracanã conquista seu novo gênio” (edição 800), de 20 de setembro de 1985 – abrangem o período que vai da transferência do jogador para a Fiorentina até seu retorno ao Brasil após um ano. Esse conjunto permite observar como *Placar* articula a jornada europeia de Sócrates a um arco narrativo heroico, reinterpretando dificuldades e reveses dentro de uma lógica épica que reforça a excepcionalidade do “Doutor”.

A reportagem “O paraíso do Dottore” (edição 733), de 08 de junho de 1984, assinada por Gerardo Landulfo e Darwin Pastorin, publicada às vésperas de sua estreia na Itália, opera como o momento inaugural da jornada, aquilo que Campbell denomina *Partida*. Nela, *Placar* projeta sobre Sócrates a expectativa de que o novo ambiente funcionaria como “cenário ideal” para sua genialidade, enfatizando a simbiose entre a Florença renascentista e o intelectual-jogador, reforçando o caráter quase predestinado de sua ida ao clube. Trata-se de um gesto discursivo que antecipa a jornada, atribuindo à travessia um valor simbólico: a ideia de que Sócrates, por sua

singularidade técnica e cultural, estaria destinado a brilhar em um espaço igualmente singular. A Itália não aparece como um desafio concreto, mas como território mítico, apto a acolher o herói no início de sua aventura.

FIGURA 79 - Reportagem “O paraíso do Dottore”, assinada por Gerardo Landulfo e Darwin Pastorin



Placar, edição 733, p. 20 a 22
08 jun. 1984

TABELA 12 - Ficha de análise da reportagem “O paraíso do Dottore”

Chapéu	Não há
Título	O paraíso do Dottore
Legendas	Passarella não gostou muito de ver Sócrates na Fiorentina, mas Antognoni aprova o Doutor Capital da região toscana, Florença tem 700 000 habitantes e uma animadíssima vida cultural que inclui a Galleria Degli Uffizi Enoteca Pinchiorri: o restaurante da moda
Linha fina	Na bela Florença dos museus e dos concertos ao ar livre, Sócrates só terá um problema: a bronca de alguns companheiros da Fiorentina
Lead	Os donos das principais cervejarias de Florença já mandaram um aviso ao novo craque da Fiorentina : Sócrates não vai precisar mexer em seus dólares para a cervejinha de cada dia . A birra será oferta da casa, pelo menos enquanto o time estiver

	ganhando. Mas o Doutor que não espere encontrar tamanho entusiasmo entre os novos companheiros de time.
<i>Sub-lead</i>	As broncas já começaram. Naturalmente, o primeiro a pôr a boca no mundo foi o argentino Daniel Bertoni, dispensado pela Fiorentina para abrir ao jogador brasileiro uma das vagas reservadas a estrangeiros. “Fui ludibriado” , protestou o ponta-direita. “Dois dias antes, os dirigentes haviam garantido minha permanência. Agora, tomo esta ducha fria. Fui humilhado. ”

FONTE: Placar, 1984, p. 20-22.

O texto contrapõe, de um lado, a imprensa italiana – com jornalistas dos principais periódicos esportivos destacando as qualidades do jogador – e a torcida viola – apelido que deriva da cor violeta das camisas do time – enfatizando a “alegria com a chegada do brasileiro” e “a certeza de que serão campeões com Sócrates”; de outro, seus companheiros de time, contrariados e/ou enciumados com a chegada da nova estrela da equipe, como é possível perceber no trecho: “Passarella, que ironicamente é uma das admirações de Sócrates no futebol, já contou a um amigo que não fica no clube se o seu salário não for reajustado nas mesmas bases oferecidas ao craque brasileiro” (Placar, 1984, p. 20).

Discursivamente, ao elencar “inimigos” e “aliados” de Sócrates, *Placar* consolida a premissa do esporte como campo de disputa ao mesmo tempo que alimenta o imaginário em torno do mito esportivo e da saga do herói. Em outras palavras, o atleta-herói é um ser dotado de qualidades superiores que enfrentará desafios e obstáculos como prova do seu caráter.

A matéria prossegue desviando o foco para a cidade e seus encantos:

Se Sócrates vai precisar de algum tempo para ajustar sonhos e vaidades feridas dentro da Fiorentina, certamente amará Florença logo nos primeiros contatos. Afinal, a capital da região toscana, localizada na zona central da península, é uma das mais belas – e, ao lado de Veneza, caras – cidades da Itália. Importante centro cultural, histórico e comercial, Florença tem quase 700 000 simpáticos e acolhedores habitantes, que gostam de receber os estrangeiros com muita cordialidade. Segundo os próprios italianos, Florença é a cidade onde se vive melhor no país (Placar, 1984, p. 21).

[...] Para quem, como Sócrates, chega a Florença com a disposição de aprender e alargar seu horizonte cultural, a cidade é perfeita. Ele já não vai poder ver as recentes exposições Raffaello a Firenze, que reuniu as obras

mais importantes do pintor renascentista, e I Cavalli di Leonardo, com os desenhos e esboços do grande Da Vinci, mas pode percorrer os 30 museus da cidade, entre os quais se destaca a Galleria Degli Uffizi, que possui uma das mais completas e valiosas pinacotecas de toda a Europa (Placar, 1984, p. 22).

[...] Atrações, enfim, não faltam nesta cidade. É muito provável que, daqui a dois ou três anos, ao deixá-la para retornar de vez ao Brasil, o dr. Sócrates Brasileiro Sampaio de Sousa Vieira de Oliveira possa repetir a declaração enamorada do florentino Dante Alighieri: “Rejubila-te, ó Florença, pois tão grande é a fama de teu nome, que abre asas por terras e mares e também no Inferno é lembrado!” (Placar, 1984, p. 22).

Também aborda aspectos econômicos e de consumo:

A qualidade de vida começa pelas delícias da sociedade de consumo. Sócrates e sua mulher Regina poderão comprar roupas, calçados e jóias das mais famosas grifes internacionais nas luxuosas lojas e butiques da Via dei Calzaiuoli e da Via del Corso. Eles deverão morar na colina de Fiesole, o bairro chique de Florença, a 5 km do centro e a 2 km do Estádio Comunale. Os filhos do Doutor provavelmente serão matriculados no Colégio Alla Querci, dirigido por padres católicos e freqüentado pelos filhos das famílias mais importantes de Florença.

Talvez Sócrates encontre alguma dificuldade na hora de escolher os dois automóveis a que tem direito por contrato. Doce dificuldade: são muitos os modelos e marcas a sua disposição. A benzina (gasolina) custa 1 300 liras (quase 1 200 cruzeiros), mas tem um rendimento superior à brasileira (Placar, 1984, p. 21).

Nos trechos destacados, *Placar* reforça duas concepções: a de Sócrates como um atleta diferenciado, por seu interesse em temas culturais e artísticos – vale lembrar que, à época, era corrente a percepção dos jogadores de futebol como sujeitos de baixo nível intelectual e de escolaridade – e o estereótipo do jogador de futebol ligado ao sucesso financeiro.

As altas expectativas em relação à passagem de Sócrates pela Fiorentina, como dito anteriormente, frustraram-se. O desempenho abaixo do esperado, a dificuldade de entrosamento na equipe e as diferenças político-ideológicas em relação aos Pontello³⁴, proprietários do clube, foram algumas das razões que fizeram com que, em meados de 1985, o doutor retornasse ao Brasil.

³⁴ No Brasil, além da Democracia Corinthiana, Sócrates participou de comícios na luta pelo restabelecimento das eleições diretas, marcou presença em shows para levantar fundos para o recém-criado Partido dos Trabalhadores (PT), deu entrevistas críticas ao regime militar. Não escondia sua admiração por figuras históricas e ideológicas da esquerda, como Che Guevara e Fidel Castro. Na Itália, frequentou as reuniões do Partido Comunista Italiano (PCI), inimigo visceral da Democrazia Cristiana (DC), partido conservador italiano, corrente política à qual pertenciam os dirigentes da Fiorentina (Cardoso, 2014; Casagrande e Ribeiro, 2016).

As reportagens “Desta vez, a Itália perdeu” (edição 797), de 30 de agosto de 1985, e “O Maracanã conquista seu novo gênio” (edição 800), de 20 de setembro de 1985, ambas com destaque na capa das respectivas edições, dão conta da narrativa construída por *Placar* para explicar o insucesso do jogador no time europeu.

FIGURA 80 - Capa e reportagem “Desta vez, a Itália perdeu”



[Placar, edição 797, p. 19 e 30](#)
[30 ago. 1985](#)

“Desta vez, a Itália perdeu” é uma reportagem especial de dez páginas que pauta não apenas o retorno de Sócrates, mas também de outras estrelas brasileiras com passagem por clubes italianos, como Falcão e Zico. Falcão havia trocado a Roma pelo São Paulo e Zico, a Udinese pelo Flamengo. Na ocasião, os três atletas enfrentavam batalhas na justiça italiana contra seus antigos clubes.

Publicada após o retorno de Sócrates ao Brasil, nela ocorre o que Campbell (1997) identifica como o *Encontro com as Provações* e a subsequente *Recompensa*. Embora o rendimento esportivo do jogador na Fiorentina tenha ficado aquém das expectativas – fato amplamente noticiado por outros veículos – *Placar* reconfigura essa passagem sob uma chave simbólica: não foi Sócrates quem fracassou na Itália, mas a Itália que “não soube reconhecê-lo”.

A inversão atribui ao jogador o papel de herói incompreendido, cuja grandeza transcende o contexto europeu. A revista desloca o foco do desempenho para o “desencontro cultural”: a frieza dos italianos, o pragmatismo tático e o “futebol-

força” são apresentados como obstáculos externos, incompatíveis com o estilo brasileiro e, portanto, incapazes de acolher um jogador da estatura de Sócrates. Assim, o retorno ao Brasil deixa de ser lido como recuo e passa a constituir uma espécie de *retorno com o elixir* – no qual o herói volta ao seu povo reforçado, reafirmado e reintegrado ao seu lugar natural.

TABELA 13 - Ficha de análise da reportagem “Desta vez, a Itália perdeu”

Chapéu	A praga de Sarriá
Título	Desta vez, a Itália perdeu
Legenda	Barcelona, 5 de julho de 1982: o início de uma terrível maldição que agora, enfim, volta-se contra o feiticeiro
Linha fina	Três anos depois da derrota na Copa da Espanha , o futebol brasileiro começa a provar um doce gosto de vingança
Lead	O sonho do tetra se desfez três anos atrás, quando a Seleção Italiana derrotou o Brasil no triste cenário do Estádio Sarriá , em Barcelona, na Espanha. Não satisfeito, o futebol dos atuais campeões do mundo, que já tinha Falcão reinando em sua capital, levou para lá quase todas as nossas grandes estrelas . Era como se uma praga houvesse sido rogada naquele trágico 5 de julho de 1982 .
Sub-lead	Como a vida, a bola dá muitas voltas. E eis que alguns desses insubstituíveis ídolos estão de regresso . Com isso, a praga faz outras vítimas. Mais do que todos sofrem os italianos, que ficam privados de astros de primeira grandeza . Do ponto de vista financeiro, perdem também os jogadores, que aqui – terra endividada e corroída pela inflação – vão enriquecer menos do que lá. Mas, felizmente, ganham os que mais haviam sido atingidos pela maldita praga: os torcedores brasileiros , que já podem aplaudir Falcão e Zico no Morumbi ou no Maracanã.

FONTE: Placar, 1985, p. 19, grifos nossos.

Pelo viés da revista, os jogadores brasileiros continuavam sendo “grandes estrelas”, “insubstituíveis ídolos”, “astros de primeira grandeza”. Com seu regresso, eram os italianos quem perdiam e os torcedores brasileiros quem ganhavam, o que seria uma espécie de revanche à derrota na Copa de 1982, quando a Itália desclassificou o Brasil.

A narrativa de *Placar* ainda acrescenta nuances esotéricas à dramatização do fato: “praga”, “maldição”, “feiticeiro”, “vingança”. Neste sentido, sob a interpretação do monomito de Campbell, os heróis brasileiros retornavam após um período de provações e desafios em nome de um bem maior: a alegria do povo.

Em “O Maracanã conquista seu novo gênio”, reportagem de seis páginas assinada por Armando Calvano e Palmério Dória, *Placar* conclui o ciclo campbelliano, enfatizando o retorno triunfal de Sócrates ao Brasil e sua parceria com Zico.

FIGURA 81 - Capa Agora o Maracanã vai explodir



[Placar, edição 800](#)
[20 set. 1985](#)

A narrativa se aproxima da etapa de *Retorno e Celebração*, na qual o herói readquire sua plenitude ao ser acolhido pela comunidade. A reportagem desloca o sentido da passagem europeia para reforçar a ideia de reencontro entre o jogador e o ambiente no qual sua genialidade pode florescer. O Maracanã – espaço sagrado do futebol nacional – é figurado como o local onde seu talento volta a ser reconhecido e celebrado, completando a jornada simbólica iniciada em sua saída do Corinthians. Nesse enquadramento, a experiência na Itália não aparece como fracasso, mas como uma prova necessária que confirma a excepcionalidade do herói ao permitir que ele retorne ainda mais valorizado.

Legendas	Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, 13/9/1985: Sócrates Brasileiro de Souza Sampaio Vieira de Oliveira ganha os aplausos e as esperanças do Fla Com Zico, que madrugou para ir recepcionar o companheiro: amizade de craques Com Mozer, no primeiro treino na Gávea: “A peça que faltava para nos dar força”
Linha fina	Com a festiva chegada do Doutor, o rubro-negro dá a Zico o parceiro de seus sonhos e faz a torcida vislumbrar um time irresistível
Lead	A identificação da torcida flamenguista – ou seja, do povão – com o Doutor Sócrates ficou clara, na ala internacional do Aeroporto do Rio de Janeiro, quando o coro de rubro-negros saudou com música o craque que chegada da Itália. “Entornar é viver/ Doutor, vou beber com você.” Ao ritmo da bateria mirim da Estação Primeira de Mangueira, o coro-paródia era uma maneira de declarar um amor independente de gols, atuações, resultados. Ali, um dos traços mais significativos da personalidade de Sócrates – a assumida paixão por uma mesa de bar – encontrava simpático abrigo no bom humor da torcida. Era como se, naquela sexta-feira, 13, o povão estivesse dizendo a Sócrates: “Sinta-se à vontade”.
Sub-lead	Mas não apenas torcedores anônimos reverenciavam o Doutor. Encontravam-se lá os dirigentes flamenguistas, os empresários responsáveis pela contratação do ídolo. O próprio Zico, astro maior do Flamengo, numa demonstração de total desprendimento, estava ali, numa quase madrugada ainda, alegre como o resto do povo. Para o Galinho, não era a chegada de uma estrela com a qual deveria dividir atenções e glórias – era a chegada de um amigo e de um craque.

FONTE: Placar, 1985, p. 5-6, grifos nossos.

Ao longo do texto, sobram elogios às qualidades do jogador pelas palavras dos companheiros de equipe: “Temos no Flamengo, agora, um dos maiores talentos já produzidos no futebol brasileiro e um dos maiores atacantes do futebol mundial. Feliz do time que pode contar com um talento desses” (Zico); “Sócrates era a peça que faltava para dar mais força ofensiva ao Flamengo” (Mozer e Leandro); “Ele vai ser fundamental para dar experiência aos mais jovens (Leandro); “Tenho muito o que aprender com Sócrates, que tem uma cabeça e um futebol incríveis. Não importa em que posição, quero é jogar nesse time com ele e Zico” (Bebeto) (Placar, 1985, p. 9).

A recepção dos brasileiros – alegre, festiva, calorosa – e a personalidade de Sócrates – humana, sensível – é contraposta à frieza dos italianos, sua mentalidade voltada ao futebol-empresa e o foco no lucro:

Naquele momento, o Doutor estava começando a deixar para trás o pior período de sua vida. Distanciava-se de momentos de incrível turbulência e até humilhação, de relações cortadas com seu ex-clube, a Fiorentina, e mortalmente decepcionado com o futebol-empresa italiano. Um amigo recente, mas suficientemente íntimo dele, resumia seus sentimentos: “É fácil entender por que houve o choque entre Sócrates, que é uma pessoa muito humana e sensível, com o futebol italiano. Na Itália, os clubes são sociedades anônimas e seus dirigentes atuam mais como diretores financeiros, não como diretores esportivos. Antes de tudo, visam lucro – o relacionamento humano não existe, é tudo distante, com raras exceções. Sócrates, de fato, não poderia gostar (Placar, 1985, p. 6).

Deste modo, a análise integrada dessas três reportagens revela que *Placar* constrói discursivamente uma jornada típica do monomito: a partida marcada por expectativas, a travessia recheada de obstáculos e o retorno celebrativo. Ao fazer isso, a revista não apenas contorna a leitura negativa do desempenho de Sócrates na Fiorentina, como o reinscreve no panteão dos heróis nacionais, reafirmando a sua identidade como um dos símbolos maiores do futebol-arte brasileiro.

Assim, Sócrates é retratado como herói que parte, mas cuja ausência reforça ainda mais sua importância. A revista cultiva a ideia de saudade, volta, redenção. O retorno é tratado como espetáculo — tanto emocional quanto esportivo. Trata-se de uma operação discursiva que, mesmo diante de dados objetivos que poderiam sugerir uma trajetória frustrada, insiste na valorização mítica do jogador, preservando-o dentro de uma lógica épica que favorece a perpetuação da imagem do “Doutor” como figura excepcional e atemporal.

6.3.5 Especiais (1979 e 2011)

Esta seção analisa, em chave discursiva, duas edições especiais de *Placar* dedicadas a Sócrates, publicadas em momentos históricos e editoriais radicalmente distintos: a primeira, em setembro de 1979, quando o jogador vivia a ascensão na carreira e a revista operava como semanário de prestígio; a segunda, em dezembro de 2011, logo após sua morte, quando *Placar* já atuava sob outras injunções de circulação e mercado.

FIGURA 83 - Especial Sócrates - O melhor jogador do mundo



Placar, edição especial
Setembro de 1979
(Acervo Museu do Futebol)

FIGURA 84 - Especial Sócrates Eterno



Placar, edição especial
Dezembro de 2011
(Acervo Museu do Futebol)

À luz da AD francesa, partimos da premissa de que os sentidos são históricos e dependem das condições de produção que regulam os gestos de interpretação. Como veremos, em 1979, a revista produz acontecimento e constrói o mito por meio de um dispositivo narrativo robusto: reportagens autorais, enquadramentos analíticos e escolhas editoriais que orientam a leitura. Em 2011, a edição fala mais da própria revista – de seu corpo editorial e de sua economia de produção – ao reeditar materiais do acervo, com fraca reinscrição interpretativa do personagem.

A edição de 1979 apresenta um conjunto editorial em 68 páginas (11 de publicidade), incluindo uma variedade de gêneros jornalísticos (editorial, reportagens, entrevistas, pôster, história em quadrinhos, charge) com forte produção autoral. Sob o comando de Juca Kfourir, a revista investia em apuração, interpretação e intervenção pública – inclusive com pautas de viés investigativo – o que a posicionava como instância de acontecimento discursivo no campo esportivo.

Já na capa (“SÓCRATES – O melhor jogador do mundo”) e no editorial (“Rei Sócrates”), *Placar* explicita o seu lugar enunciativo e autoriza um gesto de

interpretação: romper a própria rotina (“dez anos de tradição”) para dedicar uma revista inteira a um único jogador. Tais marcas de entrada não só propõem uma leitura (“rei”, “melhor do mundo”), como também naturalizam a evidência do mito, instaurando desde o início um horizonte de verificação no qual a excepcionalidade do personagem aparece como aquilo que se impõe ao discurso.

FIGURA 85 - Editorial Especial Sócrates, assinado por Juca Kfouri



Placar, edição especial set. 1989, p. 3.

(Acervo Museu do Futebol)

REI SÓCRATES

Por que *Placar*, abandonando dez anos de tradição, resolveu publicar uma revista inteira dedicada a apenas um jogador? A resposta pode exigir comparações, o que, sem dúvida, foge inteiramente às nossas intenções. Bastará dizer, talvez, que Sócrates surgiu em 78/79 – embora sua carreira tenha começado em 73, e não interessa aqui discutir os motivos pelos quais ficou fora da Seleção todo esse tempo – como o fenômeno realmente novo que revolucionou e deu nova vida ao nosso futebol.

Foi ele quem devolveu a alegria aos gramados brasileiros, foi o responsável pela mudança da torcida corintiana, antes nervosa e angustiada, hoje contente e descontraída só por vê-lo jogar. Mas, se não basta, é bom lembrar que a coroa de rei do futebol está sem dono e nada mais razoável que apresentar um digno praticante da arte para honrá-la. Até porque, como diria D. João VI, “antes que algum aventureiro lance mão dela”. A *Sócrates*, pois, sem comparações (*Placar*, 1979, p. 3).

A enunciação de Juca Kfouri expõe a lógica pecheutiana de posição-sujeito: ele fala “por” *Placar* (“Por que *Placar* [...] resolveu publicar”), mas também através dela, deslocando para a voz institucional a sua própria posição de

corintiano e de diretor de redação, configurando as condições de produção que legitimam dizer e fazer dizer a entronização do ídolo.

Na materialidade do texto, a modalização afirmativa (“fenômeno realmente novo”, “devolveu a alegria aos gramados”, “responsável pela mudança da torcida corintiana”) e o metadiscorso que recusa a disputa (“sem comparações”) ao mesmo tempo em que a convoca, operam o que Orlandi (2013) chama de gesto de interpretação: nomear e estabilizar sentidos que parecem evidentes justamente porque são produzidos como tal. A metáfora régia (“a coroa de rei do futebol está sem dono”) e a citação de D. João VI funcionam como interdiscursos de autoridade que deslocam um juízo de gosto para um ato de consagração, transformando a revista em instância de acontecimento discursivo e o jogador em efeito-mito.

Assim, Juca não apenas opina; ele faz crer por meio do “nós” institucional – um operador enunciativo que, do seu lugar de chefia editorial, converte a paixão alvinegra em política do dizer da revista.

Além do editorial, a edição articula gêneros diversos e complementares: perfis biográficos (“Sócrates Brasileiro”, “De Belém a Ribeirão, uma infância feliz”, “Regina e os quatro mosqueteiros” e “Amor maduro”), ensaios fotográficos em sequência (“A explosão do talento”, “Toma lá, dá cá e... É gol”), quadro estatístico (“Tabelão do Sócrates”), depoimentos de autoridades midiáticas (“A imprensa fala”), quadrinhos (“O Doutor da Bola”), charges de Henfil e pôster do jogador.

A enunciação multilinguagens – imagens, textos, números – opera como discurso de legitimação, em que cada bloco reforça e distribui o já-dito afirmativo (“gênio”, “rei”, “melhor”), produzindo o efeito de consenso que confere aos enunciados a aparência de evidência.

O dossiê “Nesse dia nasceu um rei” contextualiza o 19/2/1954, entrecruzando Guerra Fria, crise política, carnaval, cinema e futebol. A construção é típica de uma historicização mítica: reconstituir o nascimento do herói no panorama dos grandes acontecimentos para aproximar indivíduo e nação, tempo biográfico e tempo histórico.

FIGURA 86 - Dossiê de *Placar* “Nesse dia nasceu um rei”



Placar, especial 1979, p. 13-17
(Acervo Museu do Futebol)

De outra forma, o “Tabelão do Sócrates” (lista dos jogos em que atuou e gols marcados) fornece um fundamento empírico à hipérbole – dados e séries numéricas como prova da excepcionalidade que as fotos e os títulos anunciam. Estatística e narrativa, juntas, dão materialidade ao mito. Ao passo que “Sócrates segundo os astros” caminha no sentido oposto, mobilizando o discurso esotérico para explicar a excepcionalidade do jogador sob a forma de predestinação. Assim, a edição integra ao seu gesto de interpretação um saber popular de amplo apelo, reforçando a

construção histórica do herói e a evidência de sua grandeza pela via do já-dito cosmológico.

FIGURA 87 - Matéria “Sócrates segundo os astros”



Placar, especial 1979, p. 42-43
(Acervo Museu do Futebol)

O interdiscurso político do período irrompe de modo explícito. No bloco “O ídolo jogando aberto”, a revista interpela o jogador sobre abertura política, anistia, eleições; e, em outra passagem, o relato da estreia na seleção é marcado pela ênfase no “dever cívico” ao som do Hino Nacional.

[...] Depois veio também a Seleção, e sua estreia contra o Paraguai no Maracanã. Sócrates admite que sentiu uma tremedeira na hora do Hino Nacional, decorrente de uma espécie de dever cívico de defesa da pátria. Esse sentimento ele não esconde: é um nacionalista convicto desde que se conhece por gente. (Placar, 1979, p. 12)

Assim, a posição de sujeito atribuída a Sócrates incorpora, de forma orgânica, as cadeias de memória que articulam futebol, cidadania e debate público, deslocando o atleta da condição de celebridade para a de ator discursivo em um projeto de país que, no fim dos anos 1970, reconfigura o contexto social.

Cumprir frisar que, naquele 1979, a própria revista não caracteriza Sócrates como um jogador politizado ou engajado em sentido estrito. A intencionalidade editorial, porém, já projeta um horizonte de leitura para esse lugar: o sujeito-Sócrates

como ator discursivo potencial. Isso, conforme vimos, graças ao lugar enunciativo de Juca Kfoury e seu intuito de provar que o ambiente do futebol não era necessariamente alienante.

A polifonia presente no bloco “A imprensa fala” (Mauro Pinheiro, Osmar Santos, Celso Kinjô, João Saldanha) funciona como polifonia controlada: vozes diversas convergem para a mesma valoração (“gênio”, “homem de um toque só”, “líder”, “fenômeno”, “o maior”), ampliando o raio de circulação do elogio e convertendo o julgamento em quase consenso. Tratar-se-ia, no vocabulário pecheutiano, de uma paráfrase generalizada, em que o dizer se repete por variações semânticas mínimas.

FIGURA 88 - Seção “A imprensa fala”



Placar, especial 1979, p. 64-65
(Acervo Museu do Futebol)

À luz de Bourdieu (1999), o texto funciona como um mecanismo de consagração no interior de dois campos imbricados: o jornalístico e o esportivo. Ao selecionar falas de agentes dotados de alto capital nesses campos³⁵, *Placar* promove uma conversão de capital: o prestígio individual de cada comentarista é transferido ao objeto (Sócrates), enquanto a própria revista reforça seu capital simbólico por figurar como arena capaz de reunir “vozes legítimas”.

³⁵ Na ocasião, Mauro Pinheiro ocupava o cargo de comentarista da *Rádio Bandeirantes de São Paulo*; Osmar Santos era locutor e chefe de esportes da *Rádio Globo de São Paulo*; João Saldanha, ex-técnico da Seleção, comentarista da *Rádio Globo do Rio*, colunista do *Jornal do Brasil* e de *Placar*; e Celso Kinjô, editor de *Placar*.

O resultado é um efeito de coro: vozes diferentes, mas equivalentes em posição e *habitus*. Sob a lógica da palavra autorizada, *Placar* “faz dizer” por especialistas aquilo que ela mesma “quer dizer” para impor a crença no valor de Sócrates — e, com isso, delimita as fronteiras do pensável naquela conjuntura.

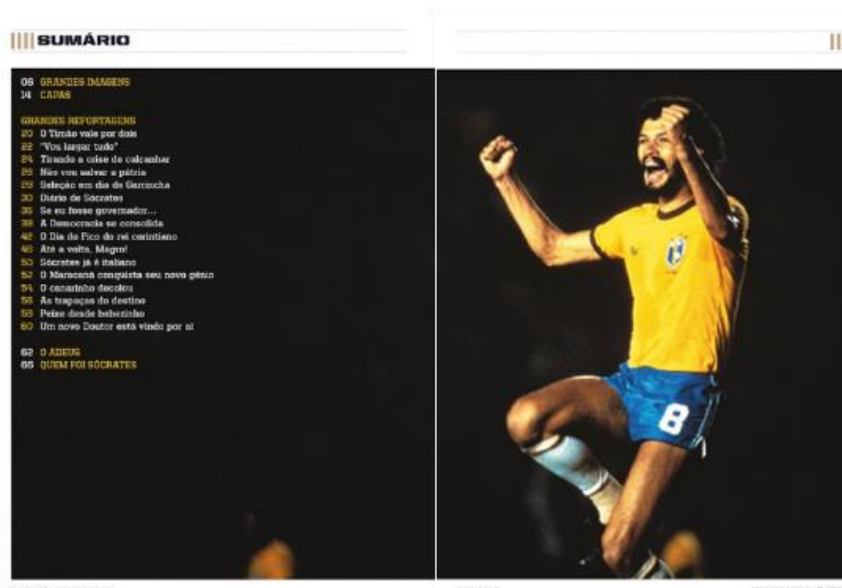
Tudo isso implica reconhecer que, em 1979, *Placar* atua como instância produtora de acontecimento discursivo. O periódico decide, recorta, monta, atribui predicados, convoca depoentes, ordena estatísticas e desenha uma iconografia que faz ver um sujeito — o “Doutor” — cuja grandeza é construída pela revista, nas condições editoriais, tecnológicas e políticas do semanário no fim dos 1970. Nesse sentido, a edição interpreta, historiciza, homenageia, consagra — e, ao consagrar, produz o mito.

A edição especial de 2011 opera sob outras condições de produção e evidencia a mudança de lugar enunciativo de *Placar*: do semanário que produzia acontecimento para a marca que busca se adaptar e sobreviver em um mercado impresso pressionado pela internet, por portais esportivos, TV por assinatura e o início da lógica de redes sociais como regime de circulação de sentidos.

Tem-se, assim, um produto memorialístico de excelente acabamento gráfico (papel, impressão, grid e hierarquia tipográfica cuidadosos) — quando comparada à edição de 1979 —, mas cujo gesto de interpretação é mínimo: a revista se limita a reunir e reembalar o que produziu no passado.

A própria arquitetura do número denota isso: 16 reportagens antigas são reproduzidas integralmente, e apenas dois textos além do editorial são originais (“O adeus” e “Quem foi Sócrates”), todos escritos em registro frio, limitado e distanciado, com baixa problematização do mito.

FIGURA 89 - Sumário da edição especial de 2011



Placar, especial 2011, p. 4-5
(Acervo Museu do Futebol)

O editorial assinado por Sérgio Xavier Filho, por exemplo, inicia destacando Raí, irmão de Sócrates, numa curiosa inversão. Apesar do sucesso futebolístico, por ser o caçula da família e ter iniciado sua carreira quando Sócrates já era um ídolo consagrado, o mais comum sempre foi Raí ser tratado por irmão de Sócrates, e não o contrário. A abertura soa ainda mais estranha por se tratar do editorial escrito para o especial pós-morte do jogador e por destacar um evento são-paulino, time adversário ao de Sócrates:

Obrigado, Doutor

Aconteceu há alguns anos. Era a inauguração do camarote de Raí no estádio do Morumbi. Lugar sofisticado, projeto do arquiteto são-paulino Ruy Ohtake. Na parede, fotos da vitoriosa carreira do jogador. Raí foi grande. Campeão da Libertadores, mundial rei na França, campeão do mundo com a Seleção Brasileira. Nessa noite, haveria um debate sobre futebol e o convidado principal era o irmão de Raí. Quando Sócrates começou a falar, contar histórias, a fisionomia de Raí mudou. O dono da festa não estava mais lá. O olhar agora era de um fã comum, observando seu ídolo. Raí tinha voltado a ser o "pivete" de Ribeirão Preto, fascinado por um irmão mais velho que brilhava tanto no gramado quanto fora dele. Uma cena bonita, acreditem. [...] (Placar, 2011, p. 3).

No texto "O adeus", a revista adota registro necrológico e factual para narrar a morte do futebolista aos 57 anos, vinculando-a a complicações de alcoolismo e ao agravamento de problemas hepáticos ao longo de 2011. O relato recompõe internações, pioras, tentativas de tratamento e o desfecho no hospital, usando termos

Esse esvaziamento interpretativo — em nítido contraste com o legado histórico que *Placar* produziu no fim dos anos 1970 e início dos 1980 — não reduz a centralidade de Sócrates. Ele fala, antes, da própria revista, de seu corpo editorial e de suas condições de produção em 2011. Diferentemente de 1979, quando a redação operava com conexão afetiva, polifonia crítica e invenção iconográfica em torno do personagem, a edição de 2011 revela enunciadores menos aderentes ao objeto: a posição-sujeito da redação se desloca da mediação interpretativa para a curadoria de memória.

O contexto político também ajuda a entender o deslocamento. Em 1979, o interdiscurso da abertura/anistia atravessava a sociedade e autorizava um jornalismo interpretativo que fazia do futebol uma arena de cidadania; em 2011, a democracia institucionalizada já não oferece o mesmo gancho de acontecimento para reatualizar politicamente o personagem. A homenagem, então, tende ao rito memorial: organiza o já-dito sem produzir novos sentidos.

A isso se soma a crise do impresso e a disputa por sobrevivência editorial frente à internet e às novas lógicas de circulação. É sintomático que as duas edições tenham 68 páginas, mas com proporções de publicidade muito distintas (onze páginas em 1979, apenas três em 2011), sinal de um mercado mais árido. Nesse cenário, ganham espaço formatos de baixa fricção: edições-arquivo, edições de colecionador, especiais comemorativos.

Sócrates vira, então, mercadoria, produto à venda, passado que a revista reembala e comercializa. O mito permanece, mas como valor de catálogo, expondo os limites contemporâneos de enunciação de uma redação comprimida por pressões de mercado e por um ecossistema midiático que se limita a processar memórias sedimentadas sem realizar um novo gesto de interpretação.

Em outros termos, a constituição de Sócrates como mito esportivo é historicamente situada e depende de condições de produção que, no fim dos anos 1970 e início dos 1980, favoreceram um investimento interpretativo denso. A convergência entre um regime de dizer (dispositivo jornalístico crítico) e um objeto de dizer (um atleta que mobiliza interdiscursos de política, cultura e estética do jogo) criou as condições singulares para a emergência do mito; em 2011, tais condições já não estavam dadas, e a revista preferiu agenciar a memória do que produzir novos sentidos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Houve um jogador de futebol que nunca deu um autógrafo. [...] “Nunca vou parar para dar um autógrafo, mas nunca me recusarei a parar para conversar. Desde que seja para falar de mim como pessoa, não como jogador de futebol, algo que me interessa muito pouco.” [...] “Não é melhor que a gente papeie um pouco, que tenha uma relação de pessoa para pessoa em vez de uma de imbecil para imbecil? [...]” (Peinado, 2017, p. 39).

As declarações acima – pela franqueza, objetividade e crítica à lógica de idolatria no futebol – poderiam facilmente ser atribuídas a Sócrates, mas não é dele que Quique Peinado trata no capítulo *Chutes à esquerda da esquerda*, apesar de o futebolista brasileiro figurar como destaque na capa da obra. Na passagem citada, o autor refere-se a Paolo Sollier, então jogador da Cossatese, equipe da terceira divisão italiana em 1973.

As aproximações com Sócrates são numerosas e sugestivas. Além do posicionamento político explícito e das declarações polêmicas, Sollier também era meio-campista, reconhecido por sua qualidade técnica, e jogou profissionalmente no contexto dos chamados “anos de chumbo” na Itália. Assim como Sócrates, saudava a torcida com o punho cerrado após marcar gols e rapidamente ganhou fama de revolucionário, mas, distintamente do jogador brasileiro, sua projeção contemporânea é limitada.

Sollier precede Sócrates: sua carreira tem início na primeira metade dos anos 1960 e se estende até meados dos anos 1980 (Paolo, s.d., s.p.). Não há indícios, no entanto, nas biografias ou em registros disponíveis, de que tenha havido influência mútua ou circulação de referências entre ambos.

A celebração com o punho cerrado não se restringe a esses dois casos: no Brasil, Reinaldo, atacante do Atlético Mineiro e contemporâneo de Sócrates na Seleção Brasileira, já realizava o mesmo gesto no final da década de 1970³⁶. Ainda assim, embora Reinaldo permaneça como um símbolo de resistência e engajamento, nota-se que em Sócrates o gesto alcançou uma cristalização ainda mais perene na memória midiática e no imaginário coletivo nacional e internacional.

Tal fixação simbólica pode ser observada também em espaços institucionais: no memorial do Corinthians instalado no Parque São Jorge, onde

³⁶ A relevância desse signo na trajetória do jogador mineiro é reafirmada na biografia escrita por seu filho, Philipe Van R. Lima, significativamente intitulada *Punho cerrado: a história do Rei* (2017), cuja capa exibe a fotografia do ídolo atleticano realizando o icônico protesto.

jogadores históricos são homenageados com moldes de seus pés, Sócrates é singularizado pela presença de um molde de sua mão fechada, reiterando a centralidade do punho cerrado como signo distintivo de sua trajetória (Tsutsui; Mesquita, 2024).

O resgate entre essas trajetórias serve como prova de que nem o gesto do punho cerrado nem a articulação entre futebol e política são exclusivos de Sócrates ou inaugurados por ele, porém é em torno do jogador brasileiro que tais elementos ganham maior representação, dimensão que se torna ainda mais evidente quando se observa a repercussão internacional de sua imagem.

Nesse sentido, o estágio doutoral na França revelou-se fundamental para a compreensão dessa circulação ampliada, na medida em que, ao compartilhar o objeto de pesquisa em eventos científicos, passaram a emergir referências provenientes das mais diferentes localidades e nacionalidades.

Tais contribuições evidenciam a presença de Sócrates como figura engajada em suportes e linguagens diversas – de publicações em redes sociais a grafites urbanos, passando por produções audiovisuais e histórias em quadrinhos. Embora esses materiais não integrem diretamente o corpus desta tese, indicam um campo fértil para investigações futuras.

A título de exemplo, destacam-se o documentário *Sur la route avec Sócrates* (Na estrada com Sócrates) (Apel; Boeken, 2014), produção franco-alemã protagonizada por Daniel Cohn-Bendit, e a obra *Génération poing levé* (Gerações punhos erguidos), de Karim Nedjari e Chloé Célérien, uma história em quadrinhos dedicada a esportistas militantes que inclui um capítulo sobre Sócrates.

Esses achados fortalecem ainda mais a contribuição desta tese, pois corroboram as hipóteses iniciais: a revista *Placar* desempenhou papel decisivo na construção de Sócrates como mito esportivo. O personagem polissêmico ali construído – um jogador intelectualizado, politizado e engajado –, mesmo que historicamente situado em termos editoriais, ultrapassa o âmbito nacional e continua circulando em diferentes contextos, extravasando, inclusive, o próprio campo esportivo e também o jornalístico, moldando-se a novos usos e discursos.

Eis aí a condição de mito. Diferentemente do ídolo, cuja configuração se apoia sobretudo na admiração e na identificação coletiva, e do herói esportivo, cuja trajetória é marcada por feitos exemplares – ainda que não isenta de falhas –, o mito transcende o tempo e se torna narrativa viva. Assim, o mito afirma-se como história

coletiva que se repete, se adapta e se ressignifica, transformando o indivíduo em símbolo de valores universais – luta, justiça, liberdade.

No caso de Sócrates, muito além do ídolo da torcida corintiana ou do herói que venceu partidas decisivas, o mito nasce do entrelaçamento entre o esporte e o discurso político. Em outros termos, a força de sua figura reside no emblema do ser político – inscrito em um universo que durante muito tempo foi entendido como espaço de alienação.

Caminhando para o fechamento da tese, outras perguntas se impuseram ao longo da pesquisa: O que difere Sócrates de Sollier, Reinaldo e outros tantos atletas engajados? No processo de mitificação, Sócrates é criador ou criatura? Ou seja, é agente ou produto de *Placar*? Qual a importância de Juca Kfoury nessa trajetória? E, ainda, em que medida Sócrates foi, de fato, um craque, um intelectual, um jogador engajado?

Não há uma única resposta para cada uma dessas questões, mas a articulação de múltiplos fatores que tornam possível a emergência de Sócrates como mito esportivo. Para compreendê-lo, recorreremos à teoria dos campos de Bourdieu (1986, 1999), segundo a qual quanto maior o volume de capital – econômico, cultural, social – acumulado por um agente, maior sua centralidade no interior de um campo e maior seu potencial de se converter em referência simbólica, capaz de atrair e organizar discursos.

Nessa perspectiva, o que diferencia Sócrates de outros jogadores politizados não é necessariamente o gesto ou o posicionamento em si, mas o patamar simbólico que alcança. Esse patamar resulta da articulação de múltiplos elementos – sua formação médica, sua atuação como jogador de elite, sua presença na Seleção Brasileira, sua condição de ídolo corintiano, sua capacidade de elaboração discursiva, sua ampla rede de relações sociais e políticas –, todos inscritos em um contexto histórico específico, marcado pelo enfraquecimento do regime militar e pelo processo de abertura política no Brasil.

Do mesmo modo, no que tange às relações entre Juca Kfoury, Sócrates e *Placar*, essa aproximação não deve ser compreendida como um processo unidirecional, mas como resultado de uma articulação dinâmica entre agentes situados em campos diferentes que, em determinado momento, convergem interesses, ultrapassam suas posições estritamente profissionais – de jornalista e atleta – e passam a se apoiar e influenciar mutuamente.

Sócrates tinha como principal objetivo atuar pela Seleção Brasileira e, com esse intuito, investiu fortemente na Copa de 1982 como momento decisivo de afirmação. Nesse percurso, encontrou em *Placar* uma parceira estratégica, que passou a funcionar tanto como vitrine quanto como porta-voz de seus posicionamentos, além de mediadora de sua relação com a torcida alvinegra e agente relevante em seu processo de amadurecimento político.

Esse amadurecimento coincide com um momento de transformação no próprio Corinthians, que culminaria na experiência da Democracia Corinthiana. Desse modo, a trajetória de Sócrates se entrelaça a um contexto mais amplo de mudanças no campo esportivo e político, no qual clube, jogador e mídia passam a atuar de forma articulada na produção de novos sentidos para o futebol.

Juca, por seu turno, à frente da direção de redação da revista, atua inicialmente como torcedor corintiano, valendo-se de *Placar* como plataforma para defender a permanência do jogador – o craque – em seu clube e sua presença na Seleção. Ao mesmo tempo, na condição de gestor, investe na projeção do ídolo como estratégia para enfrentar o déficit de vendas e as sucessivas crises financeiras da revista, reforçando a presença de Sócrates no discurso editorial.

A centralidade de Sócrates em *Placar*, no entanto, não pode ser explicada apenas por sua relação com Juca Kfoury. O diretor não era uma voz isolada na redação: havia outros jornalistas, muitos deles corintianos e alinhados à esquerda, que também apoiavam e valorizavam o jogador.

Muito antes de Sócrates se destacar, *Placar* já defendia o futebol-arte, incentivava uma atuação mais política dos jogadores, criticava os cartolas e as estruturas dirigentes, além de apostar na modernização do esporte. Com a chegada de Sócrates, a revista encontra uma figura que reúne esses valores, tanto no plano intelectual quanto no político, reforçando a ideia de que o futebol também pode ser um espaço de reflexão crítica e de intervenção social.

A família Civita também tem um papel importante nesse processo. Apesar de alinhada ao regime e marcada por uma postura conservadora, manteve certa distância da redação, sem interferir diretamente na linha editorial naquele momento – postura que se modificaria no período posterior à carreira de Sócrates. Nesse contexto, os interesses comerciais tendiam a se sobrepor às disputas ideológicas, permitindo que a revista explorasse editorialmente figuras e temas com maior margem de autonomia.

A partir dessas interpretações, depreende-se que, longe de operar apenas como um veículo voltado à cobertura esportiva, *Placar* configurou-se como um espaço de produção e tensionamento entre interesses particulares, dimensões políticas e demandas comerciais que extrapolaram o jornalismo.

Diante disso, pensando na lógica da construção do mito, pouco importa responder de forma definitiva se Sócrates foi “realmente” um craque, um intelectual ou um jogador engajado. As representações falam mais de quem as utiliza do que de quem é representado.

Assim, o que fica sedimentado nas narrativas esportivas e jornalísticas não é “o Sócrates real”, mas Sócrates como dispositivo de sentido: símbolo de democracia, resistência e consciência política, ainda que em tensão com traços contraditórios de sua própria trajetória.

É *Placar*, nesse percurso, que acaba por alçá-lo a um panteão acima dos comuns. Ao narrar sua trajetória, a revista funciona como um Olimpo editorial – um espaço de consagração no qual o jogador é elevado a uma condição simbólica superior, tornando-se uma referência exemplar e duradoura de seu tempo. Sua figura mitificada não se limita ao campo esportivo: ela reverbera em movimentos sociais, discursos acadêmicos e reflexões contemporâneas, articulando dimensões esportivas, sociais e políticas em um mesmo imaginário.

REFERÊNCIAS

A REVISTA NO BRASIL. São Paulo: Editora Abril, 2000.

AGUIAR, P. **Sócrates** – Especial Grandes Momentos do Esporte + bônus Cartão Verde. Vídeo. YouTube, s.d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JEYiXncylBs>. Acesso em: 4 fev. 2026.

ALVES, N. G; GARCIA, R. L. Futebol: paixão e política. In: CARRANO, P. C. (org.). **Bate-bola inicial**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 7-10.

AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do; BOZINA, Bruna Furlan; BERTOLLI FILHO, Claudio. Do estádio para o estúdio: representação do corpo masculino e virilidade na capa da revista *Placar*. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 20, n. 27, p. 59-74, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://revista.fumec.br/index.php/mediacao/article/view/6463>. Acesso em: 21 fev. 2026.

AMATO, J.; GONÇALVES, G.; SILVA, B. Deusas, heroínas e Jogos Heranos. In: RUBIO, K. (org.). **Esporte e Mito**. São Paulo: Laços Editora, 2017.

ANDREFF, Wladimir. **La face cachée du sport**. Caen: Presses Universitaires de Caen, 2021.

APEL, Niko; BOEKEN, Ludi. **Sur la route avec Sócrates**. [S. l.]: Arte / LuFilms, 2014. 1 vídeo (90 min), son., color.

BARONAS, R. L. Formação discursiva e discurso em Foucault e em Pêcheux: notas de leitura para discussão. **V Seminário de Estudos em Análise do Discurso**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/5SEAD/SIMPOSIOS/RobertoLeiserBaronas.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2025.

BARTHES, R. **Mitologias**. Tradução Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BARTHES, R. **Le Sport et les Hommes**. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal, 2004.

BERTONCELO, E. **A Campanha das Diretas e a democratização**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, Fapesp, 2007.

BETTI, Mauro. Esporte na mídia ou esporte da mídia? **Motrivivência**, Florianópolis, n. 17, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/5929>. Acesso em: 22 fev 2026.

BOTAFOGO. **Sócrates**. Disponível em: <https://botafogofutebolsa.com.br/socrateshall/>. Acesso em: 10 mar. 2026.

BOURDIEU, P. The forms of capital. In: RICHARDSON, J. **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. New York: Greenwood Press, 1986.

BOURDIEU, P. Programme pour une sociologie du sport. In: BOURDIEU P. **Choses dites**. Paris: Éditions de Minuit, 1987, p. 203 - 216.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BOURDIEU, P. Comment peut-on être sportif ?. In: BOURDIEU, P. **Questions de sociologie**. Paris: Éditions de Minuit, 2002, p. 173 - 195.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 207 - 220.

BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta; CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira; LEMOS, Renato Luis do Couto Neto (org.). **Empresariado e ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro: Consequência, 2020.

BRIGATTI, Fernanda. Recuperação judicial do Grupo Abril chega ao fim. **Folha de S. Paulo**, 23 fev. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/02/recuperacao-judicial-do-grupo-abril-chega-ao-fim.shtml>. Acesso em: 20 abr. 2026.

BRUM, Argemiro J. **O desenvolvimento econômico brasileiro**. 27ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CABO, Alvaro Vicente do. Copa do Mundo de 1978. Reflexões nacionais da Revista Placar a partir da seleção brasileira. In: XXXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2014, Foz do Iguaçu, PR. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2014a.

CABO, Alvaro Vicente do. Copas do Mundo de 1978 e 1982: olhares nacionais da revista Placar a partir da seleção brasileira de futebol. **Tempos Gerais - Revista de Ciências Sociais e História UFSJ**, n. 6, 2014b.

CAGNACCI, Astolfo. **Pays du foot: une passion et des styles**. Paris: Autrement, 1998.

CAILLOIS, R. **Les jeux et les hommes**. Paris: Gallimard, 1967.

CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Tradução de José Garcez Palha. Lisboa: Cotovia, 1990.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1991.

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. Tradução Adail Ubirajara Sobral. 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

CAMPELO, Ana Karina de Sousa. Presidencialismo de coalizão: o arranjo institucional pós Constituição de 1988 e o dilema da instabilidade democrática. 2018. **Dissertação** (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

CAPRARO, André Mendes. “Diz-me como jogas e te direis quem és...”: estilos de jogar futebol em Pasolini, Freyre e DaMatta. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 19, n. 3, set./dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/xxxx>. Acesso em: 18 mar. 2026.

CARDOSO, T. **Sócrates**: a história e as histórias do jogador mais original do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

CARVALHO, Lucas B. A censura política à imprensa na ditadura militar: fundamentos e controvérsias. **Revista da Faculdade de Direito da UFPR**, v. 59, n. 1, p. 79–100, 2014.

CASAGRANDE, W.; RIBEIRO, G. **Sócrates & Casagrande**: uma história de amor. São Paulo: Globo Livros, 2016.

CASSIRER, E. **Linguagem e mito**. Tradução: J. Guinsburg e Míriam Schnaiderman. 3ª ed. Coleção Debates. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CAVALCANTI, Zartú G. O mito do “herói” e o futebol. In: COSTA, Márcia Regina da *et al.* (org.). **Futebol, espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999. p. 240-259.

CHAVES, Wanderson da Silva; CATTAL, Júlio Barnez Pignata. “Transição política” e ditadura no Brasil: os anos 1970 e seus agendamentos políticos e intelectuais. **Revista Brasileira de História**, v. 39, n. 82, p. 199-219, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93472019v39n82-10>. Acesso em: 01 dez 2025.

CHIARIONI, Bruno; KROEHN, Márcio. **Onde o esporte se reinventa**: histórias e bastidores dos 40 anos de Placar. São Paulo: Primavera Editorial, 2010.

CIVITA, Victor. Carta do editor. **Placar**, São Paulo, ed. 1, p. 38, mar. 1970.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **What is the Olympic motto?**. Disponível em: <https://www.olympics.com/ioc/faq/olympic-symbol-and-identity/what-is-the-olympic-motto>. Acesso em: 20 jul. 2026.

COSTA, Márcia Regina da *et al.* (org.). **Futebol, espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999.

COUTINHO, Luciano G. Inflexões e crise da política econômica: 1974-1980. **Revista de Economia Política**, vol 01, nº 1 (01), p. 68-89, janeiro-março/1981. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-31571981-1077>. Acesso em: 01 dez 2025.

COUTO, Euclides de Freitas. A esquerda contra-ataca: rebeldia e contestação política no futebol brasileiro (1970-1978). **Recorde: Revista de História do Esporte**, volume 3, número 1, junho de 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/744>. Acesso em: 20 jun. 2025.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

DAMATTA, Roberto; NEVES, Luiz Felipe Baêta; GUEDES, Simoni Lahud; VOGEL, Arno. **Universo do Futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio - notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 22, p. 10–17, 1994. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/26954>. Acesso em: 30 mai. 2025.

DAMO, A. S. Ah! Eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p.87-117, 1999.

DAMO, A. S. Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435f. **Tese** (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DAMO, A. Produção e consumo de megaeventos esportivos - apontamentos em perspectiva antropológica. **Comunicação, Mídia e Consumo**, ano 8, v. 8, n. 21 (março 2011), p. 67-92. São Paulo: ESPM, 2011.

DAMO, Arlei Sander. Do ópio do povo à antropologia do óbvio: uma leitura crítica dos escritos de Roberto DaMatta sobre futebol. **Lúdicamente**. Buenos Aires, v. 3, n. 6, p. 1-12, 2014.

DETENNE, M. **A invenção da mitologia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

DIAS, Luiz A.; FARINA, Michelle C. S. Preto no branco: a Democracia Corinthiana nas páginas da Folha de S. Paulo. **Recorde** (UFRJ), s.d.

DI FILIPPO, Laurent. Contextualiser les théories du jeu de Johan Huizinga et Roger Caillois. **Questions de communication**, n. 25, p. 281–308, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/questionsdecommunication/9044>. Acesso em: 14 out. 2025.

DOWNIE, A. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourir. Campinas: Grande Área, 2022.

ECO, U. A falação esportiva. ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. 9 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 220- 226.

ECO, U. O mundial e suas pompas. ECO, Umberto. **Viagem na irreabilidade cotidiana**. 9 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 227- 232.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**: esporte e lazer no processo civilizador. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

ELIADE, M. **Le mythe de l'éternel retour**. Paris: Gallimard, 1949.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ELIADE, M. **Aspectos do mito**. Lisboa: Edições 70, 1989.

ELIADE, M. **Imagens e símbolos**. Tradução Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Coord. Tradução: I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FERREIRA JÚNIOR, N. O herói com rosto africano e o atleta olímpico negro. In: RUBIO, K. (org.). **Esporte e Mito**. São Paulo: Laços Editora, 2017. p. 199-220.

FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo**: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

FLORENZANO, J. P. **A democracia corinthiana**: práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: FAPESP; EDUC, 2009.

FLORENZANO, José Paulo. **A Democracia Corinthiana**: Práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: Ludopédio, 2021.

FONSECA, T. O estruturalismo e algumas de suas vicissitudes: política e sujeito. **Psicologia Clínica**, v.32, n.2, Rio de Janeiro maio/ago. 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652020000200010. Acesso em: 01 abr. 2025.

FONTANARI, R. Como ler imagens? A lição de Roland Barthes. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 31, p. 144-155, abr. 2016.
<http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542016122392>

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso** (L'Ordre du discours). Paris: Éditions Gallimard, 1971. Tradução: Edmundo Cordeiro. São Paulo, 2002. Disponível em: https://cienciaslinguagem.eca.usp.br/Foucault_OrdemDoDiscurso.pdf. Acesso em: 30 mar. 2025.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 15ª ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2023.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. Brasil, país do futebol?. **Revista USP**, São Paulo, n. 99, p. 45-56, set./nov. 2013.

FREITAS, R.; RUBIO, K. O atleta e a tentação: para um entendimento do Canto da Sereia. In: RUBIO, K. (org.). **Esporte e Mito**. São Paulo: Laços Editora, 2017. p. 169-182.

FREUD, S. **Obras Completas**. Volume 19 - Moisés e o Monoteísmo, Compêndio de Psicanálise e Outros Textos (1937-1939). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**, 17 jun. 1938, p. 4.

FREYRE, Gilberto. Prefácio. In: RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre: L&PM, 2020.

GARCÍA, Mario. **Redesigning Print for the 21st Century**. Tampa: Miller Media, 1998.

GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GASTALDO, E. Comunicação e esporte: explorando encruzilhadas, saltando cercas. **Comunicação, Mídia e Consumo**, ano 8, v. 8, n. 21 (março 2011), p. 67-92. São Paulo: ESPM, 2011.

GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**. 2ª ed. Tradução Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.

GIACOMONI, M. P.; VARGAS, A. Z. Foucault, a arqueologia do saber e a formação discursiva. **Veredas**, v.14, n.2, 2010.

GIGLIO, S. S. Futebol: mitos, ídolos e heróis. 2007. 160 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física) Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

GONÇALO JÚNIOR. **O Homem Abril**: Cláudio de Sousa e a história da maior editora brasileira de revistas. São Paulo: Opera Graphica, 2005.

GONÇALVES, J. C. S.; MAGALHÃES FILHO, P. A. O.; ALCÂNTARA, B. C. S. Do ócio ao negócio: a expansão da lógica de mercado no futebol de Pernambuco. In: Colóquio Internacional sobre poder local, 9., 2003, **Anais...** Salvador: Nepol/UFBA, 2003.

GONÇALVES, Júlio Cesar de Santana. A mercantilização do futebol brasileiro: instrumentos, avanços e resistências. 2005. 163 f. **Dissertação** (Mestrado em Administração) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de

Pernambuco, Recife, 2005. Disponível em:
<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/1098>. Acesso em: 10 abr. 2026.

GONÇALVES, Júlio Cesar de Santana; CARVALHO, Cristina Amélia. A mercantilização do futebol brasileiro: instrumentos, avanços e resistências. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 1-24, jun. 2006.

GONDIM, S. M. G.; FISCHER, T. O Discurso, a Análise de Discurso e a Metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo na Gestão Intercultural. **Cadernos Gestão Social**, v.2, n.1, Salvador, 2009.

GREGOLIN, M. R. V. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. SARGENTINI, V.; BARBOSA, P. N. **Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder, subjetividade. São Paulo: Claraluz, 2004.

GREGOLIN, M. R. V. Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades. **Anais do II Seminário de Análise do Discurso** (SEAD), UFRGS, Porto Alegre, 2005.

GREGOLIN, M. R. V. Michel Pêcheux e a História Epistemológica da Linguística. **Estudos da Língua(gem)**, v.1, n.1. Vitória da Conquista: 2005. Disponível em:
<https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/983/839>. Acesso em: 30 mar. 2025.

GUEDES, Simoni Lahud. O Brasil nas Copas do Mundo: tempo suspenso e história. **Aquinate**, n. 3, p. 163-172, 2006. Disponível em: <https://www.aquinate.com.br/wp-content/uploads/2016/11/estudo-simoni-copa.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2026.

GUEDES, Simoni Lahud. A produção das diferenças na produção dos “estilos de jogo” no futebol: a propósito de um texto fundador. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; BURLAMAQUI, Luiz Guilherme (org.). **Desvendando o jogo**: nova luz sobre o futebol. Niterói: Editora da UFF; FAPERJ, 2014. p. 153-171.

GUERRA, V. M. L. A Análise do Discurso de linha francesa e a pesquisa nas ciências humanas. **Anais do Sciencult**, v.1, n.1. Paranaíba: 2009. Disponível em:
<https://anaisonline.uems.br/index.php/sciencult/article/view/3274>. Acesso em: 06 mar. 2025.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil: o caso da Copa de 70. 2006. 140 f. **Dissertação** (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses**: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.

HELAL, R. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. **Motus Corporis**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 141-155, 1998.

HELAL, R. Mídia, ídolos e heróis do futebol. **Revista Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física**. Santa Maria, v. 2, n. 3, p. 32-52, 1999.

HELAL, Ronaldo; GORDON JUNIOR, Cesar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 147-165, 1999.

HELAL, Ronaldo; GORDON, Cesar. A crise no futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI. **Eco-Pós**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 37-55, 2002.

HELAL, R. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. **Alceu - Revista de Comunicação, Cultura e Política**, PUC-Rio, v. 4, n. 7, p. 19-36, jul./dez. 2003a.

HELAL, R. Idolatria e malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário. ALABARCES, Pablo (org.). **Futbologías, fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: Clacso. 2003b, p. 225-240.

HELAL, R. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. **Comunicação, Mídia e Consumo**, ano 8, v. 8, n. 21 (março 2011), p. 11-37. São Paulo: ESPM, 2011.

HELAL, R.; AMARO, F. Construindo a nação arco íris: esporte e identidade nacional em Invictus. **Revista Lumina**, Juiz de Fora, v. 5, n. 1, 2011.

HELAL, Ronaldo George; CABO, Álvaro Vicente do; AMARO, Fausto; PEREIRA, Camila Augusta Alves; TEIXEIRA, João Paulo Vieira. A construção de um ídolo futebolístico na imprensa: estudo de caso Ronaldo. **Organicom**, São Paulo, ano 8, n. 15, p. 233-246, 2º semestre 2011.

HIRATA, Edson. A mercantilização do futebol e os subterrâneos da legislação esportiva brasileira (1980-2010). In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPUH, 2011.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

HOLLANDA, B. B. B. **O descobrimento do futebol**: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

HUGHES-HALLETT, Lucy. Heróis: salvadores, traidores e super-homens. Trad. Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Record, 2007.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. **Mulheres no campo**: o ethos da torcedora pernambucana. São Paulo: Fontenele Publicações, 2019.

JARDILINO, J. R.; ROSSI, G.; SANTOS, G. T. **Orientações metodológicas para elaboração de trabalhos acadêmicos**. São Paulo: Gion, 2000.

JENNINGS, Andrew. **Jogo sujo**: o mundo secreto da FIFA. São Paulo: Panda Books, 2011.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

KFOURI, Juca. **Confesso que perdi**: memórias. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

KINZO, Maria D'Alva Gil. **Oposição e autoritarismo**: gênese e trajetória do MDB: 1966-1979. São Paulo: Vértice/ Ed. Revista dos Tribunais, 1988.

LE SPORT ET LES HOMMES. Direção: Hubert Aquin. Texto: Roland Barthes. Montreal : Office National du Film du Canada, 1961. 1 filme (58min), son., color. Francês. Documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pNd-TojHMDs>. Acesso em: 01 set 2025.

LEAL, Daniel Felipe de Oliveira. Noticiabilidades na Placar: a mutação dos valores-notícia em três décadas de cobertura do futebol de mulheres. 2020. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/39965>. Acesso em: 20 fev. 2026.

LEAL, Daniel Souza; MESQUITA, Giovana Borges. A singularidade da cinquentenária Placar para o contexto histórico do jornalismo esportivo no Brasil. Sur le journalisme, About journalism, **Sobre jornalismo** [En ligne, online], Vol 10, nº2 - 2021, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro. Disponível em: <https://doi.org/10.25200/SLJ.v10.n2.2021.443>. Acesso em: 14 mar 2025.

LEITE, Maria Rita de Figueiredo. O dito e o não-dito no discurso publicitário: quando o que mais importa é a projeção de um ethos que passe confiança. Congresso Nacional de Estudos Linguísticos, 2., 2014. **Anais**. Vitória: UFES, 2014. p. 89-92. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/conel/article/view/6478>. Acesso em: 02 de março de 2025.

LESSA, Fábio de Souza. **Atletas na Grécia Antiga**: da competição à excelência. Rio de Janeiro: Mauad X; Faperj, 2018.

LÉVI-STRAUSS, C. **O homem nu**. Mitológicas IV. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LIMA, D. A. S. A relação técnico atleta e o Mito de Quíron. In: RUBIO, K. (org.). **Esporte e Mito**. São Paulo: Laços Editora, 2017.

LIMA, Philipe Van R.. **Punho Cerrado**: a história do Rei. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. Ditadura e futebol: O Brasil e a Copa do Mundo de 1970. **PolHis**, ano 5, n. 9, primeiro semestre 2012, p. 232-242. Disponível em: https://historiapolitica.com/datos/boletin/Polhis9_MAGALHAES.pdf. Acesso em: 01 dez 2025.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. 3ª ed. Campinas: Pontes / Editora da Unicamp, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas de enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e Análise de Discurso**. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MARINHO, I. F. **Análise do Discurso francesa**: alguns conceitos fundamentais. Colineares, v.6, n.1. Mossoró: 2019. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RCOL/article/view/1844>. Acesso em: 30 mar. 2025.

MARINHO, Matheus; CORNELSEN, Elcio Loureiro. Quando a preparação faz a diferença: o “Planejamento México” e a Seleção Brasileira de 1970. **Arquibancada** (Ludopédio). São Paulo, v. 131, n. 2, 01 mai 2020.

MARQUES, José Carlos. O mito construído, destruído, restituído: o caso cíclico de Ronaldo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14., 2005, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: CBCE, 2005.

MARQUES, J. C. A “criança difícil do século” - algumas configurações do esporte no velho e no novo milênio. **Comunicação, Mídia e Consumo**, ano 8, v. 8, n. 21 (março 2011), p. 93-112. São Paulo: ESPM, 2011.

MARQUES, J. C. O que é o esporte? As contribuições seminais de Johan Huizinga e Roger Caillois ressignificadas por Roland Barthes. **Revista Criação & Crítica**, São Paulo, Brasil, n. spe, p. 4–8, 2015a. DOI: 10.11606/issn.1984-1124.v0ispep4-8. Disponível em: <https://revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/109034>. Acesso em: 23 jul. 2025.

MARQUES, José Carlos (org.). **A Copa das Copas?**: reflexões sobre o Mundial de Futebol de 2014 no Brasil. São Paulo: Edições Ludens, 2015b. 333 p. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/Marques-Org.-A-Copa-das-Copas.pdf>. Acesso em: 18 out. 2025.

MARQUES, José Carlos. Há futebol em prosa e futebol em poesia? O modelo semiológico proposto por Pasolini, antecipado nas crônicas de Nelson Rodrigues. In: CORNELSEN, Elcio; AUGUSTIN, Günther; SILVA, Silvio Ricardo da (org.). **Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer**. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2015c. v. 1, p. 91-107. ISBN 978-85-66605-66-2.

MARQUES, José Carlos; CÉSAR, Nathaly Barbieri Marcondes. O futebol-arte brasileiro: uma tradição continuamente reinventada e contestada. **FuLiA / UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.17851/2526-4494.3.2.xxx-xxx>.

MARQUES, José Carlos; ROCCO JÚNIOR, Ary José (orgs.). **Qual legado: leituras e reflexões sobre os Jogos Olímpicos Rio-2016**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018. 422 p. Disponível em: https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/Jogos_Rio_2016.pdf. Acesso em: 18 out. 2025.

MARQUES, J. C. Ao vivo e em cores: a morte de Ayrton Senna em 1994 e a construção de sua narrativa à luz do mito. In: BERTOLLI FILHO, C.; RODRIGUES, E. V. F.; MARQUES, J. C. (orgs.). **A morte e suas múltiplas faces**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021.

MARQUES, José Carlos. Operação militar, guerra ou invasão: as primeiras ações russas na Ucrânia em 2022 segundo as capas de jornais do Brasil e Portugal. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 46, e2023124, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-58442023124pt>. Acesso em: 12 abr. 2025.

MARTINS, M. Z. Democracia Corinthiana: sentidos e significados da participação dos jogadores. 2012. 206 p. **Dissertação** (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/874323>. Acesso em: 12 mar. 2023.

MARTINS, M.; REIS, H. Diálogos críticos sobre a Democracia Corinthiana como movimento social. **Anais**. V Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Brasília. 2013. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/paper/viewFile/5520/2843>. Acesso em: 06 mar. 2023.

MARTINS, M.; REIS, H. Significados de democracia para os sujeitos da Democracia Corinthiana. **Movimento**. Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 81-101, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1191852>. Acesso em 06 mar. 2023.

MARTINS, M.; REIS, H. **A Democracia Corinthiana: futebol e política**. Paulínia: AutorEsporte, 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Copa do Mundo do México - 1970**. 21 out 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/copa-do-mundo-do-mexico-1970/noticia/copa-do-mundo-do-mexico-1970.ghtml>. Acesso em: 01 nov 2025.

MILLS, John. **Charles Miller: o pai do futebol brasileiro**. São Paulo: Panda Books, 2005.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas**: a segmentação da cultura no século XX. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001.

MOREIRA, S. V. Análise documental como método e como técnica. DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 269- 279.

MORIN, E. **As estrelas**: mito e sedução no cinema. Tradução Luciano Trigo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo. 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro; HELAL, Ronaldo George; AMARO, Fausto. Futebol, nação e representações: a importância do estilo “futebol-arte” na construção da identidade nacional. **História Unisinos**, [s. l.], v. 19, n. 3, p. 272-282, set./dez. 2015.

MOTTA, Luiz Gonzaga; COSTA, Gustavo Borges; LIMA, Jorge Augusto. Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 27, n. 2, 2012. DOI: 10.1590/rbcc.v27i2.1067. Disponível em: <https://www.revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/1067>. Acesso em: 23 mar. 2026.

MOTTA, A. As estruturas não descem às ruas: Lévi-Strauss, mai soixante-huit e o fim do estruturalismo. **Política & Trabalho - Revista de Ciências Sociais**, n. 36, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/12874/7429>. Acesso em: 01 abr. 2025.

MURAD, Mauricio. Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 99, p. 139-152, set./nov. 2013.

NAPOLITANO, Marcos. **Coração civil**: a vida cultural brasileira sob o regime militar (1964-1985). São Paulo: Intermeios, 2017.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Jornalismo em revistas no Brasil**: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete. São Paulo: Annablume, 2002.

NEDJARI, Karim; CÉLÉRIEN, Chloé. **Générations Poing Levé**: 10 histoires de sportifs-ves militants. Vanves: MARAbulles, 2021.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. **A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40**. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

NIETZSCHE, F. W. **O nascimento da tragédia, ou Helenismo e Pessimismo**. Tradução J. Guinsburg. - São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, F. W. **A gaia ciência**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NOGUEIRA, Ana Clara Fernandes. Do desenvolvimento dependente ao neoliberalismo: endividamento, crise da dívida externa e os limites ao desenvolvimento econômico do Brasil. Trabalhos aprovados. **XVI Congresso Brasileiro de História Econômica & 17ª Conferência Internacional de História Econômica**, 2025. Disponível em:

https://enep.sep.org.br/uploads/3403_1742841772_artigoidentificado_pdf_ide.pdf. Acesso em: 20 jan. 2026.

OLIVETTO, W.; BEIRÃO, N. **Corinthians é preto no branco**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

ORLANDI, E. P. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso (Michel Pêcheux et l'Analyse de Discours). **Estudos da Língua(gem)**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 9-13, 2005. Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/973>. Acesso em: 30 mar. 2025.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2006.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 8ª ed. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. DIAS, Cristiane (org.). **Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital**. Campinas: LABEUB/NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas, 2013. (Série e-urbano, v. 2). Disponível em:

<http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/>. Acesso em: 02 abr 2026.

PAOLO Sollier. **Biografia**. Disponível em: <https://www.usdvanchiglia.it/paolo-sollier/>. Acesso em: 30 abr. 2026.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (1969). GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni P. Orlandi [et al.]. 2ª.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, M. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni P. Orlandi. 5ª.ed. Campinas: Pontes, 2008.

PEINADO, Quique. **Futebol à esquerda**. Tradução de Carlos Tranjan e Luis Reyes Gil. São Paulo: Mundaréu, 2017.

PERINE, M. Mito e filosofia. **Philosophos - Revista de Filosofia**, Goiânia, v. 7, n. 2, 2002. DOI: 10.5216/phi.v7i2.3159. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/philosophos/article/view/3159>. Acesso em: 16 jan. 2025.

PÍNDARO. **Olympiques**. Texte établi et traduit par Aimé Puech. 6. tirage. Paris : Société d'Édition Les Belles Lettres, 1970. (Collection des Universités de France, Tome I).

PLACAR – A revista militante. Direção: Sergio Xavier Filho; Ricardo Corrêa. [S.l.]: Imovision, 2024. 1 h 42 min. **Documentário**.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Esporte-espetáculo e futebol-empresa. **Tese** (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do futebol**. Campinas: UNICAMP/IE, 2000.

QUEM SOMOS. **Placar**. Disponível em: <https://placar.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 30 out. 2024.

RAÍ. Prefácio. DOWNIE, A. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourir. Campinas: Grande Área, 2022. p. 11-14.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo**: histórias da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

RICOEUR, P. **A simbólica do mal**. Tradução Hugo Barros e Gonçalo Marcelo. Lisboa: Edições 70, 2013.

ROCCO JUNIOR, Ary José; BELMONTE, Wagner Barge. Da informação ao entretenimento: análise do jornalismo esportivo brasileiro pela trajetória histórica da Revista Placar. **Anais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na região Sudeste**. São Paulo: Intercom, 2014. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-1668-1.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2024.

RUBIO, K. **Heróis Olímpicos Brasileiros**. São Paulo: Zouk, 2004.

RUBIO, K; CARVALHO, A. L. Areté, fair play e o movimento olímpico contemporâneo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, n.3, v. 5, p. 350-357, 2005.

RUBIO, K. (org.). **Esporte e Mito**. São Paulo: Laços Editora, 2017.

RUBIO, K. **O atleta e o mito do herói**: o imaginário esportivo contemporâneo. 2ª ed. São Paulo: Laços, 2021.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Registros do futebol feminino na revista Placar: 30 anos de história. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 49, p. 99-113, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/43069>>. Acesso em: 30 mai. 2024.

SANTOS, Joel Rufino dos. Na CBD até o papagaio bate continência. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, n. 5, 1978, p. 119-129.

SANTOS, A. P.; ESTEVAM, H. M.; MARQUES, W. Espólios de Michel Foucault para a Análise do Discurso. **Research, Society and Development**, v.9, n.10. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/11300>. Acesso em: 30 mar. 2025.

SAPIRO, Gisèle (dir.). Qui est Pierre Bourdieu ?. **Dictionnaire international Bourdieu**. Paris: CNRS Éditions, 2020.

SARGENTINI, V. M. O. O arquivo e a circulação de sentidos: limites e formas da produção e transformação de enunciados. **Anais SEAD**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/5SEAD/SIMPOSIOS/VaniceSargentini.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2025.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SCHATZ, Patrícia Volk. Jogos de transição política: o futebol durante a redemocratização brasileira através da análise da revista Placar (1974-1980). XVI Encontro Regional de História da Anpuh, 2014, Rio de Janeiro. **Anais - XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio**, 2014.

SCHATZ, Patrícia Volk. Titulares da política: aspectos da abertura democrática brasileira na revista *Placar* (1974-1982). **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-25, jan./jun. 2018.

SCHATZ, Patrícia V. A política nas páginas da revista Placar: relações entre o futebol e a ditadura civil-militar brasileira (1970–1979). **Esporte e Sociedade** (UFF), 2024.

SCHWARCZ, Lília Moritz; STARLING, Heloísa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Estado e Oposição no Brasil (1964-1984). **Revista de História**, São Paulo, n. 117, p. 187–191, 1984. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i117p187-191. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/61356>. Acesso em: 20 jan. 2026.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Castelo a Tancredo** (1964-1985). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SOARES, Antônio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 129-143, set. 2003.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; SALVADOR, Marco Antonio Santoro; BARTHOLO, Thiago Lisboa. O “futebol-arte” e o “planejamento México” na copa de 1970: memórias de Lamartine Pereira da Costa. **Movimento**. Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 113-130, set./dez. 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2852/1464>. Acesso em: 26 jul. 2026.

SOARES, Antônio Jorge Gonçalves; BARTHOLO, Tiago Lopes; SALVADOR, Marco Spritzer. A imprensa e a memória do futebol brasileiro. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 7, n. 3, p. 368-376, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.5628/rpcd.07.03.368>. Acesso em: 18 mar. 2026.

SOARES, T. M. A relação entre maio de 68 e o Estruturalismo. **Revista Ideias - UFSM**, Jan/Jun 2005. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistaideias/Artigos%20em%20PDF%20GEL/A%20Relacao%20entre%20Maio%20de%2068.pdf>. Acesso em: 04 Abr. 2025.

SOUZA, D. A. As origens de “O futebol é o ópio do povo”. **Ludopédio**, São Paulo, v. 108, n. 31, 2018a.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. O “futebol mulato” de Gilberto Freyre. **Ludopédio**, São Paulo, v. 109, n. 26, 2018b.

STREAPCO, J. P. F. “Cego é aquele que só vê a bola”: o futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistas: S.C. Corinthians Paulista, S.E. Palmeiras e São Paulo F. C. (1894 1942). 2011. **Dissertação** (Mestrado em História Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa Bibliográfica. DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 51- 61.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3a ed. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**: dimensões simbólicas de um esporte nacional. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

TSUTSUI, Ana Lúcia Nishida; MESQUITA, Flávio Agnelli. A imagem de Sócrates nas estratégias de marketing do Corinthians. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte/MG, Brasil, v. 9, n. 1, p. 49–67, 2024. DOI: 10.35699/2526-4494.2024.46965. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/46965>. Acesso em: 24 out. 2025.

TSUTSUI, A. L.; MARQUES, J. C. Jornalismo (s)em profundidade: análise da cobertura do Bom Senso F.C. nas páginas da revista Placar. 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2024, Balneário Camboriú. **Trabalhos** (Anais), 2024.

UNZELTE, Celso Dario. Futebol em revista no Brasil: dos primeiros títulos à resistente Placar. 2015. 227 f. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://static.casperlibero.edu.br/uploads/2015/11/CELSO-DARIO-UNZELTE.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2025.

UOL. **Corinthians usa frase e comemoração de Sócrates para homenagear ídolo no Pacaembu**. 04 dez. 2011. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2011/12/04/corinthians-usa-frase-e-comemoracao-de-socrates-para-homenagear-idolo-no-pacaembu.htm>. Acesso em: 10 mar. 2026.

VARGAS, Juliano; FELIPE, Ednilson Silva. Década de 1980: as crises da economia e do Estado brasileiro, suas ambiguidades institucionais e os movimentos de desconfiguração do mundo do trabalho no país. **Revista de Economia**, [S. l.], v. 41, n. 3, 2015. DOI: 10.5380/re.v41i3.47611. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/economia/article/view/47611>. Acesso em: 20 jan. 2026.

VILLAS-BOAS, André. **O que é [e o que nunca foi] design gráfico**. Rio de Janeiro: 2AB, 2003.

VOLPI, Maria Cristina. A roupa nova do imperador: Dom Pedro I e Dona Leopoldina em trajes de grande gala. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 176, n. 467, p. 257-274, 2015.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

YALOURIS, Nicolaos (org.). **Os jogos olímpicos na Grécia antiga**. Tradução de Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odysseus, 2004.

PERIÓDICOS

PLACAR. **Carta do editor**. São Paulo, ed. 1, p. 38, 1970.

PLACAR. **Um doutor de bola**. São Paulo, ed. 311, p. 22-23, 1976.

PLACAR. **E o líder é de Ribeirão**. São Paulo, ed. 364, p. 7, 1977.

PLACAR. **A Fiel já esfrega as mãos**. São Paulo, ed. 433, p. 65-66, 1978.

PLACAR. **Sai da frente!**. São Paulo, ed. 435, p. 12-13, 1978.

PLACAR. **O Timão já ganhou o bi. É só repetir esse jogo**. São Paulo, ed. 447, p. 19, 1978.

PLACAR. **Coutinho descobre o parceiro de Zico**. São Paulo, ed. 466, p. 4, 1979.

PLACAR. **O Timão vale por dois**. São Paulo, ed. 448, p. 31-35, 1978.

PLACAR. **Teste 420 - O que vai decidir**. São Paulo, ed. 450, p. 44, 1978.

PLACAR. **A tabelinha da fiel**. São Paulo, ed. 462, p. 3-7, 1979.

PLACAR. **Anti-heróis**. São Paulo, ed. 467, p. 31-33, 1979.

PLACAR. **Duas torcidas no ataque da seleção**. São Paulo, ed. 469, p. 32-37, 1979.

PLACAR. **O doutor tem pé pequeno**. São Paulo, ed. 475, p. 38-39, 1979.

PLACAR. **O calcanhar que a bola pediu a Deus**. São Paulo, ed. 478, p. 18-21, 1979.

PLACAR. **Rei Sócrates**. São Paulo, Especial Sócrates - o melhor jogador do mundo, p. 3, 1979.

PLACAR. **Sócrates Brasileiro**. São Paulo, Especial Sócrates - o melhor jogador do mundo, p. 6-12, 1979.

PLACAR. **Nesse dia nasceu um rei**. São Paulo, Especial Sócrates - o melhor jogador do mundo, p. 13-17, 1979.

PLACAR. **Sócrates segundo os astros**. São Paulo, Especial Sócrates - o melhor jogador do mundo, p. 42-43, 1979.

PLACAR. **Quatro vozes e uma conclusão: gênio**. São Paulo, Especial Sócrates - o melhor jogador do mundo, p. 42-43, 1979.

PLACAR. **Opinião de Placar**. São Paulo, ed. 490, p. 11, 1979.

PLACAR. **“Vou largar tudo!”**. São Paulo, ed. 490, p. 20, 1979.

PLACAR. **Tirando a crise de calcanhar**. São Paulo, ed. 501, p. 3-5, 1979.

PLACAR. **O gol da minha vida**. São Paulo, ed. 505, p. 34-43, 1979.

PLACAR. **Vou brigar para ficar no Timão**. São Paulo, ed. 530, p. 3-5, 1980.

PLACAR. **Garoto do Placar - Aumenta o fã-clubê do Doutor Sócrates**. São Paulo, ed. 537, p. 44, 1980.

PLACAR. **Sócrates, o corintiano**. São Paulo, ed. 539, p. 3, 6-7, 1980.

PLACAR. **Sem pulo - Herói do sertão**. São Paulo, ed. 542, p. 46, 1980.

PLACAR. **Dr. Sócrates Corintiano Sampaio de Souza Vieira de Oliveira**. São Paulo, ed. 545, p. 22-25, 1980.

PLACAR. **“Não vou salvar a pátria. Sou apenas corintiano”**. São Paulo, ed. 561, p. 19-21, 1981.

PLACAR. **Arriba, doutor!**. São Paulo, ed. 563, p. 3-8, 1981.

PLACAR. **A explosão do gênio**. São Paulo, ed. 570, p. 14-16, 1981.

PLACAR. **Sócrates Brasileiro, jogador do mundo**. São Paulo, ed. 576, p. 14-16, 1981.

PLACAR. **O diagnóstico do doutor**. São Paulo, ed. 583, p. 28-29, 1981.

PLACAR. **Craque brasileiro, com muito prazer**. São Paulo, ed. 585, p. 51-54, 1981.

PLACAR. **Sócrates, o bom no xadrez**. São Paulo, ed. 590, p. 38, 1981.

PLACAR. **O desafio dos grandes mestres**. São Paulo, ed. 598, p. 40, 1981.

PLACAR. **A abertura corintiana**. São Paulo, ed. 602, p. 61, 1981.

PLACAR. **A geração de ouro na luta do tetra**. São Paulo, ed. 606, p. 78-84, 1981.

PLACAR. **Um exemplo chamado Sócrates**. São Paulo, ed. 608, p. 32-33, 1982.

PLACAR. **Sócrates, o literato**. São Paulo, ed. 617, p. 34, 1982.

PLACAR. **Vladimir, cabeça, coração e classe**. São Paulo, ed. 619, p. 6-7, 1982.

PLACAR. **Com vocês, o símbolo da Copa**. São Paulo, ed. 619, p. 32-33, 1982.

PLACAR. **O homem que reergueu o Timão**. São Paulo, ed. 619, p. 41-43, 1982.

PLACAR. **Só Placar vai mostrar os bastidores do Brasil na Copa.** São Paulo, ed. 629, p. 16, 1982.

PLACAR. **Diário de Sócrates.** São Paulo, ed. 630, p. 31, 1982.

PLACAR. **Sócrates, a estrela do planeta.** São Paulo, ed. 643, p. 24-26, 1982.

PLACAR. **Quem disse que jogador não pensa bem?.** São Paulo, ed. 647, p. 3, 1982.

PLACAR. **Se eu fosse governador.** São Paulo, ed. 647, p. 18-22, 1982.

PLACAR. **O favorito dos especialistas.** São Paulo, ed. 652, p. 22-23, 1982.

PLACAR. **Preparem-se: é o duelo do ano.** São Paulo, ed. 654, p. 32-37, 1982.

PLACAR. **Apixonante Corinthians!.** São Paulo, ed. 656, p. 4-9, 1982.

PLACAR. **Os heróis do Timão.** São Paulo, ed. 656, p. 10-13, 1982.

PLACAR. **Uma lição de futebol.** São Paulo, ed. 657, p. 6-9, 1982.

PLACAR. **A democracia ganha o jogo.** São Paulo, ed. 660, p. 37, 1983.

PLACAR. **Bons frutos da abertura.** São Paulo, ed. 660, p. 34, 1983.

PLACAR. **O passado e o futuro lutam no Corinthians.** São Paulo, ed. 667, p. 3, 1983.

PLACAR. **Um futuro para Wladimir.** São Paulo, ed. 667, p. 19-21, 1983.

PLACAR. **A vitória da democracia.** São Paulo, ed. 668, p. 14-15, 1983.

PLACAR. **Corinthians. Ou o sonho que não acabou.** São Paulo, ed. 668, p. 36-37, 1983.

PLACAR. **A festa do doutor Sócrates.** São Paulo, ed. 668, p. 42-45, 1983.

PLACAR. **Quem tem medo da Democracia Corintiana?.** São Paulo, ed. 672, p. 3, 1983.

PLACAR. **A democracia se consolida.** São Paulo, ed. 672, p. 14-17, 1983.

PLACAR. **Doutor Sócrates em novo ritmo.** São Paulo, ed. 680, p. 39, 1983.

PLACAR. **Como vemos nossos ídolos.** São Paulo, ed. 681, p. 18-23, 1983.

PLACAR. **Obrigado, doutor!.** São Paulo, ed. 683, p. 15-17, 1983.

PLACAR. **Teatro e cinema: o doutor em novos campos**. São Paulo, ed. 691, p. 62, 1983.

PLACAR. **“Sou radical até mudar de ideia”**. São Paulo, ed. 694, p. 15-20, 1983.

PLACAR. **Sócrates: um sonho teatral não realizado**. São Paulo, ed. 694, p. 24, 1983.

PLACAR. **“Está faltando prazer no nosso futebol”**. São Paulo, ed. 696, p. 26-28, 1983.

PLACAR. **Deixem Sócrates em paz**. São Paulo, ed. 699, p. 3, 1983.

PLACAR. **Polêmica: Sócrates e Placar**. São Paulo, ed. 703, p. 73, 1983.

PLACAR. **No Corinthians, a abertura deu certo**. São Paulo, ed. 709, p. 33, 1983.

PLACAR. **O novo Corinthians não é o velho Palmeiras**. São Paulo, ed. 717, p. 33, 1984.

PLACAR. **O doutor apela: cuidem da escola**. São Paulo, ed. 717, p. 53, 1984.

PLACAR. **Encontro histórico no Parque São Jorge**. São Paulo, ed. 720, p. 57, 1984.

PLACAR. **O Dia do Fico do rei corintiano**. São Paulo, ed. 727, p. 37-40, 1984.

PLACAR. **Até a volta, Magro!**. São Paulo, ed. 731, p. 20-23, 1984.

PLACAR. **O paraíso do Dottore**. São Paulo, ed. 733, p. 20-22, 1984.

PLACAR. **Desta vez, a Itália perdeu**. São Paulo, ed. 797, p. 19-31, 1985a.

PLACAR. **O Maracanã conquista seu novo gênio**. São Paulo, ed. 800, p. 4-9, 1985.

PLACAR. **“Bebo, fumo e penso”**. São Paulo, ed. 823, p. 31-33, 1980.

PLACAR. **Vitórias, talento e democracia**. São Paulo, ed. 1021, p. 25-25, 1990.

PLACAR. **A vitória da democracia**. São Paulo, ed. Especial 35 anos, p. 22, 2005.

PLACAR. **Timão de todos os timões**. São Paulo, ed. 1301B, p. 16-18, 2006.

PLACAR. **Beba com moderação**. São Paulo, ed. 1341, p. 36, 2010.

PLACAR. **Craques de uma era**. São Paulo, ed. 1341, p. 60-74, 2010.

PLACAR. **Homens de preto e branco**. São Paulo, ed. 1345C, p. 29-50, 2010.

PLACAR. **Qual o jogador, digamos, mais "boêmio" a pisar nos gramados?**. São Paulo, ed. 1358, p. 14, 2011.

PLACAR. **Obrigado, doutor!**. São Paulo, ed. Especial Sócrates eterno, p. 3, 2011.

PLACAR. **O adeus**. São Paulo, ed. Especial Sócrates eterno, p. 62, 2011.

PLACAR. **Do bisturi à bola**. São Paulo, ed. Especial Sócrates eterno, p. 66, 2011.

APÊNDICE A - DECLARAÇÃO SOBRE O USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Declara-se que, na elaboração da presente tese, foram utilizadas ferramentas de inteligência artificial (IA) de forma pontual e estritamente auxiliar, em consonância com os princípios de ética acadêmica, integridade científica e boas práticas de pesquisa adotadas pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e por organismos nacionais e internacionais de fomento à ciência.

Especificamente, foi utilizada a ferramenta DeepL para a tradução do resumo do trabalho e do texto sobre o impacto potencial da pesquisa, bem como a ferramenta Copilot (Microsoft) para apoio na adequação das referências às normas acadêmicas vigentes e para o aprimoramento da clareza textual por meio de revisões pontuais da escrita.

O uso dessas ferramentas restringiu-se às atividades acima descritas, não tendo sido empregadas para a geração autônoma de conteúdo científico original, análise de dados, obtenção de resultados ou elaboração de conclusões, permanecendo tais atividades sob responsabilidade exclusiva da autora.

Ressalta-se que todo o conteúdo apresentado foi criteriosamente revisado e validado, sendo a autora integralmente responsável pela precisão, originalidade, fundamentação teórica, coerência metodológica e adequação às normas acadêmicas vigentes. As ferramentas de IA não foram consideradas coautoras deste trabalho, em conformidade com diretrizes internacionais de autoria científica.

Adicionalmente, não foram inseridos em sistemas de inteligência artificial quaisquer dados sensíveis, confidenciais ou protegidos, em respeito às normas éticas de pesquisa e à legislação vigente sobre proteção de dados.

A presente declaração tem por finalidade assegurar a transparência quanto ao uso de tecnologias emergentes no processo de produção acadêmica, reafirmando o compromisso desta pesquisa com os princípios de rigor científico, responsabilidade intelectual e integridade acadêmica exigidos no âmbito da pós-graduação da Unesp.

DADOS CURRICULARES

IDENTIFICAÇÃO	
	ANA LÚCIA NISHIDA TSUTSUI 14/04/1982
Nacionalidade	brasileira
Nome em citações bibliográficas:	Tsutsui, Ana Lúcia Nishida Tsutsui, A. L. Tsutsui, A. L. N.
Currículo Lattes	http://lattes.cnpq.br/1416957325023587
ORCID	https://orcid.org/0009-0002-1763-8046
LinkedIn	https://www.linkedin.com/pub/ana-l%C3%BAcia-tsutsui/b1/8bb/b00
FORMAÇÃO ACADÊMICA	
2004/2006	Mestrado em Comunicação Social Universidade Metodista de São Paulo
2000/2003	Graduação em Jornalismo Universidade Metodista de São Paulo